



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

FERNANDA DAYARA SALAMON

**EMOÇÕES E RUPTURA ENTRE JUNG E FREUD EM SUAS
CORRESPONDÊNCIAS (1906-1923)**

Londrina
2022

FERNANDA DAYARA SALAMON

**EMOÇÕES E RUPTURA ENTRE JUNG E FREUD EM SUAS
CORRESPONDÊNCIAS (1906-1923)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História Social.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Luiz DeNipoti
Coorientador: Prof. Dr. Alfredo dos Santos Oliva

Londrina
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

S159e Salamon, Fernanda Dayara Salamon.
EMOÇÕES E RUPTURA ENTRE JUNG E FREUD EM SUAS CORRESPONDÊNCIAS (1906-1923) / Fernanda Dayara Salamon Salamon. - Londrina, 2022.
208 f.

Orientador: Cláudio Luiz DeNipoti DeNipoti.
Coorientador: Alfredo dos Santos Oliva Oliva.
Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social, 2022.
Inclui bibliografia.

1. Sigmund Freud - Tese. 2. Carl Gustav Jung - Tese. 3. Correspondências - Tese. 4. Subjetividade - Tese. I. DeNipoti, Cláudio Luiz DeNipoti. II. Oliva, Alfredo dos Santos Oliva. III. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História Social. IV. Título.

CDU 93

FERNANDA DAYARA SALAMON

**EMOÇÕES E RUPTURA ENTRE JUNG E FREUD EM SUAS
CORRESPONDÊNCIAS (1906-1923)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História Social.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Luiz DeNipoti
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof.^a Dr.^a Nádia Maria Weber dos Santos
Universidade Federal de Goiânia - UFG

Prof. Dr. Hélio Rebello Cardoso Júnior
Universidade Estadual Paulista - UNESP/Assis

Londrina, 24 de fevereiro de 2022.

Para minhas amadas avós, Alexandrina e Marli.

Aos leitores da família, Bertoldo e Werner (in memoriam).

*Em memória de Euzébia e de Manoel Teles; de Maria e de Frederico; de Ana e de Claro;
de Lídia; de Manoel Coiado.*

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer ao tempo. O tempo que tive, e que tantos não tiveram; a oportunidade que tive, e que tantos não tiveram. Agradeço a vida e o bem-estar de todos os meus familiares e amigos. Muitas vidas terminaram, o mundo girou de ponta cabeça e não termino essa dissertação do mesmo modo que comecei. Eram tantos sonhos, tantas expectativas e possibilidades... Tudo mudou, porque fomos atravessados subjetivamente, politicamente e socialmente de uma forma inimaginável.

Agradeço aos meus pais, Ana e Jefferson, que, como sempre, não mediram esforços para proporcionar-me a continuidade da minha formação, com a pós-graduação. Agradeço a eles em tantos aspectos, mas, sobretudo, a liberdade, a confiança e a autonomia que me deram e me ensinam a cultivar. Agradeço à minha irmã Emanuelle o apoio, a companhia, o amor.

Muito obrigada, André Pelegrinelli, pelo amparo, pelo apoio, pelo carinho e pelo amor. Por dividir comigo toda dor, toda angústia e toda insegurança. Você foi um pilar fundamental neste trabalho, neste sonho, mais um de tantos que cultivamos juntos. Agradeço, também, à Matilde, minha cachorrinha, que foi o ser que mais de perto me acompanhou em todo esse período de grandes transformações, de maturidade e de descobrimento de si.

Obrigada às minhas famílias materna e paterna, que, por meio de mensagens, de ligações e de encontros restritos, sempre estiveram torcendo por mim. Minhas avós, Alexandrina e Marli; meus tios, Rosemeire e Devani; minhas tias, Cristiane, Patrícia e Rosides. Agradeço, também, aos familiares do André: Antônio, Cirlete e Alexandre, que foram suporte familiar e ajudaram de tantas maneiras durante o mestrado. Serei eternamente grata.

Agradeço a muitos amigos queridos, em especial à Maydane Rufino, que sempre esteve e está comigo em tudo. Sua amizade é uma joia valiosa. Agradeço às minhas amigas queridas que compartilham comigo a árdua tarefa de ser historiadora: Carla, Ellen, Isadora, Jaqueline, Luana, Náatali, Olívia, Raquel e Verônica. Em tantas situações, auxiliaram-me e animaram-me. A presença de vocês é essencial em minha vida. Agradeço, ainda, à Fabi Abramski, que é uma pessoa sempre presente.

Tive o privilégio de tomar contato com pessoas que contribuíram com a minha trajetória intelectual e expandiram meus horizontes de professora e de pesquisadora. Entre estas, estão: Margareth Rago, Cristiana Fachinetti, Eliza Toledo, Durval Muniz de Albuquerque Júnior, Allister Dias, Nádia Maria Weber Santos, Priscila Vieira e Gabriel Castanho.

Agradeço ao Grupo de Pesquisa sobre Subjetividade (GPS), que se manteve ativo ao longo da pandemia e foi um suporte formativo muito importante. Agradeço ao grupo Linha

Livre da Unicamp, que por tanto tempo me recebeu de portas abertas, mesmo sem vínculos formais. Agradeço, também, ao Grupo de Discussão em Teoria e História da Historiografia, promovido pela UFOP e pela UNITAU nas pessoas de Rodrigo Machado e de Rachel Abdala, que possibilitaram diálogos e expansão intelectual.

Agradeço, em especial, à UEL, instituição pública e de qualidade, que me propiciou muitos dias felizes. Por meio da universidade, formei-me, conheci amigos e professores inesquecíveis. Agradeço a todos que me deram aula, em particular à Maria Renata Duran e ao Rivail Rolim. Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em História Social (PPGHS), do qual tive todo o suporte necessário, principalmente à Rosely. Agradeço à CAPES o financiamento da minha pesquisa de mestrado.

Agradeço ao meu professor, amigo e coorientador, Alfredo Oliva, pessoa que abriu portas e janelas em minha formação. Orientou-me, ajudou-me, ouviu-me. Muito obrigada por todas as oportunidades. Agradeço ao meu orientador, Cláudio DeNipoti, que, com muita paciência, sempre me atendeu, me respondeu e esteve solícito às minhas dúvidas e dificuldades.

Por fim, agradeço à Nádía Maria Weber dos Santos, que já esteve na banca de qualificação e estará na defesa, e Hélio Rebello Cardoso Júnior, que aceitou participar da banca de defesa. Muito obrigada pela leitura e por todas as considerações que teceram sobre esta dissertação.

“Lembre-se de que antes de nós outros tiveram de esperar para que o mundo compreendesse o que diziam.”

(FREUD, 1976, p. 95-96)

“Vou ver se também preparo alguma coisa, embora me sinta muito inseguro, com a impressão de que só agora estou começando a aprender. Acho que esse sentiment d'incomplétude decorre de meu novo namoro com a mitologia. Mas a “cour d'amour” há de sem dúvida pôr minha coragem à prova.”

(JUNG, 1976, p. 339-340)

RESUMO

SALAMON, Fernanda Dayara. **Emoções e ruptura entre Jung e Freud em suas correspondências (1906-1923)**. 2022. 206 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2022.

A história subjetiva da relação entre Jung e Freud é atravessada por outras histórias, que explicam os caminhos complexos trilhados pelas ciências da psique no século XX. Os percursos emocionais podem explicitar com precisão acontecimentos que modificaram e impuseram decisões marcantes para os autores e seus referidos movimentos intelectuais. O objetivo principal desta dissertação é analisar as emoções diretas e indiretas referentes ao evento de ruptura da relação entre os médicos. A partir da leitura e da análise historiográfica, ancorados nos debates teóricos do cuidado e da escrita de si, de Michel Foucault, bem como de historiadores das emoções, nosso trabalho se fiou em uma seleção de trechos que pudesse dialogar e problematizar sobre a história de rompimento do relacionamento entre Jung e Freud. Alegamos que as causas da ruptura dessa relação emblemática foram além dos motivos profissionais implícitos, mas ela ocorreu sobretudo por excessos emocionais, por expectativas, por decepções, por irritações, por redução do trabalho do outro a limitações pessoais, entre outras situações que contribuíram para o rompimento. Desse modo, as implicações emocionais são parte essencial da análise historiográfica da correspondência trocada entre Freud e Jung.

Palavras-chave: Sigmund Freud; Carl Gustav Jung; correspondência; subjetividade; história das emoções.

ABSTRACT

SALAMON, Fernanda Dayara. **Emotions and breaches between Jung and Freud in their correspondences (1906-1923)**. 2022. 206 p. Dissertação (Mestrado em História Social) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2022.

The subjective history of the relationship between Jung and Freud is crossed by other stories, which explain the complex paths followed by the sciences of the psyche in the 20th century. Emotional trails can accurately clarify events that modified and imposed important decisions for the authors and their forenamed intellectual movements. The main objective of this master's thesis is to analyze the direct and indirect emotions related to the breach event of the relationship between the physicians. From the reading and the historiographic analysis, anchored in the theoretical discussions of care and self writing, by Michel Foucault, just as by historians of emotions, our study was based on an excerpt selection that could dialogue and discuss the breach history of the relationship between Jung and Freud. We claim that the breach causes of this emblematic relationship went beyond the implicit professional reasons, but it occurred mainly due to emotional excesses, to expectations, to disappointments, to angers, to decrease of the other's job to personal limitations, among other situations that contributed to the break. Therefore, the emotional entailments are an essential part of the historiographic analysis of the correspondence exchanged between Freud and Jung.

Key words: Sigmund Freud; Carl Gustav Jung; correspondence; subjectivity; history of emotions.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ΨA	Psicologia/Psicanálise
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ANPUH	Associação Nacional de História
Dem. pr.	Demência precoce
IHGRGS	Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul IPA Associação Psicanalítica Internacional

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 A CORRESPONDÊNCIA ENTRE FREUD E JUNG (1906-1923)	26
1.1 CARTAS E SÉCULO XX	27
1.2 DE FREUD PARA JUNG, DE JUNG PARA FREUD: A DINÂMICA DAS CARTAS.....	32
1.3 PUBLICAÇÃO E GUARDA.....	35
1.4 ENTRE VIENA E ZURIQUE-KÜSNACHT: AS CARTAS EM SUAS CARACTERÍSTICAS E POTENCIALIDADES	38
1.4.1 Lacunas, Silêncios e Ausências de Cartas	39
1.4.2 Frequência e Quantidade de Correspondências.....	41
1.4.3 Acontecimentos e Diálogos Externos às Cartas	43
1.4.4 Usos e Funções das Cartas	44
2 SUBJETIVIDADE E EMOÇÕES NO ESTUDO DAS CORRESPONDÊNCIAS	48
2.1 CUIDADO DE SI E EMOÇÕES NO SOCIAL	48
2.1.1 Obrigação e Atrasos nas Cartas	53
2.1.2 Preocupação Com o Que Preocupa o Outro: A Família.....	55
2.2 HISTÓRIA SOCIAL DAS EMOÇÕES	57
2.2.1 A Historiografia das Emoções.....	59
2.2.2 Práticas e Índícios Emocionais.....	63
3 TENSÕES PRIMEIRAS, POSICIONAMENTO DE AFETOS	67
3.1 RESERVAS QUANTO À UNIÃO DO ÚTIL AO AGRADÁVEL	67
3.2 TUDO PODE SER RESOLVIDO EM UM ENCONTRO PESSOAL?	88
3.3 DISCÍPULOS OUTROS, POTENCIAIS EM DISPUTA	96
3.4 O CONGRESSO DE SALZBURGO (1908)	111
3.5 CLARK UNIVERSITY, A EXPERIÊNCIA NORTE-AMERICANA (1909).....	125
4 ITINERÁRIO DA RUPTURA ENTRE FREUD E JUNG	135
4.1 ESTALIDOS, MITOLOGIAS E PEQUENAS TENSÕES	136
4.2 COMPLEXO DE PAI.....	151

4.3	POLÍTICA PSICANALÍTICA	156
4.4	CULMINÂNCIA DA TENSÃO.....	173
4.5	O ROMPIMENTO	188
	CONCLUSÃO	195
	REFERÊNCIAS	201

INTRODUÇÃO

O que uma troca epistolar pode dizer-nos? O que a troca epistolar de figuras emblemáticas permite-nos conhecer, historicamente, da comunidade em que eles estavam inseridos? Ao estudar o relacionamento de Freud (1856-1939) e de Jung (1875-1961), tomamos conhecimento de uma rede de relacionamentos e de interesses comuns, que orquestram a complexa música do século XX. Das correspondências completas dos médicos, emergem segredos, intimidades e uma relação entrelaçada com emoções que se ocupam de outros sujeitos, mas também com emoções de si mesmos.

Estudaremos a história da relação dos médicos, dialogando com a historiografia das emoções e com Michel Foucault, que ajudam a compreender a história cultural da subjetividade e seus inúmeros objetos¹. Almejamos elucidar o modo como as emoções concorreram para a apreensão de suas trajetórias pessoais e profissionais no século XX, assimilados em uma rede de sociabilidade capaz de discernir certos tipos emocionais, que também foram matéria de suas análises enquanto pesquisadores.

Temos, portanto, três eixos teóricos importantes:

I) A história da Psicologia, mais estritamente a historiografia referente a Freud e a Jung e às suas disciplinas. Estudada e revisitada por psicólogos, por psiquiatras, por antropólogos, entre outros profissionais que têm seus objetos de estudos atravessados pelas suas disciplinas, a historiografia atinente às suas trajetórias e às suas construções teóricas é amplamente pesquisada por diferentes campos do saber.

II) A escrita de si², que abarca uma série de problemas que constituem o horizonte teórico desta dissertação, como as discussões a respeito de correspondências e de suas implicações históricas, seu tratamento como fonte e a especificidade dessas cartas enquadradas como cartas de teóricos e profissionais. Nesse sentido, em sintonia com Foucault (2010; 2020), depreendemos a escrita de si em um percurso que constitui a subjetividade do indivíduo, isto é, à medida que acompanhamos a transformação das cartas, também notamos uma transformação

¹ Para exemplificar, pensemos em uma história do corpo (CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2011; 2012a; 2012b) ou da virilidade (CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2014), herdeiras de problemáticas das subjetividades, trabalhadas por Foucault. Nesse panorama, o encontro da História com o pensamento de Foucault trouxe novos e eminentes trabalhos, como história das mulheres ou de identidades plurais como formas de vida etc. Conversa, também, com um amplo campo denominado História das Sensibilidades, inserido na História Cultural, que se constitui pela heterogeneidade de temas e de fontes, assim como as artes plásticas, a literatura, o patrimônio, a política, o gênero, a memória, entre outros.

² A escrita de si permite-nos inúmeras contingências de trabalho. A mais vultosa, a nosso ver, é a escrita como exercício de subjetividade, como uma atitude que orienta e fomenta outras partes da vida do sujeito, por exemplo a constituição de ambos como intelectuais. Mais sobre o tema será mais bem esmiuçado no capítulo 2.

dos missivistas que performam posturas conscientes e são modificados pelo ato de escrever.

III. A história das emoções e das sensibilidades, tema em voga na historiografia atual e que se preocupa com a ação dos afetos na ação humana na história. Freud e Jung, a despeito de serem teóricos das emoções, igualmente foram afetados por elas na condição de homens de seu tempo e carregaram em suas produções e em suas histórias as próprias paixões, os preconceitos e os remorsos, em uma intensa atividade emocional.

Discutir esses intelectuais é, de certo modo, uma exposição de quem vos escreve, pois são de conhecimento público diversos traços, estereótipos, elogios ou críticas acerca dos dois intelectuais em questão. A face dos sujeitos que apresentamos aqui é, sobretudo, uma seleção, entre as mais copiosas possibilidades de trabalho, dos aspectos que buscamos aprofundar – as emoções e o sensível –, das tantas leituras que já foram feitas e refeitas ao longo da elaboração e da apropriação de suas teorias analíticas por seguidores ou por críticos, nomeadamente do campo da Psicologia.

À vista disso, a nossa análise será delineada a partir da leitura crítica das fontes, ou seja, da correspondência permutada pelos dois autores. A intenção não é tecer elogios ou apontar problemas das teorias psicológicas, do ponto de vista da eficácia de suas metodologias, sobre qualquer um dos campos analíticos que posteriormente se separaram, mas, sim, realizar uma análise historiográfica, examinar as fontes enfocando a história da ruptura da relação com alicerce em uma perspectiva historiográfica, analisando seus impactos no âmbito privado e, em última instância, na História da Psicanálise e na Psicologia Analítica.

Os problemas da História da Psicanálise foram enunciados por Borch-Jacobsen e Shamdasani (2014), que revisitaram estudos e biografias e sinalizaram falhas de estudos conduzidos por partidários da Psicanálise, mas também enunciaram pesquisadores que fizeram um bom trabalho, de acordo com suas compreensões. A figura axial é Freud, com seus cuidados quanto à disseminação ou à Transmissão³ da Psicanálise, entretanto, dimanada desse movimento, a relação entre Freud e Jung, bem como seu desenvolvimento e sua ruptura, pode ser elucidada e problematizada.

Os autores insistem em uma construção problemática da história realizada com uma “fé” em Freud e na não consideração pela versão de seus rivais. Essa situação levou ao esquecimento das controvérsias e ao apagamento de alguns de seus antagonistas (BORCH-JACOBSEN; SHAMDASANI, 2014). Temos, contudo, trabalhos partidários insígnies. Pensemos, por

³ Sinteticamente, de acordo com Cabas (2011), em Psicanálise, a transmissão, em uma perspectiva dessa própria formulação teórica, é a transmissão de uma experiência. Não é a reprodução de um saber, mas, sim, de um real implicado na experiência.

exemplo, nos trabalhos de Peter Gay⁴ ou de Elisabeth Roudinesco⁵, historiadores que construíram pilares sob a ótica dos estudos biográficos e dos estudos sobre o século XX, ambos bem recebidos pelos pares na formação historiográfica.

Quaisquer que sejam os respectivos méritos e a erudição por vezes considerável de suas obras, não é injusto aduzir que sua historiografia permanece profundamente freudiana e não coloca em questão o esquema geral da narrativa proposta por seu fundador, até mesmo quando suas pesquisas os compelem a abandonar ou a revisar este ou aquele elemento da lenda. “Assim, foi necessário aguardar historiadores independentes das instituições psicanalíticas para que a teoria freudiana fosse contemplada pela primeira vez como uma construção problemática, carente de explicação, ao invés de um *a priori* intangível” (BORCH-JACOBSEN; SHAMDASANI, 2014, p. 17).

Apesar de considerar o mérito e a erudição de historiadores partidários, os autores apontam o inconveniente de não retificar alguns pontos da “lenda freudiana”. Borch-Jacobsen e Sonu Shamdasani (2014) alegam que a autoanálise de Freud está no núcleo da lenda freudiana. A autoanálise é entendida como uma análise de si mesmo, conforme Roudinesco e Plon (1998). Diante disso, a comunidade freudiana decidiu que somente Freud, como pai fundador, havia realizado autoanálise, não sendo, pois, uma questão teórica e clínica, mas, sim, um assunto da história da Psicanálise (ROUDINESCO; PLON, 1998). A crítica argumenta que a mitificação da figura de Freud sucedeu por um acontecimento “não regular”, de autoridade máxima – ele não precisaria ser analisado –, para que a instituição de análise didática funcionasse. Segundo os críticos, a autoanálise foi o evento que colocou Freud fora da História, quer dizer, a cada reflexão em Psicanálise, era necessário voltar ao evento inaugural, ao acontecimento que revelasse a face mítica de Freud (BORCH-JACOBSEN; SHAMDASANI, 2014).

Alocamo-nos no conjunto de historiadores independentes de instituições, que objetiva realizar a pesquisa a partir da leitura historiográfica das fontes. Como sabemos, a escrita de um trabalho acadêmico não é isenta de pressupostos e de leituras de mundo de quem escreve, mas é preciso deixar clara a busca inequívoca por não tomar os pressupostos de ambos os lados do

⁴ Historiador norte-americano, publicou diversos trabalhos que abrangem discussões entre História e Psicanálise. Dentre eles, salientamos: *A Experiência Burguesa: da Rainha Vitória a Freud*, publicado em cinco volumes; *Freud para Historiadores*, que discute questões metodológicas da utilização da Psicanálise na produção historiográfica; e *Freud: Uma Vida Para Nosso Tempo*, biografia histórica do vienense, conquanto partidária, bastante preocupada com a documentação e a problematização histórica (GAY, 1999; 1989; 2012).

⁵ Historiadora e psicanalista, é referência para a História da Psicanálise. Publicou inúmeros trabalhos, que são lidos tanto por historiadores quanto por psicólogos e por psicanalistas. Dentre eles, realçamos: *História da Psicanálise na França*, publicado em dois volumes; *Freud em Sua Época e em Nosso Tempo*”, biografia de Freud; *Jacques Lacan: Esboço de Uma Vida, História de Um Sistema de Pensamento*”, biografia de Lacan; e *Dicionário de Psicanálise*, em parceria com Michel Plon, sendo uma importante obra para todos os interessados nesse campo de pesquisa (ROUDINESCO, 1988; 1989; 2016; 2008; ROUDINESCO; PLON, 1998).

relacionamento e suas implicações sociais.

Além disso, é imperioso ter em mente que um dos autores da crítica, Sonu Shamdasani⁶, possui acesso ao acervo pessoal e profissional de Jung, por isso carrega interesses políticos e econômicos sobre a difusão de seu nome e da Psicologia Analítica⁷. Tudo isso é relevante, mas não desqualifica a sua obra, que, ao contrário, deve ser lida criticamente.

Os autores mencionam dois historiadores que conseguiram realizar relatos isentos dessas controvérsias, “sem prejudicar os resultados e a respectiva validade das teorias em questão” (BORCH-JACOBSEN; SHAMDASANI, 2014, p. 18): Henri Ellenberger e Frank Sulloway. O primeiro foi instigado por exposições feitas por Oskar Pfister (1873-1956) e por Alphonse Maeder (1882-1971), ambos ligados à história da Psicanálise. Comparando as narrativas ao texto biográfico oficial⁸ escrito por Ernst Jones⁹ (1879-1958), Ellenberger ficou espantado com a disparidade entre os materiais. Então, reuniu uma lista de incidentes a serem comprovados e concluiu que 80% dos fatos apresentados por Jones eram exagerados ou falsos (ELLENBERGER, 1976). Com uma série de cuidados metodológicos, Ellenberger escreveu um trabalho historiográfico tocante à descoberta do inconsciente e à evolução da Psiquiatria Dinâmica¹⁰, o qual se tornou modelo para interessados em estudiosos da mente no século XX.

O trabalho efetuado por Sulloway, por sua vez, em seu *Freud, Biologist of the Mind: Bond the Psychoanalytic Legend*¹¹ (1992), oferece argumentações que alegam que as

⁶ Sonu Shamdasani é um interessado em História da Psiquiatria e em Psicologia. Atualmente, vive em Londres e é professor da *University College London*. É editor de uma das obras mais solenes de Jung, *O Livro Vermelho (Liber Novus)*, que veio a conhecimento do público em 2009. Além disso, sua mais recente edição dos documentos de Jung são os *Livros Negros ou Cadernos de Transformação* (1913-1932), publicado no Brasil pela Editora Vozes, em 2021.

⁷ A Psicologia Analítica é um ramo de conhecimento e uma prática da Psicologia iniciada por Jung que se diferencia da Psicanálise, de Freud, sobretudo por questões relacionadas ao Símbolo, Libido e Individualização. A questão do Símbolo é, desde muito cedo, uma preocupação do suíço e ele aprofunda a complexidade desses conceitos em *Símbolos da Transformação* (2013).

⁸ Em outros termos, autorizado por Freud. Essa obra partidária de Freud, uma das mais extensas, foi um dos primeiros textos que serviriam como legitimadores da narrativa freudiana, isto é, da forma como os freudianos gostariam de escrever sua própria história. *A Vida e Obra de Sigmund Freud* foi escrito em 3 volumes, publicados em 1953, em 1955 e em 1957, e a maior crítica foi à imagem extremamente favorável da figura de Freud.

⁹ Referência em Psicanálise na Grã-Bretanha, Ernst Jones foi uma figura vital na consolidação da Psicanálise. Foi presidente da *International Psychoanalytical Association* por duas vezes e em momentos fundamentais (1920-1924 e 1934-1949). Embora Freud não gostasse dele, confiou nele para encaminhar assuntos políticos do movimento psicanalítico, o que ele fez com a dedicação de um líder incontestável. Pioneiro na historiografia psicanalítica e na tradução das obras de Freud para a língua inglesa, seu papel foi relevante no contexto de disseminação da Psicanálise para o mundo (ROUDINESCO; PLON, 1998).

¹⁰ A Psiquiatria Dinâmica é empregada, de um modo geral, para designar correntes e escolas que se interessam pelas doenças da alma, dos nervos e do humor com uma perspectiva dinâmica, isto é, a um tratamento em que se instaura uma relação de transferência entre médico e paciente (ROUDINESCO; PLON, 1998).

¹¹ Livro biográfico publicado pela primeira vez em 1979, recebeu críticas negativas e positivas, pois fez um contraponto concernente aos trabalhos produzidos sobre Freud, os quais, em sua maioria, possuíam um caráter de concordância ou de enobrecimento. A insistência dele no cenário histórico da era darwiniana valorizou sua crítica, uma vez que, conforme Sulloway, a construção de um pensamento de Freud estaria simplesmente atrelada às possibilidades de seu próprio tempo.

descobertas substanciais de Freud estavam arraigadas em especulações biológicas de seu próprio tempo, ou seja, da “era darwiniana” (BORCH-JACOBSEN; SHAMDASANI, 2014, p. 21). Este último foi menos hesitante do que Ellenberger em suas críticas a Freud e à Psicanálise.

As considerações elencadas são indispensáveis para localizar o lugar (ou o não-lugar) de quem procura construir esse percurso analítico feito tantas vezes por psicólogos, por psicanalistas, por historiadores com formação em Psicanálise ou por simpatizantes curiosos. Ao propormos uma avaliação historiográfica apartidária¹², almejamos contribuir para a historiografia da Psicanálise e da Psicologia Analítica, diferenciando-nos maiormente por olhar essa documentação com a lente da historiografia das emoções.

Carl Gustav Jung foi um influente psiquiatra de seu tempo e criador da Psicologia Analítica. Nasceu em Kesswil, na Suíça, formou-se em medicina pela Universidade da Basileia e iniciou sua vida profissional em Zurique, na Clínica Psiquiátrica Burghölzli. Sigmund Freud foi médico neurologista e criador da Psicanálise¹³; nasceu em família judaica, em *Freiberg in Marne*, que pertencia, naquele momento, ao Império Austríaco; hoje, à República Tcheca. Ingressou na Universidade de Viena em 1873 e graduou-se em medicina em 1881. Adquiriu experiência no Hospital Geral de Viena, com estudos acerca dos efeitos terapêuticos da cocaína.

O recorte temporal é de 1906 até 1923, período ao qual remonta a troca de correspondências. Todavia, a época de maior fluxo de epístolas foi de 1906 a janeiro de 1913, com o rompimento das relações pessoais, fase em que concentraremos nossa atenção¹⁴. Posteriormente a essa data, as trocas tinham caráter puramente profissional. A última carta estudada, de 1923, foi enviada de Jung a Freud, para referir um caso à autoridade médica de Freud¹⁵, expedida após 9 anos da última, que também foi escrita por Jung, em 1914. A última carta de Freud para Jung foi do ano de 1913 e tratou exclusivamente de publicações.

As sementes para o aprimoramento dos saberes psicológicos desenvolvidos por Freud e

¹² Partidário é entendido, aqui, como a ligação institucional e/ou interessada na difusão da Psicologia como campo do saber e atividade econômica, ou melhor, como a produção historiográfica de autores que possuíam interesse na construção de uma História da Psicanálise a fim de privilegiar seus próprios grupos de atuação. Falamos, aqui, como historiadores não ligados institucionalmente ao tema.

¹³ Freud criou o conceito “Psicanálise” em 1896, para nomear um método particular de Psicoterapia que viria a caracterizar e a mobilizar seguidores nos anos seguintes. É pautada na exploração do inconsciente, com ajuda da associação livre por parte do paciente e da interpretação por parte do psicanalista. Podemos nomear de Psicanálise: o tratamento, a disciplina fundada por Freud e o movimento psicanalítico, em outras palavras, uma escola do pensamento que encerra todas as correntes do freudismo (ROUDINESCO; PLON, 1998).

¹⁴ A proposição de rompimento das relações pessoais foi feita por Freud, na carta de 3 de janeiro de 1913.

¹⁵ A carta é sobre a descrição do caso de um paciente que foi analisado por Jung ao longo de dois anos. O paciente começou a tomar nota de suas próprias fantasias sexuais e a buscar conhecimento dos textos de Freud. A partir disso, o desejo de ser tratado pelo próprio Freud tomou grandes proporções e Jung decidiu facilitar, realizando contato com o austríaco. A informação foi posteriormente confirmada por Aniela Jaffé (1903-1991), que complementou o caso, afirmando que se tratava de um judeu que não se reconhecia como tal (MCGUIRRE, 1976).

por Jung vieram do século XIX. Gay (2012) asseverou que o século XIX foi um século psicológico por excelência, dado que as narrativas oriundas desse período escancaram o sujeito e suas interioridades. O 19º século trouxe o ponto alto dos autorretratos, das autobiografias confessionais, dos diários íntimos, entre outras expressões, aqui entendidas como Escritas de Si¹⁶, que prepararam um solo fértil para a sistematização das reflexões individuais – Jung e Freud são agentes de tal sistematização (GAY, 2012). Gomes (2004), historiadora brasileira, conjuga com a ideia de escrita de si, tal qual atinamos na realização deste trabalho historiográfico:

Essas práticas de produção de si podem ser entendidas como englobando um diversificado conjunto de ações, desde aquelas mais diretamente ligadas à escrita de si propriamente dita — como é o caso das autobiografias e dos diários —, até a da constituição de uma memória de si, realizada pelo recolhimento de objetos materiais, com ou sem a intenção de resultar em coleções. É o caso das fotografias, dos cartões-postais e de uma série de objetos do cotidiano, que passam a povoar e a transformar o espaço privado da casa, do escritório etc. em um “teatro da memória”. Um espaço que dá crescente destaque à guarda de registros que materializem a história do indivíduo e dos grupos a que pertence. Em todos esses exemplos do que se pode considerar atos biográficos, os indivíduos e os grupos evidenciam a relevância de dotar o mundo que os rodeia de significados especiais, relacionados com suas próprias vidas, que de forma alguma precisam ter qualquer característica excepcional para serem dignas de ser lembradas (GOMES, 2004, p. 11).

O século XX foi um momento de experimentações nas artes, na literatura, na Psicologia e na História: confrontos mundiais e novas formas de organização da sociedade em termos políticos, econômicos, sociais e culturais. Em uma atmosfera individualizante, o mundo médico vienense “repleto de rivalidades e de caçadores de prestígio” (GAY, 2012, p. 119), somado ao antisemitismo latente, arquitetou o esquema de um século que ainda respinga no mundo em que vivemos. Freud e Jung enobreceram o campo dos estudos da mente, ambos interessados na constituição psíquica do inconsciente.

Longe do interesse em produzir afirmativas que estejam na esteira das críticas da “Ilusão

¹⁶ A técnica de si pode ser entendida, segundo Foucault, como operações que permitem aos indivíduos realizarem, sozinhos ou com a ajuda de alguém, ações que façam alusão ao seu corpo, à sua alma, ao seu modo de ser, aos seus comportamentos e aos seus pensamentos, visando atender a uma demanda de bem-estar, de sabedoria, de perfeição ou de imortalidade. Foucault estudou as técnicas de si nas práticas pagã e, depois, cristã dos primeiros tempos, apontando para a realização de atividades operacionais que ajudam o indivíduo a organizar e a refletir acerca de si mesmo e de suas ações, com a finalidade de aprimorarem-se a partir de mudanças que beneficiem o desenvolvimento de sua própria trajetória (FOUCAULT, 2010). Para Gomes (2004, p. 10), “A escrita auto-referencial ou escrita de si integra um conjunto de modalidades do que se convencionou chamar produção de si no mundo moderno ocidental. Essa denominação pode ser mais bem entendida a partir da ideia de uma relação que se estabeleceu entre o indivíduo moderno e seus documentos”.

biográfica”¹⁷, de Pierre Bourdieu, mas em vistas de aproximar a história juvenil de Jung e de Freud e de destacar uma característica da segunda metade do XIX, como ainda é na contemporaneidade, a busca dos jovens por reconhecimento de seus pais ou da sociedade é sempre intensa e desafiadora. Por meio de *Memórias, Sonhos, Reflexões*¹⁸, conhecemos um Jung intrigado com os mistérios do mundo e com uma religiosidade que não dava conta de explicar suas questões. Movido por uma incompreensão de todos ao seu redor, pôs-se a estudar para entrar na disputa dos “caçadores de prestígio” (GAY, 2012). Já Freud era perseguidor do reconhecimento. Quando, em 1902, finalmente teve o título de “Professor Extraordinário”, foi uma ocasião feliz para toda a família.

Na esteira das reflexões biográficas, cabe ressaltar algumas imbricações entre o biográfico, que ressoa em nossas preocupações, e suas influências nas culturas históricas do período estudado ou nas que estão em curso neste momento, que, sobremaneira, explicitam o ponto de partida de dois sujeitos. De acordo com Gonçalves (2020), há uma presença multiforme de abordagens biográficas que enquadram diários, autobiografias e cartas em um grande eixo documental que se dedica a investigar as histórias de vida e suas questões com a historiografia.

Ao aglutinar, sob desenhos múltiplos, as variadas narrativas vivenciais, o espaço biográfico figura como campo de discursos, e de disputas – memoriais, históricas, culturais, políticas e identitárias - onde se sobrepõe, se articulam e se distanciam as “imagens de si” e as “imagens do outro” (GONÇALVES, 2020, p. 69-70).

É premente que nós, historiadores que nos debruçamos sobre vidas individuais, conscientizemo-nos da escolha e da justificativa para ela, pois há responsabilidade em “[...] dar vida a essa história” (ARFUCH, 2010, p. 42). É certo que muitos estudiosos deram lugar de não esquecimento a Freud e a Jung, porém, o que esteia a revisitação desses personagens históricos? Entre vários modos de responder a essa questão, insistiremos que tais personalidades não somente deixaram seus traços em outros sujeitos por meio de seus atendimentos psicológicos e de sua ampla rede de relacionamentos e de discípulos, mas também sublinhamos as marcas que

¹⁷ Pierre Bourdieu (2006, p. 184) alertou-nos sobre “A ilusão biográfica”, acenando para os perigos da constituição da vida como um todo, um conjunto coerente e orientado, tal qual pode aparecer no texto biográfico, encaminhando-se a uma obviedade dos fatos ocorridos na trajetória, objetiva e subjetivamente, como fica exemplificado no uso de advérbios de tempo: “já”, “desde pequeno”, “sempre”, entre outros. É conveniente tanto para o sujeito que escreve quanto para o sujeito que é objeto da biografia/autobiografia, tais sequências ordenadas, segundo relações inteligíveis, para que haja sentido da existência narrada.

¹⁸ Trata-se da autobiografia de Jung, escrita com a colaboração de Aniela Jaffé. Para mais detalhes, ver Salamon (2019).

deixaram na literatura, nos filmes e nas obras de arte em geral.

Como postula Gonçalves (2020, p. 71), “o ato de biografar instituiu como resultado e fim último as identidades do biografado e, também, as identidades do biógrafo e de seu tempo presente”. Não pretendemos produzir biografia de nossos personagens, mas nossa análise está na esteira das reflexões que colocam sujeitos específicos no centro em detrimento de outros personagens de seu tempo. De acordo com Pélbart (2020), o tempo em que vivemos é o da sociedade contemporânea, que tem como tecnologia de comunicação a informática. Isso quer dizer que, distintamente do momento anterior, em que nossos personagens estão alocados, com a tecnologia de comunicação sendo a escrita, não temos acúmulo de passado, mas uma atualização permanente das informações. Dessa forma, a historiografia produzida sobre Freud e sobre Jung a partir da lente da historiografia das emoções atualiza-se no intuito de verificar uma parte das produções passadas e responde por demandas contemporâneas de explicação de mundo: de quem realiza a pesquisa e do tempo presente, que forneceu meios para que ela fosse suscitada.

As reflexões promovidas por Freud e por Jung ressoam de um tempo não tão distante do nosso, este que se caracteriza pela anseio por explicações para tantas crises que nos governam em diferentes aspectos: emergência sanitária, crise ambiental, política, social etc. Entre todas as respostas que almejamos para este século XXI, o que há em comum entre o suíço e o vienense – o inconsciente¹⁹, esse vasto campo que ainda está sob investigação – talvez ajude a esclarecer o movimento dos homens nos séculos XX e XXI em um emaranhado de tempo, em uma rede ou uma rizoma, que conecta um ponto a outro qualquer (DELEUZE; GUATTARI, 1995). Sendo assim, este trabalho dialoga com os problemas enfrentados na modernidade e quer executar uma espécie de “artesanato”²⁰, desde o raiar do 20º século até o momento em que esta dissertação está sendo produzida, no ano de 2022.

A evidente preocupação é o movimento subjetivo realizado por dois indivíduos no

¹⁹ Roudinesco e Plon (1998) explicam que, na linguagem corrente, o termo “inconsciente” é utilizado como adjetivo para denominar um conjunto de processos mentais que não são pensados conscientemente. Em Psicanálise, o inconsciente é um lugar desconhecido pela consciência. Em Psicologia Analítica, há dois inconscientes: o inconsciente pessoal, constituído de conteúdos que já foram reprimidos ou esquecidos, e o inconsciente coletivo, que nunca esteve na consciência e não foi adquirido individualmente, mas deve sua existência à hereditariedade e age mediante os arquétipos. Arquétipos, por seu lado, são configurações existentes na psique que estão presentes em todos os tempos e lugares (JUNG, 2014).

²⁰ “O historiador, como a bordadeira, ao final de suas atividades de pesquisa, tem à sua frente uma cesta cheia de documentos, de relatos, de imagens, de escritos, de narrativas, de variadas cores e tonalidades, misturados de forma caótica. É ele, como faz a profissional do bordado, que submete esse caos a uma ordem, a um desenho, a um plano, a um plano, a um projeto, a um molde, a um modelo, que deve ser previamente pensado. Assim como no bordado exigirá aquelas laçadas, aqueles pontos, aquelas amarrações, que serão fundamentais para que o desenho se sustente e se faça” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2019, p. 30).

século XX. Nem sempre trabalhos como este tiveram um espaço legítimo nas pesquisas em ciências humanas, mas podemos sentenciar, seguramente, que o cenário atual descortina numerosas mudanças nesse sentido, singularmente no Brasil²¹. Quando pensamos nessa “guinada subjetiva” de 1960 a 1970, para usar o conceito de Sarlo (2007, p. 18), movimento de “reordenamento ideológico e conceitual da sociedade do passado e de seus personagens”, inferimos que essa onda de subjetividades igualmente influenciou o modo como os cientistas sociais brasileiros olham e recortam seus objetos de pesquisa.

Sarlo (2007, p. 19) frisou que “a razão do sujeito” se restaurou, esta que era encoberta como um “depósito escuro de impulsos ou mandatos que o sujeito ignorava”. A “guinada subjetiva” a que alude Sarlo concerne ao uso da primeira pessoa, da centralização do sujeito na literatura, movimento que tocou todas as áreas das ciências humanas e modificou as maneiras de olhar e de pesquisar. Freud e Jung propunham olhar para o interior no início do século XX, sugestão que foi rebatida com veemência naquele período. O grande florescimento das subjetividades e das identidades está efetivando-se no século XXI.

As imbricações da vida profissional à particular são latentes, o que autoriza afirmar, por meio da análise das fontes, que as ambições de pesquisadores foram suscitadas e influenciadas por questões emocionais, por inquietações pessoais que tocam o social em que viveram. Tal discussão é antiga²² e clara na obra de ambos os intelectuais. Os documentos pessoais costuram as obras científicas, dando maior aprofundamento das condições de produção e de recepção dos estudos.

Compondo o conjunto de caminhos que percorremos para elaborar esta pesquisa, a História da Psicologia está em nosso horizonte. Eminentemente composto por psicólogos, esse campo está em pleno avanço atualmente, com diversos projetos no Brasil e fora dele. No exterior, salientamos as variadas associações²³ que visam realizar catalogações, pesquisas e publicações acerca de seus próprios pensadores. No Brasil, acentuamos grupos de pesquisa, páginas de divulgação sobre tais temáticas e de disponibilização de repositórios documentais

²¹ Existem grupos de pesquisa brasileiros que têm se debruçado sobre subjetividade e emoções na historiografia. Essa preocupação é recorrente em grupos que se dedicam a estudos de Teoria da História ou a pesquisas que têm enfoque em Biografias e/ou Subjetividades. O Núcleo de Estudos em História da Historiografia e Modernidade (NEHM), da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), é um grupo de teoria que tem a característica comentada. Para ilustrar exemplos do biográfico, invocamos o grupo de pesquisa Memórias, Trajetórias, Biografias (MEMENTO), da UNESP/Assis, e o grupo Núcleo de Estudos sobre Biografia, História, Ensino e Subjetividades (NUBHEs), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

²² Ver Hannah (2003) e Roth (2000).

²³ Destacamos, na Europa, a *Sociedad Española de Historia de la Psicología* (SEHP); na América Latina, a Rede Iberoamericana de Pesquisadores em História da Psicologia (RIPeHP); e, no Brasil, a Sociedade Brasileira de História da Psicologia (SBHP). Tais exemplos são de apenas alguns grupos que se voltam a pensar a história da Psicologia.

para pesquisadores²⁴.

Notamos que, no Brasil, os novos projetos imanentes à História da Psicologia curiosamente estão próximos da discussão da historiografia das emoções. Não obstante as aproximações pareçam óbvias, elas não são, isso porque se trata de campos com distintas preocupações e provenientes de dissemelhantes campos do saber. A preocupação com a História da Psicologia surgiu da necessidade de organização de saberes e de legitimação de diferentes prismas na Psicologia, isto é, a legitimação de uma perspectiva em prejuízo da outra.

Há um marco institucional para o surgimento da História da Psicologia, mas é tarefa do historiador questionar essas marcas institucionais e o que as fundamenta²⁵ (FERREIRA, 2006). A figura central desse marco é Wilhelm Wundt (1832-1920), que em 1879 criou o Laboratório de Psicologia na Universidade de Leipzig e por isso é reputado fundador da Psicologia científica (ARAÚJO, 2006).

Grifamos o interesse de Michel Foucault (1926-1984) pela História da Psicologia e os movimentos que fez em direção à construção desse saber, bem como da História dos saberes médicos e psiquiátricos. O trabalho do Foucault tocante à História da Psicologia²⁶ é elementar, pois marca a fase inicial de sua vida como pesquisador, em um momento de gestação de *História da Loucura*, que viria a conhecimento do público em 1961. Esse foi o primeiro ato em direção a essa problemática, mas o diálogo com outros saberes que se ocupam da psique crivaram a obra de Foucault, do início ao fim de sua vida. Cumpre assinalar que, dentre o que era prática Psicológica no século XX, Foucault elegeu a Psicanálise e a Fenomenologia como Psicologias capazes de colaborar para a compreensão do fenômeno da loucura, em arranjo com o marxismo.

A história das emoções, por sua vez, está, hoje, em um período de amadurecimento, segundo Bjerg (2019). Herdeira da renovação das Ciências Sociais, no início do século XX, a Sociologia começou a problematizar emoções em um enfoque indivíduo-sociedade. Entre os copiosos nascimentos da preocupação com as emoções humanas, notabilizaremos seus caminhos na historiografia, harmonizando, por vezes, com as Ciências Sociais.

²⁴ Ênfase para a BVS – HPCS – História e Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde, que possui uma parte dedicada à “História dos Saberes Psi”, atualmente coordenada por Carlos Henrique de Assunção Paiva. Além disso, o Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde (PPGHCS) desenvolve inúmeros projetos, eventos, aulas, dissertações de mestrado e teses de doutorado sobre temáticas ligadas à saúde e às ciências.

²⁵ Para um aprofundamento em História da Psicologia para além do marco institucional de XIX, recomendamos a leitura do capítulo “O múltiplo surgimento da Psicologia”, de Arthur Arruda Leal Ferreira, no livro *História da Psicologia: Rumos e Percursos* (2005), organizado por Ana Maria Jacó-Vilela, Arthur Arruda Leal Ferreira e Francisco Teixeira Portugal.

²⁶ O problema do estatuto da cientificidade da Psicologia e da Psiquiatria foi sua questão intelectual de partida como pesquisador. Por conseguinte, o primeiro texto publicado a respeito do tema foi intitulado “Doença Mental e Personalidade”, de 1954, sendo reeditado em 1962 sob o título “Doença Mental e Psicologia”.

Aterrissamos no século XX, ainda em seu início – 1919 –, com a publicação de *O Outono da Idade Média*, de Johan Huizinga (1972-1945), que tratou da vida e do pensamento nos séculos XIV e XV. Esse livro é considerado, em muitas revisões acerca da historiografia das emoções, como um marco, pois traz as primeiras características da historiografia das emoções, dentre as quais o uso de fontes literárias e artísticas para pensar a vida e a mentalidade da sociedade no final da Idade Média, por isso, foi antes bem recebido pela literatura do que pela historiografia.

A historiografia das mentalidades, embora polêmica entre historiadores²⁷, demonstrou preocupação em relação às emoções na História. Destacamos historiadores como Robert Mandrou (1921-1984), que estudou modos de sentir diante da feitiçaria, Jean Delumeau (1923-2020), que se dedicou aos medos do homem europeu na transição para o mundo moderno, Marc Bloch (1886-1944), que pensou os modos de sentir na Idade Média, ou Michel Vovelle (1933-2018) e Philippe Ariès (1914-1984), que analisaram historicamente sentimentos do homem diante da morte.

Norbert Elias (1990; 1993), no campo da Sociologia, foi outro grande nome que examinou maneiras de sentir e de agir que condicionavam indivíduos em sociedade. Valeu-se de conceitos da Psicanálise, conquanto não os tenha explicitado, e propôs superar divergências entre historiadores e psicólogos. O sociólogo autorizou sua vinculação à “Psicologia Histórica”, ou “Psicohistória”, tendência que assume conceitos da Psicologia no campo historiográfico e, ainda que promissora, demanda cuidados. O que Elias preconizou nos anos 1939 e 1940 estava em um consenso ensurdecido com Marc Bloch (1982), que escreveu sobre formas de sentir e de pensar nos mesmos anos. Uma característica do jeito de Elias pensar as sensibilidades eram o contraste entre razão e a emoção e seu caráter fortemente individual e universal, ou seja, haveria a mesma valoração sobre determinada emoção em distintas culturas, o que mais tarde foi rebatido pelos pensadores das emoções. O que vêm sendo apresentado recentemente valoriza a emoção gestada e percebida no social em que o indivíduo se forma, logo o valor do social que sente, identifica e nomeia um movimento emocional é imprescindível.

Entre historiadores que assumem com entusiasmo as correlações entre História e Psicanálise, pontuamos Alain Besançon (1968), que escreveu sobre inconsciente para a *Nova História*, de Pierre Nora e Le Goff. Também há crédito para Peter Gay (1989), que reverenciou o papel da Psicanálise em suas análises historiográficas. Além de examinar a sociedade burguesa em seus profusos aspectos ao longo de 5 volumes (1988-2001), redigiu *Freud Para*

²⁷ Trata-se de uma polêmica teórico-metodológica entre historiadores, por postular a existência de uma “mentalidade coletiva” ou uma base comum nos modos de pensar e de sentir em homens de dada sociedade.

Historiadores, obra em que aventa caminhos teórico-metodológicos de colaboração entre História e Psicanálise.

Nessa inclinação, o trajeto que faremos terá o par de lentes da historiografia das emoções, mas entendemos a necessidade de adaptação para cada fonte e cada problema, o que se aplicará categoricamente. Nossa análise se ocupará de elucubrar as emoções do período do rompimento, bem como suas motivações e suas ressonâncias, para o que nos serviremos dos instrumentos teóricos sobre subjetividade, de Michel Foucault, e faremos um exercício de observação a partir da historiografia das emoções que nos permitirá desvendar “práticas emocionais” (SCHEER, 2012, p. 209) dos personagens históricos, a partir das fontes. Vejamos um trecho de como Scheer (2012, p. 209) pensou nesse conceito:

Viewing emotion as a kind of practice means recognizing that it is always embodied, that an emotion without a medium for experience cannot be described as one. Access to emotion-as-practice—the bodily act of experience and expression—in historical sources or ethnographic work is achieved through and in connection with other doings and sayings on which emotion-as-practice is dependent and intertwined, such as speaking, gesturing, remembering, manipulating objects, and perceiving sounds, smells, and spaces. I have termed these “doings and sayings” “emotional practices,” which build on the embodied knowledge of the habituated links that form complexes of mind/body actions.

O estudo das emoções de Freud e de Jung, ou de suas “práticas emocionais”, oferece um novo vislumbre a respeito dessa relação que modificou amplamente a constituição do pensamento em âmbito interdisciplinar no século XX. Por meio de falas, de gestos, de manipulações de objetos, entre outras atitudes emocionais, nossos personagens deixariam marcas de suas emoções em objetos, em pessoas e em seus movimentos institucionais e políticos.

Esta dissertação se empenha em praticar um exercício de análise, por meio de excertos que versem acerca do evento de ruptura direta ou indiretamente, perseguindo seus fatores emocionais. As emoções, como veremos, são um fio muito importante, pois perseguir as elucubrações emocionais leva-nos a admitir que a ruptura não se deu apenas por eventos institucionais e profissionais, mas, acima de tudo, por eventos afetivos, que impuseram uma nova organização às subjetividades e aos movimentos psicológicos. O conceito de “práticas emocionais”, de Scheer (2012), auxilia-nos na assimilação das inclinações emocionais em sua integralidade, incluindo movimentos corporais, pensamentos, materiais e lembranças, razão pela qual se fixa à nossa proposta de pesquisa.

Rosenwein (2011) elencou como imperativo trabalho do historiador das emoções a

busca por referências a pessoas, a autores e a situações. Isso posto, a relação de Jung e de Freud é cindida por variadas outras relações interpessoais que a caracterizam ou, muitas vezes, dão o tom da carta ou dos humores do momento, visto que, apesar de as emoções ocorrerem nos indivíduos, elas são intensamente sociais. Levar em conta o papel social das emoções é outro critério estabelecido pela autora e que será vital no diálogo que arraigamos com Michel Foucault, autor sempre atento aos impactos que a sociedade exerce no indivíduo.

E se colocássemos como personagens determinantes aqueles que cooperaram para a construção de um saber sobre a psique humana em primeira pessoa? E se a escuta fosse feita por nós, pesquisadores e estudiosos de Freud e de Jung? Essa é a natureza das inquietações desta pesquisa, que privilegia a dimensão subjetiva ao analisar as fontes.

A dissertação está dividida em quatro capítulos. Cada parte têm uma função primordial na composição do problema e todas anseiam proporcionar ferramentas de compreensão para as emoções que envolvem direta ou indiretamente a ruptura do relacionamento nas cartas trocadas entre Freud e Jung.

O primeiro capítulo tem como principal objetivo aclimatar, caracterizar e apresentar ao leitor as fontes, suas implicações, seus usos e suas funções na correspondência do período estudado. Por meio dele, conheceremos a história da edição das cartas, sua ambientação e sua dinâmica, para que possamos, então, adentrar aspectos teóricos e a análise de fontes.

No segundo capítulo, o intuito é aclarar os passos teórico-metodológicos e os referenciais precípuos para pensar as emoções da ruptura. Nesse ponto, ater-nos-emos ao cuidado de si, de Michel Foucault, e aos autores ligados à historiografia das emoções, explanando rapidamente seus argumentos e reunindo conexões em torno da centralidade do social, sempre vinculando a isso a correspondência entre Freud e Jung.

Nos terceiro e quarto capítulos, aprofundaremos, contextualizaremos e exploraremos as emoções que compõem o relacionamento entre Freud e Jung de 1906 a 1923. Mais especificamente, focalizaremos a temática ruptura em menções diretas ou indiretas, atentando-nos para as emoções emergidas nesses movimentos de expectativas, de insatisfações, de decepções, de ânimo, entre outras expressões afetivas.

Não apostamos na exaustividade da análise, mas, sim, em um recorte que viabilizasse uma visão privilegiada dos ingredientes emocionais da relação dos intelectuais. Portanto, esse exercício de análise e de escrita quer evidenciar o valor da mobilização dos afetos e perceber os manejos propostos pelos intelectuais, os quais, entre seus próprios complexos, pensavam os complexos de outrem. Nossa seleção priorizou eventos de maior pertinência emocional, que também são os mais lembrados pelas biografias existentes. No entanto, nossa leitura não

ambiciona apenas chamar atenção pelo apelo com que esses eventos operam, mas quer, antes, problematizar, questionar e realizar inferências acerca das possibilidades, tendo como sustentáculo a leitura e a análise historiográfica.

1 A CORRESPONDÊNCIA ENTRE FREUD E JUNG (1906-1923)

Cartas pressupõem distância no espaço e, muitas vezes também, no tempo, e mais: um destinatário-receptor, ou interlocutor, uma comunicação; cartas estabelecem relações. (SANTOS, 2008, p. 67).

A correspondência entre Freud e Jung é um conjunto documental que compreende os anos de 1906 a 1923. Entre informativos, elogios, solicitações, críticas, esperanças e um sólido passo da Psicanálise no mundo, Freud e Jung construíram pontes em diversas colaborações com diferentes médicos e em diferentes países, semeando conjuntamente os pressupostos psicanalíticos.

Cartas são documentos importantes para se estudar aspectos íntimos e sensíveis e fontes imprescindíveis para a realização de uma história das emoções. Trata-se de textos híbridos, que “flutuam em categorias vagas: arquivos, documentos, testemunhos” (DIAZ, 2016, p. 11). A dificuldade em delimitar ou em caracterizar a carta com certas estruturas ou assuntos há de obstaculizar o trabalho dos que lidam com gêneros textuais, mas eis a sua beleza, o “encadeamento inflexível das ideias, a imensa ondulação e a efervescência confusa da vida” (LANSON, 1895 *apud* DIAZ, 2016, p. 11).

As cartas abordam, em geral, a rotina dos dois médicos, seus humores cotidianos e a situação da Psicanálise no momento em que se escreve. Embora o pacto de Jung com a Psicanálise não tenha sido contratual, isto é, não houve um momento específico em que ele assinou um aceite em defender e em auxiliar no construto psicanalítico daqueles anos, esse movimento foi ocorrendo aos poucos e, quando menos, o suíço se tornou um nome de exemplo ao pensar a Psicologia iniciada por Freud. Por meio das cartas, descortinamos personagens, tarefas e uma série de referências que podem funcionar como um mapa para aprofundar o conhecimento no meio psicanalítico, mas também por meio delas notamos fragilidades, sensibilidades e um período que nos permite analisar emoções que podem ou não ter influenciado nos desdobramentos da Psicanálise de Freud e, posteriormente, na Psicologia Analítica de Jung.

A edição em português utilizada nesta dissertação denomina-se *Freud/Jung Correspondência Completa*, publicada pela Imago Editora, em 1976, no Rio de Janeiro. A edição possui uma introdução de William McGuirre, que localiza o percurso feito até a consolidação da publicação em alemão. No Apêndice dessa edição, contamos com um quadro cronológico das cartas, os sumários do *Jahrbuch*²⁸, Estatutos da Associação Psicanalítica

²⁸ Consiste na primeira revista oficial do movimento psicanalítico. O *Jahrbuch für psychoanalytische und psychopathologische Forschungen* foi criado em 1909 e dirigido por Jung por muitos anos. Deixou de existir em

Internacional (IPA), Programas dos Congressos e outros documentos. Há outra edição publicada no Brasil, em 1993, com índice remissivo ao final – única distinção observada em comparação com a edição de 1976. A edição em alemão foi publicada em 1974, em *Frankfurt am Main*, pela editora S. Fischer. Essa edição, com exceção do comentário à terceira edição, do comentário para a edição alemã e do índice remissivo, é idêntica à edição de 1976 em língua portuguesa. A tradução para o português foi feita da edição em inglês, *The Freud/Jung Letters*, publicada em Londres, em 1964, pela *The Hogarth Press Ltd.* e pela *Routledge & Kegan Paul Ltd.*, por Leonardo Fróes e Eudoro Augusto Macieira de Souza.

Pela sistematização de McGuirre na edição utilizada, foram identificadas 360 cartas, sendo 164 de Freud, 196 de Jung e, em adição, 7 de Emma Jung²⁹ (1882-1995). O editor alertou sobre as discrepâncias nas contagens, ocorridas por descobertas posteriores ou por maneiras desiguais de contar fragmentos (MCGUIRRE, 1976).

Diante disso, o capítulo 1 tem o objetivo de ambientar o leitor em relação às cartas, à sua dinâmica e à sua história. Realizamos uma introdução nos universos de Jung e de Freud, fazendo uma análise externa dos acontecimentos não somente explanando a sensibilidade das correspondências, mas também oferecendo um arcabouço organizacional quanto às quantidades de cartas, às ausências e aos movimentos. É, pois, o momento de conhecer as fontes em suas características e em suas potencialidades.

1.1 CARTAS E SÉCULO XX

A comunicação por correspondência possui uma longa tradição histórica, e é interessante pensar suas formas e suas funções a cada período, que possui mais ou menos formalidade, mais ou menos intimidade. Sua função principal é enviar uma mensagem para outra pessoa, que pode estar muito distante ou na mesma cidade. O que seriam, então, esses papéis que nos permitem estudar, de um modo mais aprofundado, homens e mulheres em seus variados tempos, demandas, sonhos e expectativas? Ortigue de Vaumorière, em 1689, respondeu à pergunta “o que é uma carta?”: “Um escrito mandado de uma pessoa ausente para lhe transmitir o que lhe diríamos se pudéssemos lhe falar” (VAUMORIÈRE, 1689 *apud* DIAZ, 2016, p. 30).

1913, após o conflito entre Freud e Jung (ROUDINESCO; PLON, 1998). Essa publicação concentrou os trabalhos produzidos sob o prisma psicanalítico e concorreu para que a mobilização dos seguidores de Freud não se dispersasse do Congresso de Salzburgo, em 1908, até o próximo evento.

²⁹ Psicoterapeuta e autora suíça, casou-se com Jung, em 1903, e teve 5 filhos. Ajudou e interessou-se pelos estudos do marido, mas também desenvolveu um interesse particular sobre a lenda do Santo Graal.

Nosso conjunto documental está inserido no século XX, sendo assim, a correspondência que estudamos segue uma tendência de escrita com finalidades específicas, fossem comerciais ou sentimentais. Podemos enviar uma carta a alguém porque estamos com saudades, ou, no caso das trocas entre Freud e Jung, para uma reflexão sobre seus pacientes, ou simplesmente porque se apreciava o que o outro tinha a dizer. Em vista disso, a troca de boas intenções, a elevação do saber do outro, tinha a tarefa de legitimação das formulações psicológicas e de suas vaidades pessoais.

O gênero epistolar é dinâmico e heterogêneo em suas configurações. Quantos gêneros textuais cabem dentro do gênero epistolar? Considerando sua ampla diversidade de apresentações, ele ficou nas margens, visto como “abaixo da literatura” até mesmo por epistológrafos (HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p. 17). Não obstante haja essa incongruência, as cartas são objetos de estudo de linguistas que trabalham com textos epistolares, que não compartilham de um “estatuto literariamente respeitável certificado pela crítica estruturalista” (DIAZ, 2016, p. 13).

A carta seria espaço para pensar, para filosofar ou para aprofundar-se em algum tema? Tratando dos intelectuais em questão, podemos afirmar que a carta era espaço de construção de conhecimento, de trocas, de correções e de aprendizados. No século XVIII, ao contrário, as cartas não eram o espaço mais apropriado para “especulações intelectuais”, mas, sim, para as “tagarelices mundanas ou bate-papos sentimentais” (DIAZ, 2016, p. 43). É pertinente lembrar que pensadores antigos já haviam colocado a correspondência a serviço do pensamento e do debate filosófico, mas o 18º século reinventou esse estilo, que posteriormente desempenhou novamente o papel de instrumento de reflexão epistemológica, documentando grandes debates entre intelectuais no século XX (DIAZ, 2016). “Que prazer existe em ler correspondências? [...] O que se lê nessas mensagens que não se pode ler em outro lugar?” (HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p. 13). São perguntas instigantes, que nos fazem refletir sobre a fixação do grande público pelo gênero epistolar. Seria a bisbilhotice pelas intimidades alheias ou apenas um interesse obstinado por conhecer um relacionamento de um intelectual, famoso ou quem quer que seja?

A partir do século XVII, na Europa, começa-se a apreciar as falhas, as hesitações e as palavras “humanas” contidas nas cartas, e isso se estenderá até o século XIX (DIAZ, 2016). É notável que nas cartas trocadas entre Freud e Jung falhas são imediatamente comentadas ou corrigidas³⁰, mas não há uma busca insaciável pela carta perfeita e, em grande medida, as

³⁰ Esse movimento pode ser uma preocupação para os dois por motivação do conceito de “Ato Falho”, em que o sujeito substitui uma intenção por uma ação ou por condutas imprevistas, que podem ter causas inconscientes de quem o comete (ROUDINESCO; PLON, 1998).

imperfeições são bem-vindas, porque demonstram uma certa espontaneidade benquista para ambos os correspondentes, espontaneidade esta que caracteriza o próprio gênero: “A carta deseja ser uma página de liberdade na qual se podem se podem gravar os sulcos caprichosos das emoções efêmeras. De modo ostensivo, sua redação acompanha os sobressaltos da inspiração e o humor do dia” (DIAZ, 2016, p. 22). Emoções e humores, os dois caros ao nosso estudo: Em que medida esses elementos compõem o gênero epistolar? Se fizéssemos um balanço sobre emoções e humores cotidianos em cartas, desde o momento em que surge a prática epistolar, ou um levantamento com uma ampla amostragem desse fenômeno, que resultado obteríamos? Certamente, os humores, as emoções, a raiva, o encantamento, a alegria, a timidez, a vergonha e a paixão fazem os rumos dos temas epistolares, mas estes também podem ser selecionados de acordo com os humores cotidianos: escrever sobre o atraso do carteiro ao entregar uma encomenda, por exemplo, porque isso deixou o correspondente decepcionado ou contrariado.

No fim do século XVII, começaram a ser apreciadas as cartas que não fossem perfeitas, quer dizer, sua espontaneidade, de modo que, quanto mais ela contivesse elementos impensados, como erros de grafia ou rabiscos, mais se pareceria com um espelho da alma daquele que enviou, opostamente aos séculos anteriores, em que se preservava a narrativa polida, pensada, formal (DIAZ, 2016). Um exemplo dessa espontaneidade pós-século XVII pode ser encontrado em uma carta de Freud do dia 10 de julho de 1907, na qual escreve “brevemente e às pressas”, a fim de que a carta chegue antes da viagem que Jung faria a serviço militar: “Escrevo-lhe – brevemente e às pressas – a fim de o alcançar antes de sua partida e desejar-lhe um período de descanso do esforço mental. Será bom para o senhor” (FREUD, 1976, p. 166). Ainda é comum, no século XXI, que valorizemos os modelos espontâneos de escrita para o outro.

A nova divisão entre o social e o individual, o coletivo e o íntimo, começa ser notada nas correspondências do século XVIII (DIAZ, 2016), mas é a partir do XIX que tais diferenciações serão realizadas na prática. A carta no imaginário do 19º século será “íntima, forçosamente íntima” (p. 37), e esse centenário conhecerá as publicações privadas do século anterior, o que modifica a prática dos epistológrafos, os quais leem essas cartas que expõem intimidade sentimental e espiritual, formulando uma nova característica para a correspondência, a da sensibilidade, movimento que alcançará também o século.

Em diálogo com Foucault, as cartas propiciam reflexão sobre quem escreve e quem recebe, havendo existência consciente no conjunto de posturas que envolvem a movimentação epistolar. Os movimentos de recebimento, de envio, de sentar-se para ler ou para escrever uma

carta mostram o exercício de dois sujeitos que se constroem, que se destroem e que reinventam suas condutas e suas práticas a partir de um conjunto de ideias que se aproximam de seus interesses mais proeminentes. Há interesse político, mas há interesse afetivo. O ato de escrever uma carta contribui para organizar a si mesmo, para uma ética do “Cuidado de Si” (FOUCAULT, 2010). Ao organizarmos a relação com o outro, comunicarmos, darmos notícias ou trocarmos conhecimento, aproximamo-nos do que nos interessa no outro, elaboramos ou repensamos algo em nós. É um relacionamento estabelecido consigo, uma atividade de reflexão sobre o mundo e o local em que se está, sobre os sentidos que estão aguçados no momento, mas que chegarão sempre depois... que não serão imediatos para quem lê.

Entendemos cartas, aqui, como documentos históricos, não menosprezando outras possibilidades de estudo a partir da perspectiva linguística, das ciências sociais ou da comunicação, por exemplo. As cartas são fontes que apresentam a nós, historiadores, pensamentos, sentimentos e ações ocorridos no passado, e esse é nosso escopo para a investigação histórica, entretanto a literatura nos oferece um arsenal para pensar a troca epistolar e os numerosos conflitos prementes nas categorizações de gênero literário. Há um paralelo possível entre cartas e obras literárias e cartas e obras científicas, em nosso caso. Se as cartas são uma maneira de pensar as tecituras de grandes obras românticas, de poemas ou de outros, elas também oportunizam examinar a gestação de pensamentos científicos ou a consolidação de pontos de vista que viriam a tornar-se pilares da Psicanálise ou da Psicologia Analítica.

Pensemos, por exemplo, no relacionamento dos dois modernistas brasileiros Oswald de Andrade e Mário de Andrade, que mantiveram uma relação de 1917 até 1929, quando romperam. As cartas tratam das aventuras de Oswald de Andrade, que estava sempre viajando, e de Mário de Andrade, que escrevia do Brasil e falava como tudo acontecia por aqui. Tinham em comum, como causa profissional, o movimento modernista, e Oswald de Andrade solicitava revistas, informações e livros, sempre informando Mário acerca de sua intensa divulgação do Modernismo brasileiro no exterior e de possibilidades de intercâmbio (ANDRADE, 2008). A pesquisadora, estudando a documentação, discutiu o problema das lacunas nessas correspondências:

o que prevalece, durante e após a sua leitura, é a frustração decorrente da impossibilidade de completar o mosaico: faltam peças fundamentais. Desconhece-se o paradeiro das cartas de Mário a Oswald, que provavelmente existem, ou existiram, pois aquele não deixava de responder. Em alguns casos, as cartas de Mário a Tarsila constituem respostas a Oswald, preenchem lacunas, mas não eliminam totalmente (ANDRADE, 2008, p. 163).

A autora exprimiu sua frustração com as cartas faltantes de Mário a Oswald de Andrade, mas encontrou outras ressonâncias da voz dele nas cartas de Mário enviadas à Tarsila do Amaral, as quais ajudam a compreender as informações afetadas pela ausência de documentação. O que podemos inferir sobre alguns momentos em que nos deparamos com uma lacuna ou uma carta faltante? Existem condições para os estudiosos de correspondências analisarem casos como este verificando o conjunto total de cartas e o máximo possível de documentações paralelas – como as cartas de Mário à Tarsila do Amaral –, de mesma autoria e mesmo período. No entanto, a busca pelas cartas faltantes deve ser incessante, bem como o questionamento a respeito dos motivos da ausência do conjunto epistolar.

Houve espaço para que a correspondência entre Freud e Jung funcionasse como diário da obra, como em muitos casos ocorreu com estes escritores, mas também que fosse como um espaço privilegiado de trocas de afetos, de emoções. Essas ocorrências são frutos de um tipo de expressão comunicativa que traça fortemente o caminho dos dois correspondentes, que moldam seus próprios modos de expressar e de delimitar sua comunicação social:

o indivíduo aplica suas peculiaridades sobre um tecido coletivo reconhecível por seus pares, ele as desenha de acordo com sua história pessoal, sua psicologia, seu status social, seu sexo, idade etc. As emoções são matéria viva do fenômeno social, a base que orienta o estilo das relações nutridas pelos indivíduos distribuindo os valores e as hierarquias que sustentam a afetividade (LE BRETON, 2019, p. 149).

Vejamus um outro exemplo de carta enviada por Freud, no dia 1 de julho de 1907, logo após uma viagem de Jung a Paris:

Fico contente em saber que está de volta a seu trabalho no Burghölzli e deleito-me com suas impressões de viagem. O senhor há de imaginar quão grande seria meu desagrado se seu complexo de Viena fosse obrigado a partilhar com um complexo de Paris a catexia disponível. Por sorte, como me diz, nada disso aconteceu, o senhor pôde ver pessoalmente que os dias do grande Charcot findaram e que os novos rumos da psiquiatria estão conosco, entre Zurique e Viena. Saímos assim salvos e ilesos de um primeiro perigo (FREUD, 1976, p. 109-110).

O deleite com as impressões da viagem e o certo “ciúme” caso tivesse que compartilhar um complexo de Paris mostram como Freud desejava ter Jung por perto, com os rumos da Psiquiatria entre Viena e Zurique. Nesse caso, verificamos que os modos de se expressar indicariam uma emoção que tinha preferências quanto à realização pessoal de Freud, que

prezava pela continuidade e pela desenvoltura do complexo de Viena em relação ao de Paris. Ao utilizar um vocabulário de seus próprios empreendimentos intelectuais, tal qual “complexo”, Freud criaria um vínculo ainda mais forte no que concerne à emoção contada, entrelaçando sua expressão com a linguagem psicanalítica.

As cartas tinham uma organização própria, uma atividade realizada para comunicar ao outro, mas também para refletir os próprios anseios, em uma construção performática daquilo que se espera que o interlocutor saiba de quem escreve.

As cartas são frutos de um enorme investimento nas relações – enorme em termos do tempo gasto lendo-as e escrevendo-as, e também quanto à intensidade dos sentimentos. Mas são sobretudo uma mescla muito bem-sucedida de proximidade e de distância, de atividade auto-erótica (sexualização do ato físico de escrever, e também gozo na formulação das próprias palavras) e relação verdadeira com o outro, permitindo a abertura para que este o surpreenda e o inspire, o comova e o faça sentir-se amado” (MEZAN, 2000, p. 171).

Dizer que investir no outro é igualmente investir em si mesmo quando pensamos nas correspondências é coerente, pois entre as atribuições de um correspondente está o sentar, o formular, o dedicar-se ao assunto proposto pelo interlocutor e até mesmo o trajeto que se faz para postar a carta. Esse é um movimento que, apesar de ter um caráter primeiro de sociabilidade, é dotado de ausências, de silêncios: “A relação epistolar é então trabalhada pela ausência e pela espera de se rever ou de receber resposta, explorando os vínculos para reavivá-los. Ela é a maneira de dar lugar ao outro expondo-se a si mesmo” (VINCENT-BUFFAULT, 1996, p. 18).

Santos (2008) aponta, ainda, algumas relações interessantes sobre a sensibilidade envolvida na escrita de cartas, pensando a partir da perspectiva do autor da carta:

[...] o autor expõe-se mais efetivamente e mais imediatamente do que quando escreve, por exemplo, um diário. Ele quer ser escutado, ou melhor, lido. Ele quer que o outro interaja com seus pensamentos, sentimentos, ou com o que seja o conteúdo de sua narrativa epistolar. Ao mesmo tempo em que o escritor-remetente “dá-se a ver” e quer ser visto pelo receptor-destinatário, este está também sendo “visto” pelo primeiro, no momento ímpar da escritura. É uma forma muito especial de presença que se impõe ao imaginário de quem escreve. (SANTOS, 2008, p. 67-68).

1.2 DE FREUD PARA JUNG, DE JUNG PARA FREUD: A DINÂMICA DAS CARTAS

“Perdoe-me a demora em responder sua última carta, tão afetuosa e tão rica em detalhes” (JUNG, 1976, p. 60). As primeiras linhas de Jung a Freud, na carta de 8 de janeiro de 1907,

tratam de um pedido de desculpas pela sua demora em escrever, revelando uma ocasião comum entre os correspondentes: a demora de Jung e a ansiedade de Freud pela resposta. Os primeiros anos de relacionamento entre os dois médicos, documentados na vasta correspondência que trocaram, demonstram o entrecruzamento de interesses e a admiração mútua que cooperaram não somente para o estreitamento do laço afetivo entre os dois, como também amalgamaram a formulação inicial da Psicanálise.

As cartas possuem formatos diversos quanto à estrutura, uma vez que existem cartas longas e cartas curtas e os assuntos são variados. Usualmente, há uma atualização sobre os afazeres cotidianos no momento de escrita da carta, pedidos de desculpas por atrasos pela resposta ou por inconveniências, relatos de casos clínicos, comentários acerca de artigos e de livros recém-publicados ou de eventos prestes a acontecer. É digno de realce, por exemplo, que todas as cartas possuem exórdios distintos da parte de Freud, que chama Jung de “Caro colega³¹ (*Sehr geehrter Herr Kollege*)”, de “Caro amigo (*Lieber Freund*)” ou “Caro amigo e colega (*Lieber Freund und Kollege*)”, enquanto Jung dificilmente modifica seu exórdio, “Caro Professor Freud (*Hochverehrter Herr Professor*)”, o que manifesta certo cuidado ao sempre se referir ao vienense como professor, com quem estaria sempre aprendendo, ao passo que Freud tentava aproximar-se do suíço com equidade, em uma relação mais íntima ao chamá-lo de amigo. Contudo, como veremos, essa consideração deve ser problematizada.

Costumavam iniciar com o estado atual das coisas: da saúde, do trabalho ou da família. Após isso, apresentavam o desenvolvimento do tema prevacente, por exemplo na carta do dia 17 de fevereiro de 1908, enviada por Freud, cujo tópico foi o evento que estavam organizando juntos em Salzburgo, em que escreveram sobre acomodações para os comunicadores, a programação e quem deveria assumir a presidência do evento. Em seguida, encaminhando-se para o final, o vienense atualizou um de seus casos clínicos sobre paranoia. A conclusão dessa carta é um lamento porque não estariam “em paz” no evento, já que teriam que administrar suas atenções às outras pessoas; por fim, a assinatura, precedida de um “Cordialmente (*Ihr herzlich ergebener*)”, nesse caso – mas que poderia também ser um “Atenciosamente (*Ihr ganz ergebener*)” –, algo comum na correspondência.

Da correspondência emergem imagens de Freud e de Jung, do cotidiano, de suas personalidades, de expectativas e de rotinas. No caso de Freud, Alain Mijolla (1992) analisou aquelas que felizmente ajudam a compreender não somente a dinâmica de Freud, mas também

³¹ Nota ao leitor: todas as traduções são da edição em alemão *Sigmund Freud/C. G. Jung Briefwechsel*, também organizada por William McGuire e com a colaboração de Wolfgang Sauerländer, que não colaborou na edição em português. A edição foi publicada pela editora Fischer Tauschenbuch Verlag, em 1984.

características de seus correspondentes, inclusive de Jung. O autor questiona a respeito do tempo dedicado a essas produções secundárias – as cartas –, que não tinham o objetivo de ser uma obra acabada destinada à leitura, e conclui: “mas quem pode decidir sobre seu caráter fugidío?” (p. 11-12), reportando-se aos sentimentos ou aos fatos passageiros que podem ser privilegiados de forma exagerada nos escritos sobre cartas. Para o autor, as preocupações da vida cotidiana conduzem a uma reflexão mais aprofundada sobre suas proposições teóricas e práticas, então o benefício está, também, em verificar o “Homem Freud [...] fincado no centro de seus capítulos” (p. 12) e como se desenham as interfaces desse complexo movimento. Dentre as significativas caracterizações que ele faz das cartas, destaca o caráter compulsivo de Freud por elas, uma paixão, algo que se fazia com as mãos todos os dias, movimento denominado “artesanato epistolar” (p. 28).

Nesse mesmo movimento, mas com menor compulsão, temos Jung, artesão epistolar. Ele se comunicou com distintos nomes de seu tempo, com pessoas que também trocavam cartas com Freud e com interlocutores de seus escritos após o rompimento, como teólogos, sacerdotes e o público geral. Uma característica própria de Jung era a tentativa de explicar suas formulações ao público, em busca de homogeneidade em suas formulações teóricas e na trajetória pessoal³².

Das imagens de Freud e de Jung estudadas por Mijolla, registramos o que ele percebeu sobre a condição de Jung – a de demandante –, aspecto que Freud, experiente e famoso por seus trabalhos, distinguiu e manipulou com cuidado. Partindo de uma experiência traumática com Wilhelm Fliess³³ (1858-1928), em que não havia sobreposições, isto é, correspondiam-se de igual para igual, o vienense tomou cuidado para que fosse diferente com Jung. O que Freud esperava de seu jovem correspondente é que ele mesmo representasse “um pai e não um colega da mesma idade, como tinha ocorrido com Fliess” (MIJOLLA, 1992, p. 31).

Para pensar nas imagens de Freud e de Jung ou de qualquer correspondente, Mijolla (1992) frisa o que julga o aspecto mais simbólico da troca ou do desejo da troca: o prazo entre a carta e a resposta. Com respaldo nessa afirmação e procurando prezá-la em toda a análise das cartas, mencionamos as primeiras trocadas entre Freud e Jung, que trazem um dado singular sobre características de Freud e de Jung como epistológrafos. O primeiro dado impactante é o prazo da resposta entre a primeira carta enviada por Freud (11 de abril de 1906) e a resposta de

³² Ver Salamon e Oliva (2020).

³³ Foi amigo íntimo de Freud e teórico da bissexualidade. Especializou-se em otorrinolaringologia e fez pesquisas atinentes à relação do nariz e dos órgãos genitais. Os dois mantiveram amizade curta, mas apaixonada, e delinearão ampla correspondência, da qual só se conhece a parte escrita por Freud (ROUDINESCO; PLON, 1998).

Jung (5 de outubro de 1906): 5 meses. A mesma dinâmica ocorreu nas demais correspondências de 1906, qual seja: a rápida resposta de Freud e a demora de Jung. Como na carta do dia 6 de dezembro de 1906, enviada por Freud, que teve resposta de Jung apenas no dia 29 de dezembro de 1906, passados 23 dias. Freud enviou uma carta no dia 30 de dezembro, um dia após a escrita de Jung – que possivelmente ainda não havia chegado a Viena. Nessa carta do dia 30, Freud realizou uma observação esquemática acerca de um caso clínico – mas também há palavras de esperanças sobre o próximo ano e saudosismo pelo ano que passou –, para o qual esperava após tantos dias sem resposta do suíço.

Fichtner (1992) faz relevantes apreciações sobre os procedimentos do historiador em relação às cartas, em especial no que toca à necessidade de descrevê-las e de traçar um “contexto de comunicação” (p. 66). Trata-se do momento em que o historiador é capaz de identificar o contexto da carta entre todas as outras cartas da correspondência ou até mesmo o entrelaçamento do material contido nela com outros documentos que possuem algum tipo de intersecção quanto aos temas tratados. Ao estudar fenômenos como as emoções, é sempre importante ter essa estrutura em mente para que consiga não perder de vista os aspectos que embasam a possibilidade de pensar uma emoção, quer dizer, aquilo que está nas fontes. Fichtner (1992) lembra, ainda, a imprescindibilidade de perseguir os lapsos e as correções nas cartas, afinal, “será que existe alguém melhor para ensinar isto que o próprio Freud?”³⁴ (p. 65).

1.3 PUBLICAÇÃO E GUARDA

McGuire, no prefácio à sua edição, apresentou o percurso histórico das correspondências, de seus registros particulares à publicação comercial. O início se deu com Freud, com a primeira carta enviada em 11 de abril de 1906, tendo como assunto um agradecimento pelo volume intitulado *Diagnostic Association Studies*³⁵, escrito por Jung e enviado ao vienense em abril de 1906. Desde então, tornou-se ativo o debate entre a Escola de Zurique – representada sobretudo por Eugen Bleuler (1857-1939)³⁶ e por Jung – e a Psicanálise,

³⁴ O historiador está referindo-se ao conceito de “Ato Falho”, que significa um projeto, uma atitude ou uma palavra que o sujeito visa externar, mas comete uma ação ou uma conduta imprevista. Segundo Freud, é preciso analisar os motivos inconscientes de quem realiza esse movimento (ROUDINESCO; PLON, 1998).

³⁵ Grosso modo, a teoria de associação de palavras é uma lista de aproximadamente 100 palavras, na qual a pessoa em análise é orientada a reagir com a primeira palavra que se passa na sua cabeça o mais depressa possível e a resposta é marcada com um cronômetro. Depois, na segunda parte do teste, pronunciam-se as palavras-estímulo e a pessoa deve repetir as respostas anteriores: a memória falha e esses erros são os mais pertinentes.

³⁶ Psiquiatra suíço, conhecido especialmente por sua contribuição para o estudo da esquizofrenia (antes chamada Demência Precoce) e por seu trabalho marcante na Universidade de Zurique. Eugen Bleuler é um personagem crucial para a compreensão do relacionamento de Freud e de Jung, pois permaneceu como diretor do Hospital Burghölzli, onde Jung trabalhava e devia submeter-se aos seus comandos como chefe. Além disso, Bleuler não era

ou a Escola de Viena.

A história do relacionamento de Freud e Jung a partir de 1906 está naturalmente contida nas cartas desse volume – o gradativo estabelecimento da consideração, da confiança e da afeição mútuas, o intercâmbio contínuo de informações e opiniões profissionais, a rápida elaboração do movimento psicanalítico, a troca íntima de notícias familiares, as observações sobre colegas e adversários, não raro acerbas e cheias de espírito, e, a longo termo, a emergência de divergências, discórdias, mal-entendidos, sentimentos melindrados, até a ruptura e a separação finais (MCGUIRRE, 1976, p. 19).

A família Freud deixou Viena em 1938 para fixar-se em Dover, na casa 20, Maresfield Gardens, no Reino Unido. Freud faleceu nesse endereço, em 23 de setembro de 1939, local de guarda das cartas. As cartas de Jung sobreviveram à mudança da família Freud para Londres e às diversas vezes em que o vienense ateou fogo aos seus papéis:

As cartas de Jung, apesar da crueldade da ruptura, escaparam do sacrifício assim como as de Abraham, de Ferenczi, etc., sem dúvida porque, para Freud, o período de sua história pessoal tinha cedido lugar à psicanálise e ao movimento psicanalítico, cujas marcas já se tornaram importantes conservar (MIJOLLA, 1992, p. 43).

É notável a consciência de valor histórico que Freud teve com as cartas que pudessem colaborar com a história da Psicanálise, ou seja, havia zelo autobiográfico pelo movimento de sua autoria, mas não tanto por suas cartas pessoais. Mijolla (1992, p. 42) indica uma “violência extrema” de Freud com sua própria autobiografia. Segundo o autor, o vienense usou a lei do tudo ou nada em uma “condenação de seu passado e dos personagens que o habitavam” (p. 42). Freud escrevia muito, e Gerhard Fichtner (1992) estima que o autor tenha produzido cerca de 20.000 cartas.

Já as cartas de Freud recebidas por Jung permaneceram intocadas por quase 40 anos, guardadas em um local denominado “esconderijo”, um pequeno cofre dentro de um quartinho (MCGUIRRE, 1976). Jung era um epistológrafo menos assíduo do que Freud, visto que trocava cartas com menos pessoas e com menos frequência, apesar do valor desse meio de comunicação para seu cotidiano. Alfred Ernest Jones (1879-1958)³⁷ assumiu a empreitada da produção de uma biografia de Sigmund Freud em dois volumes, e o que avivou o interesse sobre as cartas foi o seguinte: Jones escreveu a Jung pedindo para ver os textos que Freud o endereçava, mas

integralmente convencido da teoria da sexualidade de Freud, o que causou queixas dirigidas do austríaco a ele em muitos momentos na correspondência.

³⁷ Neuropsiquiatra e psicanalista galês, além do biógrafo oficial de Freud.

Jung respondeu que os escritos não eram importantes e que continham observações particulares, não contributivas à biografia de Freud. Após o episódio, Jung confiou as cartas à Aniela Jaffé, que levou ao Instituto C. G. Jung³⁸, pois, embora não tivessem “importância”, possuíam “valor histórico” (MCGUIRRE, 1976, p. 21).

Não havia muita certeza sobre a salvaguarda das correspondências enviadas por Jung como havia das enviadas por Freud. Levando em conta a mudança de cidade e depois a morte de Freud, as correspondências ficaram desprotegidas, havendo até mesmo dúvida no referente à sua existência. A trajetória desses escritos até finalmente se juntarem e passarem pelas criteriosas condições do suíço e, após seu falecimento, por seus discípulos e seus familiares foi encarada de uma maneira menos cautelosa por parte dos que respondiam por Freud, isso no que concerne à junção, à correção e à publicação do material epistolar. Em 1956, estabeleceu-se um plano de trabalho entre os *Freud Archives*³⁹, Anna Freud (1895-1982)⁴⁰ e o Instituto Jung, com a transcrição submetida à análise dos seguintes: Anna Freud, Heinz Hartmann (1894-1970)⁴¹, Ernst Kris (1900-1957)⁴², Ernest Jones e Hermann Nunberg (1884-1970)⁴³. O plano era manter uma estratégia que privilegiasse as pessoas que acompanharam de perto os fatos e os indivíduos de relevo no período de contribuição dos intelectuais (MCGUIRRE, 1976). Jung reconhecia o interesse de seus colegas acerca dos elementos psicológicos contidos nas correspondências, mas argumentava contrariamente à publicação ou que isso ocorresse após um período posterior à sua morte, por conter questões pessoais.

Em 1957, Jung acabou concordando com a publicação, conquanto apenas de uma seleção delas. Esse novo impulso foi dado por Kurt Wolff⁴⁴, que também convenceu Jung a escrever uma autobiografia em 1956. Em 1958, Jung escreveu a Kurt Eissler (1908-1999)⁴⁵ sobre o prazo de publicação de suas cartas, que seria 30 após a sua morte, mas estava sendo repensado, por ter sido muito procurado; de acordo com as alegações do suíço, não poderiam publicar antecipadamente sem submeter a uma revisão necessária, pois os escritos nunca foram produzidos pensando-se em um propósito de ampla divulgação. Em resposta, Eissler, que não

³⁸ Localizado no cantão de Zurique, fundado em 1948, por C. G. Jung, com vários colaboradores, como Marie-Louise von Franz (1915-1998) e Jolande Jacobi (1890-1973).

³⁹ É uma fundação independente, fundada em 1951, que se dedica a coletar, a conservar, a comparar e a disponibilizar para uso acadêmico todos os escritos psicanalíticos e pessoais de Freud.

⁴⁰ Psicanalista, filha de Freud.

⁴¹ Psiquiatra e psicanalista, tido como um dos maiores representantes da Psicologia do ego.

⁴² Organizador das cartas Freud/Fliess, psicanalista austríaco e historiador da arte.

⁴³ Foi um psicanalista e neurologista polonês, colaborador de Jung com testes sobre a teoria de associação de palavras.

⁴⁴ Fundador da Pantheon Books, em Nova Iorque, firma escolhida para publicar um programa que tinha como pedra angular as obras completas de Jung.

⁴⁵ Fundou e defendeu arquivos de Freud, psicanalista austríaco e colaborador próximo de Freud.

havia lido as cartas, retomou a opinião do Dr. Ernst Kris, que as conhecia, e afirmou que seria relevante publicar ao menos as correspondências que contivessem problemas científicos, como questões do narcisismo e da esquizofrenia, presentes em suas comunicações (MCGUIRRE, 1976).

Em agosto de 1961, após a morte de Jung, foi realizada uma reunião com alguns familiares, discípulos e editores a respeito do trabalho editorial intensivo que deveria começar nas correspondências. Em 1969, os responsáveis chegaram à conclusão de que deveria ser resolvido à luz do que se apresentava naquele momento, e não pelas restrições de Jung, alegando que a publicação deveria ser feita ainda enquanto havia pessoas que conheciam Jung e Freud, para poderem trabalhar no editorial. Então, em 25 de fevereiro de 1970, Franz Jung (1888-1963)⁴⁶ voou de Zurique para Londres, ao encontro de Ernst Freud⁴⁷, para permutarem as cartas de seus pais e traçarem planos para a rápida publicação da correspondência, que deveria ser tratada como um documento histórico, com menos comentários possíveis e na íntegra (MCGUIRRE, 1976).

Ernst Freud morreu em 1970, mas todas as disposições contratuais foram completadas para a publicação das correspondências. As cartas originais de Freud foram compradas de seus herdeiros pela Biblioteca do Congresso, graças a um benfeitor anônimo, e agora se encontram na Divisão de Manuscritos; as cartas originais de Jung permanecem no Instituto C. G. Jung, de Zurique, e sua venda está proibida (MCGUIRRE, 1976). A historicidade dessas cartas lembra-nos que esse tipo de arquivo é fonte de litígios e de busca de controle pelos herdeiros e pelos familiares dos personagens envolvidos (COX, 2017), normalmente pela preservação da reputação e do trabalho de ambos.

1.4 ENTRE VIENA E ZURIQUE-KÜSNACHT: AS CARTAS EM SUAS CARACTERÍSTICAS E POTENCIALIDADES

A cultura de cartas explodiu com o advento do sistema postal no século XIX: a atividade de ler e escrever cartas passou a ser um elementar aspecto da burguesia neste momento, e a escrita se afirmou ainda mais como símbolo de conexão e de informação (COX, 2017) e, por isso, uma prática amplamente valorizada. Quer pelo contato externo que o escrevente estivesse submetido ao comunicar-se por elas, quer pela aura ritualística e pela concentração desse movimento, o epistológrafo selecionava seu papel e, atenciosamente, com sua pena, detalhava

⁴⁶ Arquiteto e filho de Jung.

⁴⁷ Na ocasião, estava passando mal do coração, mas se vestiu para receber Franz Jung.

os assuntos que desejava comunicar, tendo selecionado anteriormente: o tamanho, a textura do papel, a caneta e o peso final da carta a ser postada (COX, 2017).

A dinâmica de cartas no século XX provém da tradição de correspondências sofisticadas do século XVII, do culto das correspondências no XVIII e da função de instrumento de autorrevelação do XIX. Nosso recorte, ao refletir sobre cartas, perpassa a cultura de correspondência do XIX como continuidade até a segunda década do século XX, que equivale à nossa temporalidade de análise, parte da movimentação que engloba a cultura de cartas do movimento psicanalítico e psiquiátrico (GAY, 1999). O culto à sensibilidade e a valorização da espontaneidade e da escrita “como se estivesse conversando com o outro” (p. 337), canonizado mais tarde pelo Romantismo, foi um dos elementos que possibilitaram as vias afetivas nas correspondências. “O estilo confessional e confidencial, disponível a burgueses de todos os tipos – protestantes, católicos, judeus e ateus -, floresceu tanto entre os homens como entre as mulheres” (p. 338). Em outras palavras, a espontaneidade e a sinceridade nas cartas eram um valor do contexto relacional dos médicos.

1.4.1 Lacunas, Silêncios e Ausências de Cartas

Segundo os dados sobre itens faltantes apresentados por McGuirre (1976), temos um total de 13 cartas e de 9 cartões ou telegramas faltantes de Freud e de 4 cartas e de 4 cartões ou telegramas faltantes de Jung. Além disso, não constam na edição mencionada uma carta perdida escrita por Emma Jung a Freud e todas que ele escreveu a ela⁴⁸. Com esse panorama, inferimos um maior cuidado na sistematização feita por Freud, já que as de Jung são as que menos faltaram nos itens ausentes. Ao contrário, mesmo Jung sendo um profícuo escritor de cartas, a quantidade de cartas denuncia algum tipo de movimento realizado no manejo com as correspondências. Será que são momentos em que descuidou ou elas não chegaram em nossas mãos propositalmente?

Se observarmos o entorno da primeira carta faltante⁴⁹, isto é, os assuntos tratados em cartas anteriores e posteriores próximas da carta faltante, em 4 de dezembro de 1906, notaremos um desconforto de Freud diante da atitude resistente de Jung no tocante aos postulados

⁴⁸ Foi uma escolha metodológica do organizador McGuirre incluir as cartas de Emma Jung enviadas a Freud. Acharmos uma escolha feliz, pois oferece ainda mais ingredientes para pensarmos a teia de relações intrincadas nesse contexto. Cumpre ressaltar a existência de uma polêmica em torno dessas cartas, que teriam sido enviadas com o consentimento de Jung para melhorar o relacionamento entre os dois, que começava a declinar (MIJOLLA, 1992).

⁴⁹ A carta faltante de Freud é anterior à de Jung enviada em 4 de dezembro de 1906.

psicanalíticos. O contexto da carta anterior, do dia 26 de novembro do mesmo ano, é o envio de uma separata⁵⁰ contendo uma resposta de Jung à crítica feita por Gustav Aschaffenburg (1866-1944) à teoria da histeria de Freud, a qual Jung realizou de acordo com sua “posição subjetiva” (JUNG, 1976, p. 49), o que poderia não estar integralmente em conformidade com os pressupostos de Freud. Na carta seguinte, em que o editor notificou sobre a ausência da carta escrita por Freud, Jung agradeceu por o austríaco não ter se ofendido com a “apologia” e justificou sua postura por questões políticas, e não por crítica. Nessa mesma carta, Jung mencionou seu aprendizado iniciante nas formulações de Freud e asseverou: “Pouco a pouco, mesmo na descrença, aprendi a ter cautela” (p. 51).

Em seguida, Jung enumerou reflexões diante da sua pretensa subestimação dos resultados terapêuticos da Psicanálise, sendo eles: 1) existe uma classe social específica para quem a Psicanálise é dedicada, de modo que as pessoas sem instrução demonstram resultados menos promissores; 2) a responsabilização de Freud diante da diversidade de interpretações e sua incorporação por médicos incompetentes causaria problemas futuros; 3) não há clareza no conceito de histeria. Diante disso, Jung sugere a Freud a não evidência dos resultados terapêuticos, que poderiam trazer interpretações negativas e comprometer a teoria psicanalítica em gestação. Ao final da carta, reafirma-se como um entusiasta da Psicanálise e ressalta que esse conhecimento abriu inúmeras perspectivas (JUNG, 1976).

É intrigante a problematização desses pontos, porque é um momento inicial do relacionamento. Era a quarta carta enviada por Jung e, nesse cenário, expressava a sua “cautela” diante de críticas à Psicanálise, bem como enumerava reflexões que, a partir de seu ponto de vista, poderiam prejudicar esse projeto, que aos poucos tornava-se também seu, mas que, neste momento, ele deixou a cargo de Freud. Em 1906, Freud era um homem maduro e experiente, com seus 50 anos de idade. Jung, por sua vez, tinha 31 anos e estava estagiando na Clínica Burghölzli, de Zurique, sob o comando de Eugen Bleuler. Ter alguém jovem e arguto como Jung era do interesse de Freud, tanto mais por sua capacidade de analisar a fundo e de tecer comentários e dúvidas diante das formulações psicanalíticas existentes até então.

O editor mencionou a ausência de uma carta escrita por Jung na carta escrita por Freud em 30 de dezembro de 1908. Portanto, era um contexto em que o relacionamento já era mais desenvolvido, em comparação com a primeira carta, tendo em vista a ocorrência de encontros pessoais e de trabalhos conjuntos em datas anteriores. Essa carta é interessante, pois é a última

⁵⁰ Impresso com textos publicados em jornal ou em revista. É muito comum a menção ao envio de separatas nas cartas de Freud e de Jung, assim, mantinham-se informados do texto, bem como da disposição tipográfica na publicação em questão.

do ano mencionado e traz um certo balanço e vistas para o futuro da causa comum. O tópico que permite identificar a falta da carta é a menção de Freud a um assunto tratando de Nicolas Abraham⁵¹ (1919-1977). Este último e Jung tiveram uma desavença, porque, ao invés de publicar os resumos feitos por ele, Jung, ocupando o papel de organizador do periódico *Jahrbuch*, publicou seu próprio ensaio. Freud se espantou, porque era para Abraham ter comunicado a retirada dos resumos e a publicação de uma súmula da obra de Freud na edição mencionada.

Nesse caso, diante da ausência da carta de Jung, podemos cogitar, no campo das hipóteses, uma retirada desse arquivo para Freud consultar as informações faltantes da situação envolvendo Abraham e Jung e a não devolução à pasta arquivo. Não é o caso de se pensar que Jung tivesse escrito algo que Freud fizesse questão de esconder, por isso essa falta não parece intencional. Dessa forma, as faltas oferecem mecanismos de aprofundamento nas fontes e propicia-nos realizar inferências diante do contexto que se apresenta e dos ânimos expressados nas cartas que precedem ou antecedem as faltas.

Objetivamos contemplar as faltas de cartas, tal como de cartões e de telegramas, sempre que possível, para que nos aproximemos de uma resposta plausível a respeito de suas ausências. O quadro cronológico exibido ao final da edição de 1976 (MCGUIRRE, 1976) fornece um panorama conciso para percebermos a quantidade, a frequência e os períodos entre as respostas, que podem dizer sobre interesse e rotina dos médicos.

1.4.2 Frequência e Quantidade de Correspondências

Em 1906, ano do primeiro contato entre os personagens, houve apenas 5 cartas trocadas. A primeira carta foi enviada por Freud, em abril, e respondida por Jung apenas em outubro. No ano seguinte, 1907, eles se encontraram pela primeira vez e as correspondências passaram a ser mais frequentes: há 26 correspondências enviadas por Jung e 21 enviadas por Freud, sendo uma média de 2 a 3 cartas por mês de cada correspondente, com exceção do mês de outubro, em que não consta nenhuma carta de Freud, mas há a indicação de 2 itens faltantes na carta seguinte, de Jung, em 28 de outubro de 1907. Em outros termos, se tivéssemos todas as cartas do ano de 1907, incluindo as faltantes, teríamos 26 de Jung e 24 de Freud.

⁵¹ Psicanalista francês, de origem judeu-húngara, teve uma formação abalizada pela fenomenologia de Husserl. Foi conhecido pelo trabalho que desenvolveu com sua esposa, Maria Török (1926-1998), sobre “O homem dos Lobos”, o qual foi prefaciado pelo filósofo Jacques Derrida (1930-2004). Este último se tornou seu amigo em 1959, tendo como ponto comum a paixão pela filosofia e o modo de ler os textos freudianos (ROUDINESCO; PLON, 1998).

O ano de 1908 apontou um aumento expressivo no número de cartas trocadas por cada um dos intelectuais. Esse ano, marcado pelo Congresso de Salzburgo⁵² e pelo início da parceria entre o círculo de Viena e o círculo de Zurique, contou com 34 cartas enviadas por Freud e 33 de Jung, mas 2 delas estão entre os itens faltantes. O ano de 1909 foi igualmente promissor – embora com menos cartas do que 1908 – para a causa psicanalítica e os elos acordados entre Freud e Jung, pois contamos com 22 e 25, respectivamente. Faltaram 1 carta de Jung e 2 de Freud nesse ano.

O ano de 1910 marcou o início de uma série de eventos na relação de Freud e de Jung, pois ocorreu o Congresso de Nuremberg⁵³, de 30 a 31 de março de 1910, organizado pelo núcleo Freud-Jung. Foi mantida uma média de cartas anuais: 31 cartas de Freud e 31 de Jung, todavia contamos com apenas 29 do primeiro. Em 1911, podemos ver o afunilamento da tensão que começava a apresentar-se na relação entre eles, evidenciada pela interferência de Emma Jung em uma carta enviada a Freud acerca de uma possível desavença entre ele e o seu marido, convidando-o a dizer sobre o incômodo dele com “Transformações da Libido”⁵⁴ e questionando se haveria algum outro ponto que o tivesse aborrecido. Há 4 cartas de Emma entre os meses de outubro e novembro de 1911. Alguns autores postulam que tal “intromissão” foi com a ajuda do marido, ou seja, as cartas teriam sido enviadas com o consentimento e a intenção de Jung (MIJOLLA, 1992), mas não há comprovação de tal intenção. Há possibilidade de ter sido uma saída visada por Jung diante do decaimento da relação, mas também uma atitude de Emma, que era atenta ao que o marido valorizava. Ademais, a literatura sobre Emma Jung tende a atribuir todos os seus feitos às ações do marido, de modo que é necessária uma investigação mais aprofundada sobre a escrita dessas cartas e sobre o papel de Emma. O que afasta nossa reiteração do argumento de Mijolla são alguns excertos, nessas mesmas correspondências, em que Emma Jung se queixa do próprio Carl Jung e do ofício que sempre ocupa como esposa e como mãe para Freud (JUNG, 1976).

Ao examinarmos o número de cartas enviadas por cada um dos médicos no ano de 1912, verificamos uma alta dissonância, visto que o número de cartas enviadas por Jung supera a

⁵² Realizado em 27 de abril de 1908, foi o primeiro Congresso Internacional de Psicanálise. Nesse encontro que reuniu 42 participantes, tomou-se a decisão de lançar um periódico dedicado à Psicanálise, o *Jahrbuch*, que publicava 2 números por ano.

⁵³ Realizado entre 30 e 31 de março de 1910, foi o segundo Congresso Internacional de Psicanálise. Nesse contexto, Jung fez uma viagem de urgência à América, muito próxima ao evento, mas chegou a tempo. A grande decisão desse encontro foi a idealização da Sociedade Psicanalítica Internacional (*Internationale Psychoanalytische Vereinigung*), da qual Jung foi eleito presidente, e, Franz Riklin (1878-1938), secretário. Os dois últimos também ficaram responsáveis por editar a *Korrespondenzblatt*, a ser publicada mensalmente, com o objetivo de manter os associados informados das decisões mais valorosas sobre o movimento psicanalítico.

⁵⁴ Esse livro e sua publicação foram o ponto culminante que levaria Freud e Jung a romper a colaboração de tantos anos, pois tratou estritamente da questão da libido, que discordava do postulado psicanalítico de Freud.

quantidade de cartas enviadas por Freud. São 33 enviadas por Jung, comparando com 18 enviadas por Freud, sem uma faltante. Esse ano foi marcado por uma dificuldade de comunicação de ambas as partes: de um lado, Freud incomodado com os estudos de Jung relativos aos “Símbolos da Transformação”⁵⁵, que traziam uma discordância da teoria da libido, afastavam-se dos pilares psicanalíticos instituídos pelo austríaco e afrontavam a sua autoridade; já da parte de Jung, constatamos que, pouco a pouco, as incompreensões, as dúvidas e os assuntos mal resolvidos desde muito cedo em encontros, em congressos ou em cartas transformaram-se em um tom irônico, franco, com manifestação de sua insatisfação ao ser regularmente repreendido por suas neuroses e não compreendido intelectualmente, entre outras coisas que sempre o desagradaram (JUNG, 1976).

Por fim, em janeiro de 1913, Freud propôs o fim de suas relações pessoais, proposta aceita por Jung em carta do dia 6 de janeiro de 1913. Há conhecimento de 4 cartas de Freud nesse ano, mas 2 faltantes; de Jung, contudo, há 14 cartas, abordando temas estritamente profissionais. Em abril de 1914, Jung renunciou à presidência da IPA, que foi duradoura, mas perdurou pouco mais de 1 ano após o rompimento. Houve, ainda, uma carta enviada por Jung no ano de 1923, com o objetivo estampado na 1ª linha: referir um caso à autoridade médica de Freud. Assim sendo, fizemos um sobrevoo rápido sobre alguns encadeamentos da amizade de Freud e de Jung durante os anos de correspondência e de colaboração mútua.

1.4.3 Acontecimentos e Diálogos Externos às Cartas

A transformação da intimidade é nítida após alguns eventos, como notamos por meio do exemplo da primeira visita da família Jung à Viena. Nesta ocasião, em que Jung viajou com Emma e um de seus alunos, comunicou a Freud, em uma carta do dia 26 de fevereiro de 1907, o dia de sua chegada e o hotel em que se hospedariam, caso Freud precisasse escrever e ele. Na carta seguinte, de 31 de março, contando mais de um mês sem comunicação epistolar, mas tendo comunicação pessoal, Jung diagnosticou esse período como um “prolongamento de seu tempo de reação” (JUNG, 1976, p. 65), referindo-se ao “tumulto de complexos”⁵⁶ despertados

⁵⁵ Nota ao leitor: todas as vezes em que houver a referência à “Símbolos da Transformação” (2013), é importante que seja esclarecido que se trata do texto “Transformações e Símbolos da Libido”, publicado em 1912, no *Jahrbuch*. “Símbolos da Transformação”, como está referenciado, trata-se da versão reeditada por Jung posteriormente e publicada em 1952, à qual tivemos acesso nesta pesquisa.

⁵⁶ Complexo é um termo criado por Theodor Ziehen (1862-1950) e usado majoritariamente por Jung para designar fragmentos soltos de personalidade, ou melhor, alguma característica em específico; ou aparecem como conteúdos separados do consciente e funcionam de modo autônomo no inconsciente. Na terminologia freudiana, a palavra é associada apenas a dois conjuntos de representação inconsciente: o complexo de Édipo e o complexo de castração (ROUDINESCO; PLON, 1998).

em Viena” (p. 65). Nessa mesma carta, Jung retomou pontos conversados durante suas comunicações orais, pois começou apontando a ampla concepção de Freud sobre a sexualidade, que a essa altura já assimilara, mas salientou a importância de confiar em “seu próprio julgamento independente” (p. 66) alegando a resistência do Prof. Bleuler. Indicou principalmente a questão terminológica da Psicanálise questionada pelo diretor do Burghölzli, que tinha uma concepção que a teoria psicanalítica utilizava conceitos pouco didáticos e evocadores de inibições emocionais desnecessárias. Desse modo, ele propôs a modificação do termo libido, para que se referissem a ele em situações mais extremas – levando em conta a limitada compreensão de sexualidade na época em que viviam –, pensando em um termo coletivo menos ofensivo, considerando todas as manifestações libidinais (JUNG, 1976).

É indispensável sublinhar essa complexificação das compreensões teóricas de Freud por Jung, pois, apesar de o suíço insistir no esgotamento de dúvidas quanto à teoria de Freud e da “tremenda impressão” que Freud causou em Jung, após essa visita, com a menção à assimilação da noção da sexualidade e as incompreensões de Bleuler, Jung teceu uma narrativa que, a despeito de ter afirmado compreensão e concordância, não deixa de colocar a questão terminológica – que pode ter sido ou não apontada por Bleuler –, mas age reiteradamente a favor da sua insatisfação com a matéria sexual (em especial sobre a libido) no quadro das formulações teóricas de Freud.

1.4.4 Usos e Funções das Cartas

Jung foi um profícuo escritor de cartas. Escreveu a um público amplo, conquanto majoritariamente tratando de suas investigações científicas. Coincidentemente, a intensidade de suas correspondências iniciou no ano de 1906, mesmo ano do início da correspondência com Freud. Nesse cenário, Karl Abraham e Sándor Ferenczi, entre outros membros do círculo psicanalítico, eram seus correspondentes ativos, isto é, de contato recorrente e interlocutores próximos. Havia pessoas fora desse círculo, mas que faziam parte do escopo de interesses dele, como Hermann Hesse (1877-1962), Conde Hermann von Keyserling (1880-1946) ou James Joyce (1882-1941). Teólogos e pastores também fizeram parte de seus correspondentes, à medida que Jung se ocupou de questões religiosas, mais tarde, em sua trajetória (JAFFÉ, 2002).

No mais, manteve contínua correspondência com seus alunos, o que mostra a participação interessada do suíço com a efetiva aprendizagem destes. Por meio dessas interlocuções, tornava suas construções teóricas mais acessíveis e alinhadas com as necessidades presenciadas. Jung escreveu até o último ano de sua vida, e, ao longo de sua

trajetória como escritor de cartas, essa atividade se tornou repositório de suas ideias criativas e possibilidade de troca para perceber pontos pouco esclarecidos em seus pensamentos. Raramente partia dele a iniciativa da correspondência, mas respondeu a praticamente todas as cartas que recebeu. O médico estava interessado em comunicar-se com pessoas de seu tempo e, motivado por isso, em seus últimos anos de vida, lançou indagações cruciais sobre o futuro da humanidade e, curiosamente, um olhar retrospectivo sobre o seu relacionamento com Freud, o que denota a relevância dada por ele a esse evento (JAFFÉ, 2002).

Jaffé (2002), em uma edição de cartas selecionadas de Jung, mencionou a atitude ambivalente dele em relação às cartas. Elas contribuía com o aumento das horas trabalhadas de Jung e ele tinha aflição pela grande quantidade, mas, ao mesmo tempo, também tinha cada vez mais necessidade de comunicar-se com o mundo acerca de suas concepções. Comumente, suas cartas tinham um teor científico, e esse era o maior argumento para concordar com sua publicação, mas teve objeções quando o assunto foi a publicação das cartas trocadas entre ele e Freud, como vimos anteriormente.

Até 1930, Jung não manteve uma organização rigorosa das cartas que havia recebido, e as cópias das cartas que havia escrito eram escassas. A esse respeito, desculpou-se, pois não imaginava que elas viessem a ter alguma pertinência. Entre 1908 e 1925, recebeu ajuda de sua irmã, Gertrude (1884-1935), que, nesse contexto, secretariava Jung com as cartas, posto que ela trabalhou como enfermeira no Burghölzli. Depois desse período, teve ajuda de sua esposa e, em 1931, teve ajuda de sua filha Marianne, que foi a primeira a guardar as cartas recebidas e a fazer uma cópia das enviadas. Por fim, em 1932, Marie-Jeanne Schmid assumiu a função de secretária por 20 anos, tempo que se dedicou, também, à organização do arquivo do suíço. Isso quer dizer que as cartas recebidas, bem como as cópias das enviadas, tinham seu devido lugar (JAFFÉ, 2002).

Segundo Jaffé (2002), era incomum que Jung escrevesse à mão; isso só acontecia com cartas pessoais e com algumas em que encontrava dificuldade para ditar. Quando ela se tornou secretária, em 1955, ele deu autorização para que ela fizesse cópia de todas as cartas enviadas, mas esse movimento de arquivo foi tardio, restando aos organizadores dessa documentação solicitar os documentos anteriores em jornais suíços, alemães, franceses, ingleses e norte-americanos.

Freud era mais sistemático e rápido em suas respostas, Jung demorava um pouco mais, haja vista que não tinha uma rotina inteiramente atrelada aos seus próprios pacientes e às pesquisas, mas tinha que lidar com as diversas atribuições do Hospital Burghölzli. Mesmo que ambos tivessem seu trato pessoal com o movimento epistolar, eles reconheciam a magnitude

desse meio de comunicação não somente para assuntos pessoais, formais, mas igualmente para a consolidação da Psicanálise.

Por vezes Freud se queixou da demora da resposta, mas Jung sempre se desculpava por isso antecipadamente e, na maioria dos casos, costumava justificar seus atrasos. Em uma carta de 1 de janeiro de 1908, Freud escreveu pouco e esclareceu: “temo que a obrigação de me dar uma resposta seja um encargo a mais para o senhor” (FREUD, 1976, p. 149). Essa carta, com “importância prática” (p. 149), foi enumerada e enviada após 10 dias de já ter enviado outra, que não obteve resposta. Pouco tempo depois, foi a vez de Freud demorar quase o mesmo tempo que esperou para sua resposta, explicando: “Excesso de trabalho e doença na família responsabilizam-se pelo atraso com que lhe respondo” (p. 153).

Ainda no início de 1908, em 25 de janeiro, Jung escreveu: “temo molestá-lo com minhas cartas demasiado seguidas. O senhor seria forçado a se queixar, por fim, de minha atividade maníaca” (JUNG, 1976, p. 158). Em resposta, em 27 de janeiro de 1908, Freud replicou: “Como pode imaginar que eu jamais me queixasse de suas cartas demasiado frequentes ou de sua atividade ‘maníaca’? Suas cartas na realidade me fizeram falta” (FREUD, 1976, p. 159).

Na esteira desses períodos de espera entre cartas no início de 1908, identificamos outro caso em que houve atrasos de resposta vindos de Jung, com uma carta de 15 de fevereiro de 1908 escrita por ele: “Mais uma vez há de o senhor estranhar esse meu longo silêncio. O motivo é que me vi às voltas com um violento ataque de influenza” (JUNG, 1976, p. 161). Nesse caso, foi um silêncio por motivo de saúde; em outras vezes, foi por muitos afazeres na clínica, em outras, por serviço militar, por viagens de férias, entre outras ocasiões. Freud dificilmente atrasava suas respostas e demonstrou, em mais de uma oportunidade, seu desagrado pelos períodos de silêncio de Jung. Em resposta, em 17 de fevereiro de 1908, Freud disse estar satisfeito que a influenza foi vencida e que o seu silêncio não resultou de um complexo (FREUD, 1976, p. 163).

Freud parecia atribuir ao período sem respostas alguma inconsistência no relacionamento ou algum assunto incômodo na carta anterior. Ele ficou agradado em ver que não originou de nenhum complexo o silêncio, ou seja, de nenhuma coisa mal resolvida no âmbito relacional. Jung, por sua vez, incomodava-se um pouco menos com um período longo entre respostas. À proporção que o relacionamento se solidificava ao longo dos anos, crescia a intensidade da troca efusiva de cartas, e em qualquer período que isso se rompia a falta era sentida em ambos os correspondentes.

Diante do exposto, ressaltamos a importância das ausências, da comparação de datas, de uma análise com um caráter qualitativo nesta pesquisa. Para nós, é frutífero aliar esse tipo

de análise a estratégias para pensar as emoções nas cartas, em todo o esforço que isso exige do historiador, com vistas a iluminar um espectro subjetivo da amizade e dos impactos sociais que a caracterizavam como tal quando existiu. Perceber esses dados e examinar tais minúcias conduz-nos ao percurso de complexidade da relação e da transformação da intimidade dos autores no decorrer dos anos, trazendo leituras contextualizadas da relação entre eles. O modo como eles se relacionavam com a cultura de cartas, com a própria escrita delas, com as escolhas e com as não escolhas atravessam este estudo, pois é esse tipo de conteúdo que nos aproxima das práticas subjetivas e emocionais dos personagens.

2 SUBJETIVIDADE E EMOÇÕES NO ESTUDO DAS CORRESPONDÊNCIAS

Além disso, gosto muito do senhor; mas já aprendi a subordinar esse fator (FREUD, 1976, p. 115).

A saudade do senhor de quando em quando aperta e eu sucumbo ao espasmo, mas é só de quando em quando; no mais prossigo em minha luta (JUNG, 1976, p. 302).

Encontrar expressões que dão corpo ao que pesquisamos é um dos prazeres dos historiadores. Nosso trabalho por vezes está no equilíbrio entre suposição, investigação, invalidez da suposição e confirmação, mas é verdade que a confirmação não vem somente de palavras, de afirmações categóricas em claro e bom tom. Ela vem, também, de uma série de gestos, de presenças, de preocupações com as preocupações do outro; vem de uma satisfação não pedida, de uma lembrança feliz em meio a um período de descanso; mas também pode vir do encaminhamento de uma causa comum; e por que não da defesa e do polimento do outro diante de suas demandas profissionais? São muitas as possibilidades.

No trecho citado, verificamos objetivamente a externalização do afeto e da falta do outro que os personagens deste estudo expressaram. Seguidos de ressalvas, é claro, não poderiam demonstrar tanto envolvimento na relação, mas precisavam “subordinar” o fator de gostar a fatores de trabalho. A perspectiva de gostar das pessoas com quem se trabalha era praticamente um pré-requisito de Freud e de Jung, e eles mostraram, de várias formas, muito mais do que somente as palavras, mas o afeto que nutriam um pelo outro. Esses exemplos são de palavras trocadas, mas em várias oportunidades eles mostraram o respeito que tinham pelo trabalho e pela trajetória um do outro, mesmo após o rompimento do relacionamento. Embora Jung tenha falado sobre isso mais abertamente, Freud reconheceu o valor da escola de Zurique para o movimento psicanalítico.

Neste capítulo, a apresentação dos autores norteadores visa elucidar a maneira como eles auxiliam a pensar as emoções entre os dois médicos e mostrar o diálogo que eles constroem com nossos objetivos. O caminho escolhido para trabalhar com as fontes também é contemplado. É de nosso interesse perceber as alternativas que o cuidado de si nos oferece para analisar o cotidiano dos missivistas e fundamentar de um modo consistente as contribuições advindas da história das emoções.

2.1 CUIDADO DE SI E EMOÇÕES NO SOCIAL

Michel Foucault e seus estudos sobre a subjetividade (2016) e o cuidado de si (2020, 2010) fornecem a paisagem para que possamos posicionar os instrumentos de trabalho. Apesar da preocupação central com o sujeito, Foucault não se desvinculou do social, em que tudo acontece, é percebido e é elaborado e, por isso, compõe as preocupações dos historiadores sociais. Nesse sentido, o filósofo francês estudou saberes e práticas institucionais que tocam o sujeito e o normatizam, mas também chegou a conclusões que indicam que o público emerge do privado, ou melhor, que é preciso cuidar de si para governar ou mesmo para cuidar do outro:

Não se pode governar os outros, não se pode bem governar os outros, não se pode transformar os próprios privilégios em ação política sobre os outros, em ação racional, se não se está ocupado consigo mesmo. Entre privilégio e ação política, este é, portanto, o ponto de emergência da noção de cuidado de si (FOUCAULT, 2010, p. 35).

As problematizações realizadas por Foucault acerca do sujeito e de seus modos de existência, tal como de suas técnicas, propicia uma maleta de ferramentas para pensarmos os complexos mundos de Jung e de Freud. Aqui, nesta dissertação, constará, em especial, o último Foucault⁵⁷, pois é o momento em que ele se debruçou sobre as implicações afetivas dos sujeitos, sobre exercícios que produziram bem-estar e modificação do sujeito, sem deixar de levar em conta sua preocupação com o poder⁵⁸.

Quando Foucault refletiu a respeito do individualismo, preocupado com as práticas de cuidado de si em *História da Sexualidade 3 – Cuidado de Si* (2020), ele propôs três tipos de realidades que podem caracterizar essa prática: I) atitude individualista: o valor ao indivíduo em sua singularidade e sua independência em relação ao grupo em que se insere; II) valorização da vida privada: importância para relações familiares e para as atividades domésticas; e III) relação consigo mesmo: tomar sobre si mesmo conhecimento e campo de ação para transformar-se (FOUCAULT, 2020). Na última, localizamos os intelectuais em questão – Freud e Jung –, pois alegamos que, no limite, a pesquisa atinente à psique humana exercida pelos dois

⁵⁷ Estamos chamando de “último Foucault” seu período de produção intelectual mais centrado nos problemas da subjetividade, em que lidou com várias temáticas e acabou tocando em diversos campos do saber. Ao final de sua vida, deteve-se às implicações subjetivas dos sujeitos e às relações delas com as pessoas e as atividades que exercem no mundo. Foucault também se aprofundou em exercícios subjetivos que nos são caros, pois, por meio da realização destes, o indivíduo modificaria a si mesmo, como é o caso de cadernos e de cartas: mediante o exercício da escrita, o sujeito se reinventaria e se transformaria. Legitimamos que esse mesmo movimento ocorre nas cartas trocadas entre Jung e Freud: não seriam mais os mesmos após o exercício de correspondência.

⁵⁸ As implicações políticas da Psicanálise e o jogo de ambições colocados na correspondência entre Freud e Jung também podem ser perscrutados pela ampla discussão e pela conceitualização de Foucault acerca do poder. Essa preocupação perpassa nossa análise de fontes, pois, à medida que a relação se solidifica e começam a existir as primeiras tensões, entra em cena certa competição velada em busca de poder.

pensadores era um movimento que proporcionava a possibilidade consciente de conhecimento e de cuidado de si:

É esse tema que, extravasando de seu quadro de origem e se desligando de suas significações filosóficas primeiras, adquiriu progressivamente as dimensões e as formas de uma verdadeira “cultura de si”. Por essa expressão é preciso entender que o princípio do cuidado de si adquiriu um alcance bastante geral: o preceito segundo o qual convém ocupar-se consigo mesmo é, em todo caso, um imperativo que circula entre numerosas doutrinas diferentes; ele também tomou a forma de uma atitude, de uma maneira de se comportar, impregnou formas de viver; desenvolveu-se em procedimentos, em práticas ou em receitas que eram refletidas, desenvolvidas, aperfeiçoadas e ensinadas; ele constituiu, assim, uma prática social, dando lugar a relações interindividuais, a trocas e comunicações e até mesmo a instituições; ele proporcionou, enfim, um certo modo de conhecimento e a elaboração de um saber (FOUCAULT, 2020, p. 58).

O relacionamento pessoal de Jung e de Freud acompanhou o movimento profissional⁵⁹. Ao mesmo tempo em que investigavam as complexidades da psique, participavam, com suas próprias experiências, seus sonhos e seus núcleos familiares, de uma transformação pessoal e de um amadurecimento de suas experiências emocionais. Entrelaçando as reflexões foucaultianas, inferimos que as suas preocupações profissionais fertilizaram o caminho para um cuidado de si e para o estabelecimento de um modo de existência que agregava esse relacionamento em seus cotidianos, fosse na esfera pessoal, fosse no campo profissional.

Em diálogo com Foucault, Francisco Ortega (1999; 2000; 2011) colaborou amplamente com os estudos sobre amizade⁶⁰ e sobre estética da existência, nos quais detectamos as implicações do poder em sobreposição à amizade, bem como seu caráter político, que conforma as individualidades e auxilia no desdobramento das potencialidades dessa relação afetiva, que se assim qualifica porque nasce de um ponto em comum, caro aos componentes relacionais. Freud e Jung iniciaram um relacionamento por possuírem um interesse comum – a psique – e por dialogarem e concordarem em uma diversidade de temas no início do relacionamento. Imbuídos de necessidades profissionais, tais quais o diálogo científico, a instituição de redes de

⁵⁹ O próprio Freud reconheceu a necessidade de um envolvimento afetivo para compreender a Psicanálise em *Uma Dificuldade da Psicanálise*, de 1917: “Direi, logo de início, que não me refiro a uma dificuldade intelectual, algo que torne a psicanálise inacessível à compreensão do ouvinte ou leitor, mas uma dificuldade afetiva: algo que torna alheios à psicanálise os sentimentos do indivíduo, de modo que este não se inclina a acreditar ou demonstrar interesse por ela. Logo se percebe que as dificuldades resultam numa só. Quem não vê com bastante simpatia uma coisa não a compreende facilmente” (FREUD, 2010, p. 241).

⁶⁰ Embora não discutamos o relacionamento entre Freud e Jung a partir do espectro da amizade, Linda Donn (1991) insiste amplamente na leitura da relação dos intelectuais a partir desta em um estudo no qual pretendeu traçar um “relato seletivo da amizade de ambos” (p. 14). A despeito de haver um esforço de consulta em documentos de Jung e de Freud e de entrevistas com testemunhas oculares entre 1960 e 1970, ela constrói uma narrativa em tom literário e menos acadêmico. A respeito dos estudos sobre amizade, conferir Ortega (1999; 2000; 2011).

disseminação da Psicanálise, o interesse na carreira psiquiátrica e a consolidação de si mesmos como pensadores influentes – aspectos políticos imperiosos –, esse relacionamento serviu a esses interesses conscientes e a outros interesses inconscientes, na medida em que Freud necessitava de um discípulo afetuoso, e, Jung, de um pai intelectual. Esses dois elementos conjugados tornaram essa relação afetivamente viável, digna de investimento de tempo e de atenção, como era realizado por ambos em encontros presenciais e dedicados nas várias horas que foram consumidas na escrita de cartas um ao outro:

Existem também as conversas com um confidente, com amigos, com um guia ou um diretor; às quais se acrescenta a correspondência onde se expõe o estado da própria alma, são solicitados conselhos, ou eles são fornecidos a quem deles necessita – o que, aliás, constitui um exercício benéfico até para aquele chamado preceptor, pois assim ele os reatualiza para si próprio: em torno dos cuidados consigo toda uma atividade de palavra e de escrita se desenvolveu, na qual se ligam o trabalho de si para consigo e a comunicação com outrem (FOUCAULT, 2020, p. 66-67).

O que seria, então, em síntese, o *epiméleia heautoû*, ou o cuidado de si? Vejamos um esquema de explicação de Foucault, logo no início da *Hermenêutica do Sujeito* (2010)⁶¹:

- Primeiramente, o tema de uma atitude geral, um certo modo de encarar as coisas, de estar no mundo, de praticar ações, de ter relações com o outro. A *epiméleia heautoû* é uma atitude – para consigo, para com os outros, para com o mundo.
 - Em segundo lugar, a *epiméleia heautoû* é também uma certa forma de atenção, de olhar. Cuidar de si mesmo implica que se converta o olhar [...] do exterior, dos outros, do mundo, etc. para “si mesmo”. O cuidado de si implica uma certa maneira de estar atento ao que se pensa e ao que se passa no pensamento [...]
 - Em terceiro lugar, a noção de *epiméleia* não designa simplesmente esta atitude geral ou essa forma de atenção voltada para si. Também designa sempre algumas ações, ações que são exercidas de si para consigo, ações pelas quais nos assumimos, nos modificamos, nos purificamos, nos transformamos e nos transfiguramos [...]
- [...] Enfim, com a noção de *epiméleia heautoû* temos todo um *corpus* definindo uma maneira de ser, uma atitude, formas de reflexão, práticas que constituem uma espécie de fenômeno extremamente importante, não somente na história das representações, nem somente na história das noções ou das teorias, mas na própria história da subjetividade ou, se quisermos, na história das práticas de subjetividade (FOUCAULT, 2010, p. 12).

⁶¹ Recordemo-nos que Foucault levou em consideração a possibilidade de ampliação e de multiplicação dessas significações ao longo do tempo. Ele partiu da antiguidade, com Sócrates incentivando jovens a cuidarem de si mesmos, sempre apoiando a modificação dessas práticas no decorrer do tempo e em diferentes espaços. A definição transcrita se trata do primeiro sobrevoo de antecipação ao tema, visto que esse é um curso que teve duração de quase 3 meses no *Collège de France*, no ano de 1982.

A atitude consigo, com os outros e com o mundo é percebida nas cartas de maneira privilegiada, pois, nesse espaço, podemos estudar e descobrir modos de comportamento, relações interpessoais mais ou menos desejadas para ambos e atitudes em relação ao mundo externo, a objetos e a situações cotidianas. No tangente à compreensão do cuidado de si como “uma certa forma de atenção, de olhar”, as atitudes acentuadas na análise das fontes, isto é, o conjunto de comportamentos, de desentendimentos e de discordâncias que alcançaram seu ápice com o rompimento, foram permeadas por um olhar consciente da situação com o outro e da situação com que o si mesmo ficava no que concerne à situação do outro; uma forma de atenção relativa aos benefícios e aos prejuízos de si próprio postos em relação ao outro, um olhar atento e astuto.

Inúmeras faces do *epiméleia heautoû* contemplam a relação que estamos estudando. Por meio da escrita, exercício de introspecção, de reflexão e de avaliação, modificam-se o leitor e o redator, componentes materializados no papel e na tinta, mas que são pertencentes somente ao indivíduo que escreve, em um exercício único de si, mesmo que tenha o outro como destinatário. Escrever é, portanto, uma transfiguração de si. Essas marcas são evidenciadas ao longo das cartas, como podemos observar em um trecho escrito após a primeira visita de Jung a Freud, em 1907:

Muito obrigado por sua longa e tão amistosa carta! Só temo que o senhor me superestime e às minhas forças. Com sua ajuda passei a olhar as coisas em profundidade, mas ainda estou longe de as ver com clareza. Não obstante tenho a impressão de que fiz um considerável progresso interior desde que o conheci pessoalmente; a meu ver, o real conhecimento de sua ciência não pode prescindir jamais de um contato pessoal com o senhor. Onde a escuridão é tão grande para nós, ainda estranhos a ela, só a fé pode ajudar; mas a melhor fé, e a mais positiva, é o conhecimento de sua personalidade. Minha visita a Viena foi, por conseguinte, uma confirmação genuína (JUNG, 1976, p. 71).

Esse trecho marca o início do relacionamento e do deslumbramento de ambos diante da personalidade do outro. De maneira mais ampla, notamos o impacto para Jung ao falar do imprescindível encontro pessoal com Freud, atrelando o conhecimento da ciência fundada por ele, a Psicanálise, à necessária convivência com sua sua pessoa. Especificamente, destacamos o “progresso interior” ao encontrar o vienense pessoalmente, ação correntemente realizada pelo próprio indivíduo sobre si mesmo, mas, nesse caso, oportunizado pela presença ou pela ação de outro indivíduo sobre Jung. Nesse horizonte, esse progresso configura um cuidado de si despertado pela presença, pelos afetos e pelas questões comuns compartilhadas.

2.1.1 Obrigação e Atrasos nas Cartas

As cartas se tornaram, ao longo dos anos, uma obrigação recíproca. Firmou-se um compromisso⁶² entre os dois interlocutores de manterem-se informados sobre o andamento profissional e pessoal do outro, tal qual Foucault (2020) escreveu sobre o cuidado de si: “O cuidado de si aparece, portanto, intrinsecamente ligado a um ‘serviço da alma’ que comporta a possibilidade de um jogo de trocas com o outro e de um sistema de obrigações recíprocas” (p. 69-70). Esse conceito, conforme Foucault, beneficia o sujeito e suas composições pessoais, a ponto de tornar-se um compromisso, uma atitude racional, refletida, pensada, um serviço.

Caracterizado o cuidado de si, em suas múltiplas possibilidades, reconhecemos na correspondência entre Jung e Freud o compromisso de resposta e de continuidade pactuado, exposto por meio da cobrança tanto pelos compromissos profissionais comuns quanto pela decepção e pela queixa com a falta de realização da atividade epistolar. Vejamos três situações em que Freud inscreveu seu temor de incômodo e suas justificativas de demora para responder Jung:

Não escreverei muito, pois temo que a obrigação de me dar resposta talvez seja um encargo a mais para o senhor (FREUD, 1976, p. 149).

Excesso de trabalho e doença na família responsabilizam-se pelo atraso com que lhe respondo. Sinto que perco muita coisa importante por nem sempre conseguir manter-me em contato regular com o senhor. Se estivesse aqui, estou certo de que teríamos coisas do maior interesse a nos dizer sobre os ensinamentos virtuais de nossos casos – trabalho, no momento, com doze (FREUD, 1976, p. 153).

Espero que, após uma preparação adequada, eu possa dispensar o “colega” ao exprimir satisfação por ver que sua influenza foi vencida e que o silêncio em que esteve não resultou de um complexo (FREUD, 1976, p. 163).

Todos os trechos referem-se ao ano de 1908 e têm em comum a alusão ao atraso e sua explicação. No primeiro, Freud reafirmou a alegação de Jung como legitimador do motivo pelo qual escreveria pouco e objetivamente e, para isso, não deixou de transparecer o seu “temor” de dar-lhe mais um trabalho. Dentro dessa semântica emocional, se tivéssemos acesso somente a esse trecho, poderíamos imaginar que Jung estava muito atarefado – e de fato estava naquele

⁶² Afirmação feita com base na frequência das cartas, nos pedidos de desculpas por períodos sem cartas e nas respostas maiores que o usual: “Perdoe-me o longo silêncio” (JUNG, 1976, p. 117); “Minha personalidade se empobreceu com a interrupção de nossa correspondência. Ainda bem que essa interrupção chega ao fim” (FREUD, 1976, p. 118).

momento – e que Freud estava levando esse aspecto em consideração. Apesar de notarmos, em outras ocasiões da correspondência, que uma carta longa poderia significar dedicação e ser um aspecto positivo para os dois, o recebimento de um longo texto no período de uma tarefa intensa era pesaroso, pois necessitava – ou pressupunha-se a necessidade – de outra carta igualmente longa como resposta, junto a uma dedicação retórica cuidadosa.

O segundo trecho, por sua vez, trouxe a motivação de Freud pelo atraso em sua resposta. Ele não tinha obrigação, mas preferiu fazê-la. Além disso, soma-se um elemento à sua insatisfação de não ter um contato regular com Jung: a perda de coisas importantes e o não acompanhamento próximo dos acontecimentos na comunidade psicanalítica e nos avanços das observações médicas dos pacientes que eram, simultaneamente, cuidados e assistidos para as formulações teóricas de ambos. A percepção do tempo de ausência das cartas era relevante ao ponto de imaginarem que ele poderia até mesmo ser ocasionado por um complexo⁶³, nesse caso, um complexo negativo.

Por seu turno, Jung, em variadas circunstâncias, desculpou-se pela demora ou pela brevidade de suas cartas:

Perdoe-me a demora em responder sua última carta, tão afetuosa e tão rica em detalhes (JUNG, 1976, p. 60).

Antes de mais nada devo pedir desculpas pela longa pausa que me permiti. Eu não podia nem queria escrever-lhe senão de ter chegado a uma visão mais clara das coisas. Acima de tudo queria absorver e digerir suas “Observações sobre a Paranoia” (JUNG, 1976, p. 84).

Infelizmente só posso enviar-lhe hoje uma breve resposta à sua carta tão amiga, pois meu tempo está todo tomado pelos problemas da Clínica (JUNG, 1976, p. 96).

Perdoe-me o longo silêncio. As três semanas de serviço militar não me deixaram um só momento livre. Ficávamos em ação das 5 da manhã às 8 da noite e depois disso um cansaço de cão me dominava sempre. Quando voltei,

⁶³ Complexo, para Jung, poderia referir-se a fragmentos soltos de personalidade ou a conteúdos que funcionam de modo autônomo no inconsciente. Para Freud, por seu lado, complexo é utilizado em dois conjuntos de representação inconsciente: complexo de Édipo e complexo de castração (ROUDINESCO; PLON, 1998). De um modo mais usual, nas cartas, complexo é compreendido como um componente comum a todas as pessoas, incluindo eles, e todas as vezes em que o termo é mencionado o contexto alude a uma fixação ou a uma condição desagradável, pois o complexo revela interfaces que podem não aprazer quem que é notificado sobre ele. O complexo, nas cartas, pode ser assumido por eles próprios ou apontado pelo outro, como observamos na citação de Freud, aliviado por o silêncio da carta de Jung não ter resultado de um complexo (nesse caso, o alívio indica que esse complexo poderia ser negativo). Há casos em que o complexo é especificado, como quando Jung viajaria para França, em 1907, e Freud lhe escreveu: “Desejo-lhe um bom complexo de Paris, mas não gostaria de o ver reprimindo seu complexo de Viena” (FREUD, 1976, p. 106). Quer dizer, ele desejava que houvesse um interesse ou um envolvimento com Paris, mas que Jung não se esquecesse desse mesmo envolvimento despertado pela sua visita em Viena, portanto esse complexo seria positivo para Freud, pois era de seu agrado que Jung se mantivesse interessado em Viena naquele momento.

problemas aos montes me esperavam na Clínica e ainda por cima o Prof. Bleuler e o primeiro assistente entraram em férias. Assim tenho trabalho de sobra para me manter ocupado. Para completar o secretariado do Congresso de Amsterdam passou-me a exigir meu manuscrito, que por sinal não existia ainda. Tive de me lançar de corpo e alma no preparo de minha experiência. É um osso duro de roer! (JUNG, 1976, p. 117).

Nos quatro trechos, pertencentes ao ano de 1907, constatamos o pesar e o pedido de desculpas de Jung pelo atraso na resposta para Freud. A justificativa pela ausência está presente, e, assim como nos trechos realçados de Freud, Jung não precisava, mas quis fazê-la, o que indica, mais uma vez, o compromisso firmado entre eles da continuidade das cartas. No último excerto, encontramos o detalhamento para a justificativa sobre a ausência. Jung narrou seu percurso no tempo em que deixou Freud sem resposta, o qual durou mais de um mês, pois a última carta antes de relatar seu serviço militar e todas as decorrências dele foi enviada no dia 6 de julho de 1907, enquanto a carta com as alegações foi enviada em 12 de agosto.

Entre as duas cartas, houve uma enviada por Freud em 10 de julho, escrita “brevemente e às pressas” (FREUD, 1976, p. 116) para alcançar Jung antes de sua partida para o serviço militar. Nesta, escreveu a Jung: “Não gostaria de ficar todo esse tempo sem notícias suas – não estarei de volta antes do fim de setembro – pois suas cartas já se tornaram uma necessidade” (p. 116). A necessidade de cartas que Freud sentia compunha o conjunto de práticas de si que ele mantinha em sua rotina. O modo de reportar-se a essa prática ilustra a afeição por esse acontecimento e o seu valor. Ainda nessa carta, Freud mencionou a ausência que protagonizaria a relação entre os dois em um período próximo: “Aceite a estima de sempre. E não se esqueça, durante a longa ausência deste que muito o preza, Dr. Freud” (p. 117).

Com esse sucinto exemplo, associando a prática da escrita ao cuidado de si, podemos certificar-nos de que as atitudes de escrita de cartas poderiam ser muito variáveis entre si, porém, nas duas situações, podemos extrair a prática da escrita de cartas como um exercício subjetivo. Tanto a prática sistemática e pontual, como a de Freud, quanto a demora de Jung podem significar cuidado, uma vez que, no último caso, o autor gostaria de tempo para concentrar-se nessa atividade com disposição e com atenção, e não de fazê-la simplesmente. Em outras palavras, no momento em que se voltava à escrita para a pessoa de Freud, também se mobilizaria diante de tudo o que Freud significava para ele. Na falta de encontros presenciais, o ritual da carta emulava esse encontro: “O cuidado de si – ou os cuidados que se tem com o cuidado que os outros devem ter consigo mesmos – aparece então como uma intensificação das relações sociais” (FOUCAULT, 2020, p. 69).

No início do ano de 1907, Freud aconselhou Jung a não se preocupar tanto com a

oposição dos que não partilhavam das ideias psicanalíticas: “Caso não leve a mal uma tentativa de influenciá-lo, gostaria de lhe sugerir que desse menos atenção à oposição que nos enfrenta e não a deixasse afetar tanto em seus escritos” (FREUD, 1976, p. 58). Essa recomendação tinha o objetivo de apaziguar os afetos desprendidos para a defesa dos valores psicanalíticos, e, nesse caso, o benefício que Jung colheria caso cumprisse a recomendação configuraria um exercício de cuidado de si a partir de uma observação do outro. Ao passo que Freud ocupava a figura de mestre – de quem aconselhava, então –, Jung, entre 1906 e 1909, ocupava o papel de aprendiz, sem deixar de lado seus questionamentos, mencionados com cautela. Nas correspondências, Jung constantemente aparece muito ocupado nesse período, quando trabalhou como médico assistente no Hospital Burghölzli.

2.1.2 Preocupação Com o Que Preocupa o Outro: a Família

O cuidado de si, de acordo com Foucault (2020), abrange também a saúde do corpo. A “prática da saúde” constitui a armadura permanente da vida cotidiana, segundo o filósofo, e, no que toca à correspondência entre Freud e Jung, compôs o repertório epistolar em diversas situações: em 14 de outubro de 1909, por exemplo, Jung escreveu a Freud: “Como andam as coisas com sua filha, ou melhor, suas duas filhas? O senhor diz ter encontrado doentes as filhas mais velhas” (JUNG, 1976, p. 302); em resposta, em 17 de outubro, Freud diz:

Minha filha, que ontem completou 23 anos, está de novo às voltas com inflamação pós-operatória; mas pelo menos não se deixou abater e de modo geral vai muito bem [...] Ambas as avós andam combalidas. Mas em nenhum dos casos, pensando bem, a coisa é grave (FREUD, 1976, p. 308).

Outro exemplo ainda pode ser verificado na boa intenção de Jung a respeito da saúde da esposa de Freud, em 11 de abril de 1907: “Minha mulher e eu soubemos com profunda tristeza da doença de sua esposa e desejamos-lhe um pronto restabelecimento” (JUNG, 1976, p. 73).

Não somente correlacionada a doenças, a família de ambos está presente em muitos momentos da correspondência. A prática de manter um contato social, perguntando sobre os afetos do outro, é uma gentileza e um ato comum dentro dos exercícios de subjetividade. O benefício de saber sobre os interesses e os afetos do outro é algo que provoca bem-estar apenas em quem recebe a pergunta? Certamente, não. À vista disso, manter-se em dia com o que é essencial para o outro proporcionava não só proveitos subjetivos, mas políticos.

O jogo epistolar e a relação interpessoal consolidada fora das correspondências

aconteceram no social, portanto são observáveis e identificáveis, porque congregam um conjunto de valores que são assimilados e enaltecidos no contexto cultural em que se realizou a vivência. Ao perscrutarmos o século vitoriano e todas as tendências disseminadas por ele na Europa, deparamo-nos com as atitudes desses homens e mulheres diante das cartas:

No século vitoriano, os burgueses usavam as cartas e os diários, em número sem precedente e com intensidade inigualável, como repositórios dos relances de sua vida introspectiva. Naturalmente, essas comunicações com os outros e consigo mesmos podiam também servir de exercícios de ocultação e proteção do “eu”. No entanto, embora dirigidas a um público cuidadosamente selecionado, elas se tornaram os instrumentos favoritos do auto escrutínio e, dessa forma, da auto revelação. E marcam o limite imposto pelos burgueses a essa revelação, demonstrando que eles eram muito mais francamente confessionais do que seus críticos gostariam de imaginar (GAY, 1999, p. 337).

Por conseguinte, essa prática era apreendida e utilizada nos meios sociais em que Freud e Jung viviam, entendida como benéfica e propagadora de notícias e de atualizações profissionais e disseminadora de afetos ou depositária de relances da vida introspectiva, para usar as palavras de Gay (1999). A conjecturar o envio de correspondências como um exercício de cuidado de si, que integra e transforma o sujeito no momento do exercício subjetivo, e como uma atividade social reconhecida pelo contexto em questão, chegamos ao eixo que congrega a história das emoções com o exercício de cuidado de si: a sua inscrição nas relações sociais.

2.2 HISTÓRIA SOCIAL DAS EMOÇÕES

Mas se a emoção é um movimento, ela é, portanto, uma ação: algo como um gesto ao mesmo tempo exterior e interior, pois, quando a emoção nos atravessa, nossa alma se move, treme, se agita, e o nosso corpo faz uma série de coisas que nem sequer imaginamos (DIDI-HUBERMAN, 2016, p. 26).

Gay (1999), examinando cartas de autores da Antiguidade, como Platão, Cícero ou o apóstolo Paulo, afirmou que elas cumprem fundamentalmente um papel social: “Não que lhes faltasse sentimento; eram, no entanto, mais documentos sociais do que comunicações pessoais; dirigiam-se a um público interessado, por vezes às gerações vindouras” (p. 338). Não obstante para o autor “essas epístolas, [...] diferiam radicalmente das cartas contemporâneas” (p. 338), sustentamos que as correspondências entre Freud e Jung, levando em conta a consciência da sua notoriedade ainda quando de sua produção⁶⁴, cumpriam um papel similar às cartas dos

⁶⁴ “Com apenas 17 anos, Sigmund Freud escreveu durante os exames de ‘vestibular’ a seu amigo Emil Fluss: ‘Meu professor me disse que eu tinha aquilo que Herder denomina tão bem de estilo *idiotique*, a saber: um estilo que é

antigos. A defesa desse ponto de vista – da não radical diferença entre as epístolas dos antigos e as cartas de Freud e de Jung – não as avalia quanto ao seu conteúdo ou ao seu nível de proximidade, mas julga primordial o fato de ambas desempenharem o caráter de documento social, embora sem intencionalidade. Nessa direção, entendemos que as atitudes e os pensamentos apresentados nelas, apesar de encontrarem-se em um âmbito privado, só podem ser compreendidos no âmbito social dos acontecimentos que os envolviam.

Quem nomeia, interpreta, simboliza e utiliza conceitos, imagens e palavras para determinados objetos ou fenômenos é o ser humano agindo no tempo. Se uma árvore cair isolada em uma floresta, distante de qualquer humano, não haverá emoção, não haverá narrativa do acontecimento e de seu temor. As emoções são, pois, profundamente sociais e vinculadas à cultura de quem as lê: “Embora tendamos a falar das emoções de indivíduos, emoções são, acima de tudo, instrumentos de sociabilidade” (ROSENWEIN, 2011, p. 37).

Muitos estudiosos se esforçaram para identificar emoções universais. Paul Ekman (1994) dedicou-se a compreender expressões emocionais e postulou que comportamentos faciais estão ligados a emoções específicas, como alegria, tristeza, nojo, surpresa, raiva e medo, e que estas compõem a percepção presentista das emoções. Como disserta Rosenwein (2011), essa é uma maneira de apreensão das emoções que as entende de forma a-histórica, isto é, como se as emoções de hoje fossem as mesmas do passado e continuar a ser as do futuro. A visão evolucionista das emoções também influenciou o quadro de pensadores das emoções ao contemplar a seleção natural, de Charles Darwin (1809-1882), alegando que a mente é um processador de informações que tem incumbência de resolver problemas adaptativos enfrentados pelos nossos ancestrais caçadores e coletores (ROSENWEIN, 2011).

Rosenwein (2011), por sua vez, posicionou-se desafiando as visões presentistas e evolucionistas, mas estabelecendo um diálogo com a teoria socioconstrucionista das emoções, que é assim descrita pela autora: “Sinteticamente, esta teoria sustenta que as emoções – como são experimentadas, expressas e interpretadas – são moldadas pelas sociedades em que se inserem” (p. 18). Assumimos, com Rosenwein, que as emoções estão colocadas tanto no corpo quanto na mente, ambos moldados pela cultura. Dessa forma, entendemos que as emoções se externalizam de múltiplas formas: no corpo, no indivíduo, no social. O corpo enrubesce com a

ao mesmo tempo correto e característico. Este fato incrível deixou bastante surpreso e não deixo de enviar este feliz acontecimento [...] tão longe quanto possível. A você, que provavelmente, também, não tinha notado até o momento que estava trocando correspondências com um estilista alemão. Dou-lhe um conselho, desde já, como amigo e não por algum interesse pessoal: conserve, junte tudo, guarde cuidadosamente – nunca se sabe” (FREUD, 1960 *apud* FICHTNER, 1992, p. 47, destaques nossos). Freud, com essa idade, talvez não pudesse imaginar o valor de qualquer escrito seu no futuro, mas as suas correspondências cumpriram um prestigioso papel na escrita da história da Psicanálise.

vergonha, sente calafrio ou arrepio diante de uma palavra que o toca. Todas as interpretações advindas das reações corporais são socialmente construídas a partir da especificidade cultural dos personagens analisados.

Ainda que nos centremos na experiência emocional concernente à ruptura do relacionamento entre Freud e Jung, apreendemos, em nossa análise, um sistema de sentimentos de ambos, ou melhor, um sistema de sentimento de uma relação focado em um acontecimento. Tal qual ocorre no estudo de uma comunidade emocional, para Rosenwein, queremos atestar a perspectiva que pesquisará situações, objetos ou pensamentos de valor ou prejudiciais, pois é a partir disso que os indivíduos se expressam:

Mas o pesquisador que se debruça sobre elas [as comunidades emocionais] procura, acima de tudo, desvendar os sistemas de sentimento, estabelecer o que essas comunidades (e os indivíduos em seu interior) definem e julgam como valoroso ou prejudicial para si (pois é sobre isso que as pessoas expressam emoções); as emoções que eles valorizam, desvalorizam ou ignoram; a natureza dos laços afetivos entre pessoas que eles reconhecem; e os modos de expressão emocional que eles pressupõem, encorajam, toleram e deploram (ROSENWEIN, 2011, p. 22).

Nas cartas, distinguimos os encantos de Jung e de Freud com os comportamentos um do outro, o bom humor diante do período de férias que se aproximava, o mal estar diante de uma notícia desagradável, o pesar pela doença, entre outras situações que revelaram aspectos miúdos do que foi aprendido, valorizado ou ignorado como valor por eles: “Tem-se aí um dos pontos mais importantes dessa atividade consagrada a si mesmo: ela não constitui um exercício da solidão, mas sim uma verdadeira prática social” (FOUCAULT, 2020, p. 67). Diante disso, o cuidado de si e as emoções encontram-se ambos ancorados na prática social que os configuram.

2.2.1 A Historiografia das Emoções

A emoção não diz “eu”: primeiro porque, em mim, o inconsciente é bem maior, bem mais profundo e mais transversal do que o meu pobre e pequeno “eu”. Depois porque, ao meu redor, a sociedade, a comunidade dos homens, também é muito maior, mais profunda e mais transversal do que cada pequeno “eu” individual. Eu disse anteriormente que quem se emociona também se expõe. Expõe-se, portanto, aos outros, e todos os outros recolhem, por assim dizer, bem ou mal, conforme o caso – a emoção de cada um. Aqui os sociólogos e os etnólogos podem nos ensinar muitas coisas sobre as emoções como fenômenos que atingem todo mundo, toda a sociedade (DIDI-HUBERMAN, 2016, p. 30-31).

A história das emoções é um campo de estudos em pleno desenvolvimento no Brasil e

no mundo, ainda tratado como uma novidade nas introduções ao tema, mas é verdade que podemos removê-lo das novidades historiográficas, especialmente se notarmos que há bastante tempo⁶⁵ as emoções são objeto de preocupação dos historiadores. Os gritos de independência, as vitórias e as derrotas, as mortes, as violências e as alegrias nacionais que foram e ainda são amplamente cobertas pela historiografia demonstram que os eventos históricos narrados são frequentemente perpassados por emoções coletivas ou pessoais.

Existem alguns modos de conceber as emoções: 1) a partir da biologia/fisiologia, que se pauta no indivíduo biológico; 2) a partir da Psicologia e de análises cognitivas, que se centram em reflexões individuais; e, por fim, 3) a abordagem construcionista nas humanidades, discutida anteriormente e que se ocupa do coletivo e do social.

Em 1941, Lucien Febvre chamou a atenção dos historiadores para a necessidade de situar as emoções no centro das investigações históricas com o artigo “*La sensibilité et l’histoire. Comment reconstituer la vie affective d’autrefois?*” (1941), no qual apontava que a principal questão para a realização de uma história que levasse em consideração as emoções era a tomada de consciência do abismo do tempo entre os acontecimentos e o presente, assim como a busca de uma linguagem para a identificação das emoções (PLAMPER, 2014).

Rosenwein é uma expoente da teoria da construção social das emoções, e seu conceito de comunidades emocionais revigorou os debates sobre emoções na historiografia. Ela forneceu valiosas contribuições ao ampliar a problemática, discutindo a questão pelo coletivo, e não pelo individual, tal qual a psico-história havia feito anteriormente, mas falhado:

El concepto de las comunidades emocionales es uno de los más atractivos entre las aproximaciones a la “colectivización” emocional (Vergemeinschaftung). Esto evita la trampa individualista de la psichistoria, que nunca logró dar el salto de lo individual a lo colectivo. Evita también la agregación a gran escala a la Elias, cuya búsqueda del tono emocional de una época entera en última instancia ofreció imágenes de baja resolución. Y evita los errores de los Stearns al asumir que las normas emocionales destiladas de literatura de autoayuda eran en realidad normas emocionales per se. Si hay un problema con las comunidades emocionales es el que afecta a todas las teorías de la Vergemeinschaftung, a saber, su falta de apertura. Las fronteras entre las comunidades emocionales son tan porosas y fluidas que pueden conducir fácilmente a su disolución (PLAMPER, 2014, p. 24).

⁶⁵ Neste momento, estamos privilegiando o olhar dos historiadores para as emoções, mas, como já apresentamos na introdução, a preocupação com elas é interdisciplinar e objeto muito antigo dos filósofos, como de Aristóteles, em *De Anima* (2012), em *Retórica* (2017) ou em *Poética* (2015). Os cientistas sociais possuem ampla produção sobre as implicações das emoções dos seus objetos ou sobre seus objetos. Enfatizamos: Le Breton (2016; 2019).

William Reddy⁶⁶, em 1997, sugeriu o conceito “*emotive*”⁶⁷, ou “objetivos emocionais”, e anos depois preconizou a noção de “regime emocional”, entendido como um conjunto de emoções normativas ou de práticas rituais necessárias a qualquer regime político estável. A crítica a essas conceitualizações alega que é delicada uma história que se propõe a fazer juízos de valor sobre movimentos emocionais, um dos objetivos de Reddy. Ele ainda nomeou o manejo das emoções como “navegação emocional”, os espaços que reduzem os conflitos de interesses dentro de determinado regime como “refúgio emocional” e o embate de interesses como “sofrimento emocional”. O “regime emocional” ideal, para ele, é aquele em que se encontra maior “liberdade emocional”. Certamente, sua colaboração foi relevante para o desenvolvimento do campo, mas, em muitas ocasiões, essa conceitualização pode beneficiar o *status quo* (PLAMPER, 2014).

Uma referência pioneira no Brasil foi Sandra Jathahy Pesavento (1946-2009), professora e pesquisadora do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Já ambientada na História da Cultura ou História Cultural na virada do século XX para o XXI, Pesavento assumiu seu interesse pelo campo das sensibilidades mais precisamente entre 2000 e 2009. A produção sobre as sensibilidades versou acerca da construção de aparatos metodológicos, além da reflexão e da produção a respeito de imaginário, de cidades, de memória, de literatura, de violência, entre outros, todos enlaçados com a História Cultural (SANTOS; MEIRELES, 2019).

Cabe mencionar que essa autora não somente deu aulas e seminários, organizou eventos, livros e cursos, mas também deixou um legado. Em adição ao arquivo pessoal localizado no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS) desde final de 2014, por doação da família (SANTOS, 2019), ela deixou um grupo de pesquisa sobre sensibilidades que se mantém ativo ainda hoje, por meio de encontros anuais ou bianuais, na versão nacional da Associação Nacional de História (ANPUH) ou em eventuais encontros e em cursos extras.

Existem, atualmente, professores pesquisadores de programas brasileiros que trabalham com a temática e que regularmente oferecem cursos de formação em eventos influentes, como o da ANPUH, ou em disciplinas de pós-graduação. Emoções e sensibilidades são atravessadoras de uma variedade de disciplinas, e, com isso, a interdisciplinaridade é um ponto forte do campo. No Brasil, o diálogo promovido pelas etnografias, pelas reflexões da sociologia das emoções e

⁶⁶ Ver Reddy (1997; 2001).

⁶⁷ Sucintamente, Reddy queria mostrar que uma manifestação emocional específica tem efeito sobre o sentimento vivido subjetivamente. Plamper (2014), discutindo a teoria de Reddy, ofereceu como exemplo o fato de que o simples dizer “sou feliz” coloca em marcha um processo cerebral que melhora a sensação de felicidade. Isto é, o processo cognitivo também é levado em consideração.

pela filosofia – principalmente pelos pensadores da diferença, como Michel Foucault – produz um efeito de expansão das reflexões sensíveis na história.

Ademais, a ampliação de estudos feministas e atinentes a temáticas raciais produziram, – e ainda estão produzindo, um efeito de sensibilização não somente em jovens pesquisadores, mas também na população em geral. Esses temas são sensíveis por si só, pois a violência sempre está por ser contada, mas a escolha de ir por uma abordagem que investigue metodologicamente as emoções é do historiador.

Existem inúmeras dificuldades colocadas para o historiador das emoções e muitas variáveis significativas. Pensemos na complexidade das emoções no contemporâneo: incontáveis vezes não somos capazes de captar exatamente o que o outro sentiu, gostou ou não gostou. Imaginemos qual será o tempo necessário de convívio com as fontes para, ousadamente, captar as emoções do passado.

Os sentimentos pertencem, de fato, à natureza? Compreenderíamos facilmente os sentimentos dos homens do passado pela simples razão de que somos homens e portamos em nós toda a natureza humana? É o que disseram os clássicos e o que parece ainda pensar a maior parte dos historiadores. Da minha parte, parto de uma convicção contrária: não há compreensão possível do que sentem os outros, tanto quanto se permanece estrangeiro à consciência que têm. Pode-se descrever a aparência de uma conduta - suas manifestações externas -, em termos atuais; pode-se estabelecer estatisticamente as relações aparentes entre os estímulos e os comportamentos, e isso é de uma utilidade incontestável; mas, não se pode aproximar a realidade humana de uma conduta senão através da consciência que os sujeitos têm dela. Logo, o acesso à interioridade do sujeito não está irremediavelmente fechado ao estudo científico. Para ser final e irredutivelmente original, cada conduta individual não deixa de ser menos amplamente determinada pela cultura onde se manifesta. Pois nossas pulsões não se realizam a não ser tomando as formas características de uma determinada cultura; nossos sentimentos não nos são perceptíveis, a menos que se encerrem em palavras, nas imagens que esta cultura nos oferece. É dessas formas que deve partir uma explicação histórica da realidade psíquica (FLANDRIN, 1981 *apud* PROCHASSON, 2005, p. 310).

Que as emoções são historicizáveis não precisamos nem insistir. Elas deixam marcas no tempo, são documentadas e podem, em tantas situações, ser preciosamente produzidas, ou seja, nascem quase que como uma joia valiosa e secreta. De fato, o trecho de Flandrin abertamente menciona a real chance de alcançarmos as emoções de outras pessoas: impossível. Há atividades que podem ser feitas pelos historiadores, como a descrição ou a numeração, tal qual ele citou, entretanto existe um âmbito que é da alçada dos historiadores e que pode aproximar-se em demasiado da compreensão da emoção de determinado sujeito ou de determinada

comunidade, pois, afinal, as emoções são culturalmente construídas e absorvidas.

2.2.2 Práticas e Indícios Emocionais

Existem gestos, costumes, ritos ou comportamentos preestabelecidos na comunidade em que se vive. Uma pessoa pode ter sido tomada por um acesso de raiva, por exemplo. Quais são as formas e as expressões da raiva de acordo com aquela comunidade? A tarefa do historiador, nesse viés, é tomar as características oferecidas por meio de símbolos, de palavras e de imagens aprendidas socialmente: eis um ponto de partida! Prochasson (2005), discutindo as aproximações entre política e emoções, elencou perguntas pertinentes ao historiador que está interessado em investigar as emoções:

Portanto, é preciso, em primeiro lugar, tentar esclarecer o que entendemos por *emoção*, antes de aplicar essa noção no exame da política contemporânea. Emoção encontra seu equivalente no velho sentido da palavra paixão, que designa o conjunto de movimentos afetivos, mais ou menos estáveis, engendrados pelo choque de um estado individual com a análise de uma situação. Isto implica em duas consequências importantes: as emoções não resultam de um encaminhamento puramente individual, mas se inscrevem em uma perspectiva social e cultural; elas não se opõem à cognição. Torna-se necessário recordar do caso de Tocqueville. Ao se estudar as emoções, não se busca tomar o homem a nu. Os impulsos ocultos de sua alma estão definitivamente vedados aos historiadores, como também a seus contemporâneos, quaisquer que sejam as pretensões de alguns dentre eles. Em compensação, existem meios para a apreensão e o estudo dos registros da expressão das emoções, como também aquilo a que chamarei de práticas emocionais, que visam a desencadear os usos das emoções. Estas são as questões úteis aos historiadores, e aquelas às quais eles podem tentar responder sem se arriscarem demais a cair nas armadilhas do psicologismo: Como se expressa aquilo que se designa por ódio, amor, amizade, honra, etc.? Quais repertórios retóricos e quais manifestações físicas correspondem a estas emoções, segundo os momentos históricos a que concernem, e quais as molduras sócio-culturais (as culturas políticas, a que nos referimos aqui) são considerados? Quais são os códigos que estabelecem a decência e a indecência da exposição das emoções humanas? Quais são toleráveis, e quais não são? Que usos são dados às emoções? Como se pode utilizar a afirmação de sua fraqueza (as lágrimas, às vezes), ou de sua força (o riso, a cólera, etc.)? Tal programa haveria de incluir a plena substituição de uma história das práticas sociais. Ele vai de encontro à hipótese desta, que se assenta na transparência completa dos textos, supondo que neles as emoções são expressas livremente, sem mediação dos movimentos da alma e dos estados psicológicos, os quais não teriam uma história (PROCHASSON, 2005, p. 312).

Subscrevemo-nos a essa definição de emoção que leva em conta o choque do estado individual com dada situação. O social e o individual estão imbuídos de cultura, de elementos

formadores de seus lugares de convivência, logo essa é uma compreensão que considera o construcionismo social e que não deixa de lado a cognição, o que nos aproxima de uma história que reconhece o peso das ideias, do discurso, do corpóreo e do material. Eis uma fórmula que poderia ser encarada como uma meta para os historiadores das emoções.

É-nos particularmente cara, também, a definição de “práticas emocionais”, de Monique Scheer (2012). A autora visa integrar o conhecimento corporal e as reflexões acerca da teoria da mente, propondo superar enfoques filosóficos e psicológico-experimentais, que tentam identificar as emoções ou no corpo ou na mente. Para embasar sua construção teórica, ela se ancora no conceito de *habitus*, de Pierre Bourdieu, insistindo na corporalidade histórica, quer dizer, que o corpo não é estático, mas socialmente situado, adaptado, transformado e, por isso, portador de marcas e histórico:

La situación específica es importante: la formulación del pensamiento es diferente cuando uno está deslizando una pluma sobre un papel o escribiendo en un teclado que cuando se está hablando. Escribir para uno mismo, como en un diario, mientras que uno está sentado sirve para interiorizar, mientras que hablar en voz alta, a la vista de una pareja de diálogo sirve para exteriorizar. La relación social de los dos interlocutores afecta a la dimensión corporal de la emoción, al tono de voz, al ritmo cardíaco y a la expresión facial, los cuales están guiados por el sentido práctico del *habitus*, en algún lugar entre el control deliberado y hábito inconsciente (SCHEER, 2014 *apud* PLAMPER, 2014, p. 26).

Imaginemos nossos autores sentados em seus gabinetes, exercitando plenamente sua atividade intelectual, entre o cotidiano de pacientes e o exercício subjetivo de escrita, em seus assentos desgastados de uso, entre seus amuletos artísticos, seus bustos e as imagens que providenciam a inspiração necessária. Entre o esplendor do cotidiano e o prazer de alguma novidade, dias corriam e eram documentados por meio de seus objetos, de sua mobília, de suas vestimentas, de seus papéis e de suas cartas.

I aim to build on the work of historian William Reddy, who draws heavily from research in the cognitive and neurosciences to develop a concept of emotions that bridges the science/humanities divide. His work touches on practice theory, but has not fully developed its potential for an understanding of emotions. In my view, what needs to be emphasized is the mutual embeddedness of minds, bodies, and social relations in order to historicize the body and its contributions to the learned experience of emotion (SCHEER, 2012, p. 198-199).

Para Scheer, a construção teórica de Reddy precisa ser repensada, pois é limitada. Ele chega até a prática emocional, mas não explora o potencial que a autora vê nesse modo de

pensar a história das emoções. A meta fundamental, segundo Scheer, dialoga com uma história que reúne mentes, corpos e relações sociais, como havíamos aludido.

Quanto ao diálogo com Bourdieu sobre a noção de *habitus* para pensar modos possíveis de encaminhar os estudos das emoções na história:

The habitus consists of “schemes of perception, thought, and action” that produce individual and collective practices, which in turn reproduce the generative schemes. Subsumed within the habitus is “hexis,” Bourdieu’s more specific term for the socially conditioned physical body, its gestures and postures. These are not distinct: the habitus as a whole is fused with the body, which is thus infused with the temporality of society, though this fact is lost in everyday practice. “The habitus—embodied history, internalized as a second nature and so forgotten as history—is the active presence of the whole past of which it is the product.” The body thus cannot be timeless; it contains history at multiple levels. This consists not only of the sedimentations of evolutionary time, but also the history of the society in which the organism is embedded, and its own history of constantly being molded by the practices it executes (SCHEER, 2012, p. 201).

A ideia de um *habitus* que é incorporado, internalizado à presença ativa de passado do qual é produto dialoga com a concepção de cuidado de si, de Foucault: uma prática percebida, intencional, terapêutica e corporal, como a escrita das cartas. Ainda no tocante à sua aceção de práticas emocionais:

The use of the term “emotional practices” should imply 1) that emotions not only follow from things people do, but are themselves a form of practice, because they are an action of a mindful body; 2) that this feeling subject is not prior to but emerges in the doing of emotion; and 3) that a definition of emotion must include the body and its functions, not in the sense of a universal, pristine, biological base, but as a locus for innate and learned capacities deeply shaped by habitual practices. Thinking of emotion as a kind of practice can help historians get over the sense that the history of emotions can only be a history of changing emotional norms and expectations but not a record of change in feeling. Emotions change over time not only because norms, expectations, words, and concepts that shape experience are modified, but also because the practices in which they are embodied, and bodies themselves, undergo transformation (SCHEER, 2012, p. 220).

Somos convidados, então, a verificar as transformações moldadas pelas palavras, pelas expectativas, pelas normas, pelos conceitos e pelas práticas habituais. Esse olhar a partir da prática pode auxiliar-nos na averiguação da vivacidade da experiência e da atitude e na aproximação de nossos personagens, em uma postura diante das fontes que nos é singularmente cara.

O caminho que decidimos trilhar toma para si a magnitude da realização dos estudos

sobre emoções que solidificaram o campo, todavia estipula para si e para a análise da fonte seus próprios critérios. Tendo em vista nosso objetivo central, o exame do relacionamento direcionado ao momento da ruptura, trazemos antecedentes emocionais e estratégias retóricas no modo de relacionar-se dos dois que elucidam e ressoam as emoções dos intelectuais. Dessa forma, tendo em mente a dificuldade de capturar a emoção, mas também os traços que ela é capaz de deixar na narrativa (o que torna possível historicizá-la) – em palavras ou em silêncios, em destaques ou em escolhas narrativas –, nosso “par de lentes” para olhar as emoções possui como critérios: I) análise de trechos que em nosso entendimento são indícios de desentendimento e possibilitaram a ruptura, isto é, relacionam-se indiretamente; e II) análise de trechos que se associam diretamente ao evento da ruptura.

A propulsão da subjetividade de Foucault, entrelaçada com a história social das emoções, é fecunda no solo das correspondências, e esse ângulo salienta que olhar a partir da história social das emoções exhibe molduras, práticas e exercícios de si; revela o *habitus*, os sistemas de pensamento, as estruturas, as relações outras que atravessam esses sujeitos; a subjetividade que não nos alheia às preferências, às ambições, às astúcias cotidianas e aos jogos políticos de retórica, que podem também ser prazerosos. São práticas de escrita, cuidado de si e exercícios subjetivos que, no limite, inspiraram e modificaram suas compreensões e suas construções teóricas.

3 TENSÕES PRIMEIRAS, POSICIONAMENTO DE AFETOS

Digo-lhe, portanto: tome a sua plena liberdade e poupe-me de suas supostas “provas de amizade” (FREUD, 1976, p. 611).

O resto é silêncio (JUNG, 1976, p. 612).

Apresentaremos nos capítulos 3 e 4 um exercício de análise das fontes, selecionando episódios que julgamos pertinentes como estudos de caso caros às nossas preocupações. Neste 3º capítulo, trataremos do início da parceria entre Jung e Freud, dos afetos primeiros produzidos nas trocas e nas expectativas de futuro que ambos projetaram com a inclusão um do outro em um projeto: a Psicanálise. Veremos que esse movimento parecia muito promissor, o início de algo que, como se esperava, mudaria para sempre os rumos das ciências da psique. Ao lado do entusiasmo, também encontramos as reservas, a vontade de preservar a autonomia, as comparações com os outros, ou, distintamente, para dizer que essa fase corresponde a um posicionamento dos afetos: intencionava-se, subjetivamente, a alocação das vontades, das expectativas e dos lugares de destaques; almejava-se, igualmente, a construção de um trilho do que mais tarde viria a consolidar-se como uma política psicanalítica. Ao mesmo tempo em que eles se alocavam subjetivamente e profissionalmente como médicos, também estavam, paralelamente, cada qual com suas características, constituindo-se enquanto intelectuais independentes.

A seleção e a apresentação dos episódios teve como critério a percepção de uma mudança de atitude a partir da viagem que Freud e Jung fizeram, juntos, aos Estados Unidos, em 1909. Com a longa convivência, as trocas envolvendo outras pessoas, o estabelecimento da política da Psicanálise e o período de descanso após as conferências na *Clark University*, colaboraram para que criassem uma relação mais profunda e tivessem algumas certezas quanto aos princípios teóricos um do outro. Também foi esse o momento em que analisaram sonhos entre eles, em que confessaram dificuldades familiares ou possíveis marcas de neuroses e complexos que ajudassem a explicar os sonhos. Dessa forma, após esse grande contato da viagem, eles iniciaram uma fase muito mais calculista, na qual os afetos se colocavam nas brechas entre política e astúcia.

3.1 RESERVAS QUANTO À UNIÃO DO ÚTIL AO AGRADÁVEL

A necessidade de Freud do ano de 1906 era a de firmar-se enquanto intelectual detentor dos méritos da fundação e do desenvolvimento da Psicanálise. Até aquela data, já havia

publicado trabalhos influentes⁶⁸, que sustentariam as bases para uma ciência que pudesse ter discípulos. Para essa demanda, ele pretendia contar com homens dispostos a formar-se psicanalistas e a ajudar na difusão do movimento. Após a assistência de Joseph Breuer, que o inspirou a embarcar no estudo da histeria e das neuroses, Freud teve poucos relacionamentos até alcançar o momento sobre o qual se debruçará a nossa análise – sobretudo de 1906 a 1913⁶⁹ –, de uma diversidade de personagens que representariam a Psicanálise. Freud teve Breuer como mentor por 10 anos, desde 1880, e em 1895 reconheceu a diferença de compreensão que ele tinha de algumas abordagens de seu mestre. Em sua autobiografia, publicada em 1925, escreveu:

Por mais de dez anos após o afastamento de Breuer não tive seguidores. Estava completamente isolado. Era evitado em Viena, e no exterior não se tomava conhecimento de mim. A *Interpretação dos Sonhos*, de 1900, quase não teve resenhas nas publicações especializadas (FREUD, 2011, p. 132).

A importância da escola de Zurique, nomeadamente a importância de Jung para Freud e para a Psicanálise, começou a contar de 1906: “a partir de 1906, chegava a notícia de que psiquiatras de Zurique, E. Bleuler, seu assistente C. G. Jung e outros, interessavam-se vivamente pela Psicanálise. Criaram-se relações pessoais” (FREUD, 2011, p. 133). Até esse ano, Freud tinha um pequeno círculo de alunos em Viena. Esse foi um momento crucial, pois estavam sendo lançadas as bases da Psicanálise e de sua influência sobre jovens estudantes. Freud tinha 50 anos, Jung tinha recém se formado em medicina, em seus 30 anos de vida, e tinha um perfil que agradava a Freud – após a avaliação por intermédio de cartas e da primeira visita presencial de Jung – para cumprir com sua necessidade: a de um herdeiro para sua “jovem ciência” (p. 133).

Jung, por sua vez, completava o sexto ano como assistente no Hospital Burghölzli e gozava de certo espaço intelectual notável, considerando as conhecidas publicações internacionais sobre experiência de associação de palavras e as discussões acerca do estado da Psiquiatria no momento. De acordo com Bair (2006), Jung tinha uma fama de arrogante e de rude à época, o que levou Auguste Forel (1848-1931), chefe do Hospital Burghölzli antes de

⁶⁸ Até o início da correspondência, publicou, entre os títulos mais ilustres, os *Estudos da Histeria* (1893-1893), que congrega os primeiros textos da Psicanálise, *Interpretação dos Sonhos* (1900), *Psicopatologia da Vida Cotidiana e Sobre Sonhos* (1901), os *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade* (1905), *Análise Fragmentária de Uma Histeria* (1901); textos menores sobre o método psicanalítico de Freud e o papel fundamental da sexualidade, entre 1904 e 1905; e *O Chiste e Sua Relação Com o Inconsciente* (1905).

⁶⁹ Temos, fora desse período, 2 cartas de Jung: uma de 1914 e uma de 1923. A primeira trata de sua renúncia como presidente da IPA; a segunda tem o escopo de referir um caso à autoridade médica de Freud. Com exceção dessas 2 cartas, o período intenso de cartas e, por consequência, de nossa análise vai até o ano de 1913.

Bleuler, a questionar: “Quem é o chefe neste hospital?” (BAIR, 2006, p. 134), referindo-se ao exercício de autoridade realizado por Jung em detrimento de Bleuler. Essa tensão de autoridade no Hospital Burghölzli criaria divergência entre Jung e Bleuler em numerosos assuntos, fato que atravessou toda a correspondência de Freud e de Jung. Jung respeitava Bleuler como seu superior, mas exercia suas atividades com vistas a uma reputação internacional e com um pensamento independente. Esse último elemento foi uma premissa que o fez hesitar diante da completa vinculação à Psicanálise, pois Jung estava ciente das críticas ferrenhas a esse ramo no meio acadêmico:

Também havia uma diferença em seus estágios da vida: Jung estava à beira do que parecia ser uma brilhante carreira acadêmica como professor universitário e terapeuta particular, enquanto Freud era um teórico independente, “*persona non grata* no mundo acadêmico” e isolado em um auto-imposto “calvário científico”⁷⁰. Não há dúvida de que, para Jung, assumir abertamente o trabalho de Freud na comunidade científica internacional “teria sido prejudicial” (BAIR, 2006, p. 139).

Com *Interpretação dos Sonhos* (1900), Freud fincou os pés na posição de fundador de uma nova teoria. Quando Jung notou que seus estudos a respeito de associação de palavras dialogavam com o que Freud escrevera sobre os mecanismos de repressão, entendeu que era parte de uma conduta de honestidade intelectual mencionar e atribuir a Freud o que ele já tinha publicado. Era o momento em que Jung se preparava para saltar em um novo desconhecido em termos intelectuais, para abraçar todas as desenvolvimentos de Freud até então, com todos os riscos e possibilidades de ganho (BAIR, 2006).

Jung era jovem, tinha ambição de crescer e de consolidar-se intelectualmente com os estudos psiquiátricos e encontrou em Freud a figura de um mentor, que dialogava com temas de seu interesse. O jogo parecia perigoso, pois, apesar da excitação com o consenso de pensamentos, Jung tinha uma formação própria e algumas hesitações que, ao longo das cartas, ele responsabilizou por uma falta de entendimento e de experiência. A conformação do apoio de Jung confirmou-se com a posição favorável a Freud no texto “Estudos sobre associação diagnóstica”, publicado em 1906, e com a defesa pública feita por Jung à obra de Freud no congresso de Baden-Baden em maio de 1906.

A despeito dos anos de experiência e da ligeira diferença inerente à reputação, eles eram pesquisadores em formação, que estavam formando-se como teóricos no começo do século XX,

⁷⁰ De acordo com a biógrafa (2006), a primeira expressão entre aspas está em “*Memórias, Sonhos, Reflexões*” (2016), e, a segunda, em “*Sigmund Freud: Reminiscences of a Friendship*”, de L. Binswanger.

mas, desde as primeiras cartas, Freud assumiu o papel da voz da experiência e de dono da iniciativa da constituição de um novo campo do saber, tal qual podemos ver em duas citações:

Confio em que o senhor venha a estar, muitas vezes, em condições de me apoiar, mas aceitarei também, de bom grado, quaisquer retificações de sua parte (FREUD, 1976, p. 43).

Seus escritos já me haviam sugerido que sua aceitação de minha psicologia não se estende a todos os meus pontos de vista sobre a histeria e o problema da sexualidade, mas me atrevo a esperar que, com o passar dos anos, o senhor chegue muito mais perto de mim do que julga possível atualmente. Tendo em vista sua esplêndida análise de um caso de neurose obsessiva, ninguém melhor que o senhor há de saber quão perfeitamente se oculta o fator sexual e, uma vez descoberto, quão valioso pode ser para nossa compreensão em terapia. Continuo esperando que esse aspecto de minhas investigações venha a se mostrar o mais significativo (FREUD, 1976, p. 46).

O apoio da escola de Zurique teve um peso medular para Freud e para o movimento psicanalítico. Ele agiu astutamente, enredando quem dirigia o Hospital Burghölzli, ao mesmo tempo em que demonstrava profundo entusiasmo e comando sólido no encaminhamento do movimento: “Devo confessar que, sempre que vem à luz uma obra como a sua ou a de Bleuler, sou possuído pela grande e para mim indispensável satisfação de saber que o árduo trabalho de uma vida inteira não foi totalmente inútil” (FREUD, 1976, p. 46). A menção ao aceite de retificações de Jung, na citação anterior, não se tornou necessariamente irreal, posto que, em muitas ocorrências, ele fez concessões a Jung, mas, no que tange à primeira carta, o objetivo também era demonstrar certa flexibilidade, dado o valor disso para a Psicanálise.

Não obstante a demonstração de flexibilidade, Freud investiu no atrevimento da expectativa de que Jung se aproximasse mais de seu ponto de vista teórico do que estava naquele momento. Jung, na carta de 5 de outubro de 1906, exibiu certas reservas à primazia do sexo em relação à gênese da histeria, e a segunda citação é a resposta de Freud a essa resistência: “e acredito que a gênese da histeria, embora predominantemente sexual, não o seja exclusivamente. Encaro de igual modo a sua teoria da sexualidade” (JUNG, 1976, p. 45).

A postura de Jung em relação a Freud a cada dia era mais irresoluta, do prisma teórico. Mesmo tendo encontrado nele um grande mentor, um “gênio de seu tempo”, que compartilhava de seus interesses, tinha algumas dúvidas alusivas ao constructo teórico de Freud. Ele tentou elaborar e expor em algumas ocasiões, mas houve um acúmulo de respostas insatisfatórias, que não alcançavam o âmago do incômodo de Jung, e isso foi tornando-se algo insustentável. Na publicação *A Psicologia da Demência Precoce* (1906), Jung citou Freud do começo ao fim, mas sempre correlacionando-o a ambiguidades e a discordâncias sutis (BAIR, 2006).

Jung tinha intenção de manter um julgamento independente quando iniciou a correspondência com Freud e a colaboração com a Psicanálise. Contudo, Freud não lidava bem com afrontas à sua compreensão teórica e costumava pessoalizar as situações ou remeter as consequências de desentendimentos às neuroses daquela pessoa, mesmo se fosse seu colaborador, no sentido de validar sua própria teorização e de justificar sua própria conduta. Diante de passos sinuosos que Jung dava, até conhecer melhor o terreno freudiano, ele adotou a postura de ser o tempo todo “escrupulosamente fiel ao dogma de Freud, ao mesmo tempo que mantinha ‘seu julgamento independente’” (BAIR, 2006, p. 143).

Jung tinha consciência do incômodo de Freud com sua objeção, pois isso se tornava material para os críticos da Psicanálise. Assim, procurava respaldar suas objeções a partir de uma falta de experiência ou tocar o menos possível no tema, investindo somente em conversas pessoais com Freud ou via correspondências para sanar suas questões:

É possível que minhas reservas quanto às suas concepções tão amplas sejam devidas, como o senhor mesmo notou, à falta de experiência. Mas não lhe parece que há um número de fenômenos fronteiros que com maior propriedade podem ser considerados em outros termos do impulso básico – a fome? Refiro-me por exemplo ao ato de comer, de sugar (predominantemente fome), de beijar (predominantemente sexualidade). A existência simultânea de dois complexos sempre os destina a misturar-se psicologicamente de modo que um deles invariavelmente contém aspectos um do outro. Talvez seja apenas isso que o senhor pretende dizer; nesse caso, eu o interpretei mal, e partilho integralmente de sua opinião. Mesmo assim, no entanto, é bastante assustador o modo positivo como o senhor apresenta suas teorias” (JUNG, 1976, p. 47).

Nesse trecho, de 23 de outubro de 1906, Jung tenta elaborar os incômodos preliminares, ainda com seu olhar de pesquisador independente, e não com olhar de discípulo de Freud. Ele insistia em uma ampliação dos impulsos humanos básicos para além da concepção – ou nomeação – sexual. No esforço de colocar em comparação a fome e a sexualidade, quis elucidar uma diversidade de impulsos, o que, depois, nas cartas, nomearam mais frequentemente como libido. Ainda neste momento, permitiu-se observar a forma pouco cambaleante como Freud apresentava suas teorias, sua afirmação e sua segurança quanto ao desenvolvimento dos conceitos, o que deixava Jung hesitante.

Naturalmente, Freud não tinha intenções de apresentar divergências a Jung, a Bleuler ou a qualquer representante da Escola de Zurique, pois eles ofereceram companhia de cooperação após um período de isolamento que ele impôs a si mesmo. Ele se colocou nessas trocas como uma rocha pronta e acabada, e a escola que tinha interesse na Psicanálise poderia

participar, porém, em grande medida, precisaria adaptar-se aos pressupostos psicanalíticos já adotados.

Jung acenou os pontos de tensão que mais tarde viriam a tornar o relacionamento pessoal insustentável. Em alguma medida, também deixava escapar certos comentários e tendências que Freud receberia como pequenos incômodos ou descontentamentos. Um exemplo pode ser percebido na carta de 26 de novembro, quando Jung comunicou que Dr. Ludwig Frank (1863-1935) e Dr. Dumeng Bezzola (1868-1936) estavam considerando o método psicanalítico como uma nova abertura para a prática neurológica, mas que divergiam, em alguns pontos, de Freud: “Apesar disso ambos encontram prazer (humanamente compreensível) em se desviar do senhor em determinados pontos” (JUNG, 1976, p. 50). O prazer em divergir certamente não foi apreciado por Freud.

Os jogos de palavras e as questões diplomáticas e políticas faziam com que ambos escolhessem os vocábulos com bastante cautela ou com que simplesmente se preservassem de um posicionamento em algumas situações. Apenas em certas passagens saberemos, objetivamente, a não menção de algum evento, como foi o caso da intervenção de Emma Rauschenbach Jung no ano de 1911⁷¹. Nesse caso, nem Jung nem Freud relataram a troca epistolar entre o vienense e ela.

Nesse panorama, ainda cuidadoso com o terreno em que se embrenhava, Jung defendia suas escolhas ou suas reservas quanto à teoria de Freud, tendo em vista o público que tomaria contato com sua produção:

Como seguramente há de ter notado, foi por uma questão de política, e não a fim de criticar sua teoria, que me permiti certas reservas. Deixo aos nossos adversários, como o senhor bem observa, uma possibilidade de recuo, e o faço com o propósito consciente de não lhes tornar a retratação muito penosa. Mesmo assim a coisa não há de ser nada fácil. Um ataque a um oponente, ainda que merecido, levaria a uma dissensão desastrosa que teria apenas consequências desfavoráveis. Apesar disso, há quem julgue minha crítica áspera demais. Se me limito à defesa de um mínimo, é simplesmente porque

⁷¹ As cartas de Emma Rauschenbach Jung a Freud são objeto de especulação histórica até hoje. Os estudiosos das cartas, os biógrafos e os historiadores suspeitam que a atitude de Emma pudesse ter sido encorajada por Jung, a fim de restabelecer a colaboração com Freud. Ela mandou a primeira carta em 30 de outubro de 1911, para tratar exclusivamente de uma possível tensão entre seu marido e Freud por ocasião da publicação de *Símbolos da Transformação* (2013). A hipótese que aventamos é a de que Emma agiu sozinha, aspirando diminuir a angústia que ela via em Jung por conta dessa nova publicação. Posteriormente, ela mencionou nas cartas a Freud que o marido tomara conhecimento das cartas, mas não há como comprovar que fizeram isso como uma estratégia conjunta – o que não era tanto do interesse de Jung a essa altura, no fim de 1911. Ela simplesmente queria zelar por esse relacionamento, pois Freud era alguém por quem Jung alentava grande respeito e admiração. “Não sei se me engano ao pensar que o senhor não concorda inteiramente com as ‘Transformações da Libido’. O assunto jamais veio a baila entre vocês, e creio que a ambos seria muito benéfico se se dispusessem a abordá-lo em profundidade. Ou existirá outra coisa? Se for o caso, diga-me por favor, caro Herr Professor, pois é-me sobremodo penoso vê-lo tão resignado” (RAUSCHENBACH-JUNG, 1976, p. 516).

só posso defender o que corresponde à minha expectativa inquestionável, que, comparada à sua, é logicamente bem modesta. Apenas começo a compreender muitas de suas formulações e várias delas estão ainda além de minha capacidade, mas disso não se deve inferir que se considere em erro. Pouco a pouco, mesmo na descrença, aprendi a ter cautela (JUNG, 1976, p. 51).

Jung queria tomar um espaço de segurança, queria a “defesa de um mínimo” para ter certeza de poder responder por suas tomadas de posição. O fato de não ter uma compreensão integral do pensamento de Freud, de estar apenas começando a entendê-lo, colocava-o em um ambiente de incerteza, de insegurança. Ele ainda não lidava bem com tantas críticas externas, e, visualizando o cenário hostil de recepção da Psicanálise, o temor o levava a ter uma atitude de prudência, a qual, no discurso das cartas, transformou-se em uma estratégia:

Por conseguinte é de perfeito interesse para a nossa causa dar atenção a todos os fatores potencialmente capazes de estimular-lhe o apetite. No momento atual, infelizmente, aí se incluem uma certa reserva e a insinuação de um julgamento independente em relação às suas pesquisas (JUNG, 1976, p. 54).

Essa argumentação foi decorrente das justificativas de Jung sobre o livro *A Psicologia da Demência Precoce* (1906). A carta de Freud com os comentários a respeito do livro foi perdida, mas, aparentemente, ele demonstrou ponderações e sugestões sobre as divergências que apareceram no livro, uma vez que Jung iniciou a carta de 29 de dezembro de 1906, que seria a resposta à carta faltante, da seguinte maneira: “Com toda sinceridade lamento que seja eu, justamente eu, quem lhe causa aborrecimento” (JUNG, 1976, p. 54). Nessa mesma carta, Jung elencou 5 pontos que explicariam as diferenças de abordagem de ambos os pensadores:

As reformulações específicas de seus enfoques procedem do fato de não haver entre nós uma concordância absoluta quanto a certos pontos. E talvez isso se deva a que: I. o material de que disponho é totalmente diferente do seu. Trabalho em condições extremamente difíceis, quase sempre com pacientes insanos sem instrução, e ainda por cima com as evidências invulgarmente ardilosas da Demência precoce. II. minha educação, meu ambiente e minhas premissas científicas são radicalmente diferentes dos seus. III. minha experiência, comparada à sua, é mínima. IV. quer em quantidade, quer em qualidade de talento psicanalítico, a balança pende distintamente em seu favor. V. há de pesar muito na balança a ausência de contato pessoal com o senhor, uma falha lamentável em minha formação preparatória. Por todas essas razões considero provisórias e meramente introdutórias as formulações contidas em meu livro (JUNG, 1976, p. 54).

Sem dúvidas, esses pontos elencados por Jung atravessam todos os anos de contribuição entre os médicos. Vemos, aqui, uma face subjetiva de Jung, que realiza um exercício de

elaboração de si e de escrita de si ao listar esses pontos de divergência concernentes à experiência profissional. Mesmo por meio delas, podemos identificar traços sensíveis, por exemplo a menção à diversidade na formação, do seu ambiente próprio, ou o reconhecimento da sua mínima experiência.

Jung, de início, tinha grande parte das objeções manifestadas pelos críticos de Freud, mas, ao estudar, aprofundar-se e comprometer-se com a Psicanálise, chegou à conclusão de que só seria legítima a crítica que reproduzisse o trabalho de Freud e que provasse, pelos mesmos meios, suas contraposições. Em 1906, Jung escreveu uma resposta à crítica de Aschaffenburg sobre a teoria da histeria de Freud, e o trecho a seguir explicita o modo como ele se posicionava em uma publicação científica naquele momento, além de suas avaliações formais sobre Freud e sobre a Psicanálise:

Freud possui méritos singulares que só podem ser postos em dúvida por aqueles que se deram o trabalho de analisar experimentalmente o curso das ideias. Quando falo em “mérito”, não quero dizer que subscrevo incondicionalmente todos os teoremas de Freud. Mas um de seus méritos – e não menores – foi o de levantar problemas geniais. Nem mesmo um adversário incondicional de Freud pode negar este mérito (JUNG, 2013a, p. 12).

Esse texto é emblemático, pois, enquanto se posiciona em uma defesa da Psicanálise, Jung também lança suas dúvidas. O suíço asseverou que não é preciso expressar que um dos componentes mais essenciais da psique é a sexualidade, mas lança a questão, que dialoga com uma dúvida-sugestão que fez em uma carta, já citada⁷², de 23 de outubro de 1906: “Existirá, porventura, outro fator psíquico, outro impulso básico, além da fome e seus derivados, de igual importância para a psicologia humana?” (JUNG, 2013a, p. 12). Jung questionava o público e a si mesmo e continuava esclarecendo os conflitos causados pelo amplo e indispensável componente da psique humana, a sexualidade.

Estritamente acerca da histeria, que era temática do texto, Jung aclarou que todas serem redutíveis à sexualidade era uma opinião pessoal de Freud e propôs uma reescrita, para trazer um tom mais conciliatório: “Uma série de casos de histeria, por enquanto extremamente grande, tem sua origem na sexualidade” (JUNG, 2013a, p. 13). Ele chegou a julgar razoável a contestação de Aschaffenburg, de que não existe nada de sexual na histeria traumática em si quando ela se origina em outros traumas bem claros. Ademais, apontou a elasticidade dos

⁷² “Mas não lhe parece que há um número de fenômenos fronteiros que com maior propriedade podem ser considerados em outros termos do impulso básico – a fome? Refiro-me por exemplo ao ato de comer, de sugar (predominantemente fome), de beijar (predominantemente sexualidade)” (JUNG, 1976, p. 47).

traumas e, por fim, a necessidade de comprovação de qualquer observação posterior, nos termos propostos por Freud: “Não existe outro meio de refutar essa tese senão aplicando o método psicanalítico. Quem não o empregar, jamais refutará Freud” (p. 14).

Podemos identificar, também nesse texto, a já aludida independência intelectual que Jung gostaria de cultivar. Ele mencionou os experimentos de associações e colocou-os ao lado da Psicanálise, o que, posteriormente, viria a ser incorporado pela última, e ninguém a poria como criação independente de Jung: “Há muito venho demonstrando, em meus trabalhos, que o experimento de associações, criado por mim, oferece em princípio os mesmos resultados que o método psicanalítico;” (JUNG, 2013a, p. 15). Jung insistiu no fator experimental de suas construções teóricas e das de Freud, e, tendo o crítico se dedicado a conhecer os pilares experimentais, poderia conhecer as bases exatas da Psicanálise.

Freud, por seu turno, mantinha um tom entusiasta em suas primeiras correspondências com Jung. Legitimava, também para si mesmo, que as reservas de Jung não eram excessivas ou que podiam ser explanadas, de um modo ou de outro, por razões que beneficiariam sua causa comum: “Tive de fato a impressão de que o senhor modificara deliberadamente suas ideias, para obter um efeito pedagógico, e me alegro por vê-las como são, livres desse desvirtuamento” (FREUD, 1976, p. 52). Ao mesmo tempo em que performava a alegria por ver cada dia mais o membro jovem e capacitado que Jung era para dar continuidade à Psicanálise, ele também afirmava situações que envolviam Jung em um comprometimento moral, em uma teia de conduta esperada:

Muito me agrada sua promessa de, por enquanto, confiar em mim no que se refere a problemas onde sua experiência não lhe permite ainda uma decisão própria – naturalmente em caráter provisório, até que ela cresça mais. Apesar de eu saber me ver de maneira crítica, acredito merecer tal confiança, se bem a peça apenas de uns poucos (FREUD, 1976, p. 53).

Em cartas anteriores, não constatamos a promessa de que Jung confiaria em Freud em matérias nas quais sua experiência não fosse suficiente, entretanto, de alguma forma, Freud firmou esse compromisso, mas Jung não reportou isso, de modo que consentiu o direcionamento de Freud. Nem mesmo nas cartas que se seguiram Jung noticiou esse compromisso, resultando que esse é um dos acordos não resolvidos satisfatoriamente.

Freud se construiu, ao longo da narrativa das cartas, como um inovador solitário, que estava caminhando para a velhice e que tinha uma necessidade imperiosa de formar discípulos que pudessem levar sua causa adiante. “Não perdia tempo [...] ele não hesitou em assumir o papel de um pioneiro idoso pronto para passar a tocha para a mão dos mais jovens” (GAY,

2012, p. 211). Defendeu suas atitudes autoritárias e alegou que sua dificuldade de aceitação de opiniões divergentes tinha os seguintes motivos:

Saiba que sou todos os tormentos que afligem um “inovador”; e o menor deles não é a necessidade inevitável de passar, entre meus próprios partidários, pelo excêntrico ou fanático incorrigivelmente auto suficiente que na realidade eu não sou. Esquecido com minhas ideias numa solidão tão longa, fui levado, compreensivelmente, a uma confiança cada vez maior em minhas próprias decisões. Nos últimos quinze anos vi-me sem cessar envolvido por preocupações que se tornaram monotonamente exclusivas. (No momento dedico dez horas por dia à psicoterapia.) Isso me conferiu uma espécie de resistência à pressão de aceitar opiniões que diferem das minhas. Mas sempre estive cômico de minha falibilidade, sempre pensei e repensei sem descanso, por medo de me acomodar às minhas próprias ideias (FREUD, 1976, p. 52).

Apesar dos jogos diplomáticos gerados entre Jung e Freud, sustentamos, particularmente por parte de Freud, que o carinho por Jung era altamente genuíno. Decerto, isso estava ligado à já confessada necessidade de um sucessor, mas o fator “relação pessoal” tinha um peso vital para Freud⁷³. Jung sempre tentou manter um espaço e, ao menos nas externalizações afetivas, mantinha Freud como uma eminente referência e inspiração. Em alguns momentos, a colaboração mútua era tão intensa que era impossível não ter a figura de um e de outro como ponto de segurança no estabelecimento deles como teóricos.

Gay (2012) detalhou um pouco mais dessa relação genuína que Freud nutria por Jung em contraponto a outro discípulo, Sándor Ferenczi:

Jung era o filho favorito de Freud. Em cartas a amigos íntimos judeus, ele elogiava constantemente Jung por fazer um trabalho “esplêndido, magnífico”, publicando, teorizando ou investindo contra os inimigos da psicanálise. “Agora, não fique com ciúmes”, Freud espicou Ferenczi em dezembro de 1910, “e inclua Jung em seus cálculos. Estou mais convencido do que nunca que é o homem do futuro.” Jung era a garantia de que a psicanálise sobreviveria depois que o seu fundador tivesse abandonado o palco, e Freud amava-o por isso (GAY, 2012, p. 212).

Freud tinha vários motivos para valorizar Jung como membro da Psicanálise. Na verdade, Jung foi muito mais do que Freud poderia vislumbrar, pois tinha o apoio de um núcleo elementar, um médico chefe de um hospital e, mais especificamente, alguém com que pudesse moldar suas expectativas: “A estonteante perspectiva de um respeitável propagandista no

⁷³ Em sua autobiografia, Freud escreveu: “a partir de 1906, chegava a notícia de que psiquiatras de Zurique. E. Bleuler, seu assistente C. G. Jung e outros, interessavam-se vivamente pela psicanálise. Criaram-se relações pessoais” (FREUD, 2011, p. 133).

exterior, com acesso a pacientes interessantes e médicos interessados num famoso hospital de doenças mentais, pareceu a Freud quase que além das expectativas razoáveis” (GAY, 2012, p. 210).

Freud assumiu um lugar de velhice, de experiência, que culminava em atitudes paternalistas e que colocava ele e Jung em lugares sobrepostos no tangente à experiência médica e à imagem vendida sobre o movimento psicanalítico. Esse lugar era bastante conveniente para Freud, pois, ao passo em que era o mentor conselheiro, podia também utilizar o mesmo argumento para embasar sua falta de produtividade ou seu não comparecimento em alguns compromissos.

Na carta de 29 de maio de 1908, Freud escreveu a Jung sobre o valor de Otto Gross e sobre sua rapidez, incluindo Jung na consideração sobre os mais novos: “Devo dizer que me surpreende a rapidez com que os mais moços trabalham” (FREUD, 1976, p. 201). A pretensão do pai da Psicanálise era preparar esse conjunto de homens capazes para assumir a continuidade do trabalho que ele havia feito até então, e essa era uma de suas principais preocupações: “Espero que o senhor e os demais em breve me forcem a passar para a segunda linha de combate, com o que se dissolve uma de minhas duas grandes preocupações” (p. 201).

Reiterando sempre o grande esforço que dispendeu anteriormente à solidificação do movimento psicanalítico, premissa que conferia o exercício de sua autoridade naquele momento, ele também ambicionava, cada vez mais, deixar clara a intenção de que outros ocupassem papéis de relevo e de direcionamento do movimento, mas com a condição de que esse seletivo grupo respondesse às demandas do mestre. Por isso, a fundação de “relações pessoais” (FREUD, 2011 p. 133) era primordial.

Não somente no trato com os discípulos e na vida profissional essa figura da velhice era evocada, mas também era cultivada na família, e isso reforçava a legitimidade do mais velho, o pai, portanto o mais digno de ser ouvido. Em julho de 1909, escreveu a Jung que o segundo filho passou no exame final e foi sozinho viajar, já o outro teve o rosto arranhado em um duelo e soube bem se portar diante do acontecimento. Em seguida, escreveu: “Os mais moços vão pouco a pouco se tornando independentes e eu já me tornei de subitito *the old man*” (FREUD, 1976, p. 291).

Após a segunda visita de Jung a Viena, em 1909, ele escreveu ter se libertado da autoridade paterna de Freud, mas o que nos interessa, agora, é a resposta de Freud a essa declaração de Jung, que lamenta tal liberdade de Jung respondendo, em 16 de abril de 1909:

Volto, por conseguinte, a pôr meus óculos paternais de aro de chifre e

aconselho meu querido filho a se manter de cabeça fria, pois mais vale não compreender uma coisa que fazer tamanho sacrifício à compreensão. E também meneio minha sábia cabeça para a psicossíntese, pensando: é assim que são os moços, os únicos lugares que realmente têm prazer em visitar são os que podem atingir sem a gente, lá onde nosso fôlego curto e as trôpegas pernas não nos permitem segui-los (FREUD, 1976, p. 269).

Freud novamente usa a estratégia de remeter à própria idade dramatizando sobre a independência que Jung queria tanto ter, mas com a benção da antiga autoridade paterna. Percebamos o jogo de cena, os detalhes que nos fazem imaginar o austríaco como um ancião, com seus óculos e com chifres. O recurso do uso da velhice e suas características, como a lentidão em relação aos mais novos, proporcionaria um apelo que convenceria Jung até certo ponto.

Assim sendo, a valorização do período de descanso também é muito frequente nas cartas, em especial para aguentar por mais tempo o exercício intelectual, administrativo ou de atendimento aos pacientes. O descanso era imperioso não apenas para o repouso usual das atividades, mas também pelo avançar da idade. Em diferentes ocasiões e cartas, podemos ver o valor dado ao descanso, tido por ambos como uma necessidade que com muito esforço foi alcançada. Em 13 de janeiro de 1910, Freud escreveu a Jung: “Folgo em saber que o senhor interrompe o ano de trabalho para se distrair um pouco, negando-se a viver tão insensatamente como eu. É imperioso que resista por mais tempo e conduza nossa causa à vitória” (FREUD, 1976, p. 341).

Esse jogo de independência de Jung e de estratégias de enredamento de Freud atravessou toda a correspondência em maior ou menor medida, mas houve mudanças de posturas notadamente de Jung, com o intuito de impor-se como intelectual, de conquistar seu espaço independentemente do que ele havia aprendido com Freud. A tarefa de Jung era árdua, pois, enquanto se consolidava como intelectual por si mesmo, a Psicanálise lhe deu um espaço privilegiado de atuação, do qual não podia e não queria abdicar. Uma das primeiras circunstâncias em que teve que enfrentar essa linha tênue foi um congresso em Amsterdam, em setembro de 1907. Jung se colocava ao lado de Freud, mas testava o impacto da crítica a ele em eventos, como ocorreu nesse congresso, no qual comunicaria em favor da Psicanálise. As cartas se tornavam momentos de reflexão para o outro, mas também sobre si mesmos, e revelavam a constituição deles como intelectuais entres ambições pessoais e colaborações coletivas:

Como de hábito o senhor acerta em cheio com a acusação de que o agente

provocador de meus acessos de desespero é a minha ambição. Mas, em defesa própria, tenho algo a dizer: meu honesto entusiasmo pela verdade é o que me impele à procura de um modo de apresentar seus ensinamentos que se mostre o mais eficaz para a abertura de uma brecha. Não fosse assim, minha devoção incondicional à defesa e propagação de suas ideias, bem como minha veneração igualmente incondicional de sua personalidade, estariam fadadas a aparecer sob uma luz extremamente singular – algo que de bom grado evitaria, se bem que o elemento de interesse próprio só possa ser negado pelos muito obtusos. De qualquer jeito, tenho desagradáveis pressentimentos, pois não é empresa fácil defender tal posição diante de tal audiência (JUNG, 1976, p. 120).

De uma maneira elogiosa, Jung conferiu a Freud o mérito de compreender a raiz do que propiciava seus desesperos. Ao final do relacionamento, isso seria visto como algo negativo por Jung, e a queixa era que esse excesso de análise diminuía-o e limitava-o aos seus próprios complexos e não permitia que ele fosse compreendido intelectualmente como um pensador.

A veneração da personalidade de Freud é algo muito pertinente, pois percorre toda a correspondência. A postura, a ambição e a inteligência dele caracterizavam-no como um homem distinto, um gênio, digno de toda a razão e de todo o esforço de Jung. É interessante imaginar o quanto poderia ser difícil não ser atingido pela genialidade de Freud e pela pretensão que tinha de encaminhar um movimento científico independente. Na mesma carta em que se colocara ao lado de Freud, também afirmava não ser tarefa fácil e pedia um esclarecimento acerca da sexualidade, questionando se Freud a presumia mãe de todos os sentimentos e se os sintomas histéricos, embora tendo sido determinados por complexos sexuais, seriam condicionados por sublimação ou por um complexo não sexual (como profissão) (JUNG, 1976). A sexualidade é um tema que sempre causou dúvidas e divergências em Jung, e foi nesse contexto de dúvida que ele foi a Amsterdam dar uma palestra em defesa da Psicanálise, conquanto levando consigo muitas ambiguidades e incertezas.

Freud respondeu que não acredita que alguém esteja certo se disser que a sexualidade é mãe de todos os sentimentos e enunciou que, conforme o poeta Schiller, duas fontes instintuais são principais: o amor e a fome (nesse caso, a sexualidade estaria contida no amor). No que toca à questão da histeria, ele garantiu ser sobre uma necessidade teórica o fato de crer sexuais os complexos da histeria (FREUD, 1976). Em resposta, Jung, deveras diplomático, escreveu: “Fico-lhe muito grato por formular sua opinião sobre o papel da sexualidade; é bem o que eu esperava” (JUNG, 1976, p. 123).

À medida que Jung se pronunciaria em favor da Psicanálise em Amsterdam, Freud estava de férias em Annenheim, no Sul da Áustria, apanhando cogumelos e banhando-se no lago da Caríntia:

Sei que agora está em Amsterdam, um pouco antes ou depois de sua arriscada palestra, envolvido na defesa de minha causa, e acho quase uma covardia que, enquanto isso, eu apanhe cogumelos no bosque ou me banhe nesse tranquilo lago da Caríntia, em vez de lutar por minha própria causa ou pelo menos me colocar ao seu lado. Consolo-me dizendo-me que desse modo é melhor para a causa, que o senhor como o outro, o segundo, ficará a salvo de pelo menos parte da oposição reservada para mim, que seria uma vã repetição eu dizer sempre a mesma coisa e que o senhor está mais capacitado para a propaganda, pois nunca deixei de notar que há alguma coisa em minha personalidade, minhas ideias e meu jeito de falar que as pessoas julgam estranha e repelente, ao passo que para o senhor todos os corações se abrem [...]

Se foi ou se será bem sucedido, não sei; mais que nunca, porém, eu gostaria de estar com o senhor agora, satisfeito por não mais me ver sozinho e falando-lhe, se precisasse de encorajamento, dos longos anos de minha solidão honrada mas penosa que começou depois que eu olhei de relance o mundo novo, falando-lhe da indiferença e incompreensão dos meus amigos mais íntimos, dos momentos terríveis em que eu chegava a pensar que estava no caminho errado e imaginava como ainda tornar útil à minha família minha vida desorientada, do lento crescimento de minha convicção, que se agarrou à interpretação de sonhos como a um rochedo num mar tempestuoso, e da serena certeza que se apossou de mim e me mandou esperar até que uma voz da multidão desconhecida respondesse à minha. Essa voz foi a sua; pois sei agora que também Bleuler veio a mim por seu intermédio. Obrigado por isso, e não deixe o que quer que seja abale sua confiança, o senhor há de testemunhar nosso triunfo e tomar parte nele (FREUD, 1976, p. 124).

Finalmente, Freud aceitaria delegar o que tivesse conexão com a Psicanálise, mas o faria tentando consolar-se por não estar ao lado de Jung. Curiosamente, ele revela a percepção de uma resistência à sua personalidade, o que não ocorria com a personalidade de Jung, que agradava a todos com o seu jeito. Essa resistência à sua personalidade eventualmente era atrelada por ele mesmo à sua pertença judaica⁷⁴ e à cultura antisemita da Europa do período, em detrimento à pertença cristã de Jung, que era muito mais aceita.

No referente à relação Psicanálise e judeus, Gay (2012) narrou, a partir da lembrança de Wittels, um evento de insatisfação dos mais antigos adeptos da Psicanálise de Viena, quando ficou decidido pela presidência permanente de Jung no congresso de Nuremberg e de Franz Riklin, também suíço, para secretário. Além dessa configuração, proposta por Freud e discursada por Ferenczi, este último teceu críticas gratuitas à Sociedade Psicanalítica de Viena, o que fez com que se opusessem e se reunissem privadamente para avaliar a situação. Gay

⁷⁴ “Deparei-me com a insinuação de que eu deveria me sentir inferior e estrangeiro por ser judeu. Rejeitei decididamente o primeiro adjetivo. Nunca pude compreender por que deveria me envergonhar de minha origem – ou raça, como as pessoas começavam a dizer. Quanto ao pertencimento da comunidade nacional, que me era negado, a ele abdiquei sem muito lamentar. Achava que para um indivíduo trabalhador sempre haveria um lugar nas fileiras da humanidade, mesmo sem aquela inclusão. Mas uma importante consequência dessas primeiras impressões da universidade foi que bastante cedo me familiarizei com a sina de estar na oposição e ser proscrito pela ‘maioria compacta’” (FREUD, 2011, p. 79).

(2012, p. 228-229) continua:

De súbito, Freud, que não fora convidado a comparecer, fez uma aparição [...] “Ele disse: ‘A maioria dos senhores são judeus, e portanto não estão aptos a conquistar amigos para os novos ensinamentos. Os judeus devem se contentar com o papel modesto de preparar o terreno. É absolutamente essencial que eu forme laços no mundo da ciência em geral. Estou avançado em anos, e estou cansado de ser perpetuamente atacado. Todos nós estamos em perigo’.” O relato de Wittels, que inclui um típico apelo de Freud à sua idade e cansaço – na época, não completara 54 anos – e o dramático apelo final, tem um ar de verdade. “Segurando as lapelas do casaco, ele disse: ‘Eles não me deixarão sequer um casaco para me cobrir. Os suíços nos salvarão – salvarão a mim, e também aos senhores’”.

Em uma medida institucional, Freud fez uma defesa pública dos suíços, que, de acordo com sua compreensão, salvaria a causa psicanalítica. Por esse tom da citação, vemos o quanto Freud apostava nessa política de colaboração com os suíços, estes que lhe abriram portas da expansão da Psicanálise. Mais uma vez, também no que diz respeito à sua origem judaica, notamos os motivos da predileção e da aposta de Freud em Jung por tantos anos. A despeito de Freud ter exposto pouco ou quase nada a sua amargura com o rompimento, calando-se muito mais em comparação a Jung, certamente o golpe não foi menos dolorido para ele.

Ainda sobre Amsterdam, Freud refletiu, em carta para Jung, a respeito de sua solidão anterior à adesão à Escola de Zurique, demonstrando seus próprios desafios para que Jung se sentisse confiante na causa e na pessoa do mentor. Em meio a tantas incertezas, afixou-se em alguns princípios, como a análise de sonhos, e aguardou a voz que viria ao encontro da sua, que foi a de Jung. Assegurou, no mais, que Jung veria e tomaria parte no triunfo que desfrutariam conjuntamente. Podemos equiparar esses trechos de Freud à sua autobiografia, quando ele reconta os desafios, mas dá um espaço muito inferior à voz de Jung.

Por mais de dez anos após o afastamento de Breuer não tive seguidores. Estava completamente isolado. Era evitado em Viena, e no exterior não se tomava conhecimento de mim. *A Interpretação dos Sonhos*, de 1900, quase não teve resenhas nas publicações especializadas. [...] Quando percebi o caráter inevitável das coisas com que deparava, minha suscetibilidade se atenuou bastante. Também meu isolamento foi chegando ao fim. Primeiro formou-se ao meu redor, em Viena, um pequeno círculo de alunos; a partir de 1906, chegava a notícia de que psiquiatras de Zurique, E. Bleuler, seu assistente C. G. Jung e outros, interessavam-se vivamente pela psicanálise. Criaram-se relações pessoais; em 1908 os amigos da jovem ciência se reuniram em Salzburgo, combinaram a repetição regular de tais congressos privados e a publicação de uma revista, intitulada *Jahrbuch für psychoanalytische und psychopathologische Forschungen* [Anuário de Pesquisas Psicanalíticas e Psicopatológicas] e editada por Jung. Os diretores eram Bleuler e eu; ela foi

interrompida com o início da Guerra Mundial (FREUD, 2011, p. 132-133).

Jung comunicou seu texto em Amsterdam em 4 de setembro de 1907 e escreveu a Freud que não conseguiu concluir a sua palestra porque excedeu meia hora do previsto. Nessa carta, falou amplamente sobre o contrassenso de quem participava do evento, das críticas a Freud e do saldo negativo de forma geral. A postura adotada por ele foi a de moderação: “Que bando de malfeitores temos aqui! A resistência deles realmente se enraíza em afetos [...] A discussão é amanhã. Direi o mínimo possível, pois cada palavra sacrificada a esse tipo de oposição é uma perda de tempo” (JUNG, 1976, p. 125).

Após ter tido contato com a carta de incentivo de Freud e ter feito a apresentação e a discussão, ele respondeu: “desejo externar o agradecimento mais sincero por sua carta, que veio na hora exata; fez-me um grande bem sentir que eu não lutava apenas por uma descoberta importante, mas também por um homem eminente e honrado” (JUNG, 1976, p. 126). Mais uma vez, o fator moral e o louvor da personalidade aparecem aqui, sobrepondo-se às dúvidas de Jung e fazendo da disseminação da Psicanálise e da união com Freud um instrumento político fulcral.

Assim sendo, a fé de Freud na Escola de Zurique e a sua intenção pública de preparar homens que pudessem levar sua causa adiante, alicerçando seus argumentos em sua velhice e no seu cansaço, caminhavam ao lado das reservas de Jung, que prezava por independência de ideias e por autonomia intelectual e estava repleto de ambiguidades e de hesitações quanto às compreensões teóricas da Psicanálise. Apesar disso, a oportunidade de participar do florescimento da jovem ciência era muito promissora e fecunda, e ele não deixou de verificar isso com bastante entusiasmo.

Na segunda metade de 1907, a colaboração entre Jung e Freud e o movimento em outras partes e com outros discípulos florescia. As coisas iam bem, chegavam cada vez mais adeptos e as trocas em cartas expressavam sempre esses bons presságios. Em 10 de outubro do mesmo ano, Jung escreveu: “A coisa está indo muito bem, há grande interesse por toda parte, as discussões são animadas. Tenho a grata impressão de participar de um trabalho intensamente fecundo” (JUNG, 1976, p. 135). Jung, com o apoio de seu chefe, Bleuler, fundou a Sociedade Freudiana de Médicos em Zurique, que reuniu cerca de 20 membros. A intenção era aprofundar-se nas teorias de Freud e estudar materiais de casos que pudessem fundamentar as teorias, prática muito valorizada por Jung. Freud escreveu sobre a sociedade em 15 de novembro de 1907: “Sempre acho que meu dia começou bem quando o correio me traz um convite para uma reunião da sociedade à qual o senhor deu meu nome; é uma pena que seja tarde para que eu

tome o expresso e chegue a tempo” (FREUD, 1976, p. 140-141).

As menções aos novos membros, os escritos motivacionais e as novidades estavam presentes em todo o período em que os dois estavam em contato direto, comprometidos um com o outro e com a Psicanálise. Duas conquistas iniciais foram a criação da Sociedade Freudiana de Médicos, em Zurique, e a consolidação da Sociedade Psicanalítica de Viena⁷⁵. Jung escreveu, em 25 de setembro de 1907: “Aqui fundamos agora uma Sociedade Freudiana de Médicos, cuja próxima reunião será quinta-feira” (JUNG, 1976, p. 132). Na carta de 10 de outubro de 1907, ele contou a Freud suas percepções sobre a reunião: “A coisa está indo muito bem, há grande interesse por toda parte, as discussões são animadas. Tenho a grata impressão de participar de um trabalho intensamente fecundo” (p. 135).

Freud, o mais interessado no bom encaminhamento da colaboração, escreveu, em 10 de maio de 1908: “o futuro parece promissor, tenhamos sempre confiança ao enfrentá-lo” (FREUD, 1976, p. 196). Em dezembro de 1908, escreveu animadamente sobre o ano de 1909, no qual percebemos uma mudança no comportamento de Jung relativa à autoridade de Freud, e para a causa: “Antes de mais nada, um viva efusivo ao ano de 1909, tão promissor, ao que tudo indica, para o senhor e nossa causa” (p. 241).

A zombaria com os adversários⁷⁶ e os efusivos vivas às conquistas, aos convites e aos novos membros são extensos. Após o encontro dos psiquiatras suíços de Zurique, Jung escreveu a Freud em 22 de novembro de 1909: “Sua (ou melhor, nossa) causa sai vitoriosa em toda a frente e assim a última palavra tinha de ser mesmo nossa; já nos situamos de fato em primeiríssimo plano. Fui inclusive convidado por colegas alemães a dar um curso de férias” (JUNG, 1976, p. 321). Em resposta, Freud, em 12 de dezembro de 1909, falou de seu próprio êxtase com os encaminhamentos feitos por Jung: “Suas cartas me entusiasma porque sempre evidenciam um trabalho satisfatório e incessante. É assim que deve ser [...] É raro que se passem dois dias sem uma nova indicação [...] de que nossas ideias se difundem” (FREUD, 1976, p. 326).

Um desses momentos de efusivo enlevo foi em fevereiro de 1908, quando Jung externou a grande honra que sentia por ter a amizade de Freud. Nessa efusão, uma proposição de posicionamento que custaria, em certa medida, a autonomia tão prezada por Jung. Em uma carta emblemática e intensamente citada por biógrafos e por estudiosos da relação entre Freud e Jung,

⁷⁵ Iniciada com os “Encontros Psicológicos das Quartas-feiras”, no ano de 1902, nos quais seguidores de Freud reuniam-se na sala de espera dele para debater temas de interesse da Psicanálise. Tornou-se Sociedade Psicanalítica de Viena, em 1908, e as reuniões passaram a ser no Colégio dos Médicos, a partir de 1910.

⁷⁶ “De tudo isso deduzo que nossos adversários ficam inconsoláveis diante de nosso inviolado silêncio” (JUNG, 1976, p. 303).

este último sugere seu posicionamento como filho e de Freud como pai, para não haver o perigo de repetição da história Freud-Fliess:

Agradeço-lhe do fundo do coração essa prova de confiança⁷⁷. A imerecida honra de sua amizade é um dos pontos altos de minha vida que não consigo expressar com palavras. A referência a Fliess – decerto não acidental – e seu relacionamento com ele impelem-me a solicitar que me permita desfrutar de sua amizade noutros termos, não como se fosse uma amizade entre iguais, mas sim entre pai e filho. Essa distância me parece adequada e natural. E já por si a meu ver ela confere um cunho que haveria de prevenir mal-entendidos e capacitar duas pessoas teimosas a existir lado a lado num relacionamento fácil e livre de tensões (JUNG, 1976, p. 166).

Na carta de Freud, em resposta a essa realocação de lugares (pai e filho), ele não fez menção, mas consente com essa preocupação de Jung de ter um esforço diante da possibilidade de tensões entre duas personalidades fortes e de opiniões autônomas. Freud comentou, no entanto, acerca do que escreveu Jung sobre as fórmulas de histeria escritas pelo austríaco:

Seu julgamento das fórmulas de histeria e, ainda mais, suas outras observações sobre meu trabalho deram-me uma satisfação raramente experimentada. Sei que o que diz é verdade, que minha maneira de trabalhar é de fato honesta, razão pela qual meu conhecimento é tão fragmentário e sou geralmente incapaz de conduzir uma apresentação mais extensa. Suprimi meu hábito de especulação consciente do modo mais radical possível e abjurei completamente a tentação de ‘preencher as lacunas no universo’. Mas quem acredita em mim, a não ser o senhor? (FREUD, 1976, p. 170).

A fé de Freud no movimento que estavam construindo externava-se em frases como “estamos trabalhando para o futuro [...] nosso reino não está nesse mundo. Nunca esqueçamos isso!” (FREUD, 1976, p. 176). Jung correspondia à compreensão de Freud e exteriorizava-a: “Mas não importa, estamos trabalhando para o futuro” (JUNG, 1976, p. 172).

Quase um ano e meio após o início da correspondência tímida e cheia de diplomacia, mas também da comemoração de cada pequena conquista para a causa, em 28 de outubro de 1907, Jung trouxe uma dificuldade pessoal atinente a Freud e analisou por que se retraiu por um tempo, demorando para responder a carta dele, vinculando isso a traumas pessoais. Interessantemente, essa situação era conexas à veneração que Jung sentia tanto pela pessoa como pelo intelectual Freud, e ele caracterizava tal ocorrência quase como uma atribuição religiosa, que tinha, segundo a teoria freudiana, um inegável fundo erótico:

⁷⁷ A prova de confiança foi Freud ter eliminado a palavra colega do modo de como costumava remeter a Jung no início de suas cartas. No lugar de “Caro amigo e colega”, passou a chamá-lo somente de “Caro amigo”. “Espero que, após uma preparação adequada, eu possa dispensar o ‘colega’” (FREUD, 1976, p. 163).

Suas duas últimas cartas contêm referências à minha preguiça de escrever. Devo-lhe certamente uma explicação. Uma das razões é meu acúmulo de trabalho, que mal me deixa tempo para respirar à noite; já a outra há de estar no domínio do afeto, no que o senhor chamou de meu “complexo de autopreservação” – uma expressão maravilhosa! E com efeito é de seu conhecimento que esse complexo já me pregou muitas peças, inclusive em meu livro sobre Dem. prec. Tento honestamente, mas o espírito mau que (como vê) enfeitiça-me a pena não raro impede que eu escreva. Na verdade – e é preciso um grande esforço para confessar isso – tenho pelo senhor uma admiração ilimitada, quer como homem, quer como estudioso, e não lhe voto o menor rancor consciente. Decerto não é aqui que reside a origem do meu complexo de autopreservação; mas dá-se que a maneira como o venero tem algo do caráter de um embevecimento “religioso”. Se bem que a coisa realmente não me aflija, ainda a considero repulsiva e ridícula devido a seu inegável fundo erótico. Esse sentimento abominável provém do fato de eu ter sido vítima, quando garoto, de um assalto sexual praticado por um homem a quem adorara antes. Mesmo em Viena as observações das senhoras (“enfin seuls⁷⁸”, etc.) me deixavam doente, embora a razão disso, na época, não me fosse clara (JUNG, 1976, p. 137).

Esse sentimento, do qual ainda não me livrei por completo, molesta-me consideravelmente. Outra de suas manifestações é que acho que o discernimento psicológico torna absolutamente desagradáveis as relações com colegas com uma forte transferência para mim. *Tenho portanto medo de sua confiança*. E também tenho medo de que o senhor reaja de igual modo quando lhe falo de meus problemas íntimos. Passo por conseguinte ao largo dessas coisas, tanto quanto posso, pois pelo menos em minha opinião não há relacionamento íntimo que depois de algum tempo escape de ser sentimental e banal, ou exibicionista, como se dá com meu chefe, cujas confidências são ofensivas. Penso que lhe devo essa explicação, embora preferisse não dá-la (JUNG, 1976, p. 137-138).

A expressão desse sentimento que Jung nutriu por Freud há de tê-lo atormentado, tanto mais quando associou o fundo sexual que continha e que seria confirmado da perspectiva de Freud. A resistência de Jung em escrever era um sintoma de uma inconformidade com relação ao afeto produzido pela admiração por Freud, e a mistura dos afetos religiosos e da violação que viveu por alguém que tanto estimava quando garoto fez com que desse um tempo na escrita das cartas e colocasse em funcionamento o que chamaram de “complexo de autopreservação”, ou seja, proteger a si mesmo de situações difíceis, constrangedoras ou que não fossem politicamente estáveis. Jung tinha uma tendência de sentir-se muito incomodado com as críticas externas, ao menos no começo de sua carreira.

Todo esse complexo, somado a uma comparação intelectual própria e ao início de uma alocação de Freud como uma figura paterna – o que piorava, se pensarmos na atitude paternalista e autoritária que ele já tinha antes de ser assim alocado –, tornava essa questão

⁷⁸ Tradução do francês: finalmente sozinhos.

delicada e confusa. Tal qual um filho teme ao pai, ele também tinha medo da confiança imputada a ele, medo de decepcionar a grande referência que encontrara. Apesar de estar dentro de um movimento que considerava o afeto como via basilar de acesso para a diminuição de sintomas e de sofrimentos, Jung tinha dificuldade de falar de suas questões íntimas e de lidar com alguns sentimentos que surgiam quanto à figura de Freud. Ele próprio temia que o relacionamento se tornasse sentimental e banal, por isso decidiu compartilhar a tensão.

Após essa carta delicada, com confissões pessoais, ele escreveu, em 2 de novembro de 1907, a ansiedade que sentia pela resposta de Freud. Nessa carta, aprofundou ainda mais os complexos respeitantes a Freud:

Estou sofrendo todas as agonias de um paciente em análise, permitindo que os mais diversos medos concebíveis sobre as possíveis consequências de minha confissão me torturem. Há uma consequência que talvez lhe interesse, e por isso a exponho logo. O senhor há de se lembrar que lhe contei um breve sonho que tive quando estava em Viena. Fui incapaz de decifrá-lo na época. E ocorreu-lhe que a solução pudesse estar num complexo de competição. (Sonhei tê-lo visto como um velho fraco, muito fraco, que ia andando a meu lado.) Desde então esse sonho se manteve a me afligir a mente. A solução só veio (como de hábito) depois de eu lhe ter confessado minhas preocupações. O sonho tranquiliza minha mente acerca de sua +++ periculosidade! Essa ideia não me poderia ter ocorrido na época, é óbvio que não! Espero que os deuses subterrâneos desistam enfim de suas tramoias e me deixem em paz (JUNG, 1976, p. 138).

A atitude de Jung seguia um princípio básico da Psicanálise: a cura pela fala. Podia imaginar que o saldo seria mais negativo se não contasse o sonho do que o contrário, então o fez. Mais uma vez, o ponto do reconhecimento pessoal e intelectual permeava a relação entre Jung e Freud. O primeiro interpretou e nomeou isso como um “complexo de competição” (JUNG, 1976, p. 138).

Na mesma carta do último trecho citado, Jung tentou acalmar o tom mudando os assuntos e, para o natal, ofereceu hospedagem a Freud em Zurique. Falta uma carta de Freud, que pode ter data entre 2 de novembro e 8 de novembro de 1907, a qual Jung responde em 8 de novembro, mencionando o tom de humor com que Freud tratou a situação, o que Jung também tentou fazer, até que sucumbisse ao material reprimido. “Em segredo, minha velha religiosidade havia encontrado no senhor um fator compensatório com o qual eu tinha, eventualmente, de chegar a bons termos, e só falando-lhe a respeito foi o que pude fazer” (JUNG, 1976, p. 139). Com isso, esperava driblar mudanças em seu comportamento após ter chegado a interpretações não positivas acerca de Freud. Baseando-se na solução dada por Freud ou no modo como ele reagiu com humor à situação que surgiu, Jung novamente escolheu citar como saída o bom

humor e focar no motivo de toda a dedicação comum para enfrentar isso: “Tenho confiança, seja como for, de que o bom humor não me abandonará nas situações difíceis. O objetivo de nosso esforço comum serve-me de salutar contrapeso e vale consideravelmente mais” (JUNG, 1976, p. 139).

Infelizmente, acessamos somente uma parte da resposta de Freud às confissões profundas de Jung. Sabemos que ele lidou com bom humor a partir da última carta de Jung e sabemos, por meio do trecho a seguir, que estava sonolento e irritadiço:

O que diz de seus progressos interiores é tranquilizador; uma transferência de base religiosa, a meu ver, seria absolutamente funesta e só poderia terminar em apostasia, graças á universal tendência humana de se ater a sucessivas reimpressões dos clichês que nós trazemos no íntimo. Farei o possível o possível para lhe mostrar que não estou talhado para ser um objeto de adoração. Talvez o senhor pense que eu já tenha começado. Mas é que estava sonolento e irritadiço em minha última carta; pouco depois me refiz e disse-me praticamente o que o senhor agora observa, a saber, que não nos faltam motivos de satisfação (FREUD, 1976, p. 141).

Tendo em vista o compromisso firmado com a ciência e o rigor que Freud deveria manter para perseguir a ambição de originar um campo de estudos, ele se dedicava a afastar qualquer sinal de religiosidade. Talvez a resposta “sonolenta” (FREUD, 1976, p. 141) viesse desse choque de interesses, pois se tratava do seu discípulo mais capaz que confessava sonhos, interpretações e atitudes concernentes a ele, de um jeito que não lhe agradara. Freud tentou sair desse imbróglio apontando para os diversos motivos de satisfação que tinham e para o quanto a causa estava avançando, fazendo menção, na carta seguinte, a casos e a referências literárias. O esquecimento dessa pequena tensão veio com o grande passo institucional que foi dado por esses primeiros membros do círculo psicanalítico de Viena e de Zurique, o Congresso de Salzburgo, ou o 1º Congresso de Psicanálise.

Em meio a mal-entendidos e a empolgações, à valorização da autonomia intelectual e à sua renúncia, elegendo para si mesmo um próprio pai e colocando-se no lugar de filho, Jung interagiu de modo ambíguo, pois ainda não tinha consolidado seus pressupostos teóricos, seu espaço, sua presença nos meios médico e acadêmico. Freud, notadamente entusiasmado, recebeu a figura de Jung com grande zelo, porquanto sabia como um rosto jovem e não judeu podia significar para onde pretendia levar suas ideias. Meticulosamente, ambos davam passos curtos em direção às suas próprias ambições, agiam astutamente, mas também se autorizavam mergulhar cautelosamente no mar desconhecido do outro, como foi o caso de Jung, que precisava ser honesto sobre as ocorrências interiores que envolviam a figura de Freud. Este

último, mais comedido e vestido de autoridade, jamais trouxe à baila qualquer tipo de bloqueio envolvendo Jung, o que não quer dizer que eles não ocorreram.

No notável ano de 1909, Freud estava bastante animado com as possibilidades que construía e com os rumos que a Psicanálise tomava. Fez, então, uma ousada declaração e comparação bíblica: “Estamos indo adiante, não há dúvida; se sou Moisés, o senhor é Josué e tomará posse da terra prometida da psiquiatria, que só poderei entrever de longe” (FREUD, 1976, p. 246). De fato, chegaram longe, mas foi justamente nesse ano que as maiores diferenças começaram a aparecer.

3.2 TUDO PODE SER RESOLVIDO EM UM ENCONTRO PESSOAL?

Em março de 1907, Jung e Freud se encontraram pela primeira vez em Viena. Trata-se do famoso encontro em que conversaram por 13 horas ininterruptas e que ambos ficaram extasiados com a apresentação um do outro. Jung externalizou isso muito mais no calor do momento; já Freud, ao longo de cartas para Jung e para outras pessoas. Em seu relato autobiográfico, Jung escreveu o seguinte sobre o primeiro encontro:

Conversamos a partir de uma hora da tarde, quase ininterruptamente, durante 13 horas. Freud era a primeira personalidade verdadeiramente importante com a qual eu me relacionava. Ninguém entre as pessoas que eu conhecia podia se comparar com ele. Em sua atitude nada havia de trivial. Eu o achei extraordinariamente inteligente, penetrante, notável sob todos os pontos de vista. No entanto, as primeiras impressões que deve ter recebido permaneceram vagas, e em parte, incompreendidas (JUNG, 2016, p. 157).

A noção de personalidade é muito marcante para ambos, acima de tudo para Jung, que, de certa maneira, desde sua juventude buscava referências externas de explicação de mundo. Na carta de 31 de março de 1907, primeira carta de Jung após o encontro, escreveu: “Binswanger já deve ter lhe falado da tremenda impressão que o senhor me causou” (JUNG, 1976, p. 67).

É custoso para o historiador ultrapassar aquilo que vai além dos documentos, mas é seu papel fazê-lo. Podemos imaginar certas tendências de comportamentos em uma convivência entre os dois e, nesse sentido, aqueles que testemunharam podem narrar esses encontros. Gay (2012) trouxe o tom disso por meio da descrição de Martin Freud sobre Jung e da narrativa de Binswanger sobre a postura de Freud nesse primeiro encontro:

Martin Freud, que estava presente com seus irmãos, recordou que Jung era

cheio de si e de seus casos clínicos, quase a ponto de estourar. “Nunca fez a menor tentativa de manter uma conversa polida com a mãe ou conosco, os filhos, mas continuava com a discussão que havia sido interrompida pelo chamado para o jantar. Jung, nessas ocasiões, era quem falava e o pai, com visível prazer, era quem ouvia.” [...] Parecia apreciar enormemente a si mesmo (GAY, 2012, p. 213).

Binswanger nunca se esqueceu da conversa cordial e estimulante do anfitrião e da “atmosfera descontraída e amistosa” que, desde o início, envolveu a ocasião. Então com apenas 26 anos, Binswanger ficou assombrado com a “grandeza e dignidade” de Freud, mas sem sentir atemorizado ou intimidado. O anfitrião, com sua “aversão a qualquer formalidade e etiqueta, seu encanto pessoal, sua simplicidade, sinceridade espontânea e bondade e, não menos importante, seu humor”, pelo visto afastou qualquer angústia (GAY, 2012, p. 213).

A exposição de Martin Freud interessa-nos grandemente, porque, por intermédio dela, somos informados acerca da dinâmica do encontro pessoal dos dois. O fato de Jung ser quem mais falava e de Freud ser aquele que mais ouvia é muito interessante, haja vista que a avidez pelas cartas estava muito mais incidida na atitude de Freud. A autoconfiança informada pelo filho de Freud congrega uma performance do que se gostaria de apresentar, do que se gostaria de fixar em sua própria imagem, mas também uma garantia de que era suficiente a si mesmo e ao seu pensamento independente. São patentes o espaço de autoridade masculina e a relevância que concedia a si mesmo, visto a notoriedade que deu aos seus próprios assuntos em detrimento dos filhos e da esposa de Freud. Nas cartas, porém, sempre incluía as perguntas sobre familiares de Freud, o que pode significar apenas uma convenção social, e não uma preocupação genuína.

Esse encontro, em especial, contribuiu, em parte, para acalmar os ânimos de Jung quanto às dúvidas sobre a teoria da sexualidade. A vontade de desfrutar dessa grande cooperação era maior que a vontade de pôr à mesa as incompreensões. Na carta de Jung posterior a esse primeiro encontro pessoal, ainda abordou a magnitude de seu julgamento independente, levando em conta as investidas resistentes do seu superior, o professor Bleuler, e sugeriu a Freud uma saída para as críticas externas e para a baixa compreensão do conceito de libido entre os médicos:

Não seria concebível, tendo em vista a limitada concepção de sexualidade que prevalece em nossos dias, que a terminologia sexual se reservasse apenas às formas mais extremas de sua “libido” e que um termo coletivo menos ofensivo fosse estabelecido para *todas* as manifestações libidinais? (JUNG, 1976, p. 66).

Em resposta à recomendação de termos feita por Jung, Freud respondeu com sua

compreensão de inevitabilidade de crítica, arrazoando que é melhor enfrentar todas as resistências desde o início e que não fazia sentido tirar a nomenclatura, já que sempre teriam de voltar na centralidade da sexualidade: “O que nos pedem é, nem mais nem menos, que abjuremos nossa crença no impulso sexual. A única resposta é professá-la abertamente” (FREUD, 1976, p. 69).

Após Jung mostrar ter compreendido completamente que o termo libido, para a Psicanálise, não indicaria apenas prazeres estritamente sexuais⁷⁹, ele estipulou um compromisso exalando os efeitos do encontro pessoal que tiveram:

Mas a teoria que o senhor postula é puro empirismo e empiricamente é que deve ser apresentada. Essa, seja como for, é a tarefa fundamental com que o futuro me acena. Procuro, por conseguinte, métodos capazes de desenvolver a psicanálise da maneira mais exata possível, esperando assim lançar as bases para uma popularização científica de seus ensinamentos. [...] Não mais me assaltam dúvidas quanto à correção de sua teoria. Os últimos vestígios foram dispersos por minha estada em Viena, que para mim foi um acontecimento de importância imensa. [...] Nada mais direi sobre isso, mas faço votos de que meu trabalho pela sua causa lhe demonstre a extensão de minha gratidão e respeito. Espero, chego mesmo a sonhar, que possamos recebê-lo em Zurique no próximo verão ou no outono. Pessoalmente eu me sentiria no auge da alegria com uma visita sua; foram efêmeras demais as horas que passei a seu lado (JUNG, 1976, p. 67).

O compromisso era com a popularização científica dos ensinamentos de Freud. Ele destacou o que considerava um valor primordial na prática científica, o empirismo, e afirmou a dispersão das dificuldades teóricas a partir do encontro pessoal com Freud, que era digno de gratidão e de respeito em toda oportunidade que Jung pudesse demonstrar. É notório o arrebatamento em que estava envolvido Jung ao expressar a possibilidade de um novo encontro e o quanto o tempo vivido foi prazeroso.

A partir de abril de 1907, a relação começou a solidificar-se. Jung visitou, conheceu e comprometeu-se por escrito com os ensinamentos de Freud, e este se mostrou muito satisfeito e confiante em um futuro que seria dirigido por Jung. Freud garantiu não poder desejar ninguém menos que o suíço para o substituir, mas exatamente na maneira em que o conheceu: “não poderia desejar ninguém melhor que o senhor, tal como o conheci, para continuar e completar minha obra” (FREUD, 1976, p. 68). Talvez esse fosse o papel que todos os colaboradores de

⁷⁹ Libido é um conceito capital para a Psicanálise. Consoante com Roudinesco e Plon (1998), Freud reconstruiu a acepção dessa palavra para designar a manifestação da pulsão sexual na vida psíquica e, por extensão, as sexualidades humana e infantil. Sob essa concepção de libido, Freud erigiu sua teoria da sexualidade, que começou a ser enunciada em 1905 e, depois, aprimorada com outras reflexões. Para mais detalhes, ver Roudinesco e Plon (1998).

Freud quisessem ocupar.

Jung há de ter ficado realizado com o lugar que lhe foi delegado, mas transmitiu modéstia quanto às expectativas que poderiam ser criadas por Freud. Dedicou os seus progressos ao encontro pessoal que teve com Freud, que ele tinha como uma parte imprescindível na formação de analistas:

Só temo que o senhor me superestime e às minhas forças. Com sua ajuda passei a olhar as coisas em profundidade, mas ainda estou longe de ver com clareza. Não obstante tenho a impressão de que fiz um considerável progresso interior desde que o conheci pessoalmente; a meu ver, o real conhecimento de sua ciência não pode prescindir jamais de um contato pessoal com o senhor. Onde a escuridão é tão grande para nós, ainda estranhos a ela, só a fé pode ajudar; mas a melhor fé, e a mais positiva, é o conhecimento de sua personalidade. Minha visita a Viena foi, por conseguinte, uma confirmação genuína (JUNG, 1976, p. 71).

Freud, por seu lado, fez questão de enunciar que o modo como encarava o relacionamento deles já havia se generalizado para o mundo (FREUD, 1976). Isso poderia significar que esteve em diálogo com membros do exterior sobre os planos que Freud tinha para Jung no movimento psicanalítico, os quais provavelmente estariam de acordo com o que ele comentou sobre sucessão nessa mesma carta: “A propósito de outro assunto, devo igualmente saudá-lo como meu sucessor” (p. 74).

Apesar de estarem enlevados com a relação instaurada, Freud costumava exercer a autoridade conferida por ele mesmo e pelos seus discípulos. Jung, que ainda avaliava o espaço que estava sendo destinado para si pelos pares e, nomeadamente, por Freud, constantemente se deparava com alguns desafios propostos por Freud ou mesmo com uma generalização do que era sua preocupação de estudos. Enquanto Jung se debruçava sobre o problema da Demência precoce, ou esquizofrenia, como ficou conhecida mais tarde, Freud escreveu, em abril de 1907: “Embora eu costume falar de paranoia, friso bem que é a mesma coisa, pois afinal o elemento paranoico da demência ainda requer explicação” (FREUD, 1976, p. 76).

A atitude de Jung era a de um apaziguamento externalizado a Freud, mas que também tinha função sobre si mesmo, pois, sempre que possível, ele reiterava a razão que Freud provavelmente haveria de ter a respeito de a libido ser ou não completamente sexual. Em um elogio a Freud pelo texto com inspiração literária chamado “Gradiva” (2015), Jung fala da “cegueira sétupla” (JUNG, 1976, p. 90) a que estariam submetidos aqueles que não compreenderiam e apreciariam o modo como as coisas “realmente são” (p. 90) e externaliza um exercício de pensamento anterior ao contato com Freud:

Não raro tenho de me transportar ao tempo anterior ao meu pensamento psicológico para reexperimentar as acusações feitas então contra o senhor. Simplesmente não as posso compreender mais. Meu pensamento de outrora parece-me não só intelectualmente incompleto e errôneo, como também, o que é pior, moralmente inferior, já que agora deixa a impressão de ser uma imensa desonestidade em relação a mim mesmo. O senhor há de, assim, estar absolutamente certo, quando busca em afetos, sobretudo de ordem sexual, a causa de resistência de nossos oponentes (JUNG, 1976, p. 90).

Como, então, fazer oposição a Freud e à Psicanálise, se a própria crítica seria um sintoma psicológico a ser analisado? Se a própria resistência dos oponentes seria, pois, avaliada e configurada como o exercício de uma neurose, o que legitimaria ainda mais seu constructo teórico. Esse é um dos fios importantes deste estudo, posto que Jung se sentira diminuído ao seu próprio complexo em todas as situações em que tentou divergir teoricamente, politicamente ou afetivamente de Freud.

No contexto da citação, ele mesmo transportou seu pensamento para rever as acusações que tinha antes de seu contato com Freud. O momento da escrita da carta era, desse modo, uma grande iluminação intelectual para Jung, que reconhecia a genialidade de Freud e repetia para ele e para si mesmo – o acerto de Freud em compreender grandes problemas afetivos da perspectiva sexual. A necessidade de tornar crível a si mesmo e de estabelecer uma espécie de contentamento fazia com que Jung seguidas vezes elevasse a autoestima de Freud e reforçasse que ele provavelmente estava completamente correto em suas escolhas teóricas, nominais e metodológicas.

O personalismo⁸⁰ é marcante em incontáveis fragmentos da correspondência. Nesse caso, vemos Jung vinculando sua própria personalidade ao conhecimento que tinha das verdades de Freud. Chamou de moralmente inferior o que antes soube de Freud e relacionou esse saber à honestidade para consigo mesmo. Qual comprometimento poderia ser maior do que o de comparar as próprias honestidade e personalidade à assimilação de um conhecimento?

Essa postura incentivava as asserções confiantes no sucesso da Psicanálise e no papel que Jung teria nele. Regularmente, ambos escreviam incentivando um ao outro, informando progressos e novos membros locais ou de outros países, bem como novas publicações. É perceptível que esse ano de 1907 tenha sido um pouco mais teórico e idealista para o movimento psicanalítico, o que mudou a partir de 1908, quando aconteceu o I Congresso de Psicanálise, em Salzburgo. Em 26 de maio de 1907, Freud escreveu:

⁸⁰ Compreendemos como personalismo, nesse contexto, o conjunto de características e de valores praticado por uma pessoa que a determina socialmente e a coloca em um lugar de aceite ou de crítica. Geralmente, é associado a intelectuais ou à condução de grandes instituições médicas. Podemos conjeturar tanto Jung quanto Freud como construtores de uma personalidade que pode ora ser louvada, ora deteriorada pela crítica.

Mas nem por isso se preocupe, tudo acabará dando certo. O senhor há de viver para ver este dia, eu talvez não. Lembre-se de que antes de nós outros tiveram de esperar para que o mundo compreendesse o que diziam [...] Sempre que nos ridicularizam, convenço-me mais do que nunca de que estamos de posse de uma grande ideia. No obituário que um dia há de escrever para mim, não se esqueça de testemunhar que essa oposição toda jamais me perturbou realmente (FREUD, 1976, p. 95-96).

Uma passagem sempre lembrada pelos biógrafos é de uma carta de Jung em resposta a esse entusiasmo de Freud com o futuro. A passagem é sobre as riquezas que ambos haveriam de compartilhar com o florescimento da Psicanálise, as quais Jung, porém, sinalizou advirem de Freud: “É admirável, em sua última carta, a observação de que podemos ‘desfrutar de nossas riquezas’. Delicio-me diariamente com suas riquezas e vivo das migalhas que caem da mesa do homem rico” (JUNG, 1976, p. 97).

Esse trecho coloca ambos em posições sobrepostas e traz um debate de classe. No relativo ao conhecimento, Jung seria um pobre que se deleita com qualquer migalha que venha do rico que se senta à mesa farta. Freud não responde que se alegra com essa imagem mental, mas se sente surpreendido. A surpresa pode ser performática, na acepção de considerar Jung como um igual, que se sentaria à mesa farta junto com ele, mas também descortina uma confirmação de que os papéis ocupados fazem sentido. Freud respondeu, em 6 de junho de 1907: “Muito me surpreende saber que sou o homem rico de cuja mesa o senhor recolhe as migalhas. Essa observação há de se referir a coisas que não mencionadas em sua carta. Quem me dera que o fosse!” (FREUD, 1976, p. 99).

Como vimos no subcapítulo anterior, entre reservas e êxtases, Jung e Freud construía os pilares da Psicanálise. Ao longo de 1907 e de 1908, até que ocorresse o Congresso de Salzburgo, Jung experimentava os espaços, aprofundava-se nos conceitos e envolvia-se em casos clínicos, intencionando observar aquilo que Freud havia formulado teoricamente.

Como uma tendência geral notada previamente a um encontro pessoal, não foi diferente no encontro de Salzburgo, o primeiro encontro institucional do movimento psicanalítico. Jung trouxe à tona alguns impasses com a teoria de Freud que precisavam ser discutidos pessoalmente. Mais combustível, portanto, que alimentaria incompreensões. Em 11 de março de 1908, Jung escreveu:

Devo abordar, de início, a questão da paranoia. Quer-me parecer que será imprescindível conversarmos pessoalmente a respeito, pois eu deveria tomar contato com o seu material; sua teoria me seria então mais inteligível. O caso

de Fl.⁸¹, por exemplo, ajudou-me grandemente na compreensão de suas ideias porque eu sempre soube o que o senhor tinha em mente. Sua linha de pensamento sobre a questão da paranoia dá a impressão de ser muito diferente da minha e assim tenho grande dificuldade em segui-lo. O problema da escolha da neurose parece desempenhar para o senhor um papel crucial. Eis aí algo que eu não ousa tocar. No momento só estou interessado no modo como o *alívio do complexo pode ser obtido* (JUNG, 1976, p. 178).

Mais uma vez, Jung mostrou dificuldade para assimilar completamente a teoria de Freud. Este último, todavia, não incentivou a continuidade dos questionamentos e simplesmente respondeu: “Claro que terei muito mais a dizer sobre a paranoia noutra ocasião. É a Fliess que o senhor se refere com Fl.? Devo parar por aqui porque quero reler seu *Dem. Praecox* para a última aula amanhã” (FREUD, 1976, p. 181). Estrategicamente, perguntou algo que deu o tom de desentendimento e terminou com um motivo bem propício, a leitura de um texto do próprio Jung. Em 14 de abril, escreveu a Jung, ao final de uma carta: “Espero encontrar um momento em Salzburg para uma conversa a sós com o senhor sobre a paranoia. Trate de se apresentar em plena forma” (p. 183).

Como um mestre que testa os conhecimentos do aluno, Freud aconselhava que Jung estivesse em plena forma, isto é, atualizado com a discussão. Com isso, podemos pensar que não bastava estar atualizado, mas era preciso que Jung tivesse visitado todas as formulações teóricas de Freud e tivesse finalmente se satisfeito com o que o austríaco ofereceu de explicações. Caso aparentasse não estar em dia, Freud alegaria que teria sido a falta de leitura, de aprofundamento e de experiência de Jung que ainda não teria permitido que ele compreendesse tal qual ele compreendia não somente a questão da paranoia, mas variados outros tópicos de contraponto de Jung.

Há múltiplas ocorrências cotidianas que remetem aos encontros pessoais que eles tiveram, mas que não necessariamente têm a ver com soluções para divergências teóricas. Uma referência divertida é a da carta de Freud de 30 de dezembro de 1908: “Muito obrigado pelo atencioso presente de Natal, que por associação me trouxe à mente os dias esplêndidos no Burghölzli. [...] Achei-o bem mais gostoso do que o que eu provei em sua casa” (FREUD, 1976, p. 241). A filha de Freud, Anna Freud, lembrou, em nota, que o presente ao qual Freud alude é um queijo. Isso posto, vemos menções diretas aos dias que passaram juntos, sensibilidades gustativas comparando experiências, lembrando momentos em que estavam compartilhando pessoalmente da presença um do outro. Pouco podemos fisgar das sensações, dos afetos movidos nesse encontro, pois as possibilidades são amplas, mas a remissão aos dias vividos

⁸¹ Fliess.

juntos com o sabor do queijo trouxe novas cores para esse acontecimento.

A expectativa do encontro era sempre alimentada por ambos e citada com contentamento: “É com imensa alegria que me ponho à espera de sua segunda visita: da última para cá as coisas mudaram para melhor. Minha gente (refiro-me sobretudo à família) também se mostra impaciente por vê-lo e já [...] discute o que o senhor gosta ou não de comer” (FREUD, 1976, p. 256). Esses encontros demandavam uma preparação que envolvia não apenas os dois intelectuais, mas também familiares, pessoas que providenciariam hospedagem, alimentação, entre tantos elementos que abrangem uma viagem. A finalidade não era só a troca intelectual, mas, além disso, uma atribuição social de honra ao receber a figura um do outro, que significava em projetos tanto profissionais quanto pessoais⁸². A hospitalidade era percebida e performada por todos os membros da casa.

Em meados de 1909, Jung se mudou para a zona rural, à beira do lago de Zurique. Foi um acontecimento feliz para o suíço, pois cada dia mais ele valorizava experiências de contemplação. Jung escreveu, em 2 de junho de 1909: “Só espero agora que o senhor tenha uma oportunidade de vir pessoalmente abençoar esta casa” (JUNG, 1976, p. 275). Sua conquista pessoal deveria contar com a benção do seu guia profissional, mas por que seria um erro dizer que Freud também seria um guia espiritual? Nesse cenário, a presença faria toda a diferença.

Essas intersecções de eventos que ocorreram presencialmente aparecem em distintas situações, em particular após um encontro que acabara de acontecer. Foi o caso do momento posterior à longa viagem que fizeram juntos aos Estados Unidos para as Conferências da *Clark University*. Na viagem que fez sozinho à Suíça, continuou com as análises de sonhos que fizeram enquanto estiveram juntos e disse ter descoberto gracejos impagáveis, mas que não podiam ser agora compartilhados. Em pergunta, fez uma menção a algo que aconteceu pessoalmente: “Como vai o senhor? E o estômago? Bem, espero” (JUNG, 1976, p. 299). A pergunta cuidadosa denota afeto e preocupação com o bem-estar físico de Freud, que pode ter se queixado de dor no estômago em algum momento na viagem. Isso não foi anotado em nenhum trecho por escrito, portanto se trata de uma ressonância de um encontro físico.

Os encontros pessoais eram desejados por ambos. Eles tinham o potencial de resolver problemas complexos, por exemplo, divergências teóricas. Não porque discutiam e esmiuçavam esse problema, mas pelo efeito terapêutico da boa conversa intelectual, pelo

⁸² “Desnecessário que eu diga o quanto significam para mim, profissional e pessoalmente, esses encontros com o senhor” (FREUD, 1976, p. 261).

impacto que a companhia do outro tinha. O que pairava era uma vontade de vivenciar intensamente esses momentos curtos de presença, assim, as divergências que podiam ocasionar conflitos ficavam esquecidas. O poder do encontro pessoal estava no efeito causado pela figura de cada um, pelo que eles significavam, pela postura, pelas ambições à vista, pela genialidade. Em outros termos, o encontro funcionava como um bálsamo para as tensões que se colocavam quando o tempo que passavam distantes se alongava. Desse modo, quase tudo poderia ser resolvido com um encontro pessoal.

3.3 DISCÍPULOS OUTROS, POTENCIAIS EM DISPUTA

Jung viajou para a França em meados de 1907 e, por ocasião dessa viagem, Freud havia desejado um bom “complexo de Paris”, mas não gostaria de ver Jung reprimindo o “complexo de Viena”. Jung disse que a experiência de Paris foi *pauvre*, e Freud escreveu:

O senhor há de imaginar quão grande seria meu desagrado se seu complexo de Viena fosse obrigado a partilhar com um complexo de Paris a catexia disponível. Por sorte, como me diz, nada disso aconteceu, o senhor pôde ver pessoalmente que os novos rumos da psiquiatria estão conosco, entre Zurique e Viena. Saímos assim salvos e ilesos de um primeiro perigo (FREUD, 1976, p. 109-110).

Freud desejaria que o complexo de Viena fosse mais intenso que o de Paris, em uma brincadeira quanto aos prazeres desprendidos em cada lugar. O perigo de Jung encontrar mais inspirações em Paris do que em Viena foi felizmente ultrapassado para Freud, e percebemos, por meio dessa fala e de outras, uma espécie de ciúmes sutil, externalizado por ambos, ao longo de 1907. Jung também demonstrou uma atitude enciumada quando soube que Freud mantinha uma relação epistolar com Karl Abraham: “Numa de suas cartas anteriores vinha o pedido de que lhe desse minha opinião sobre o Dr. Abraham. Devo admitir que ele me deixa ‘enciumado’ por se corresponder com o senhor (Perdoe-me a minha franqueza, por mais que isso pareça de mau gosto!)” (JUNG, 1976, p. 120).

Naquele momento, Jung realizava uma espécie de recrutamento de nomes que se colocassem em favor de Freud. Essa era uma ambição pessoal de Jung, a qual Freud indicara como positiva para o movimento, assegurando que entre os seus feitos não haveria distinções e que ambos poderiam deleitar-se com as conquistas propiciadas pelas características de cada um, como exprimi em trechos de 10 de julho de 1907 e de 18 de agosto de 1907:

Espero que o senhor conquiste o reconhecimento que deseja e merece; para mim, isso também significa muito [...] Parece-me ter encontrado uma mina de homens singularmente delicados e capazes, ou será que deixo a satisfação pessoal toldar-me o julgamento? (FREUD, 1976, p. 116).

Sua palestra em Amsterdam será um marco na história e é para a história, afinal, que em grande parte trabalhamos. O que o senhor chama de elemento histórico de sua personalidade, sua necessidade de impressionar e influenciar pessoas, esse próprio atributo que tão bem o apresta para ser um mestre e um guia há de vir às claras mesmo que o senhor não faça concessões às tendências de opinião em moda. E desde que tenha injetado seu fermento pessoal, em doses ainda mais generosas, na massa efervescente de minhas ideias, já não haverá mais diferença entre os seus feitos e os meus (FREUD, 1976, p. 118-119).

A mina de homens descoberta por Jung claramente foi de grande valor para Freud, inclusive após o rompimento da relação entre os dois, já que algumas pessoas apresentadas por Jung acabaram permanecendo ao lado de Freud, como foi o caso de Oskar Pfister ou de Ernest Jones⁸³. Pensando a partir dessa perspectiva, valia a pena aceitar a mescla de feitos que supostamente seria tanto de Jung quanto de Freud? Até que ponto Jung tomava isso como benéfico para seus próprios anseios? A hesitação dele diante do público e a dificuldade que se impunha em tomar para si elementos que ainda não tinham sido assimiláveis para si colocavam reticências em uma colaboração que também poderia levá-lo para um lugar de muito prestígio, tal qual poderia frustrar suas próprias compreensões de mundo. A seguir, iremos nos deter no exame de referências a outros personagens que aparecem nas correspondências e cujas relações, de algum modo, igualmente impactavam a convivência erigida entre Freud e Jung.

Sándor Ferenczi (1873-1933)

Sándor Ferenczi foi um personagem de ênfase na história de colaboração entre Jung e Freud. Entre os discípulos prediletos, Freud viajava com ele e mantinha-se em contato contínuo, assim como Jung, mas com uma diferença marcante em comparação ao suíço: Ferenczi era judeu. Ele foi um dos mais fiéis colaboradores de Freud e fez um elogiável trabalho de disseminação e de solidificação da Psicanálise na Hungria, além de exercer um papel substancial na IPA.

⁸³ Ernest Jones se tornou um dos insígnis personagens da política psicanalítica após o rompimento de Freud com Jung. No entanto, este último foi quem apresentou entusiasticamente o Dr. Jones a Freud: “Passo agora a uma grande surpresa: no continente inglês havia um jovem de Londres, o Dr. Jones (um celta do País de Gales!), que conhece muito bem suas obras e já pratica a psicanálise. Provavelmente irá visita-lo mais tarde. Ele é muito inteligente e poderia prestar uma valiosa ajuda” (JUNG, 1976, p. 128).

Os trabalhos de Ferenczi comumente foram comentados por Freud em cartas enviadas a Jung. Em 26 de dezembro de 1908, escreveu: “Ferenczi, que sempre me causa grande prazer, chegou de Budapeste e trouxe-me um excelente estudo sobre transferência” (FREUD, 1976, p. 239). Ao final de 1908, Jung tentava compreender melhor a D. pr. (Demência precoce) – também chamada de paranoia –, tentando formular hipóteses, fórmulas e questões para Freud, que respondeu dizendo que já havia pensado em fórmulas parecidas junto com Ferenczi: “O que o senhor escreve sobre paranoia corresponde exatamente a certas hipóteses que nós, Ferenczi e eu, desenvolvemos em Berchtergaden, mas com as quais não quisemos perturbar seu trabalho” (p. 240).

Jung certamente não deve ter gostado de ter suas formulações equiparadas ao que já havia sido pensando por Freud, quanto mais junto com Ferenczi, com quem poderia manter certa competição, já que os dois eram discípulos e ocupavam posições privilegiadas junto a Freud. Após Freud ter mencionado o trabalho de Ferenczi, em 26 de dezembro, escreveu novamente sobre isso no dia 30 de dezembro, com o intuito de pedir que Jung providenciasse um lugar no *Jahrbuch*, caso o trabalho não fosse aceito por outras revistas:

Ferenczi trouxe um ensaio *muito* bom sobre transferência, que escreveu para o segundo número, mas que no próprio interesse dele eu gostaria de publicar *mais cedo*, já que se aproxima muito da seção correspondente de minha “Exposição Geral do Método da Psicanálise”. Caso não seja aceito por outros – já me brindaram com uma recusa – não teremos outra alternativa senão o impingir ao senhor (FREUD, 1976, p. 242).

A repetição do excelente artigo de Ferenczi pronunciada por Freud há de ter sido constatada por Jung, bem como o cuidado com essa publicação, que tomava como se fosse alguma sua, como quando ele se reporta à recusa que foi brindada a ele, e não a Ferenczi. Apesar de haver uma comparação interna, Jung providenciaria a publicação, a fim de agradar a Freud: “Já escrevi ao Dr. Brodmann sobre Ferenczi. Talvez o ensaio dele possa ser colocado lá; podíamos tentar também a *Allgemeine Zeitschrift für Psychiatrie*. Em geral eles gostam de coisas novas” (JUNG, 1976, p. 244). Respondendo a essa atitude de Jung, Freud retornou em 17 de janeiro de 1909: “Muito obrigado pelos esforços para colocar o artigo de Ferenczi” (FREUD, 1976, p. 246).

Em outras situações, quando Jung se encontraria pessoalmente com Freud, havia atravessamentos de Ferenczi. Foi o caso, por exemplo, da segunda visita de Jung a Viena, em 1909. Freud já antecipara por carta que ele estaria em um dos encontros: “A presença de Ferenczi há de ser uma alegria para todos. É provável que ele apareça no domingo; nos outros

dias poderemos conversar a sós, o que também é importante” (FREUD, 1976, p. 256). O tempo de encontro pessoal era valioso para ambos, mas especialmente para Jung, que, além da boa política e do êxtase do encontro, necessitava tirar dúvidas de pontos um tanto quanto fundantes da ciência psicanalítica.

Ainda na viagem que fariam aos Estados Unidos, evento marcante para o movimento psicanalítico e para o relacionamento de ambos, Ferenczi estaria com eles. Após Freud exprimir sua alegria pelo convite para Jung também fazer uma palestra na Clark University, acrescentou: “Um pormenor dos mais gratificantes é que o senhor também vai pelo G. Washington. Ambos faremos boa companhia a Ferenczi” (FREUD, 1976, p. 285).

Esses elogios tecidos por Freud não somente valorizavam as habilidades de cada um, mas tinham propósito de manifestar o quanto a causa psicanalítica estava dotada de bons encaminhamentos. Em 2 de dezembro de 1909, acrescentou Freud: “Uma pequena mudança foi proporcionada pela consulta que dei em Budapest, onde tive oportunidade de visitar Ferenczi e participar do trabalho dele. Fiquei feliz por ver como ele se orienta bem num caso que é de fato difícil” (FREUD, 1976, p. 324).

Jung, com tarefas para além da causa psicanalítica, procurava dar boas e atenciosas respostas a Freud, mas podia não se prestar ao mesmo cuidado quando se tratasse de outros membros, tal qual Ferenczi. Jung escreveu, em 14 de dezembro de 1909: “O ensaio de Ferenczi, por tudo quanto ouço, causa aqui boa impressão. Recebi dele uma carta tão simpática, tão compreensiva e amiga, que é bem provável que não lhe tenha dado uma resposta adequada” (JUNG, 1976, p. 328). Em resposta, Freud não poupou elogios ao discípulo tão capaz: “O desenvolvimento de Ferenczi é inegável. A viagem lhe fez grande bem. É sem nenhuma hesitação que o considero um homem superior, autêntico e digno de toda confiança” (FREUD, 1976, p. 330).

Oscar Pfister (1873-1956)

Oskar Pfister foi apresentado a Freud por Jung e tinha uma característica peculiar: era pastor protestante, o que contribuía para a diversidade no movimento psicanalítico. Mais tarde, após o rompimento de Jung com Freud, Pfister continuou ao lado de Freud; antes, foi sócio-fundador da Sociedade Psicanalítica da Suíça, em 1910. Mais tarde, em 1919, fundou uma nova sociedade em Zurique, voltada à orientação de Freud, com quem manteve uma animada correspondência.

Em 7 de janeiro de 1909, Jung escreveu a Freud sobre Pfister: “O pastor Pfister, homem

inteligente e amigo meu, deu início a uma grande campanha de propaganda de suas ideias” (JUNG, 1976, p. 244). O elo da Psicanálise com um pastor protestante seria, no mínimo, curioso, levando em consideração temáticas como sexualidade na Psicanálise e os embates que provocaria com ideias religiosas. Freud escreveu a Jung, em 17 de janeiro de 1909: “Seu corajoso amigo Pfister me enviou um artigo que hei de agradecer com vagar. A atitude dele – um pastor protestante – é de fato louvável, embora para mim seja meio desconcertante ver a Psicanálise arrolada na luta contra o pecado” (FREUD, 1976, p. 245).

Embora mais tarde Pfister tenha começado uma relação própria com Freud, Jung o via com certa familiaridade, levando em conta sua nacionalidade suíça e sua religiosidade. Não tanto como uma competição, tal qual com Ferenczi, Pfister trazia a união de temáticas que eram do agrado de Jung:

Pfister, um excelente sujeito, é decerto um neurótico, mas não dos piores. Tem uma inteligência estupenda, não teme nada e é temível na defesa de nossa causa. Com ela há de fazer alguma coisa. O que? Não sei nada. Essa mistura de teologia e medicina, por estranho que pareça, é de meu agrado (JUNG, 1976, p. 247).

Não obstante Freud quisesse afastar-se de ideias e de comportamentos religiosos, ele reconhecia a potencialidade e a chancela que isso poderia dar ao seu projeto psicanalítico. Ademais, o debate entre tais movimentos poderia expandir as formas de pensar de Freud, de seus discípulos e da construção da Psicanálise de uma forma geral. Ele demonstrou estar em diálogo com Pfister nas cartas com Jung: “Consagrei todas as folgas que a correspondência com o senhor me deu, nessas últimas semanas, à correspondência com Pfister e os americanos” (FREUD, 1976, p. 256). Inclusive, estava estimulado com essa novidade: “Eu ainda não estava costumado a andar em bons termos com teólogos protestantes” (p. 261).

Jung, mais uma vez, era o facilitador de algo que beneficiaria amplamente a Psicanálise. “Espero que tenha tido uma boa impressão dele. É um teólogo dos mais aceitáveis, com traços admiráveis de caráter” (JUNG, 1976, p. 271). Freud não só ficaria muito alegre com isso, mas rapidamente criou afinidade com Pfister, com quem começou a delinear um vínculo pessoal, tal qual escreveu em maio de 1909 para Jung: “Todos nós gostamos muito de Pfister. Realmente ele é um padre aceitável e até mesmo me ajudou um pouco, exercendo, sobre meu complexo de pai, uma influência moderadora. Logo nos sentimos como velhos amigos” (FREUD, 1976, p. 273). Jung respondeu, em junho de 1909: “Sabendo que o senhor gostou de Pfister – minha alegria é imensa” (JUNG, 1976, p. 275).

Ernst Jones (1879-1958)

Ernst Jones também foi apresentado a Freud por Jung e tornou-se uma figura fundamental da política psicanalítica no século XX. Ele foi um dos fundadores da Associação Psicanalítica Americana, em 1911, e da Sociedade Psicanalítica Britânica, em 1913. Também foi autor de uma biografia autorizada de Freud de 2 volumes, intitulada *A Vida e a Obra de Sigmund Freud* (1999), e teve permissão de Jung para acessar a correspondência e escrever a biografia. Jung escreveu, em 11 de setembro de 1907:

Passo agora a uma grande surpresa: no contingente inglês havia um jovem de Londres, o Dr. Jones (um celta do País de Gales!), que conhece muito bem suas obras e já pratica a psicanálise. Provavelmente irá visitá-lo mais tarde. Ele é muito inteligente e poderia prestar uma valiosa ajuda (JUNG, 1976, p. 128).

Freud respondeu: “O celta que o surpreendeu decerto não será o único; saberemos da existência de partidários inesperados antes que o ano se encerre, e outros se incorporarão à sua florescente escola” (FREUD, 1976, p. 130). Mais tarde, Jones se mostraria muito comprometido com a Psicanálise e, um tanto ambicioso, fez avanços imprescindíveis tanto nos Estados Unidos quanto na Inglaterra, pois morou nos dois lugares. Freud, no início, não nutriu grande encantamento por ele, mas, mais tarde, reconheceu-o como figura essencial. Jung também o fez, em 30 de janeiro de 1910: “As notícias da América são extraordinárias. Jones de fato está fazendo um bom trabalho” (JUNG, 1976, p. 344).

Por vezes, Jones parecia ambíguo e mostrava-se reticente quanto aos pressupostos medulares da Psicanálise, tal como Freud escreveu em fevereiro de 1909, falando a Jung que teve dele notícias estranhas: “De Jones, e sobre ele, recebi notícias muito estranhas e me acho mais ou menos na mesma situação que o senhor quando ele esteve com Kraepelin (FREUD, 1976, p. 255). Em resposta a Freud, Jung, sempre atento aos movimentos políticos, disse a Freud:

Ainda não posso imaginar quais são as notícias sobre Jones. De qualquer modo, ele é bem esperto. Mas na verdade ainda não o entendo. [...] Demonstra grande afeição por mim, bem como pela minha família. Por certo ele anda muito nervoso com a ênfase dada à sexualidade em nossa propaganda, ponto que desempenha grande papel em nossas relações com Brill. Ele não é por natureza um profeta, nem um arauto da verdade, mas sim um conciliador com desvios ocasionais de consciência que podem desconcertar os amigos (JUNG, 1976, p. 258).

Jones era zeloso e dedicado nas cartas, o que seguramente agradava a Freud e faltava em Jung. Em mais de uma ocasião, Jung disse ter recebido cartas de Jones e ter postergado a resposta a ele: “Jones também me escreveu: uma carta terrivelmente longa, com um tormento tamanho que me faz seguidamente adiar a resposta” (JUNG, 1976, p. 340). Em 17 de maio de 1910, Freud escreveu fazendo novas apreciações a respeito da postura de Jones e de novas conquistas americanas para a Psicanálise:

Uma longa carta de Jones vinda de Washington, que hoje encontrei à minha espera, participa os fatos auspiciosos ocorridos em 2 de maio na *American Psychopathological Association*, onde o clima, de modo geral, nos foi favorável. Não hei de me demorar nisso, já que ele também lhe terá escrito a respeito. Mais uma vez Putnam parece ter se saído muito bem e o próprio Jones soube compensar as tergiversações do ano passado com incansável zelo, com destreza e, já me escapa a palavra, com humildade. Ótimo que seja assim. Parece-lhe difícil, por ora, ou possível apenas em sentido formal, a fundação de uma sociedade americana filiada à nossa. Tais problemas de organização são, porém, de sua alçada (FREUD, 1976, p. 373-374).

Jones se tornou um assunto comum para Jung e para Freud, e sempre que possível Freud informava para Jung alguma mudança no comportamento dele, já que, anteriormente, ambos acharam seu comportamento estranho em algumas situações. Além disso, os assuntos envolvendo Jones usualmente estavam atrelados à causa psicanalítica e aos seus progressos, sendo um tema chave para fugir de conteúdos que causavam qualquer tipo de mal-estar. Em 14 de dezembro de 1910, Freud escreveu a Jung: “Jones passou aqui dois dias e meio, deixando uma excelente impressão pessoal. Parece estar bem mais seguro e contou apenas uma história como experiência própria, história essa que meus filhos me disseram ser uma velha anedota” (FREUD, 1976, p. 404).

Jung também manteve correspondência com ele, nomeadamente acerca de tópicos práticos, como publicações, encontros e encaminhamentos da Psicanálise nos Estados Unidos. Em 19 de março de 1911, Jung escreveu: “Mantenho uma animada correspondência com Jones sobre a organização do ‘branch’ americano” (JUNG, 1976, p. 465-466). Freud lamentou a saída de Jones da América, uma vez que a estimava importantíssima para a causa⁸⁴ (FREUD, 1976).

Um relevante feito de Jones foi, em 1912, ter criado o “Comitê”, que era uma espécie de grupo secreto de analistas, como uma “Velha Guarda” (MCGUIRRE, 1976, p. 583), para

⁸⁴ “Finalmente recebi de Jones a notícia de que, dentro de um mês, ele receberá a *professorship*. É, assim, de um modo honroso que deixa a América, mas para nós a perda não será menor, pois o fato é que ele se tornou insubstituível” (FREUD, 1976, p. 484). Jones acabou não recebendo esse título, devido a intrigas internas, tal como Jung confirmou em carta de 26 de julho de 1911.

permanecer ao lado de Freud. Foi justamente nesse período que a relação de Freud com Jung começou a transparecer certa tensão, o que foi desconcertante para Jones. Foi visionário da parte de Jones uma proposta dessas, pois, antes desse Comitê, o núcleo duro de decisões era centrado apenas em Freud, com os aconselhamentos de Jung. O “Comitê”, à época, foi formado por Ferenczi, Rank, Jones, Sachs, Abraham e Eitingon.

Karl Abraham (1877-1925)

Outro personagem digno de nota nas cartas é Karl Abraham, um psicanalista alemão que também manteve correspondência com Freud. Houve uma insatisfação de Jung quanto a ele, e podemos reparar a linha tênue em que Jung tentava equilibrar-se, entre tolerar algumas situações e expressar sua irritação. O projeto do *Jahrbuch* era muito caro a Jung, que teria um lugar privilegiado como editor e esperava reunir e unificar os textos dispersos de Freud. Jung defendeu a necessidade de uma relação com resumos de todas as obras atinentes à Psicanálise e indicou Abraham para tal empreitada, com quem recentemente havia tido alguns estranhamentos⁸⁵, haja vista a temática de seu último trabalho e a falta de afinidade pessoal. Com isso, também desejava mostrar a Freud o julgamento objetivo que pretendia ter: “Essa sugestão lhe fará ver que meu julgamento objetivo de A. não é em nada depreciativo [...] Estou sempre pronto a subordinar meu julgamento a alguém que saiba mais” (JUNG, 1976, p. 195).

A chateação no tocante a Abraham tinha conexão com a temática⁸⁶ da palestra que ele realizou em Salzburgo, que, por sua vez, concernia a uma dúvida que Jung tinha sobre paranoia e sobre Dem. precoce. Como editor do *Jahrbuch*, Jung chamou de atrevimento Abraham querer enviar a palestra dele sem prestar as devidas menções aos trabalhos anteriores de Jung, de Bleuler e de Freud. Insistiu que não compactuaria com isso, priorizando a honestidade que buscava empenhar nessa função, já que acreditava que Abraham realizara plágio. Escreveu, em 7 de maio de 1907:

Tudo de meu lado continuará na mesma, esteja certo, enquanto A. se comportar com decência. Mas se ele for muito longe uma explosão será inevitável. Meu maior desejo é que A. saiba claramente até onde se pode ir. Um rompimento seria uma lástima e em nada serviria aos interesses de nossa causa. É *muito fácil* que ele evite essa hipótese, basta-lhe um *pouquinho* de decência (JUNG, 1976, p. 196).

⁸⁵ “Naturalmente o diabo tinha de frustrar minhas intenções, com a conferência do colega Abraham; posso ouvir suas risadinhas. Tal trabalho me desagrade porque apresenta o que eu mesmo venho fantasiando abertamente, sob sua estimulação, e tensionava desenvolver mais tarde, quando a coisa amadurecesse” (JUNG, 1976, p. 179).

⁸⁶ Ele falaria sobre os contrastes psicosexuais entre Dem. precoce e histeria (JUNG, 1976).

Jung, nesse imbróglio com Abraham, expressou sua cólera diante de uma circunstância de pertença intelectual. Freud há de ter tomado nota da insatisfação de Jung e da menção ao rompimento, que traria sérios prejuízos para a causa. Ainda em resposta a Jung sobre esse seu incômodo com Abraham, Freud alegou que poderia imaginar como Jung se sentira, mas achava que ele estava sendo duro com aquele:

Em Salzburg não conseguimos conversar o suficiente a propósito de A. Uma experiência por que passei há pouco dá-me uma vaga ideia de como o senhor se sente, mas acho que, dessa vez, está sendo um pouco duro com ele. Tenho certeza de que não houve qualquer *animus injuriandi* da parte de A. Eu lancei a sugestão, ele a ouviu do senhor e se correspondeu comigo a respeito. O fato de se ter apropriado dessa sugestão é perfeitamente aceitável para mim, só lamento que o *senhor* não o tenha feito. Creio que a maneira como reage a ele deve ser interpretada como uma soma de suas reações anteriores (FREUD, 1976, p. 197).

Jung tentava estabelecer um domínio teórico em que ele pudesse avultar-se, ser modelo dentro dos estudos psicanalíticos, mas ficou acuado com a palestra de Abraham⁸⁷ sobre diferenças psicosexuais entre Dem. precoce e histeria, porque um de seus interesses era ser referência em todos os desdobramentos que se articulassem à Dem. precoce. Freud lamenta, no trecho apresentado, não ter sido Jung quem se apropriou e encaminhou um trabalho nesse tema, externalizando, assim, sua preferência de que Jung o fizesse. No entanto, lembremo-nos de que encorajar discípulos fazia parte da incumbência de Freud como fundador e de que, não raro, poderia convencer diversos dos seguidores da Psicanálise acerca de suas excepcionalidades e de suas predileções.

Em várias ocorrências, deparamo-nos com Jung escrevendo sobre alguém em específico que causou um incômodo a ele com alguma atitude, como aconteceu com Abraham. Em geral,

⁸⁷ Posterior à essa insatisfação de Jung, já ao final de 1908, ele mesmo aconselhou que Freud pedisse a Abraham a organização de resumos das obras psicanalíticas até então publicadas para fazer uma espécie de relatório, a fim de ordenar esse material para conhecimento dos leitores do *Jahrbuch*. Ao invés de publicar esse relatório no primeiro número, Jung, como editor, optou por deixá-lo para o segundo número, o que reanimou as diferenças entre Jung e Abraham. Este último se ofendeu porque Jung publicou seu próprio trabalho em vez dos resumos no primeiro número. Em 26 de dezembro de 1908, Freud escreveu: “Abraham me falou de sua recente desavença com ele. Fiz-lhe uma boa reprimenda, pois ele está inteiramente errado. É de se lamentar, mas não há quem não precise de alguma indulgência” (FREUD, 1976, p. 240). Jung, no início de 1909, sobre os encaminhamentos desse tema, posicionou-se: “Essa questão com Abraham é com efeito deprimente. Não lhe guardo o menor ressentimento, pois afinal as intenções que ele tinha não foram postas em prática. Mesmo assim isto há de se tornar muito desagradável para mim mais tarde, pois diante das circunstâncias não lhe ousou pedir novos resumos. Eu gostaria de viver em paz com ele, mas é preciso que também demonstre um mínimo de boa vontade” (JUNG, 1976, p. 243). Mais tarde, Jung colocou um ensaio de Abraham em evidência, logo em seguida ao ensaio de Freud, o que foi notado pelo austríaco. Jung, em resposta a essa observação, ponderou: “Alegro-me que tenha reconhecido meu esforço para ser tão indulgente quanto posso em relação a Abraham” (JUNG, 1976, p. 246). Em meados de 1909, Jung escreveu a Freud: “Pedi-lhe que continuasse com os resumos e ele aquiesceu com a maior boa vontade. Acho que enfim chegamos a um *modus vivendi*” (JUNG, 1976, p. 275).

ele falava com mais frequência daqueles que eram tidos como adversários, mas havia pequenas tensões entre os adeptos da Psicanálise, que disputavam um espaço de proximidade com Freud, era o caso de Ferenczi, por exemplo. Algumas pessoas foram apresentadas por Jung e, posteriormente, dignas de suas reclamações, como é o caso de Jones. Diante do desentendimento com Abraham, primeiro pela escolha temática da palestra de Salzburgo, depois pela publicação tardia dos resumos que ele havia preparado, Jung escreveu, mais tarde, em 1907:

Sempre que sou assediado por uma resistência sem trégua, não é para o senhor que meu pensamento se volta (pois sei com que rapidez encontra uma saída), mas sim para meus outros companheiros de padecimento analítico, obrigados a ganhar a vida com as resistências dos pacientes e tão pouco sábios quanto eu para bater em retirada (JUNG, 1976, p. 247).

Vejamos que interessante essa estratégia de Jung para lidar com “resistência sem trégua” (JUNG, 1976, p. 247). Poderia isso ocorrer em momentos de frustração? De discordância? Fato é que ele entendeu que não adiantaria um embate com Freud, já que ele rapidamente encontrava uma saída, então o pensamento nem se voltava a ele, mas encaminhava aos colegas algumas de suas insatisfações, mesmo que fossem relacionadas a Freud e aos seus pensamentos, que por vezes eram inflexíveis.

Jung sentia necessidade de tomar contato com mais casos clínicos e gostaria de verificar como Freud lidava com seus próprios casos⁸⁸. “Grande é a minha ansiedade de aprender, pois grande é a necessidade que sinto de tomar contato com sua maneira de tratar cada caso isolado. Nunca me satisfaço totalmente com o meu” (JUNG, 1976, p. 214). Isso fazia parte de um conjunto de demandas e de ações que moldavam a sua constituição enquanto intelectual, tanto quanto ocorria com Freud, que também se moldava, mas ocupava um espaço de mestre, não só de Jung, mas de todos que gostariam de aprender com ele e de tomar a Psicanálise como um caminho de atuação profissional. Ocupados os devidos papéis – Jung como aprendiz e Freud como mestre –, tendo em mente a visita de Freud, Jung escreveu, em agosto de 1908: “As perguntas a lhe fazer se amontoam” (JUNG, 1976, p. 215).

A hostilidade que receberam pelas teorias psicanalíticas foi sempre ligada à impressão que causavam. Internamente, Jung devia refletir acerca das discordâncias, mas Freud seguia firme em suas convicções, argumentando que as críticas eram mais um motivo para que se

⁸⁸ Freud fazia um esforço de providenciar ajuda ou respostas para as dúvidas dos discípulos: “Talvez meu livro sobre Metodologia (que está dando um trabalho enorme para terminar) ajude todos vocês na consideração dos problemas mais óbvios, se bem que provavelmente numa escala modesta” (FREUD, 1976, p. 252).

orgulhassem. No fim de 1908, Freud escreveu: “De toda essa hostilidade podemos deduzir que a impressão que causamos é muito mais forte do que imaginávamos. Moral: continue a trabalhar como um escravo” (FREUD, 1976, p. 232-233).

Eugen Bleuler (1857-1939)

O último personagem indispensável que abordaremos aqui, apesar de não se tratar de um discípulo de Freud, será Eugen Bleuler. Figura emblemática e possibilitadora da relação entre Jung e Freud, Bleuler era diretor do Hospital Burghölzli e correspondia-se com Freud antes mesmo de Jung. A figura reconhecida, de autoridade e que trouxe credibilidade para Freud e para sua ciência nascente foi Bleuler, porque, além de chefe do hospital, tinha título de professor. Seu valor para Freud deu-se sobretudo porque ele abriu as portas do Hospital Burghölzli para a observação e a experimentação, o que era raro e precioso para o austríaco, porquanto se encontrava à margem da prática e dos ambientes acadêmicos. Foi por essa oportunidade de Bleuler, acima de tudo, que outros intelectuais e outras localidades começaram a enxergar a Psicanálise de maneira diferente.

De início, Bleuler considerou geniais as propostas de Freud e achou que ele modificaria para sempre a Psiquiatria. Mais tarde, quando as relações foram estruturadas e Jung se aproximou de Freud, Bleuler apresentou objeções sobre as teorias freudianas, em especial sobre os nomes pelos quais eram chamados os fenômenos psíquicos: quanto mais a terminologia proposta por Freud se aproximava das compreensões sexuais e da denominação de sexualidade, de libido, entre outros, mais Bleuler se opunha e recomendava que nomear de outro modo causaria menos repulsa nos ambientes médicos e acadêmicos.

No início, Jung se empenhava para manter a ideia de que Bleuler havia encampado integralmente as ideias de Freud, conquanto não fosse exatamente assim e sempre deixasse brechas que faziam Freud e Jung ficar em dúvida quanto à posição de partidário ou não da Psicanálise. Em 1907, quando Jung ainda dava satisfações a Freud acerca da postura de Bleuler, o suíço transcreveu para Freud a opinião do diretor respeitante à recente publicação de Freud:

Eis o que Bleuler diz do seu Gradiva: é de fato prodigioso — ou bem essas conexões aí estão realmente, ou bem se as pode encaixar em qualquer parte. Essa ponta de dúvida ainda maltrata a carne de Bleuler, mas não há perigo. No momento ele trabalha num livro sobre Dem. prec., do qual podemos esperar muita coisa. A continuação da grande “batalha Freud” está garantida (JUNG, 1976, p. 92).

O vínculo institucional de Jung era o Hospital Burghölzli, e não estava nos planos de médio prazo sair de lá. Jung devia muito a Bleuler, mesmo que não nutrisse por ele uma admiração tão grande, tal qual começou a nutrir por Freud, notadamente após o primeiro encontro pessoal. Em vista disso, ele tentava criar uma colaboração e um certo diálogo entre ambos, mas Bleuler sempre foi um incômodo, uma ambiguidade na relação, na medida em que, apesar de abrir possibilidades, não as fez gratuitamente e em todo momento. Como veremos no tocante ao Congresso de Salzburgo, Freud externalizou sua dificuldade de lidar com Bleuler: “Para falar de algo mais agradável, a perspectiva da presença de Bleuler me deixa meio confuso. Tenho sentimentos dúbios em relação a ele e gostaria de homenageá-lo de algum modo. Não acha que seria uma boa ideia oferecer-lhe a presidência?” (FREUD, 1976, p. 164).

Freud compreendia o espaço que Bleuler ocupava e entendia que seria muito mais honroso que ele fizesse o papel de presidente. “Por outro lado, seria honroso para mim e também causaria melhor impressão no exterior se, como o mais velho e o mais importante de meus partidários, ele tomasse a frente do movimento em meu favor” (FREUD, 1976, p. 166). Jung escreveu que Bleuler custosamente aceitaria e se sentiria muito pouco à vontade nessa posição e que ele se esquivava de qualquer reconhecimento exterior. Nesse arrazoado, falou um pouco mais das características do chefe: “É motivado apenas por uma ambição verdadeiramente cristã de não se pôr no caminho dos outros e demonstra uma avidez juvenil de aprender, que na idade dele só um homem extremamente vivo e inteligente possui” (JUNG, 1976, p. 167).

Em um ato de expurgar as incompreensões e de opor-se a qualquer evento que parecesse ameaçar o que então era tido como uma verdade, Jung começou a narrar a Freud todas as demonstrações de tensionamento com a teoria psicanalítica. Com isso, deixou de realizar promessas de completa adesão de Bleuler e passou a narrar as divergências:

Bleuler, lamento dizer, está engalanado de complexos dos pés à cabeça; ainda há pouco voltou a questionar a explicação sexual de ritmo. Mas ele não se deixa dobrar, fala uma linguagem de resistência, de modo que a comunicação cessa em si mesma, e então se compensa com uma delicadeza e uma afabilidade fanáticas. No fim isso dá nos nervos, pois o que a gente quer é se cercar de seres humanos, não de máscaras-complexos (JUNG, 1976, p. 204).

Um dos grandes temores de Freud era que Jung se repelisse dele por motivação do seu chefe. Com o trecho acima, ele pareceu aliviado por Jung manter uma postura crítica relativa ao posicionamento do chefe perante a Psicanálise. De fato, Freud tinha achado uma possibilidade única de aprofundamento e de expansão de seu movimento graças a Bleuler, mas, agora, ele se afixaria no jovem Jung, que estava amplamente engajado com a causa. Em resposta

ao trecho acima, Freud escreveu:

Confesso que não estava inteiramente satisfeito com Bleuler, que às vezes me deixava meio arrepiado, mas dentro em pouco me senti seguro de que não o perderia para ele. “Máscara-complexo”, a propósito, é um termo magnífico; o simples fato de o ter encontrado indica que, no íntimo, o senhor já se libertou dele por completo (FREUD, 1976, p. 205-206).

A cada dia, mais Jung compreendia e escrevia a Freud que muito das implicâncias de Bleuler era com o próprio suíço, e não com os conceitos psicanalíticos. Jung escreveu a Freud, em 9 de setembro de 1908: “Bleuler é difícil de suportar ao longo prazo; os infantilismos que demonstra são intoleráveis e é por meio de substituições (naturalmente!) que dissimula os complexos” (JUNG, 1976, p. 219).

Bleuler se tornou alvo de insatisfações e um assunto muito comum, principalmente nos primeiros anos de correspondência. Entretanto, com efeito, esse tema atravessou toda a correspondência de Jung e de Freud. Este último, em 15 de outubro de 1908, narrou uma visita de Bleuler e da esposa, que propunham uma substituição para a palavra sexualidade nas formulações psicanalíticas:

Sexta-feira passada, à noite, seu chefe nos visitou com a esposa. Ele é, sem sombra de dúvida, o mais suportável dos dois. Foi tão amável quanto a rigidez lhe permite. Pôs-se em defesa da sexualidade infantil, a qual há apenas dois anos “não compreendia”. Ambos se precipitaram então sobre mim, insistindo para que eu substituísse a palavra “sexualidade” por outra (na linha de autismo); isso, no dizer deles, daria fim a toda a resistência, a todos os mal-entendidos. Falei de minha descrença num final assim tão feliz; e eles se atrapalharam e não souberam propor um termo melhor (FREUD, 1976, p. 221).

Bleuler acabou tornando-se pauta de atualização contínua. Ele tinha interesse na Psicanálise, razão pela qual propunha algumas modificações. Freud achava que alterar o nome não diminuiria a necessidade de abordar o tema sensível que era a sexualidade, a sexualidade em crianças, as perversões etc. É perceptível, também, a insistência de Jung quanto aos complexos de Bleuler, exatamente o mesmo comportamento que Freud teria mais tarde com o próprio Jung, apontando seus complexos.

Em 1909, Jung teria mais um motivo para cultivar dissabores por Bleuler. Sendo seu braço direito em Burghölzli, sabia dos interesses dele em uma cadeira de professor e na expansão de carreira:

Enquanto isso Bleuler, com um ar de inocência, entregou calmamente a cadeira de higiene mental a Riklin, sem nem sequer me consultar. Esta é a segunda vez que um cargo de professor me escapa com a passiva conivência de Bleuler. O senhor compreende, tais cargos são importantes para nós porque não temos posições honoríficas como professores. Minhas perspectivas acadêmicas são, assim, mais de limitadas, se bem que isso não me preocupe muito no momento. Outros sucessos me consolam (JUNG, 1976, p. 247).

Com a dedicação que tinha em tudo associado ao hospital e aos pacientes, tendo, com isso, uma posição de relevo, Jung esperava, no mínimo, que fosse consultado sobre uma indicação como essa: mais um motivo para Jung alimentar certo rancor pelas atitudes de Bleuler. Freud, contudo, julgou ter sido uma atitude positiva de Bleuler, pois, assim, Jung teria mais tempo para aprofundar-se na prática e na política psicanalítica. Em 25 de janeiro de 1909, ele escreveu: “não chego a me entristecer por Bleuler o ter privado de um cargo de professor. De qualquer jeito o senhor será um professor, mais cedo ou mais tarde há de ter todo o ensino que quer, mas é bom que uma experiência ΨA nos seja imposta” (FREUD, 1976, p. 252).

Em aproximações e em distanciamentos, Bleuler tinha sempre novas declarações a fazer sobre seu posicionamento diante da Psicanálise. Em 8 de novembro de 1909, Jung escreveu a Freud: “Bleuler me comunicou há pouco que está disposto a esclarecer em definitivo as relações conosco, ou seja, até que ponto quer ou se julga capaz de nos seguir. Sinto-me naturalmente ansioso pelas obliquidades que estão por vir” (JUNG, 1976, p. 309). É destacável que Jung tenha se incluído como alguém a ser seguido, dessa forma, naquele momento, ele estava intensamente envolvido com a causa psicanalítica.

Naturalmente, essa indecisão e essa ambiguidade de Bleuler eram percebidas, afinal, ele era diretor do *Jahrbuch* com Freud, e esse era um ofício respeitável na direção da Psicanálise. Então, em algumas ocasiões, Jung e Freud queriam arrancar-lhe um posicionamento mais firme, tal qual queriam fazer pedindo-lhe uma declaração de princípios para o *Jahrbuch* (FREUD, 1976). A cada novo passo institucional significativo, tinham que lidar com a atitude de Bleuler, como foi em 1910, quando foi fundada a IPA. O dilema era imaginar quais seriam os benefícios e os malefícios de ter ou não Bleuler na associação.

Em 26 de abril de 1907, Freud escreveu a Jung refletindo sobre o assunto:

Refaço-me porém a tempo e chego à reconfortante conclusão de que é absolutamente indiferente que Bleuler ingresse ou não: o resultado, em qualquer dos casos, há de ser o mesmo. Nada nos impedirá de levar a organização adiante e expandir os rumos da psicanálise. Resolvido isso, aí sim caberá pensar que o ingresso dele merece nossa irrestrita simpatia, e podemos até, para agradá-lo, dizer-lhe que uma recusa pura e simples impressionaria nossos adversários e causaria prejuízo à causa, coisa que certamente ele não

quer (FREUD, 1976, p. 367).

Jung, que estava mais próximo geograficamente de Bleuler, transcreveu a resposta deste último acerca da questão de ingressar ou não na sociedade, novamente dando um ultimato quanto à sua permanência no movimento psicanalítico. Jung escreveu, em 30 de abril de 1910, explicitando algumas das razões de Bleuler:

Numa conversa prévia em particular, Bleuler me fez uma recusa formal, muito zangado e colérico, afirmando categoricamente que não ingressaria na Sociedade, ou seja, que se desliga de vez do movimento. Razões expostas: grande unilateralidade de objetivos, estreiteza na colocação dos problemas, exclusivismo; o senhor foi muito áspero com Frank em Nuremberg e por conseguinte o pôs à margem; ninguém vai querer entrar numa Sociedade de que qualquer um participa (alfinetada em Stekel). A decisão que tomou, em resumo, é definitiva. Fiz saber a ele quais seriam as consequências, mas de nada adiantou (JUNG, 1976, p. 368).

A questão elementar envolvendo Bleuler é que ele era um personagem fundamental na história da Psicanálise, mas também na história da relação entre Jung e Freud. Foi por meio de uma espécie de mediação que o suíço e o austríaco tomaram contato e mudaram os rumos da história da Psicologia moderna. Desse modo, ambos tentavam superar as ambivalências de Bleuler, mas, simultaneamente, achavam que seria melhor contar com a chancela dele, nomeadamente levando em conta a política psicanalítica e a abertura que ele oportunizou ao movimento. Jung escreveu, em 30 de abril de 1910: “A coisa há de ir avante, com ou sem Bleuler, embora fosse melhor contar com ele” (JUNG, 1976, p. 369).

Para Jung, a questão de Bleuler era mais delicada do que para Freud. O chefe fez muito por ele, que chegou ao hospital como assistente e foi recebendo confiança, a ponto de substituir o próprio Bleuler em suas faltas. Em diversos episódios, Jung chegara à conclusão de que o problema de Bleuler, no fundo, era com ele, e não com os pressupostos psicanalíticos. Jung tentara de todas as maneiras manter as relações entre Bleuler e a Psicanálise, informando, transcrevendo as opiniões para Freud e tentando mantê-lo ativamente no movimento, pois isso era bom para a causa, bem como reforçando os motivos pelos quais Jung se erguia a favor dela. Todo esse jogo de interesses e de tensões tocava em Jung mais do que ele gostaria, como ele escreveu em 17 de junho de 1910, sobre um suposto rompimento com Bleuler, que muitas vezes ameaçou, mas sempre continuou por perto da Psicanálise, ao menos no período da troca de cartas entre Jung e Freud: “Perdoe-me a demora em responder. O rompimento com Bleuler não deixou de me afetar. Mais uma vez subestimei meu complexo de pai” (JUNG, 1976, p. 385).

Freud também reconhecia a pertinência de Bleuler para a Psicanálise, confiando-lhe um

papel histórico, e por isso pedia paciência a Jung:

Sugiro paciência com Bleuler. O senhor sabe como essa atitude é contrária ao meu temperamento, mas... o nome dele no *Jahrbuch* e o papel histórico que lhe coube forçam-nos a uma autonegação. Devemos, por assim dizer, pagar os custos da história de seu desenvolvimento. Acredito que ele há de se retrair pouco a pouco (FREUD, 1976, p. 411).

Freud tentou intervir, dialogar, marcar encontros solitários com ele, porque a relação com Jung, por um tempo, ficou estremecida. Pelo cargo histórico que coube a Bleuler, Freud ainda tentava insistir para que ele diminuísse seu comportamento dúbio e se mantivesse próximo aos dirigentes da Psicanálise.

O resultado de toda essa negociação foi o não desligamento total de Bleuler da Psicanálise, mas a continuidade de seu comportamento ambíguo, que era um incômodo para todos. Jung, a despeito de opor-se e de desenvolver com ele diferenças pessoais, certamente admirava o comportamento de enfrentamento que ele tinha com a Psicanálise, com termos que não estavam em consonância com suas próprias ideias. Jung, mais tarde, não soube explicitar suas dissemelhanças e ainda assim permanecer no movimento, tal qual ocorreu com Bleuler.

Por meio desses pequenos estudos de caso de personagens específicos, pudemos verificar o quanto as subjetividades em questão – Jung e Freud – são atravessadas por subjetividades outras, que, em maior ou menor medida, influenciam os acontecimentos e os laços formados. Dos pequenos episódios de ciúmes, de disputa por espaço e de consolidação de domínio de especialidades até os afetos pouco assimilados, essas relações interseccionaram os caminhos afetivos, políticos e profissionais dos intelectuais e moldaram suas subjetividades e o direcionamento dos acontecimentos, a partir de tendências, de comportamentos e de ambições que estavam em jogo.

3.4 O CONGRESSO DE SALZBURGO (1908)

A proposição do evento em Salzburgo veio de uma carta escrita por Jung no dia 30 de novembro de 1907. Ela continha uma proposta feita anteriormente por Dr. Jones e pelos amigos de Jung de Budapeste: “De comum acordo com meus amigos de Budapest, o Dr. Jones aventou a hipótese de um congresso dos seguidores de Freud” (JUNG, 1976, p. 144). Melhor dizendo, a comunicação da proposta foi feita por Jung a Freud, mas a hipótese foi levantada com outros personagens interessados na reunião de estudiosos das formulações do austríaco. Não obstante isso seja documentado, são dignas de nota a dedicação e a demonstração de habilidades de Jung

na preparação do Congresso, que contribuiria para refazer sua imagem diante das confissões que havia feito.

Em resposta à proposição de um evento em Salzburgo, Freud afirmou “estar cheio de alegria com notícias realmente interessantes” (FREUD, 1976, p. 145) e que o Congresso de Salzburgo o deixaria “muito orgulhoso” (p. 145). Disse, ainda, que a sua presença só serviria para atrapalhar e que esperava que Jung não o convidasse. Essa foi a primeira série da insistente modéstia de Freud diante de acontecimentos que abarcavam um empreendimento que dizia respeito maiormente à sua pessoa. Ele era a personificação de esforços coletivos e da própria Psicanálise, portanto, tendo a possibilidade de contar com essa presença no evento, certo era que os simpatizantes da causa não renunciariam a isso.

A presidência do encontro de Salzburgo, que ocorreu em 27 de abril de 1908, foi tema de debate entre os correspondentes, na esteira da modéstia demonstrada por Freud. Entre eles, esse assunto se alongou até muito próximo da realização do evento, pois, enquanto Jung louvava a presença de Freud e dizia que tudo era sobre ele e sobre suas teorias, Freud fazia questão de relutar contra esses louros e de indicar a participação de Bleuler como presidente, ao invés de si mesmo, como Jung sugeriu. Deter-nos-emos, brevemente, à preparação e à realização desse evento e às emoções que se vincularam a esse fato, as quais marcaram a passagem do ano de 1907 ao ano de 1908 na correspondência dos intelectuais.

Bantigny (2020) frisou o engajamento em movimentos diversos como “partilha do sensível”, segundo as palavras de Jacques Rancière (RANCIÈRE, 2009 *apud* BANTIGNY, p. 189). Tal partilha é composta de disposição para agir, de habilidades e de aprendizados armazenados, que se misturam aos movimentos políticos. Atrelamos as reflexões emocionais feitas pela autora ao movimento político realizado por Freud e por Jung na realização do evento em Salzburgo. A autora chamou atenção para o início dos engajamentos⁸⁹, o que é o caso do Congresso de Salzburgo, um marco vital do que viria a consolidar-se como o movimento psicanalítico: “os inícios no engajamento parecem essenciais: eles permitem compreender como se adquirem as convicções e que lugar nelas ocupam as emoções, ao sabor dos vínculos familiares, dos amores, das amizades e das sociabilidades” (p. 189).

⁸⁹ No capítulo em questão, a autora sugestiona a análise das emoções políticas, maiormente para a ação coletiva e para o investimento militante, e, por fim, o engajamento. Ela se propõe a situar engajamentos, tão comuns na juventude: “em seus contextos, em seus pertencimentos sociais e em suas ancoragens geracionais [...] elas [as ancoragens geracionais] podem certamente formar comunidades emocionais: grupo que aderem às mesmas normas de expressão e valorizam as mesmas emoções ou constelações de emoções; mas são sempre diferenciadas segundo as trajetórias particulares e as culturas políticas às quais os indivíduos se referem. Essas culturas mobilizam repertórios de ação e registros emocionais próprios, jamais cristalizados, no entanto” (BANTIGNY, 2020, p. 189-190).

Nesse sentido, esses primeiros movimentos auxiliam para um balanceamento dos afetos: além daqueles interpessoais entre Freud e Jung, os afetos com o ambiente, com os personagens, com as demandas de diferentes lugares. A partir desses balanceamentos, dessas impressões primeiras, da experimentação das sensações – essas que vêm entrelaçadas com as emoções –, transcorrem a sociabilidade e a amizade. O evento ocorrido em Salzburgo serviu a esses desígnios. Indubitavelmente, os propósitos políticos foram atingidos com sucesso, haja vista que compreendemos que ele foi um ponto mobilizador para os desdobramentos da Psicanálise enquanto um campo de pesquisa a ser conhecido e ampliado. O momento era de experimentação, isto é, ambos os correspondentes estavam averiguando os espaços de atuação⁹⁰ e as possibilidades de existência de si e do que viriam a construir.

No que tange à presença e à presidência no evento, Freud escreveu, em 21 de dezembro de 1907:

Mas ainda estou disposto a abrir mão do convite caso uma nova reflexão o leve a achar que as coisas andariam melhor em minha ausência [...] Certamente não faria nenhum sentido que eu assumisse a presidência; [...] com tato revezamos os papéis (FREUD, 1976, p. 147-148).

Ressaltamos o tato e a atitude de quem deseja conduzir, mas não aparecer. Até porque Freud devia ter consciência de que o encontro seria majoritariamente sobre suas ideias, mas sua atitude exterior buscava contradizer isso.

Notemos o envolvimento que Freud realizava sobre Jung nesse jogo de poder, no qual visava, em tom predominantemente elogioso, compor a música que Jung tocaria. Ao chamar as ideias psicanalíticas de nossas ideias ou delegar papéis de prestígio – que também requeriam muito trabalho –, como a posição de editor da revista de Psicanálise *Jahrbuch* ou, mais tarde, a presidência da Sociedade Psicanalítica Internacional, Freud colocava Jung como figura central na cena da política psicanalítica, como seu próprio representante.

O desejo de Freud de que 1908 fosse bom para o trabalho tornou-se real à medida que acompanhamos os desdobramentos do evento de Salzburgo. De igual maneira, os bons votos de Jung também se efeturaram: “o meu voto mais sincero de Ano Novo é que esse que agora se inicia traga surpresas ainda mais agradáveis” (JUNG, 1976, p. 150). Aproveitando o ensejo dos bons auspícios, Jung mencionou o progresso feito pelas sementes que Freud lançou e o evento

⁹⁰ Com esse termo remetemos à confiança e à consequente liberdade de ações dada pela convivência inter-relacional. Por intermédio desse espaço, o engajamento abordado por Bantigny (2020) pode consolidar-se com maior solidez e menores dificuldades.

de Salzburgo: “em Salzburgo, é o que eu espero, o senhor há de ver como se espalham e crescem” (p. 150).

Jung, em 11 de março de 1908, notificou Freud que lhe deixaria uma hora a mais no evento, porque, na verdade, o que interessava a todos era ouvi-lo, e reiterou: “por causa do senhor é que iremos a Salzburgo, por causa do senhor é que, enfim, nos empenhamos em fazer tudo isso” (JUNG, 1976, p. 179). Em resposta, Freud aceitou o tempo a mais para sua fala e disse que isso era para mostrar a Jung o quanto era grato. A postura sempre elogiosa de Jung fisgava algo da vaidade de Freud, ao passo que o vigor juvenil e empenhado de Jung cativava o vienense, que via nele uma continuidade para o que ele havia construído da Psicanálise até o momento.

Entre as alegrias e as boas notícias acerca do evento, pouco antes de sua concretização, aconteceu um despendimento negativo no relacionamento de Freud e de Jung. A começar pelo texto que Jung apresentou em Amsterdam sobre histeria e Psicanálise, que lhe causou “*sentiments d’ incompletude*⁹¹” (JUNG, 1976, p. 158), segundo a carta de 25 de janeiro de 1908. Ele próprio julgou que esse trabalho tinha sido ruim e estava preocupado com a chegada do texto às mãos de Freud, que respondeu, em 27 de janeiro de 1908: “Espírito do meu espírito, posso dizer com orgulho, mas, ao mesmo tempo, algo artístico e terno, majestoso e sereno, algo cativante que eu nunca poderia ter produzido” (FREUD, 1976, p. 159).

Paradoxalmente, após essas palavras, em uma carta de 14 de abril de 1908, 3 meses após o tom lisonjeiro, ele salientou uma parte da fala de Jung na palestra de Amsterdam a respeito de histeria infantil⁹², a qual dizia que, no caso de crianças, seriam necessários outros estudos e categorizações para além dos estudos freudianos, o que desagradou ao austríaco. Em resposta a isso, Freud anunciou pensar abordar um caso sobre fobia histórica de uma criança de 5 anos em sua palestra de Salzburgo, o que não somente contrariaria a asserção feita por Jung na palestra, como apresentaria o caso em Salzburgo, o que deixaria Jung “intranquilo” (JUNG, 1976, p. 183).

A “ansiosa expectativa” (JUNG, 1976, p. 182) de Jung para ver Freud acentuou-se drasticamente em 18 de abril, quando externou sua inquietude diante dos apontamentos de

⁹¹ Sobre a palestra proferida em Amsterdam, Jung lamentou, em muitas outras ocasiões, sua falta de preparo para falar acerca do tema e desculpou-se inúmeras vezes com Freud. Ele tinha consciência de alguns deslizes discordantes com as formulações freudianas, cometidos por meio de omissões e de afirmações.

⁹² Freud tinha, contudo, demonstrado interesse pelo tema anteriormente, em 25 de janeiro de 1908: “Agora mesmo cheguei a pensar que tinha em mãos uma ideia que realmente valeria a pena, a solução do problema da escolha da neurose, que também entra na sua esfera de interesse, mas ela me escorregou entre os dedos como aliás já acontecera antes, há muitos anos. Hei, no entanto, agarrá-la de novo [...] Caso estivesse de posse de seu estudo de Amsterdam, eu seria capaz, tomando-o por base, de produzir algo mais abrangente sobre histeria [...] as neuroses obsessivas me interessam mais no momento” (FREUD, 1976, p. 156-157).

Freud sobre a palestra de Amsterdam⁹³. A falta de recursos para um debate mais profundo, com casos detalhados, era uma necessidade para Jung. Na carta de 11 de abril, tentou utilizar o artifício da enumeração, a fim de detalhar cada ponto que o incomodou; ao final, reiterou o desejo por uma conversa sobre coisas que “continuavam no ar” (p. 185). Ainda na mesma carta, Jung redigiu um *post scriptum* (ou um PS) alertando para sua própria consciência do aparente tom seco da carta, apesar de não ter intenção de fazê-lo.

Freud recuou em sua resposta e fê-la de um modo que contrapunha energicamente o tom crítico anterior, pois estava sob impressão de uma segunda leitura de um dos textos de Jung, o qual dava um retrato sobre a “apurada sensibilidade artística e as sementes de grandeza” (FREUD, 1976, p. 185). Pela forma como se expressou falando da palestra de Amsterdam, culpou seu próprio cansaço e Bleuler, que aceitaria uma psicologia sem sexualidade. Conquanto tenha tentado aliviar as tensões em seu relacionamento com Jung às vésperas do encontro em Salzburgo, não deixou de dizer: “Sei que o senhor precisará de tempo para se pôr em dia com minha experiência dos últimos quinze anos” (p. 186).

É clara a impressão de inexperiência que soa com essa última afirmação. Pode parecer sutil, mas, mesmo que Jung tivesse características interessantes, não tinha a mesma experiência que Freud, e isso delimitava, por Freud, um espaço de legitimação. Jung seguia rigidamente a cartilha do espaço que lhe fora designado, com a insaciável vontade de mais explicações, de mais exemplos clínicos. Freud, por seu lado, apostava na complexidade de seus pensamentos, insistia que a experiência faria Jung enxergar a sexualidade e seu valor preponderante para o exercício da Psicanálise.

Naquele momento, não se tratava de um relacionamento simétrico. Um dos membros falava a partir de uma pretensa experiência e colocava o outro – Jung – em uma posição de aprendiz. Jung não estava satisfeito com essa sobreposição de autoridades, porém reconhecia a magnitude desse projeto conjunto – a disseminação e a solidificação da Psicanálise – para suas pesquisas e, no limite, para seus projetos pessoais. Não nos custa lembrar da forte impressão causada a Jung no primeiro encontro com Freud, exprimida na carta de 31 de março de 1907: “Sem dúvida alguma o senhor há de ter tirado suas conclusões do prolongamento de meu tempo de reação” (JUNG, 1976, p. 65). Ele ficou extasiado diante da convivência que tiveram em Viena, bem como ficou em outras vezes diante de grandes personalidades. Esse êxtase pela boa

⁹³ Mais tarde, no início de 1909, quando Jung iniciava seu trabalho como editor do *Jahrbuch*, Freud lembrou Amsterdam, quando aludia ao esboço mostrado a ele por Deuticke, fazendo, assim, uma comparação de um feito positivo a um negativo de Jung: “Ele me deixou dar uma olhada nalguns dos próximos cadernos do *Jahrbuch*, com os quais fiquei muito orgulhoso; acho que o senhor se vingou brilhantemente de Amsterdam. Aqui temos uma coisa digna de ser vista! Tudo o que espero é que possamos manter esse nível” (FREUD, 1976, p. 251).

conversa era capar de apaziguar as dificuldades que se apresentavam ao longo da troca de cartas, como já dissemos.

Jung pediu a Freud que não desse atenção às suas “rabugices” (JUNG, 1976, p. 187) e reafirmou a estima de sempre ao final da carta de 24 de abril de 1908. Ressaltamos que a rabugice à qual se referiu o suíço seria dissipada com o encontro de Salzburg, pois, ainda que nem todas as dificuldades fossem apresentadas ao vivo, está elucidado, por meio da documentação, que o simples encontro era uma injeção de ânimo. O encontro produziria uma síntese dos assuntos a tratar, no intento de ser bem aproveitado, em um movimento que não deixaria espaço para sentimentos que pudessem ocasionar mal-estar.

O encontro foi um sucesso para os interesses do movimento psicanalítico. Aconteceu em 27 de abril de 1908, em Salzburgo, em uma segunda-feira. Nele, contaram com a apresentação de 9 trabalhos e com 42 participantes, tendo como decisão mais importante a criação do *Jahrbuch*, publicação que concentraria os trabalhos produzidos sob a perspectiva psicanalítica e contribuiria para que a mobilização dos seguidores de Freud não se dispersasse até a realização de outro evento.

Não é possível sabermos de todos os movimentos afetivos específicos ocorridos ali. Embora nosso trabalho como historiadores tenha o objetivo de reconstrução do passado, nossas possibilidades necessitam da comprovação das fontes, mas, infelizmente, elas não captam integralmente o acontecimento, ainda que ofereçam muitas pistas. Retomando Bantigny (2020), sublinhamos os engajamentos em ações e suas modulações, que eventualmente produzem efeitos visíveis ao desenvolvimento da causa comum. No caso de Salzburgo, verificamos uma redistribuição de papéis, ou seja, das funções desempenhadas pelos membros participantes em suas cidades ou em seus países. Caso não houvesse o engajamento esperado às vistas do núcleo psicanalítico – Freud e Jung –, eles ao menos saberiam quem procurar para contato posterior, para mexer as peças do tabuleiro na difusão da Psicanálise.

A primeira carta após o evento foi de Jung, que imediatamente pensou em uma avaliação para o sucedido. Começou pelos pontos práticos sobre a publicação do *Jahrbuch*, mostrando ser o homem comprometido com a causa comum dos médicos. Posteriormente, comentou os aspectos afetivos do evento e escreveu sobre seu sentimento de impacto pela resplandecente palestra de Freud, “a meus olhos, a própria perfeição” (JUNG, 1976, p. 189). Lamentou a falta de oportunidade para falar de seu caso particular, mas celebrou o avanço que Bleuler fez a partir do evento sobre as teorias freudianas, pois facilitaria seu trabalho. Por fim, pediu a Freud paciência e que confiasse no que ele fez até o momento.

A reação mais imediata de Freud, retratada pela resposta à última carta de Jung, iniciou com a pergunta: “Então o senhor também está satisfeito com o encontro de Salzburg? A mim ele tranquilizou muito, e ainda agora sinto as agradáveis impressões que deixou” (FREUD, 1976, p. 190). Essa carta denota muitos elementos conciliatórios, retomando as dificuldades de comunicação que tiveram antes da realização do evento. Freud transpareceu sua alegria ao perceber que “todo ressentimento se dissipou quando voltei a vê-lo e compreendi” (p. 190). Em outras palavras, bastaria um encontro – aqui, realçamos a dimensão corpórea dos desdobramentos emocionais – para restabelecer a confiança de um percurso travado conjuntamente, com vistas ao desenvolvimento da causa comum.

Em outra ocasião, tal dimensão do contato físico ocorrido em Salzburgo é retomada por Freud, na carta de 21 de junho de 1908. Ele estava tratando do trabalho que Jung realizou com Otto Gross (1877-1920)⁹⁴ quando percebeu que as opiniões de Jung se reaproximaram das suas. Quanto ao distanciamento de opiniões, asseverou:

Não me preocupei, porém, com isso. A não ser uma vez, antes de nosso último encontro. Assim que o vi em Salzburgo, malgrado as poucas chances de conversa, soube, contudo, que nossas opiniões em breve se reconciliariam, que o senhor não tinha sido alienado de mim, como eu chegara a temer, por algum processo interior derivado de seu pai e as crenças da Igreja, mas simplesmente pela influência de seu chefe (FREUD, 1976, p. 75).

Há inúmeras questões concentradas nessa última citação, mas acentuamos o que vínhamos discutindo sobre o que o encontro pessoal era capaz de gerar. Ele relatou uma preocupação com o distanciamento de opiniões, mas especificou o que dissolveu essa inconsistência: “Assim que o vi em Salzburgo” (FREUD, 1976, p. 75). Um encontro dos dois seria suficiente para Freud medir a aproximação ou mesmo avaliar as opiniões de Jung. Poderia não funcionar da mesma maneira para Jung, que acumulou mais um impasse não esclarecido.

As novas notícias e o fervor para disseminar a Psicanálise atropelavam dilemas menores, que se amontoariam ao final de 1912 e culminariam no rompimento da relação, em 1913. É curioso perceber que a divergência de opiniões com Jung poderia ser ocasionada, conforme Freud, por 3 motivos (nenhum ocasionado por inconsistência teórica da Psicanálise): 1) algum processo interior derivado do pai de Jung; 2) crenças da Igreja; e 3) influência de Bleuler. Esse

⁹⁴ Psiquiatra austríaco, desde a infância, apresentou sinais de desequilíbrio mental. Após terminar seu doutorado, embarcou como médico de bordo nos navios de Hamburgo-América do Sul e, à procura de identidade, passou a usar diversas drogas, entre elas cocaína, ópio e morfina. Era tido como um discípulo da tribo freudiana e um doente perigoso. Tornou-se cobaia entre Freud e Jung e autorizou que Jung defendesse junto a Freud a validade da noção de demência precoce à qual este resistia (ROUDINESCO; PLON, 1998).

é um movimento que se repete ao longo da correspondência. Ao ser questionado por suas formulações teóricas, em especial no que fosse alusivo à sexualidade na Psicanálise, Freud retomava a incompreensão de Jung pelos fatores enumerados acima ou pela sua falta de experiência.

Não obstante Jung tenha lamentado a falta de tempo para suas dúvidas em Salzburgo, um encontro bastaria para realinhar suas dificuldades e suas incertezas. Freud tinha isso como uma premissa:

Mas tenho plena certeza que, tendo se afastado de mim alguns passos, o senhor há de encontrar o caminho de volta e então seguir comigo mais longe. Não lhe posso dar uma razão para essa certeza; provavelmente ela brota de um sentimento que tenho quando olho para o senhor. Já me satisfaz, porém, sentir que estamos de acordo e não tenho mais medo de que possamos ser separados. Basta que o senhor seja paciente com algumas de minhas idiossincrasias (FREUD, 1976, p. 190-191).

Essa quantidade de certezas de Freud, baseadas em um encontro, causariam um efeito de dominação e de hierarquização na relação que estava sendo estabelecida vagarosamente. O poder exercido por Freud era evidente, mas era sempre transvestido por elogios, por incentivos e por algumas convicções contundentes diante do que ele esperava da colaboração com o suíço.

O clima pós Congresso de Salzburgo era animador. Reiteradas vezes foram escritas mensagens de ânimo e de coragem diante dos novos desafios que surgiam acerca da causa comum dos médicos. A aposta de Freud para o futuro era Jung: ele fazia projeções e deixava o último a par, como ocorreu em seu aniversário de 52 anos e foi externado na carta de 6 de maio de 1908: “supondo-se que tenha outros dez anos de trabalho pela frente, ainda serei capaz de dar uma contribuição de peso à nossa obra” (FREUD, 1976, p. 194). Agradeceu a mensagem de aniversário enviada por Jung e reforçou: “o futuro parece promissor, tenhamos sempre confiança ao enfrentá-lo” (p. 196).

Da parte de Jung não era diferente. Em carta escrita em 11 de novembro de 1908, citou um texto bíblico em latim: *Magna est vis veritatis tuae ed praevalebit!* (Grande é o poder de tua verdade e ela há de prevalecer. 3 Esdras 4:41), referindo-se à verdade de Freud, que haveria de prevalecer diante das críticas de seus opositores teóricos. Jung escreveu que, na verdade, as notícias trazidas por Freud em 8 de novembro de 1908 – sobre opositores e sobre suas advertências contra a sexualidade da Psicanálise – fortaleceram o seu ânimo: “Fico, portanto, feliz com a enérgica oposição que suscitamos” (JUNG, 1976, p. 225). Paradoxalmente, à proporção que nos lembramos do Jung de 1907, que foi aconselhado por Freud a dar “menos

atenção à oposição que nos enfrenta” (FREUD, 1976, p. 58), encontramos outros tipos de preocupação do suíço:

O senhor está certo quando me recomenda que pratique mais a “terapia” com nossos adversários, mas ainda sou jovem, e às vezes, no que se refere ao reconhecimento e à posição científica, uma ou outra evasiva se nos impõe. O trabalho numa clínica universitária exige que se dê atenção a muitas considerações que preferíamos ignorar na vida privada. Mas fique tranquilo a esse respeito: nunca abandonarei qualquer parte de sua teoria que me seja essencial, já que estou muito comprometido com ela (JUNG, 1976, p. 61).

É digna de nota a mudança radical de Jung no prazo de 1 ano e 10 meses. O Jung do final de 1908 garantiu estar feliz com a oposição suscitada, enquanto o Jung do início de 1907 emanava sua fragilidade diante de críticas, pois estava preocupado com posição científica e com reconhecimento. É interessante que suas externalizações quanto às críticas tenham se modificado desse modo. Teria ele percebido que essa atitude o faria modificar justamente seu status científico? Teria ele transformado sua narrativa para estar de acordo com as atitudes aprovadas por Freud e, assim, colaborar com o fortalecimento dos laços firmados com ele?

Em resposta a Jung sobre a “enérgica oposição” que emergiu (JUNG, 1976, p. 225), Freud escreveu, em 12 de novembro de 1908: “Concordo inteiramente com o senhor. Quanto mais inimigos, maior a honra!” (FREUD, 1976, p. 226). Com essa concordância, corroborou a satisfação que sentia pelo encaminhamento das coisas e pela “camaradagem” (p. 226) que desfrutavam naquele momento: “Agora que podemos viver, trabalhar, publicar nossas coisas e desfrutar de certa camaradagem, a vida não é de todo má e nem gostaria eu que ela tão cedo mudasse” (p. 226).

Nesse sentido, trazemos a preocupação de Foucault com a ética. Costa (1999, p. 11) esclarece que ela “rompe as fronteiras das morais vigentes e leva o sujeito a se transformar, estilizando sua existência na presença do outro”. Logo, tendo em conta a postura honrosa de Freud por ter inimigos e a teia relacional de Jung tracejada com o austríaco, mas também com outros interlocutores, Jung modificaria concepções que antes o incomodavam, externalizando junto a isso uma emoção: a felicidade com a crítica de seus opositores.

Um dos valorosos desdobramentos do Congresso de Salzburgo foi a criação do *Jahrbuch*.

Na primavera de 1908 realizou-se em Salzburg um encontro reservado de todos os que se interessavam pelo desenvolvimento da psicologia criada por Sigmund Freud e sua aplicação às doenças nervosas e mentais. Nesse encontro se reconheceu que a formulação dos problemas em questão já começava a

ultrapassar as fronteiras do interesse puramente médico e expressou-se a necessidade de um periódico que pudesse reunir os estudos já efetuados no campo mas até então completamente dispersos. Tal foi o ímpeto que deu origem ao nosso *Jahrbuch*. O seu desígnio há de ser uma publicação progressiva de todos os estudos científicos voltados de maneira positiva para a maior compreensão e a solução de nossos problemas. O *Jahrbuch* não só propiciará assim uma visão do progresso constante do trabalho nesse domínio tão promissor, como também uma orientação sobre o estado atual e o escopo de questões de importância fundamental para todas as ciências humanas. Zurique, janeiro de 1909. Dr. C. G. Jung (JUNG, 1976, p. 253-254).

Em 29 de maio de 1908, Freud escreveu a Jung: “Tal como esperado, nosso movimento deu um grande salto com a criação do *Jahrbuch*. Em seu círculo também as coisas ficaram muito animadas” (JUNG, 1976, p. 201). O suíço esperava que o *Jahrbuch* funcionasse como uma via para organizar as sementes propagadas por Freud antes do lançamento do periódico: “espero, porém que os *Jahrbücher* venham juntar todas as sementes disseminadas e, assim, dar um quadro fiel da construção que o senhor ergueu” (p. 211).

O periódico citado é um eixo primordial para pensar a relação entre Freud e Jung, pois, além de ser um assunto recorrente nas cartas, sua produção notabilizou o engajamento de Jung para Freud e para toda a comunidade psicanalítica na direção e na coordenação dos números. Isso deu grande poder político ao suíço diante de diversos interlocutores e intensificou as expectativas de Freud quanto à exatidão de características necessárias para torná-lo o líder mais representativo da Psicanálise ou o “herdeiro” (FREUD, 1976, p. 220), como Freud preferiu chamá-lo na carta de 15 de outubro de 1908, após uma visita à Zurique. Em 17 de dezembro de 1908, quando estavam decididos o local das tiragens do periódico, o conteúdo e os lugares que ocupariam os nomes de Freud e de Bleuler nas impressões, Freud escreveu: “meus votos mais sinceros pelo nascimento do *Jahrbuch* de Jung, como todos hão de chamá-lo (FREUD, 1976, p. 237).

A função que o periódico exerceu surtiu grandes efeitos, uma vez que era por meio dele que a comunidade psicanalítica ficaria a par das reflexões, dos desenvolvimentos e dos encaminhamentos da Psicanálise. Era um produto das ponderações produzidas nos consultórios e, dessa maneira, ponto de partida para o diálogo psicanalítico em reuniões locais ou em eventos anuais. Freud e Jung estreitaram um núcleo de decisões e de encaminhamentos a partir dessa publicação, que, apesar de ser viabilizada por Jung, tinha grande parte do conteúdo e das decisões que demonstrariam a cara da Psicanálise passando pelo aval de Freud.

O *Jahrbuch* foi a materialização da ponte que se solidificava entre Viena e Zurique. Isso era intencional: Freud mesmo escreveu que pensava em demasia em um modo de manter um vivo diálogo para que não se perdessem de vista até o próximo congresso (FREUD, 1976). Em

19 de maio de 1908, ele sugeriu a Jung um nome para o jornal que estavam idealizando juntos: *Jahrbuch für psychoanalytische und psychopathologische Forschungen*⁹⁵. A primeira aludia à Psicanálise, e, a segunda, às pesquisas psicopatológicas elaboradas em Zurique. Esse jornal, conseqüentemente, teria como fundação a efetivação de relação entre Viena e Zurique, representados pelas figuras de Freud e de Bleuler, tendo Jung como editor. Esses últimos aceitaram a sugestão de nome de Freud na carta seguinte de Jung.

A inauguração de uma publicação conjunta foi um item muito relevante para o relacionamento de Jung e de Freud. A proposição veio de Freud, quando queria averiguar se Jung estava pronto para dar um passo a mais em seu comprometimento com a Psicanálise, ainda em 1907: “Por acaso já se sente pronto para uma luta decidida pelo reconhecimento de nossas novas ideias? Se assim fosse, a primeira coisa a fazer seria lançar uma revista de ‘Psicopatologia e Psicanálise’, digamos, ou, mais atrevidamente, apenas ‘de Psicanálise’” (FREUD, 1976, p. 100).

Jung aceitou a proposta para o lançamento de um periódico comum, e esse seria o trabalho para o qual ele mais se dedicaria como um expoente da Psicanálise. Embora ele tenha hesitado diante de uma recepção negativa do público e tivesse bastante dificuldade para expor as ideias de Freud⁹⁶, ele acreditava que poderia ser um projeto frutífero se esperassem amadurecer:

Sua proposta para o lançamento de um periódico especializado vem de encontro a meus próprios planos. Sugeriria o título “Archiv für Psychopathologie”, pois seria bom ter um lugar onde eu pudesse pôr todo o trabalho que sai de nosso laboratório. Antes porém quero pensar detidamente sobre isso, pois no momento me parece que, com o negativismo que prevalece no público, as chances de êxito ainda são muito duvidosas. Por outro lado, devo acabar o segundo volume de meu “Diagnostic Association Studies” antes de assumir novas obrigações. Enquanto isso, deixemos a coisa amadurecer (JUNG, 1976, p. 104).

Freud, confiante na sua obra, de que não faltariam leitores, e na coragem pessoal dos suíços, recomendou a publicação para o outono de 1908. Ainda pouco crente de que o sucesso da Psicanálise já estava a caminho, Jung temia que fossem envergonhados com poucos leitores ou textos para publicação. No tocante à dificuldade de transmitir as ideias de Freud ao público, Jung, agora, limitava-se a representar a Psicanálise e a fazer-lhe as devidas defesas em eventos

⁹⁵ Tradução do alemão: Anuário de pesquisas psicanalíticas e psicopatológicas.

⁹⁶ Em 13 de maio de 1907, Jung escreveu sobre uma crítica de um assistente de Emil Kraepelin (1856-1926): “Mas a coisa por fim me abateu de novo, pois vejo quão supremamente difícil é transmitir suas ideias ao público” (JUNG, 1976, p. 84).

abertos, mas não conseguia alcançar entusiasmo nos ouvintes, tornar aquele conteúdo palatável:

A proeza mais difícil é lixiviar a riqueza de suas ideias, condensar a essência e finalmente realizar esse truque de perfeito mágico que é produzir algo homogêneo. Parece-me quase impossível diluir o produto de modo a torna-lo mais ou menos saboroso para a ignorância do público. Trabalho ainda agora na última consideração de suas ideias – a introdução detalhada sexualidade na psicologia da histeria. De quando em quando, no mais profundo desespero, penso em desistir. Mas acabo por me consolar com a ideia de que, seja como for, nada disso será entendido por 99% do público, o que me permite dizer o que bem queira nessa parte da palestra. De qualquer maneira, não serei compreendido. Tudo, assim, se reduz a uma demonstração, uma confirmação do fato de, no ano de 1907, alguém ter dito oficialmente, num Congresso Internacional, alguma coisa positiva sobre a teoria da histeria de Freud. Convenço-me cada vez mais que o senhor está certo quando atribui apenas a má vontade a recusa à compreensão (JUNG, 1976, p. 117-118).

As justificativas sobre a complexidade de traduzir os conceitos freudianos, de assimilar e de incorporar pontos de divergência também faziam parte de um problema pessoal em achar determinadas nomenclaturas e explicações da Psicanálise pouco razoáveis, a ponto de não convencer a si mesmo. Daí o atrito entre compreender e aceitar e externalizar e convencer outras pessoas. Assim, ele se limitaria ao básico, como representar a Psicanálise em um congresso internacional em tom defensivo, mesmo que fosse para dizer o que bem quisesse em certas partes, elencando como argumento o pressuposto de que não entenderiam nada de nenhuma forma.

A escolha de quem publicaria o *Jahrbuch* foi um pouco demorada, até que achassem alguém comprometido e um valor possível de ser pago. Em maio de 1908, Freud escreveu a Jung informando que Deuticke estava disposto a publicar: “Não discuti as condições, pois prefiro que o senhor cuide disso” (FREUD, 1976, p. 193). Freud insistiu na ampliação da quantidade de páginas e achava que seria inevitável ceder no pagamento nesse quesito, considerando que as análises psicanalíticas eram demoradas.

Os tensionamentos acerca dos julgamentos externos e internos e da política que estava sendo assentada faziam com que Jung e Freud negociassem e consultassem um ao outro quando alguma ação fosse veiculada ao público geral. Era o caso dos nomes a serem colocados em primeiro plano no *Jahrbuch*. Jung escreveu que Bleuler não gostaria de ocupar o espaço ao lado do nome de Freud, pois sua colaboração seria modesta, e lançou Jung a esse lugar, já que, como editor, estava imensamente envolvido no projeto. A esse respeito, agindo politicamente, Jung escreveu a Freud:

Minha objeção a isso é que não tenho a menor vontade de ser guinado tão conspicuamente ao primeiro plano, pois sei que não seria bom para nós. Sou muito moço e o sucesso é o que menos se perdoa. Por essa razão, temo que alguns colaboradores, felizes em publicar sob sua égide, se mostrem avessos à minha presença à frente do projeto (JUNG, 1976, p. 236).

A criação do *Jahrbuch* propiciava cenários em que precisavam decidir politicamente e esteticamente, e isso poderia colocar em visibilidade as conquistas e as faltas dos personagens em questão. Foi o caso da disposição dos nomes e dos títulos de Bleuler e de Freud para a página de rosto do jornal. Freud sugeriu a mudança de modo a disfarçar a sua “nudez” (FREUD, 1976, p. 237) em relação aos títulos acadêmicos, trazendo o nome de Bleuler primeiro, em uma ordem alfabética, e não de hierarquia, com a descrição abaixo do nome detalhando apenas o cargo de diretor da Clínica Psiquiátrica de Zurique, mas não anunciando sua nomeação legal e sua titulação em uma cadeira de Psiquiatria. Junto ao nome de Freud estava indicado apenas “Prof. Dr. Sigm. Freud de Viena” (p. 237), conquanto tenha recebido o direito de usar título de professor em 1902, com a restrição de uso sobre status acadêmico.

Outra circunstância em que pequenas decisões, por ocasião da publicação, podiam ser expressadas e reajustadas é visualizada no seguinte trecho, escrito por Freud, em janeiro de 1909, acerca da ligação de Deuticke, o responsável pela impressão do *Jahrbuch*:

A primeira objeção dele é que o seu “*ferner*”⁹⁷ parece criar uma oposição ou pelo menos uma linha divisória entre minha escola e a de Zurique; a segunda se refere à sua declaração de que textos vindos de outras fontes serão comentados mas não aceitos para publicação. O senhor, sem dúvida, se preocupará mais com a segunda objeção; eu me interesso mais pela primeira. E acho que seria bem razoável se fizesse ambas as alterações. Para dizer a verdade, preferiria que não identificasse comigo nenhuma escola particular, pois se o fizer logo serei obrigado a confessar que meus pseudo-estudantes ou não-estudantes estão mais perto de mim que meus estudantes *sensu strictiori*. Não gostaria também de ser tomado como mais diretamente responsável pelo *trabalho* de Stekel, Adler, Sadger, etc. do que por minha *influência* sobre o senhor, Binswanger, Abraham, Maeder, etc. (FREUD, 1976, p. 250).

Freud repreendeu o uso de uma palavra por Jung, deixando claro que ele não gostaria de aparentes oposições entre a sua escola e a Clínica de Zurique, entre outras objeções que aos poucos foram delineando o que ele pretendia com o jornal e o modo como ele se apresentava e apresentava o seu movimento ao mundo. São sutilezas e atitudes políticas que nos interessam, pois transmitem mais exatamente os intuitos e as expectativas pessoais dele em no que toca à exposição institucional do movimento. Além disso, o jornal e o lugar que cada um deles

⁹⁷ Tradução do alemão: além disso.

ocupava nessa dinâmica são apreciados. Após essas sutis exigências, escreveu a Jung: “Se aceitar minhas ponderações, estou certo de que posso deixar a redação por sua conta” (FREUD, 1976, p. 250).

Jung, sempre atento às contestações e às vontades de Freud, fez aquilo que ele indicou. Jung não deixaria, porém, de expor sua insegurança ou um pequeno protesto: “Sua intromissão em minhas atividades editoriais é-me decerto perfeitamente aceitável, posto que ainda não⁹⁸ me sinta com os pés no chão [...] Levei fielmente em conta sua vontade” (JUNG, 1976, p. 251).

“Sua alegria quanto ao *Jahrbuch* é também minha. As comportas estão abertas, agora é deixar a água rolar” (JUNG, 1976, p. 258). As expectativas altas de Freud e a estipulação de algumas exigências sobre a edição do jornal, que envolviam a escolha de textos que seriam publicados ou não, a disposição do material, o que teria destaque, entre outras atribuições, eram uma ferramenta de autonomia para Jung, mas que permitiram seus primeiros incômodos em atinentes aos comportamentos autoritários de Freud. Externalizando sempre empolgação diante de novos números, de novas disposições, Freud tinha, nessa publicação, a materialização do esforço de tantos anos delegados ao seu discípulo mais capaz, que oportunizava maior público atingido com uma sólida relação entre Zurique-Viena: “O *Jahrbuch* ainda é para mim uma inesgotável fonte de alegria. Teria muito a escrever sobre o assunto, se eu não soubesse que daqui a dez dias poderei abordá-lo ao conversar com o senhor” (FREUD, 1976, p. 261).

O *Jahrbuch* foi a primeira grande conquista conjunta e institucional que tiveram e foi motivo de grande alegria resplandecida ao longo de toda correspondência. Não somente era a materialização do que eles construíam intelectualmente, mas também era motivo de debate, de organização, de revisão e de editoração contínuas, o que alimentava as pautas das cartas. “Essencialmente, no fim das contas, o *Jahrbuch* não é apenas feito por nós, mas também para nós, para nossa edificação mútua” (FREUD, 1976, p. 285). No mais, as publicações mantinham a necessidade de produção, o estudo e o aprofundamento permanentes, características que ainda hoje se mantêm na formação psicanalítica.

Não raro, Freud mencionava a cólera dos inimigos da Psicanálise com um novo número do *Jahrbuch*: “Suas edições se sucedem com uma rapidez tão invejável que a oposição precisará

⁹⁸ Jung cometeu um lapso nessa parte da carta: esqueceu a negação, que deixaria com sentido totalmente contrário, afirmando, assim, sua segurança, e não insegurança, como editor. Depois, escreveu: *nicht* (!): não! e *zu dumm* (!): que burro, traduzidos do alemão. Freud não deixou de achar graça do lapso de Jung, como este último também fez em relação à pudicícia dos americanos (ou de Freud), que abordaremos na próxima página de análise: “Muito gentil que me mande o texto, depois de tudo isto, e ainda dê uma retribuição condigna à minha última *gaffe*. De agora em diante hei de usar q.b. (que burro) como fórmula já consagrada para tais incidentes” (FREUD, 1976, p. 253).

de um esforço muito penoso para se manter no mesmo passo. Outro motivo de alegria é o novo número do *Jahrbuch*. As perspectivas são excelentes” (JUNG, 1976, p. 322). Ademais, o *Jahrbuch* tomou a qualidade de algo produzido por Jung e era um grande motivo de elogios de Freud para o suíço, ainda que o trabalho que desempenhasse nem sempre fosse de produção intelectual, mas por vezes também pudesse ser. De qualquer forma, Freud gostava de atribuir os méritos a Jung:

Encontrei o *Jahrbuch* à minha espera ao voltar de Budapest, e senti toda a alegria que permite meu estado atual. [...] Ainda não o pude pegar para ler, cheguei ontem – quarta – de manhã, mas acho que demonstramos ao respeitável público que sabemos muito bem do que é que estamos falando; mesmo que meu nome não apareça com frequência nos volumes vindouros, fica comigo essa prova de não ter vivido em vão. A cada novo volume, ser-me-á grato pensar que a obra e o mérito são seus (FREUD, 1976, p. 325).

Jung levou a edição desse jornal muito a sério e tinha isso como um recurso para mostrar a Freud o quanto era digno de confiança e merecedor do lugar privilegiado que ocupava sendo um dos dirigentes da Psicanálise. A preocupação que cultivava quanto à sua constituição como intelectual e ao lugar que ocuparia no pódio psicanalítico fazia com que ele trabalhasse muito, mas não alcançasse o tempo necessário de reflexão para formulações teóricas. Diante disso, a consequência era a aceitação de tudo que, então, era proposto por Freud. O *Jahrbuch* lhe daria, no entanto, um ambiente privilegiado de crítica acadêmica e o contato frequente com o que estava sendo pensado na esteira psicanalítica, o que o aproximava de elucubrações teóricas cruciais, sobre as quais ele fazia questão de estar atualizado.

3.5 CLARK UNIVERSITY, A EXPERIÊNCIA NORTE-AMERICANA (1909)

Na última carta escrita por Freud em 1908, ele contou a Jung sobre um convite que recebeu da Clark University para realizar palestras por ocasião do 20º aniversário da instituição. Confessou a Jung que rejeitara o convite, pois teria que parar de trabalhar 2 semanas mais cedo, e argumentou que o custo não valeria a pena. Esse convite mexia com a vaidade de Freud e era uma oportunidade incomparável para a disseminação da Psicanálise no continente americano: “Mas lamento que, em vista disso, eu tenha deixado a oportunidade escapar, pois talvez fosse divertido” (FREUD, 1976, p. 242). Mais tarde, a viagem para palestras na Clark University tornar-se-ia um capítulo notável do relacionamento entre Jung e Freud. A primeira carta de 1909 foi a resposta de Jung, que tratou, em primeiro lugar, do convite vindo dos Estados Unidos:

Isso é um autêntico triunfo e sinceramente o felicito! Pena é que ocorra em um momento tão impróprio. Talvez o senhor pudesse dar um jeito de ir depois do aniversário; suas palestras haveriam de, mesmo então, interessar aos americanos. Pouco a pouco sua verdade vai se infiltrando no público. Se de todo possível, o senhor deveria falar na América, quando mais não fosse pela repercussão que isso teria na Europa, onde as coisas de igual modo vão ficando animadas (JUNG, 1976, p. 242).

Jung lembrava Freud de que os efeitos benéficos de sua ida ao continente americano seriam muito mais do que a divulgação internacional, mas também os impactos no próprio continente europeu. De fato, para os pares seguidores da Psicanálise, seria um elemento impulsionador e deixaria os críticos incomodados.

Após consultar outros membros, como Jones e Brill, acerca da viagem à América, de seus ganhos e de suas perdas, Freud, todavia, escreveu a Jung que Brill via tudo “cor-de-rosa” (FREUD, 1976, p. 245), enquanto Jones era arguto e pessimista, de quem Freud tendia a aproximar-se. Ele falou a Jung sobre o fundamento sexual das teorias deles – naquele momento, em 1909 –, que era um ponto de tensão interno ao próprio movimento. A “pudicícia deles⁹⁹” (FREUD, 1976, p. 245), isto é, certa timidez ou recato, mas também o conservadorismo, faria com que essa novidade da liberdade não fosse bem recebida. Freud reuniu esse ponto como mais um motivo para não se aventurar nessa viagem, que podia ser propulsora, mas também frustrante.

Ainda no tangente à pudicícia dos americanos e de suas próprias, Jung destaca da carta de Freud o lapso de ter escrito “sua pudicícia” em vez de “pudicícia deles”. Tomando esse termo como pudor, timidez em relação a temas como sexualidade, podemos pensar nas maneiras de cada um lidar com o assunto publicamente, tendo em vista as sociedades conservadoras em que viviam. Elas receberam as teorias da sexualidade com pouca seriedade, posto que ela tocava abertamente na sexualidade como elemento fundante para explicações científicas. Jung escreveu, falando de sua própria experiência de pudor: “Tivemos ocasião de notar essa pudicícia, que já foi pior do que agora; agora eu me sinto capaz de suportá-la. Não mais atenuo a sexualidade” (JUNG, 1976, p. 247). Freud respondeu Jung deixando clara sua postura de resignação: “Não posso conter o riso ao reconhecer meu lapso de redação. De nada valem as

⁹⁹ Nessa asseveração de Freud, há um lapso que posteriormente foi salientado por Jung. Em vez de Freud escrever *ihre* “deles”, ele escreveu *Ihre* “seu”. Quer dizer, seria sua pudicícia, e não a pudicícia deles, o que é sinalizado por Jung com “exultação diabólica” (JUNG, 1976, p. 247). Freud teria revelado, por meio de um ato falho, o seu próprio pudor, contrariando sua atitude de ter a sexualidade como elemento fundante de sua teoria.

boas intenções contra essas graçolas do demônio, o único jeito é se resignar a elas” (FREUD, 1976, p. 252).

Passados alguns meses, Freud voltou a escrever a Jung sobre o convite da *Clark University*, de Worcester. Reiterou que precisou negar o convite, porquanto ele perderia um “bom dinheiro com a coisa” (FREUD, 1976, p. 260). Ele tinha novidades a respeito desse convite, que, agora, era refeito e trazia a chance de relembrar antigas expectativas pessoais de Freud:

Pois bem, há uma semana o reitor da Clark University, Stanley Hall, fez-me um segundo convite e ao mesmo tempo informou que as festividades haviam sido adiadas para a semana de 6 de setembro. A ajuda de viagem também foi aumentada de \$400 para \$750, o que não deixa de ser considerável. Desta vez aceitei, pois no fim de agosto devo estar livre e descansado. [...] “Confesso que isto me empolgou mais que qualquer fato acontecido nesses últimos anos – exceto talvez pelo aparecimento do *Jahrbuch* – e que não tenho pensado em outra coisa. [...] Em 1886, quando dei início à minha prática, tinha em mente um período experimental em Viena; caso não desse certo, minha intenção era ir para a América e tentar um tipo de vida que pudesse em seguida propor à minha noiva então em Hamburgo. [...] Agora, vinte e três anos depois, eis que enfim vou à América, decerto não para ganhar dinheiro, mas atendendo a um honroso convite! Teremos muito o que falar dessa viagem e das várias consequências dela para a nossa causa (FREUD, 1976, p. 260).

Freud ficou muito empolgado com o ensejo de falar da Psicanálise em continente americano por meio de um honroso convite. Fez com que levasse sua memória aos recônditos tempos em que era noivo de Marta Freud, quando tinham poucos recursos e a América era uma das opções que o austríaco tinha em mente para construir sua família, mas também o continente que viabilizaria seus projetos profissionais. A intercessão desses afetos em diferentes momentos da vida de Freud mobilizaria expectativas felizes relativas à viagem, que teria mais desdobramentos, como veremos.

Jung escreveu a Freud, em 11 de março de 1909: “Devo me congratular com o senhor por seus triunfos americanos [...] Ansioso aguardo novas notícias” (JUNG, 1976, p. 262). No momento, Jung estava encarando adversidades com uma paciente em específico¹⁰⁰, as quais

¹⁰⁰ A paciente era Sabina Nikolayevna Spielrein, uma mulher russa que foi paciente de Jung e trouxe-lhe tantas dúvidas inerentes à interseção da vida pessoal e de analista. Jung chegou a relatar a Freud os episódios abrangendo a paciente, sem muito se aprofundar, mas explicitando o quanto ficou envolvido: “A última novidade, e a pior de todas, é que um complexo anda a fazer de mim o diabo: uma paciente que há anos tirei de uma neurose incômoda, sem poupar esforços, traiu minha confiança e amizade da maneira mais mortificante que se possa imaginar. Resolver armar um torpe escândalo simplesmente porque me neguei ao prazer de lhe fazer um filho. Sempre procedi com ela como um perfeito cavalheiro, mas perante o tribunal de minha consciência por demais sensível não me sinto realmente imaculado, e é isso o que mais dói, porque minhas intenções nunca deixaram de ser dignas. [...] Nesse ínterim aprendi uma indescritível parcela de sabedoria conjugal, pois até então tinha uma ideia totalmente inadequada de meus componentes polígamos, a despeito de toda auto-análise [...] Esses vislumbres

enredava suas vidas pessoal e profissional. Mesmo demonstrando desânimo e um pouco de falta de confiança em si mesmo em face dos acontecimentos pessoais que tanto o abalaram, ele renunciou planos para o próximo ano. Seria esse um vislumbre, tendo em mente *Símbolos da Transformação* (2013)? “Tenho uma infinidade de planos de trabalho para o ano que vem e aguardo com ansiedade a nova era de independência externa (e interior) que é tão importante para mim” (JUNG, 1976, p. 263).

Jung alimentou perguntas sobre a ida – a princípio solitária – de Freud à América. Escreveu, em junho de 1909:

Estou muito interessado em como pretende organizar suas conferências na América. Que tal se as deixasse de reserva para o *Jahrbuch* depois do próximo? Desculpe meu apetite insaciável, mas realmente gostaria de sempre apresentar as últimas produções da sua lavra. O público anseia por elas e de resto é urgente a necessidade a que suprem (JUNG, 1976, p. 276).

Freud não havia definido a temática que abordaria nas palestras americanas, mas abriu a possibilidade de ouvir sugestões de Jung sobre o que dissertar. Sabendo que quem o convidou era psicólogo – Stanley Hall –, Freud pensou em concentrar-se em Psicologia e, depois, em dedicar-se aos sonhos, pois, desse modo, poderia partir em várias direções. Além disso, testemunhou a dificuldade em proferir uma palestra em inglês (FREUD, 1976). Jung, em resposta, escreveu:

Se não tem o intuito de manter as conferências na América apenas num nível didático elementar, concordo que o material indicado são os sonhos. Não tenho grande esperança na psiquiatria americana, o que há de melhor está entre os psicólogos, mas são poucos os que se salvam. Seja como for, seu sucesso está previamente garantido, o convite em si é uma honra e os que o fizeram não poderão voltar atrás, quando mais não seja pelo interesse próprio. Se o senhor falar em alemão mesmo, ninguém poderá objetar (JUNG, 1976, p. 280).

dolorosos, não obstante extremamente salutares, puseram-me num infernal tumulto interior, mas por isso mesmo garantiram-me, assim espero, qualidades que ainda não de me ser do maior proveito na vida. Meu relacionamento com minha mulher ganhou enormemente em profundidade e firmeza. O destino, que obviamente tem um fraco pelas confusões, depositou à minha porta como paciente, na mesma ocasião, um conhecido americano [...] Claro está que ele tem os mesmos conflitos que acabo de dominar e assim lhe pude ser de grande valia, o que é gratificante sob vários aspectos. Foi um bálsamo para minha dor. Esse caso me apaixonou de tal forma, durante a última quinzena, que esqueci das demais obrigações” (JUNG, 1976, p. 258). Na mesma carta, ainda, confidenciou sua fragilidade diante de algumas situações em comparação a Freud: “De modo geral ainda não possuo o alto grau de firmeza e serenidade que são peculiares ao senhor. Inúmeras coisas que lhe soam banais atingem-me como experiências totalmente novas que tenho de ficar revivendo até que me dilacerem” (JUNG, 1976, p. 258). Freud, por sua vez, respondeu em 9 de março de 1909: “Seremos difamados e castigados pelo amor com que operamos – tais são os riscos de nosso ofício, mas não será por causa deles que vamos abandoná-los” (FREUD, 1976, p. 260). Para aprofundamento no tema, ver Richebächer (2012).

Por meio da carta de 12 de junho de 1909, tomamos conhecimento de que Jung também fora convidado por Stanley Hall para fazer palestras na *Clark University*. Provavelmente, Jung comunicou o fato a Freud antes, por meio de um telegrama ou de uma carta que está faltando. Jung registrou em *Memórias, Sonhos, Reflexões* (2016), portanto muitos anos mais tarde, que foi convidado pela *Clark University* para fazer conferências sobre a experiência de associações. “Independentemente, Freud também recebera um convite; decidimos fazer a viagem juntos” (JUNG, 2016, p. 163). De acordo com a nota de McGuirre (1976), não foi possível documentar o convite de Hall a Jung. Nesta carta de 12 de junho de 1909, Jung escreveu:

No tocante à América, que mais dizer senão que é magnífico? Já reservei uma cabine no G. Washington – é, infelizmente, caríssima a única que estava disponível. Devo partir de Bremen com o senhor. Agora que estou pronto para entrar em cena – que hei de falar? Que se pode falar de tudo isso em apenas 3 palestras? Ficaria muito grato se me desse um conselho (JUNG, 1976, p. 284).

Jung prontamente providenciou sua viagem, que ocorreria na companhia de Freud e de Ferenczi. Muitas expectativas foram alimentadas pessoalmente, na esteira das vaidades pessoais, mas também no sentido político do benefício para o movimento dessa participação, que contaria com mais membros, o que impunha mais peso simbólico ao acontecimento. Freud externalizou as vantagens para o movimento, embora internamente pudesse ter pensado que ainda era cedo para que Jung tivesse a responsabilidade que ele só estava tendo após muitos anos de postulado da Psicanálise:

Seu convite para a América é a melhor coisa que nos aconteceu desde Salzburg; dá-me enorme prazer pelas razões mais egoístas, mas também, decerto, porque demonstra o prestígio que, nessa idade, o senhor já conquistou. Um começo assim há de leva-lo longe, e uma certa quantidade de favor por parte do destino e dos homens jamais deixa de ser oportuno para quem aspira realizar grandes feitos (FREUD, 1976, p. 285).

Naturalmente sua alegria já começa a ser toldada pelas mesmas preocupações que alimento e culminam nessa questão: que dizer a essa gente? Tive, porém, uma ideia que nos pode salvar, e não pense que eu vá guardá-la em segredo. É simples: podemos tratar disso a bordo, em longas conversas durante os passeios no convés. No mais só posso remetê-lo à astuta observação com a qual não faz muito o senhor mesmo acalmou meus pressentimentos: o que interessa é o convite, a audiência fica à nossa mercê, obrigada a aplaudir o que bem queiramos levar-lhe (FREUD, 1976, p. 285).

Um prazer característico pelas razões egoístas é relatado por Freud, provavelmente pelo que isso poderia significar para a Psicanálise. A menção ao mérito pessoal, porém, também é

ressaltada, haja vista que o papel do fundador também era parabenizar seus discípulos por suas honrarias externas. Freud faz uma recomendação quanto aos temas a serem versados nas palestras, já que, agora, isso também era uma preocupação de Jung. O vienense alegou que isso poderia ser tratado a bordo, durante a viagem, considerando que teriam muito tempo para conversas no convés. Assim como Jung o tranquilizou a respeito das exigências do público, Freud também o fazia, pois o público teria que aplaudir qualquer que fosse o tema proferido.

Em 7 de julho de 1909, Freud externalizou sua atitude concernente à viagem, para evitar que pudesse perder qualquer boa surpresa simplesmente por antecipações ansiosas, e aconselhou que Jung fizesse o mesmo:

Intencionalmente não penso na América e em nossa viagem. Quero que cada experiência agradável chegue como uma surpresa, estou decidido a não estragar meu prazer com antecipações supercatexizadas e a encarar com serenidade as decepções. Faça o mesmo, não se deixe esmagar pela preocupação com suas palestras. Por acaso o senhor sabe quem mais foi convidado? (FREUD, 1976, p. 291).

Em que medida é possível controlar preocupações e ansiedades diante de eventos tão relevantes do ponto de vista profissional, mas também pessoal? A última pergunta de Freud faz desmoronar seu argumento de não antecipação e boas surpresas, uma vez que saber da presença de alguém faria com que ele ou Jung realizassem certas antecipações afetivas internas.

“É grande a expectativa com que penso na América. Já reservei a passagem para o G. Washington, mas a cabine é cara demais” (JUNG, 1976, p. 288). Por duas vezes, Jung falou do valor alto da cabine de viagem. Por mais que Freud estivesse incentivando Jung a não se preocupar tanto com a palestra e com a viagem, Jung sustentaria preocupações, pois, além de saber do peso institucional e de sua pouca idade, era preciso apresentar algo que agradasse ao público e a Freud e que fizesse sentido para ele, ou seja, muitos interesses para congregar. Não obstante Jung dissesse o contrário sobre a presença de Freud, é plausível lembrarmos o acontecimento inerente ao Congresso de Amsterdam, em que Jung ficou receoso tão somente com a publicação, sem contar com a presença de Freud no dia da palestra. No trecho a seguir, ele falou das possibilidades de temáticas para a palestra e o fato de ter a presença de Freud no evento:

Não sei realmente o que falar. Começarei por sondar um ponto ou outro só para ver aonde chego. Tenho uma vaga ideia de, em primeiro lugar, falar da constelação familiar, em segundo da significação das associações para o diagnóstico, em terceiro das questões educacionais suscitadas pela psicanálise. O fato de que o senhor há de estar presente, sabendo de tudo isso

muito melhor que eu, certamente não me incomoda nenhum pouco. Irei adiante de qualquer jeito. Desde que os fundamentos estejam lançados no papel, minha preocupação deixará de existir, e serei capaz de dedicar toda a atenção às impressões da viagem (JUNG, 1976, p. 292).

“Suas palestras não de ser inteiramente novas para mim, não conheço o material senão através de uma leitura muito superficial” (FREUD, 1976, p. 294), foi a resposta do austríaco diante do que Jung listou como possíveis temáticas. Em carta de 9 de agosto de 1909, Freud escreveu para combinar os detalhes para a viagem dele junto a Ferenczi e a Jung, pois Jung teria outros afazeres antes disso. Eles se encontraram em Bremen, em 20 de agosto, e, no dia seguinte, embarcaram no navio *George Washington*.

Durante a viagem, que durou 7 semanas, tiveram muito tempo para conversas e para análises de sonhos. Jung e Freud se hospedaram na casa de Stanley Hall, onde tiveram ocasião de conviver por mais tempo, separados de Ferenczi. Freud proferiu 5 palestras e Jung proferiu 3, ambos em alemão. Não bastasse todo o engrandecimento intelectual da convivência, o fortalecimento da causa comum e o firmamento de bases para o florescimento da Psicanálise na América, Jung e Freud receberam uma condecoração, que foi motivo de orgulho para ambos e de troféu para o movimento: “Na solenidade de encerramento, sábado 11 de setembro, títulos de doutor *Honoris causae* foram concedidos a Freud (em psicologia) e a Jung (em educação e higiene social)” (MCGUIRRE, 1976, p. 297).

Saíram gloriosamente de seus compromissos acadêmicos e viajaram por dois dias, Freud, Jung e Ferenczi, pelas terras americanas. Deleitaram-se das novidades de viagem, da presença um do outro e das conversas profundas e oníricas. O efeito fecundo da viagem e das trocas pessoais entre eles surtia novamente o efeito de prazo contínuo, tal como a declaração de Freud expressa: “depois acrescentar alguns adendos aos prodígios de nossa viagem. No dia seguinte à nossa separação, um número incrível de pessoas se parecia espantosamente com o senhor; por toda parte aonde eu ia [...] seu chapeuzinho de faixa preta se deixava entrever (FREUD, 1976, p. 300).

Como não é novidade para nós, reiteradamente aparece o grande objetivo de encontros pessoais: a eliminação de chateações entre eles. “Espero que agora todas as pequeninas chateações se despeçam de nossa lembrança da América para que apenas permaneçam em nós as impressões surpreendentemente grandes e belas” (FREUD, 1976, p. 301-302). Nessa viagem, criaram conjuntamente um amplo repertório de diálogos sobre a Psicanálise, sobre sonhos e sobre horizontes ideais para seus futuros e para o futuro de suas causas comuns. A viagem serviu para conhecerem mais aspectos um do outro, tanto de coisas que agradavam

quanto de coisas que desagradavam.

A partir de 1910, com os projetos pessoais elencados por Jung começando a ganhar corpo, as tensões e as diferenças também começaram a aparecer de forma mais delineada. Lendo a expectativa de Freud para o próximo ano, podemos tomar nosso lugar privilegiado de historiadores para gracejar diante do que estaria por vir. “Não posso reprimir a esperança de que 1910 traga algo tão propício ao nosso relacionamento como foi a viagem à América” (FREUD, 1976, p. 338).

A viagem para os Estados Unidos, em 1909, foi marcante para o relacionamento pessoal de Jung e de Freud, o que é reconhecido pelo próprio Jung em sua biografia: “O ano de 1909 foi decisivo para nossas relações” (JUNG, 2016, p. 163). Desde o início, foi circunscrita por novidades na relação entre os intelectuais, como Jung narrou em seu texto autobiográfico, ainda em Bremen, rumo aos Estados Unidos:

Encontramo-nos em Bremen; Ferenczi nos acompanhava. Em Bremen produziu-se um incidente que deu margem a muitas discussões: a síncope de Freud. Ela foi provocada – indiretamente – pelo interesse que eu demonstrava pelos chamados “cadáveres dos pântanos”. Eu sabia que, em certas regiões do norte da Alemanha, eles eram encontrados. Tratava-se de cadáveres, alguns dos quais datam da pré-história, de homens que se afogaram nos pântanos ou que neles foram enterrados. A água dos pântanos contém ácidos vegetais que destroem os ossos e ao mesmo tempo curtem a pele, de forma que esta e os cabelos ficam em perfeito estado de conservação. Produz-se um processo natural de mumificação, no curso do qual, sob o peso da turfa, os cadáveres se achatam completamente. Eles são encontrados às vezes quando se extrai a turfa em Holstein, na Dinamarca e na Suécia.

Eu pensava novamente sobre esses cadáveres, cuja história havia lido em Bremen, mas minhas lembranças se emaranhavam e eu os confundia com as múmias das jazidas de chumbo de Bremen. Meu interesse enervou Freud. “Por que você se importa com esses cadáveres?”, perguntou-me várias vezes. Era claro que o assunto o encolerizava e, durante uma conversa sobre isso, à mesa, ele teve uma síncope. Mais tarde, disse-me que estava persuadido de que a conversa acerca de cadáveres significava que eu desejava a sua morte. Fiquei extremamente surpreendido com essa opinião! Espantei-me, principalmente, por causa da intensidade de suas fantasias, a ponto de causar-lhe uma síncope (JUNG, 2016, p. 163-164).

O próprio convite que Jung também recebeu para dar palestras na *Clark University* pode ter provocado um sentimento de competição em Freud. Levando em conta a tendência de autonomia e de independência que Jung despontava, bem como seu frescor jovial, Freud pode, pessoalmente, ter alimentado essa desarmonia, já que era o fundador e que mantinha Jung e Ferenczi em posições abaixo da sua, não explicitamente, mas era um movimento que todos compreendiam e aceitavam.

Dessa maneira, concebendo essa espécie de afronta alimentada subjetivamente, Freud pode ter feito uma associação ao grande interesse de Jung pelos mortos do pântano. Jung mostrou sua fascinação pelo tema que lera anteriormente e que agora avistava de perto e comentou vivamente com os colegas, o que encolerizou Freud, que questionou inúmeras vezes o seu interesse. A Psicanálise se encontrava em um momento decisivo de plena expansão, e a realização dessas palestras em um novo continente, ainda mais em um ambiente acadêmico, significava muito para Freud. Ele estava a par desse crescimento vultoso de sua ciência, razão pela qual afastar toda e qualquer ameaça de seu projeto era quase uma atitude involuntária. Talvez possamos retirar dessa interpretação a explicação para a síncope de Freud.

As reservas de Jung e a rápida agência de Freud sobre os vínculos criados com o reduto de Zurique denotam as necessidades primeiras e as ambições mais cruas de dois intelectuais que se encontraram no alvorecer do 20º século. Jung, jovem e curioso, estava interessado em dar um passo além nos estudos da mente, sem perder seu espaço de reflexão; Freud, buscando quem se interessasse pelas suas construções teóricas e apostasse em suas hipóteses, teve, com a ajuda da Escola de Zurique, composta por Bleuler e por Jung, a chancela necessária para ampliar seus espaços de atuação.

Os encontros pessoais foram, em distintas ocasiões, o bálsamo de pequenas tensões e de pequenas incompreensões. A figura emblemática de Freud¹⁰¹, para Jung, foi a que propiciou a dissipação de todas as inconsistências, pois o simples desfrute dessa presença agia como um canal de aperfeiçoamento para Jung. Ambos sabiam do efeito terapêutico do encontro, e, quando as pautas eram tomadas por dúvidas, sabiam o que precisavam fazer: encontrar-se. Sabemos que os problemas não eram esmiuçados nos encontros; eles eram simplesmente minimizados pelos afetos produzidos e pelo pouco tempo que tinham sozinhos, pois, em geral, estavam acompanhados de outros discípulos ou de familiares.

As outras subjetividades que atravessam a relação de Jung e de Freud são essenciais para localizarmos nossos personagens socialmente, para pensarmos o ambiente que compartilhavam. Desse modo, pudemos contemplar os afetos emergidos em nossos intelectuais, mas despertados por outras pessoas, tais como ciúme, inveja, irritamento, entre outros, que proporcionavam contextos que antecipavam a demonstração dos afetos de cada um em relação a tais acontecimentos e que, eventualmente, poderiam ocorrer na própria relação deles.

¹⁰¹ Em sua autobiografia, Jung fala um pouco sobre a tragicidade da figura de Freud, fazendo um balanço sobre sua identificação com um único lado, o da sexualidade, tornando-a o seu baluarte. Sem embargo, faz alusão ao “fogo sagrado” (JUNG, 2016, p. 160) que Freud possuía, uma espécie de fogo do conhecimento: “Ele tornou-se vítima do único lado que podia identificar, e é por isso que o considero uma figura trágica: pois era um grande homem e, o que é principal, tinha o fogo sagrado” (p. 160).

O Congresso de Salzburgo, de 1908, foi o primeiro acontecimento institucional da Psicanálise tendo como dirigentes influentes Freud e Jung. A partir daí, Jung começou a avultar-se como o discípulo mais capaz de levar a ciência de Freud adiante, e, então, começaram a arquitetar os pilares fundantes da Psicanálise, o que foi muito significativo para Freud e para a relação entre eles. Igualmente, a gênese do *Jahrbuch* foi de extrema valia para a relação e para o movimento psicanalítico.

Por fim, as primeiras tensões: a ampla convivência de sete semanas nas terras americanas modificara para sempre o vínculo entre Freud e Jung. Este último iniciou sua atitude astuta diante de Freud, por já perceber alguns de seus pontos fracos e por intencionar não o decepcionar. Freud também notara pequenas atitudes de distanciamento, mas insistiu na fórmula inicial, aquela em que o austríaco é o velho e sábio mentor, e, Jung, o jovem que encaminhara as necessidades principais da causa. A maioria dos assuntos encaminhava-se harmoniosamente, e a colaboração de ambos estava em pleno vigor. Daqui em diante, porém, tomaremos outra via, e o próximo capítulo enfatizará os pontos de tensão e o que verdadeiramente levou ao rompimento do relacionamento.

4 ITINERÁRIO DA RUPTURA ENTRE FREUD E JUNG

Portanto, proponho que abandonemos inteiramente as nossas relações pessoais (FREUD, 1976, p. 611).

O resto é silêncio (JUNG, 1976, p. 612).

O 4º e último capítulo tem como principal objetivo percorrer o caminho afetivo que resultou no rompimento da relação pessoal entre Jung e Freud. A seleção de subcapítulos visa narrar os acontecimentos após 1909, ano em que sustentamos ter havido uma virada no relacionamento, após a viagem que os intelectuais fizeram juntos aos Estados Unidos, além de narrar, de problematizar e de conjecturar as movimentações afetivas que ambos fizeram e que marcaram a história do movimento psicanalítico, mas que atravessaram suas subjetividades.

O aberto e comprometido interesse de Jung com os estudos das mitologias e dos símbolos antigos foi um elemento impulsionador da tensão. Como veremos, a maneira apaixonada como ele se debruçou nesses estudos provocou um interesse na temática em Freud. Em seguida, discutiremos o complexo de pai, que agia tanto em Jung quanto em Freud. Essa questão é mais afetiva do que o interesse pelos símbolos, pois este último era voltado à pesquisa, já os complexos de pai eram performados tanto por um quanto por outro. Visto em um primeiro momento como uma solução para conter as personalidades excêntricas de cada um, mais tarde, tornou-se um problema difícil de contornar, dado que a posição de pai, de autoridade, era bastante confortável para Freud, mas apequenava Jung, que não se satisfazia mais com esse lugar.

No subcapítulo que denominamos “Política Psicanalítica”, discorreremos sobre diversos acontecimentos que compuseram essa política, maiormente nas ocasiões em que, conjuntamente, Jung e Freud decidiram acerca de assuntos de interesse coletivo de seu grupo. Frisaremos momentos em que Jung era presidente da IPA, mas era constantemente interpelado por Freud, que gostaria que ele mantivesse comportamentos pré-determinados como presidente e editor do *Jahrbuch*, o que promoveu uma crise de autoridade e uma insatisfação muito grande em Jung, que se dedicava à sua obra *Símbolos da Transformação* (2013).

Ao final, a “Culminância da tensão” e “O Rompimento” são as últimas investidas, quando Jung tentou esclarecer suas insatisfações e, de certa forma, colocá-las em dia, após tantos anos priorizando a aprovação de Freud. Ele tentou acostumar Freud ao seu “novo estilo” (JUNG, 1976, p. 601), que seria apresentar seus próprios desejos e insatisfações, muitas vezes explicitando comportamentos desagradáveis do austríaco, o que tornou o clima no

relacionamento pessoal cada dia mais tenso e, somado à publicação de *Símbolos da Transformação* (2013), motivo profissional, levou ao rompimento.

4.1 ESTALIDOS, MITOLOGIAS E PEQUENAS TENSÕES

Já em 1909 compreendia que não podia tratar uma psicose latente sem compreender sua simbologia. Foi então que comecei a estudar a mitologia (JUNG, 2016, p. 142).

Ainda hoje ignoro de onde me veio aquela certeza. Eu sabia, porém, perfeitamente, que o ruído se reproduziria. Então, como resposta, Freud me olhou, horrorizado. Não sei o que pensou, nem o que viu. É certo, no entanto, que esse acontecimento despertou sua desconfiança em relação a mim; tive o sentimento de que lhe fizera uma afronta. Nunca mais falamos sobre isso (JUNG, 2016, p. 163).

Carl e Emma Jung estiveram em Viena de 25 a 30 de março e, novamente, em 1909, o que teve, outra vez, um efeito de realinhamento de sentimentos, de expectativas e de pautas objetivas. “Devagar volto à tona e começo a me deleitar na lembrança dos dias em Viena” (JUNG, 1976, p. 266). Jung iniciou essa carta em 2 de abril e só conseguiu terminá-la 10 dias depois. Teria isso alguma conexão com os eventos parapsicológicos que ocorreram naquele encontro?

Em sua autobiografia, Jung narra, após muito tempo, aproximadamente 50 anos, esse encontro que teve com Freud e a experiência pessoal com os estalidos que sucederam enquanto conversavam em seu gabinete:

Eu queria conhecer as opiniões de Freud acerca da precognição e de parapsicologia em geral. Quando fui vê-lo em 1909, em Viena, perguntei-lhe o que pensava sobre isso. Fiel ao seu preconceito materialista, repeliu todo esse complexo de questões, considerando-as mera tolice. Ele apelava para um positivismo de tal modo artificial que precisei conter uma resposta cáustica. Alguns anos decorreram antes que Freud reconhecesse a seriedade da parapsicologia e o caráter de dado real dos fenômenos “ocultos”. Enquanto Freud expunha seus argumentos eu tinha uma estranha sensação: meu diafragma parecia ferro ardente. Ao mesmo tempo um estalido ressoou na estante que estava ao nosso lado, de tal forma que ambos nos assustamos. Pensamos que a estante ia desabar sobre nós. Foi exatamente essa a impressão que nos causou o estalido. Eu disse a Freud: “Eis o que se chama um fenômeno catalítico de exteriorização.” “Ah”, disse ele, “isso é puro disparate!”. “De forma alguma”, repliquei, “o senhor se engana, professor. E para provar-lhe que tenho razão, afirmo previamente que o mesmo estalido se reproduzirá”. E, de fato, apenas pronunciara estas palavras, ouviu-se o mesmo ruído na estante” (JUNG, 2016, p. 162-163).

No momento da escrita de sua autobiografia, Jung contava a história com a firmeza de quem havia superado o episódio e o com tom de afirmação sobre a real existência daqueles fenômenos. Contudo, próximo ao ocorrido, ficou com os *sentiments d'incomplétude*, já descritos: “Alguns *sentiments d'incomplétude* afligiam-me quando saí de Viena, tendo em vista a última noite que passamos juntos. Parecia-me que meu interesse nos fantasmas lhe soara absolutamente estúpido e talvez desagradável em virtude da analogia com Fliess. (Insanidade!)” (JUNG, 1976, p. 277-267). Nessa mesma carta, Jung contou que, na última noite que havia passado com Freud, sentiu-se libertado de uma opressiva sensação de autoridade paterna de Freud. Disse, ainda, que a causa haveria de prosperar, tal como confessam a Jung algumas fantasias atinentes à gravidez. Para não alimentar muito essa liberdade, citaria a fertilidade do movimento. Em resposta, Freud, um pouco descontente, escreveu:

É estranho que, na mesma noite em que formalmente o adotei como primogênito e o sagrei – *in partibus infidelium* – sucessor e príncipe herdeiro, o senhor tenha me despido da dignidade paterna, ato que lhe parece ter dado o mesmo prazer que eu, pelo contrário, extraí da investidura de sua pessoa. Temo que agora recaia no papel de pai com o senhor, se lhe falo como me sinto em relação ao problema do fantasma travesso. Mas é forçoso que o faça, pois minha atitude não corresponde, talvez, ao que lhe ocorre pensar (FREUD, 1976, p. 268-269).

Muito digna de nota é a intersecção do prazer de cada um, exprimida por Freud. O prazer de deixar de ocupar o lugar de filho seria o mesmo prazer de Freud por sagrar Jung como sucessor e príncipe herdeiro. Risonha comparação edipiana.

O temor de Freud era novamente ocupar o papel de pai intransigente ao abordar a questão dos estalidos. Por isso, levou a sério e à prova, continuando a observar se os fenômenos mais uma vez se repetiriam:

Não nego que suas histórias e o seu experimento tenham causado em mim forte impressão. Depois que o senhor se foi, decidi continuar minhas observações, e aqui estão os resultados. Em meu primeiro cômodo, onde as duas pesadas estelas egípcias repousam nas prateleiras de carvalho da estante, o ranger é constante. Fácil, muito fácil de explicar. No segundo, onde o ouvimos, os ruídos são raros. Inclinei-me a princípio a aceitar isto como prova caso o som, tão frequente quando o senhor estava aqui, não fosse ouvido de novo depois de sua partida – mas desde então ouço-o repetidamente, sem qualquer conexão com os meus pensamentos e nunca quando estou pensando no senhor ou neste particular problema seu. (Não ouço agora, à guisa de desafio). [...] Minha credulidade, ou pelo menos minha propensão a acreditar, dissipou-se com a magia de sua presença pessoal; e uma vez mais, por razões interiores que não sei indicar com exatidão, parece-me absolutamente improvável que tais fenômenos possam existir; confronto a mobília

despiritualizada como o poeta confronta a Natureza que, com a partida dos deuses da Grécia, dessacralizou-se. Volto, por conseguinte, a pôr meus óculos paternos de aro de chifre e aconselho meu querido filho a se manter de cabeça fria, pois mais vale não compreender uma coisa que fazer tamanho sacrifício à compreensão. E também meneio minha sábia cabeça para a psicossíntese, pensando: é assim que são os moços, os únicos lugares que realmente têm prazer em visitar são os que podem atingir sem a gente, lá onde nosso fôlego curto e as trôpegas pernas não nos permitem segui-los (FREUD, 1976, p. 269).

Após Jung ficar envolvido com o acontecimento do estalido, que poderia ser coincidência ou não, Freud permaneceu analisando o caso e notou fatores objetivos para explicar, por exemplo, como o peso das estelas egípcias nas prateleiras e a recorrência dos episódios não se relacionavam aos pensamentos sobre o assunto, assim, acreditava ter provas suficientes de que nada tinham a ver com a espiritualidade da casa ou com qualquer outro fenômeno parapsicológico que Jung tentara alegar.

Como uma provocação, já que Jung se dissera liberto dessa relação, Freud se colocara outra vez no lugar da autoridade paterna, para aconselhar que o “querido filho” (FREUD, 1976, p. 269) se tranquilizasse e não se sacrificasse a entender esse evento tão aleatório com uma explicação relacional. No mais, elenar a velhice era uma marca de Freud, na acepção de comunicar a sua falta de energia e, pois, na justificativa para a não realização de novas abordagens ou de uma revisão dos pressupostos vigentes. Por meio de uma historieta, Freud contou a Jung sobre a crença de que morreria entre 61 e 62 anos de idade e o quanto terminava por encontrar esses números em copiosas circunstâncias. Para tanto, alegou que tinha, em primeiro lugar, uma atenção aumentada e inconscientemente motivada a identificar o número em todas as situações, e, em segundo, “[...] a condescendência do acaso, que desempenha, na formação de delírios, o mesmo papel que toca a condescendência somática, na de sintomas histéricos” (FREUD, 1976, p. 270).

Aqui, ocorreu o primeiro caso de patologização de situações apresentadas ou performadas por Jung. Freud estava tentando explicar o fenômeno parapsicológico ocorrido a partir de sua própria experiência, mas também expor que ocorrências do tipo do estalido eram semelhantes aos delírios ocorridos em casos de histeria. Veremos que, ao longo do tempo, essa tendência à patologização e o enquadramento dos comportamentos de Jung, certificando que ele agiria a partir de complexos, seria um combustível para a rachadura do relacionamento.

Freud deixou clara a forma como receberia eventuais abordagens que englobassem o “complexo de fantasmas” (FREUD, 1976, p. 271): “Consequentemente hei de receber novas notícias de suas investigações sobre o complexo de fantasmas com o interesse que se concede a um delírio que fascina, mas do qual nos abstermos de participar” (p. 271). Como resposta a

essa postura, Jung não foi rápido, mas demorou quase um mês para escrever alguma coisa, o que também é expressivo. O suíço falou da importância de ter cuidado com impressões e continuou: “O problema é que o anseio de descobrir é muito forte na gente. Não me converti, porém, ainda a nenhum sistema e hei de também ser prudente no que se refere à fé que possa ter em tais fantasmas” (JUNG, 1976, p. 271). O tom foi quase jocoso, pois, apesar de Freud se colocar veementemente contra esse tipo de comportamento, Jung não garantiu que não mais voltaria sua atenção a isso ou que desistiria, mas escreveu que seria prudente quanto à possibilidade de fé em fantasmas.

Era 2 de junho de 1909 e Jung mencionava pela primeira vez a intenção de realizar um trabalho que tivesse como ambição os problemas maiores da transformação da libido na Demência precoce:

Esta semana inicio, com Décsi, experimentos (com o galvanômetro) sobre a ‘atitude’ na Demência precoce, ao passo que com Stockmayer colaboro em associações ‘parafrenicas’. Só depois de estabelecidos esses fundamentos gerais é que posso me lançar aos problemas maiores da metamorfose da libido na Dem. pr. Vejo desde já que o problema da escolha da neurose aqui é crucial (JUNG, 1976, p. 276).

Traçamos uma história das ocorrências que abrangem a menção ao andamento dessa temática nas cartas e focalizaremos especialmente os afetos mobilizados nesse percurso. Isso é plausível na medida em que nosso maior objetivo é verificar menções diretas e indiretas ao evento de ruptura, e o grande motivo – institucional –, sabemos, foi a publicação de *Símbolos da Transformação* (2013), obra em que Jung estudou as metamorfoses da libido e enfrentou pressupostos psicanalíticos.

Entre a menção, a realização desse trabalho de fôlego de Jung e os assuntos outros que se seguiram, foi acontecendo uma desconstrução da figura de suprema sabedoria que Jung tinha dedicado a Freud. Sem dúvida, a contribuição dele é inegável, sua presença foi impossível de ser ignorada, mas, aos poucos, Jung entendia a viabilidade de também ser um gênio: “Folgo em saber que o senhor também costuma ficar meio ‘tonto’. Imaginava-o permanentemente de posse da mais alta sabedoria esotérica, com a qual, com seu *famulus*, eu tivesse de emular. Ainda bem que nem todos os meus objetivos são inatingíveis” (JUNG, 1976, p. 280).

Jung, que tinha mais ou menos o dimensionamento do que pretendia fazer em *Símbolos da Transformação* (2013), ia estudando e aprofundando-se em seus sonhos e em seus estudos mitológicos, chegando cada dia mais perto dos pontos de tensão que chocariam seu relacionamento com Freud e o compromisso assumido com a Psicanálise. Ele ficara tomado

por situações que colocariam em risco a relação que construiu com Freud até então, tendo em vista suas divergências teóricas não anunciadas, mas também a atitude crítica pessoal que era oportunizada com a desconstrução da genialidade suprema de Freud.

Um caso emblemático é o rompimento de Alfred Adler com Freud e com a Psicanálise. Isso porque, por meio desse acontecimento, podemos avaliar como Freud e Jung se posicionaram diante da recusa de Adler a alguns pressupostos freudianos e, sobretudo, diante das perspectivas de inovação. Jung estava interessado nesse movimento – talvez tendo um motivo próprio? – e pôde apreciar antecipadamente, caso uma possibilidade de rompimento entre ele e Freud se colocasse em pauta. Em 12 de junho de 1909, Jung escreveu a Freud informando o afastamento de Adler: “Frl. E – [...] disse-me que ele está se afastando do senhor e já se aventura por um caminho próprio, talvez até em direção contrária. Será verdade? (JUNG, 1976, p. 284).

Freud reconhecia a qualidade do pesquisador e psicanalista que era Adler e achava tanto quanto possível negociar, dialogar e tentar incorporar suas diferenças, com um limite que não ferisse os preceitos da Psicanálise, é claro, mas admitiu a Jung que deveriam tentar mantê-lo junto aos adeptos da teoria:

Teórico astuto e original, ele no entanto não está afinado com a psicologia; passa ao largo dela e se concentra no aspecto biológico. De qualquer forma, é um tipo honesto; não há de desertar no futuro imediato, nem de participar como gostaríamos. Tanto quanto possível devemos segurá-lo (FREUD, 1976, p. 286).

Enquadrando-o negativamente por concentrar-se no aspecto biológico – tendo em vista que um dos pontos basilares da Psicanálise era afastar-se das explicações médicas, isto é, das explicações concentradas no funcionamento fisiológico dos seres humanos, e aproximar-se de explicações inconscientes, ou seja, de elucubrações filosóficas e psicológicas –, Freud concordava que ele era um dos discípulos de peso e honesto, o que fazia dele um bom exemplo para compararmos ao caso de Jung e aos afetos mobilizados pelo rompimento.

Jung, em 14 de dezembro de 1909, escreveu a respeito da questão sexual originária e de sua dificuldade com ela, preconizando o termo “sensitividade” como parâmetro genérico da neurose. Freud respondeu, apontando Adler, e manifestou sua queixa no tocante à proximidade de Jung do último e ao afastamento da libido, à qual Freud rendeu tributo em seus estudos sobre a sexualidade:

A psicologia de Adler só leva em conta o fator repressivo, descrevendo,

portanto, a “sensitividade,” esta atitude do ego em oposição à libido, como a condição fundamental da neurose. Vejo que agora o senhor toma o mesmo caminho e emprega quase a mesma palavra; concentrando-se no ego, que não estudei devidamente, corre porém o perigo de esquecer a libido, à qual rendi pleno tributo.

Em sua autobiografia, Jung escreveu que, após o segundo encontro com Freud – o dos estalidos –, ele compreendeu a hipótese da vontade de poder elaborada por Alfred Adler¹⁰²: “como inúmeros filhos, Adler não retirava do pai apenas o que ele dizia, mas sim o que ele *fazia*” (JUNG, 2016, p. 161). Jung se referia, pois, ao exercício de poder realizado por Freud sobre seus discípulos.

Conquanto tenha escrito isso, ele condenou comportamentos de Adler para manter a anuência com Freud. Como ocorreu em 29 de novembro de 1910, equiparando-o a Bleuler: “Evidencia-se de fato uma notável analogia entre Adler e Bleuler: a mesma mania de, tanto quanto possível, alterar a terminologia e submeter a fecunda e flexível abordagem psicológica ao esquematismo grosseiro de um espartilho biofisiológico” (JUNG, 1976, p. 431-432). Em resposta a essa carta, Freud escreveu, em 3 de dezembro de 1910: “Com Adler tudo vai de mal a pior. Se o senhor o compara a Bleuler, em mim o que ele desperta é uma lembrança de Fliess, mas uma oitava a baixo. A mesma paranoia” (FREUD, 1976, p. 433-434). Em outra situação, Adler redigiu uma apreciação a um texto de Jung, enunciando que a teoria freudiana da libido seria limitante, assertiva que mais tarde também seria feita por Jung. Em 20 de dezembro de 1910, Jung escreveu:

Li enfim a resenha de Adler sobre meu “*Psychic Conflicts in a Child*”. A observação de que meu enfoque depende totalmente da teoria freudiana da libido, como se isso fosse um defeito ou uma limitação, dá para desconfiar muito. Nesse caso as valiosas conquistas de sua investigação seriam escamoteadas antes mesmo de chegarem à incalculável significação heurística que lhes está destinada. Com clareza cada vez maior vejo que elas são a verdadeira chave da mitologia, independentemente do problema da neurose (JUNG, 1976, p. 439-440).

Essa declaração de Jung tranquilizou Freud, que lembrou o rompimento com Fliess: “É bom saber que o senhor vê Adler como eu. A coisa só me intranquiliza por reabrir as feridas do problema com Fliess” (FREUD, 1976, p. 440). Em seguida, Jung escreveu a Freud, em 23 de dezembro de 1910, dizendo ter exagerado sobre Adler:

¹⁰² Inspirado por Nietzsche, Adler lecionava que o impulso básico dos seres humanos era a vontade de poder, e não o instinto sexual, tal qual Freud os ensinara.

Minhas impressões sobre Adler, na última carta, foram um pouco exageradas; o senhor pode ter pensado que o julguei às cegas numa explosão de afeto. Parece-me contudo que ele tenta substituir a libido, [...] por rígidas formas instintuais, esmagando assim o espírito e a vida extraídos de nossa teoria. Temo que em Adler a ΨA tenha encontrado um primeiro representante realmente “científico” (JUNG, 1976, p. 441).

A essa altura, Jung já estava confrontado com a ideia de libido de Freud, e a atitude de voltar atrás e chamar Adler de científico há de ter cultivado desconfiança em Freud. Para não dar um ar de contrariedade, ao final dessa mesma carta do dia 23 de dezembro, Jung voltou a desaprovar a redução que Adler e Bleuler faziam de vários assuntos à biologia.

O que se seguiu à situação de Adler foi o afastamento dele de cargos de proeminência, como a presidência da Sociedade de Viena. A cada dia ele se tornava uma “ameaça”, de acordo com Freud (1976, p. 460), e trazia consigo outros membros que mantinham algum tipo de censura à Psicanálise. Além disso, em alguns casos, foram reunidas as construções teóricas de Adler com as críticas de Bleuler, o que providenciou o olhar de Freud para a necessidade de uma crítica interna. Jung se mantinha a par das notícias de separação de Adler, pois, assim, também ficaria inteirado das providências de Freud e da recepção disso entre os discípulos. Jung escreveu, em 19 de março de 1911: “As notícias sobre Adler são muito interessantes” (JUNG, 1976, p. 466).

Em 27 de junho de 1911, Freud escreveu a Jung: “Acho que, enfim, estamos livres de Adler. Ele saiu da Sociedade e demitiu-se também, com uma ‘declaração’, da Zentralblatt. Mas a batalha teve alguns lances penosos e desconcertantes” (FREUD, 1976, p. 494). Após esse rompimento com Adler, houve boatos envolvendo Jung, mas que logo foram dissipados. Pessoas ligadas a Adler ainda gostariam de manter relações com o meio psicanalítico¹⁰³, o que foi terminantemente rejeitado por Freud. Jung assistiu e permaneceu silencioso sobre o caso.

Depois do regresso de Viena, do episódio do estalido e do longo período de convivência por ocasião da viagem que fizeram juntos aos Estados Unidos, Jung finalmente se sentia mais seguro e conhecia melhor o terreno onde pisava. Permitia-se iniciar assuntos e não os terminar, tal como gabar-se de suas leituras e da sensatez que vinha adquirindo:

Eis que bato à sua porta com uma carta cujo objetivo é saudá-lo no regresso à Viena e à costumeira lida. De minha parte já enfrento a sério. Sinto-me em plena forma e me tornei bem mais sensato do que talvez imagine [...] Na viagem de volta à Suíça não parei um só instante de analisar sonhos e descobri alguns gracejos impagáveis. Pena que agora não dê para contar (JUNG, 1976,

¹⁰³ “Insistiram porém no direito de permanecerem conosco, claro está que a fim de se apropriarem, como bons parasitas, de ideias e materiais que só poderão deturpar. Tornei impossível essa simbiose” (FREUD, 1976, p. 510).

p. 298-299).

É provável que Jung estivesse reportando o que ele assimilou e concluiu acerca da interpretação dada por Freud em um sonho¹⁰⁴ que se tornou muito emblemático para Jung, o sonho que pela primeira vez o levou à noção de “inconsciente coletivo¹⁰⁵”: “por essa razão, constituiu uma espécie de prelúdio ao meu *Metamorfoses e símbolos da libido*” (JUNG, 2016, p. 165).

Jung (2016) relatou que Freud se interessou notadamente pelos crânios do sonho e sugeriu a Jung pensar em um desejo e de quem poderiam ser. Antecipadamente, Jung pensou que Freud sustentaria que isso significaria o desejo de morte de alguém. “Sentia violentas resistências contra uma tal interpretação, desconfiava também da verdadeira significação do sonho. Mas, nessa época, não tinha ainda confiança em meu julgamento e desejava conhecer a opinião de Freud (JUNG, 2016, p. 166).

Eis um nítido exemplo de performance diante do outro, ou uma atitude política, pois ele previamente imaginou a interpretação de Freud e deu uma resposta esperada: “Querida saber o que ele achava; obedeci, pois, à sua intenção e disse: “minha mulher e minha cunhada” – pois era preciso citar alguém de quem valeria a pena desejar a morte!” (JUNG, 2016, p. 166). À vista disso, Jung adotou certa malícia ao cogitar as interpretações já esperadas de Freud e nutriu, solitariamente, algumas análises que julgava mais aprofundadas do que as de Freud; provavelmente, o hábito de discordar silenciosamente também foi cultivado por ele.

Eu era ainda recém-casado e sabia perfeitamente que nada em mim indicava um tal desejo. Mas não teria podido dar a Freud minhas próprias associações para interpretar o sonho sem chocar-me com sua incompreensão e com

¹⁰⁴ “Eis o sonho: eu estava numa casa desconhecida, de dois andares. Era a ‘minha’ casa. Estava no segundo andar onde havia uma sala de estar, com belos móveis de estilo rococó. As paredes eram ornadas de quadros valiosos. Surpreso de que essa casa fosse minha, pensava: ‘Nada mal!’ De repente, lembrei-me de que ainda não sabia qual era o aspecto do andar inferior. Desci a escada e cheguei ao andar térreo. Ali, tudo era mais antigo. Essa parte da casa datava do século XV ou XVI. A instalação era medieval e o ladrilho vermelho. Tudo estava mergulhado na penumbra. Eu passeava pelos quartos, dizendo: ‘Quero explorar a casa inteira!’ Cheguei diante de uma porta pesada e a abri. Deparei com uma escada de pedra que conduzia à adega. Descendo-a, cheguei a uma sala muito antiga, cujo teto era em abóbada. Examinando as paredes descobri que entre as pedras comuns de que eram feitas, havia camadas de tijolos e pedaços de tijolo na argamassa. Reconheci que essas paredes datavam da época romana. Meu interesse chegara ao máximo. Examinei também o piso recoberto de lajes. Numa delas, descobri uma argola. Puxei-a. A laje deslocou-se e sob ela vi outra escada de degraus estreitos de pedra, que descia, chegando enfim a uma gruta baixa e rochosa. Na poeira espessa que recobria o solo havia ossadas, restos de vasos, e vestígios de uma civilização primitiva. Descobri dois crânios humanos, provavelmente muito velhos, já meio desintegrados. Depois, acordei” (JUNG, 2016, p. 165-166).

¹⁰⁵ Nas palavras de Hopcke (2012, p. 24): “Jung concebeu uma segunda camada do inconsciente, que ele chamou de inconsciente coletivo. Essa camada do inconsciente era a que continha aqueles padrões da percepção psíquica, comuns a toda a humanidade, os arquétipos. Pelo fato de o inconsciente coletivo ser o campo da experiência arquetípica, Jung considerou a camada do inconsciente coletivo mais profunda e, em última análise, mais significativa do que a do inconsciente pessoal”.

violentas resistências. Não me sentia qualificado para defrontar-me com ele. Temia também perder sua amizade se mantivesse meu ponto de vista. Por outro lado, queria saber o que resultaria de minha resposta e de que forma ele reagiria se eu o enganasse, exagerando sua própria doutrina. Assim, pois, menti (JUNG, 2016, p. 166).

Tinha perfeita consciência que, do ponto de vista moral, minha maneira de agir era censurável. Mas teria sido impossível, então, descobrir a Freud o mundo de meus pensamentos. Entre seu mundo e o meu havia um abismo demasiado profundo. De fato, Freud ficou como que aliviado com a minha resposta. Dessa maneira pude perceber que ele ficava desamparado diante de sonhos dessa espécie, e que buscava refúgio em sua própria doutrina. Quanto a mim, queria descobrir o verdadeiro sentido do sonho (JUNG, 2016, p. 167).

Em um sonho compartilhado, ainda em 1906, o primeiro ano de contato deles, Jung furtou de Freud alguns detalhes do sonho que partilhara e mais tarde se desculpou por isso: “Posteriormente senti-me sem jeito por ter brincado de esconder com meu sonho” (JUNG, 1976, p. 60). A ponderar que as verdades psicanalíticas contavam com a máxima clareza e sinceridade, não enunciar todos os detalhes, tanto mais para um psicanalista, seria incorrer em um grave erro. Quando Jung decidiu fazer isso deliberadamente, seguramente tinha apreendido um limite do mestre e desejava, então, compreender e aprofundar as possíveis interpretações do sonho para além do que já estava colocado.

Jung fazia questão de demonstrar o grande prazer que sentia¹⁰⁶ pelos estudos mitológicos e aos poucos ia alimentando a curiosidade de Freud. No início, narrava cada nova descoberta e novo encantamento que tinha quando se deparava com uma nova leitura¹⁰⁷ ou com algum episódio em específico que tivesse chamado sua atenção. A princípio, desse interesse pelos símbolos e pelas mitologias, Jung se preocupava muito em saber a opinião de Freud sobre tais temáticas, e isso não só para tentar ao máximo não cometer erros e ter algum ponto de partida, mas também para mantê-lo notificado desse assunto que viria a tornar-se a especialidade de Jung; ao menos era uma de suas ambições:

Estou obcecado pela ideia de escrever um dia um texto que abarque todo esse campo, é claro que após anos de preparo e levantamento de fatos. Convém

¹⁰⁶ “Um dos motivos que me levaram a deixar de escrever por tanto tempo foi que passei minhas noites imerso na história dos símbolos, na mitologia e na arqueologia. Andei lendo Heródoto, onde achei coisas maravilhosas (p. ex., Livro II, culto de Papremis). Agora estou lendo os 4 volumes do velho Creuzer, nos quais há uma mina de material. Todo meu interesse por arqueologia (latente há anos) voltou de novo a se manifestar. Aqui se encontram fontes valiosas para a fundamentação filogenética da teoria da neurose. Tenho a intenção de mais tarde aproveitar algo para o *Jahrbuch*. É uma lástima que até mesmo em Heródoto já desabrochem as flores exóticas da pudicícia; ele é o primeiro a admitir que encobre muitas coisas por ‘razões de decência’. Onde, tão cedo, terão os gregos aprendido isto? [...] Se eu for na primavera a Viena, espero levar-lhe várias novidades antigas” (JUNG, 1976, p. 310-311).

¹⁰⁷ “Estou lendo com prazer o livro de Inman sobre símbolos” (JUNG, 1976, p. 303).

atacar em várias frentes. A arqueologia, ou mais propriamente a mitologia, já deitou garras sobre mim, é uma mina de materiais fantásticos. Não poderia o senhor lançar um pouco de luz nessa direção, ao menos uma espécie de análise espectral *par distance*? (JUNG, 1976, p. 304).

Nesse trecho, Jung informou sua intenção de escrever um texto que sistematizasse e propusesse contribuições acerca das relações entre a mitologia, os símbolos e a psique humana. Inicialmente, quando não estava ainda muito patente o que faria e em que tipos de questões psicológicas ele focaria, Freud recebeu com entusiasmo a notícia – ao menos externamente.

Folgo em saber que o senhor compartilha minha crença de que devemos conquistar por completo o campo da mitologia. Até agora temos apenas dois pioneiros: Abraham e Rank. Não há de ser fácil encontrá-los, mas precisamos de homens para campanhas mais longas. Convém entrarmos também pelo domínio biográfico [...] O enigma do caráter de Leonardo da Vinci tornou-se subitamente claro (FREUD, 1976, p. 307).

Freud tentava, de algum modo, amarrar esse tema a si próprio, como se muito antes já tivesse a crença dessa necessidade na Psicanálise; acreditava que uma das vias que deveriam explorar era, obviamente, a que se aproximasse de seu domínio, a biográfica, já que ele estava com o trabalho sobre Leonardo da Vinci em curso. Nesse mesmo movimento, chamar atenção para o que tinha valor para ele, tal qual a teoria sexual infantil atrelada ao mito, era uma de suas tendências: “*Ad vocem* mitologia: por acaso o senhor o senhor já pôde notar que as teorias sexuais infantis são indispensáveis à compreensão do mito?” (FREUD, 1976, p. 330).

Freud assinalou a falta de homens para campanhas mais longas, isto é, de outros discípulos interessados em encampar esse projeto. Em pelo menos três ocasiões, Freud externalizou a necessidade de outras pessoas para colaborarem com o assunto, enquanto seu discípulo tido como mais capaz estava interessado no tema. Vejamos outra passagem em que registrou a necessidade de outras pessoas enredadas com esse tema:

Folgo em saber que o senhor se interessa pela mitologia. A solidão já não é tanta. Estou ansioso para saber de suas descobertas. Encomendei o livro de Knight em julho, mas até agora não chegou. Espero que em breve o senhor compartilhe minha crença de que a mitologia, ao que tudo indica, está centrada no mesmo complexo nuclear das neuroses. O problema é que não passamos de uns pobres diletantes. Precisamos urgentemente de colaboradores capazes (FREUD, 1976, p. 312).

Novamente, nesse trecho, expôs um certo interesse antigo pela mitologia, chegando mesmo a dizer que não sentia mais solidão quanto a isso. Certamente, Jung notou esses

movimentos, tanto da enunciação de um interesse primeiro quanto da falta de colaboradores que pudessem dar conta da questão. Nesse excerto, constatamos um outro ponto: a expectativa de que Jung estivesse de acordo com o que ele já havia pensado a respeito da mitologia, centrada no complexo das neuroses. Nessa orientação, de alguma forma, Freud gostaria de impor o que ele tinha em mente sobre o assunto e de manter-se informado do desenvolvimento sobre a questão para Jung. Em resposta, intencionando manter Freud a par de suas investigações e não o desagradar, em 30 de novembro de 1909, Jung escreveu pedindo que Freud oferecesse uma definição de libido, porque o suíço ainda não havia encontrado alguma que o satisfizesse: “Meu desejo de o ter por perto é muito frequente. Há tantas coisas a lhe perguntar! Em um momento adequado eu gostaria de lhe extrair, por exemplo, uma definição de libido. Até agora não cheguei a nada que me satisfaça” (JUNG, 1976, p. 323).

Tomando algumas notas sobre a neurose obsessiva de Freud, Jung, em 14 de dezembro de 1909, confessou que não o agradava um trecho em que Freud discutia o componente sádico da libido. Jung encarou o sadismo como um fenômeno reativo, presumindo que a base constitucional das neuroses, para o suíço, era o desequilíbrio entre libido e resistência (ou autoafirmação) (JUNG, 1976). Após desenvolver um pouco sobre suas compreensões, sempre cauteloso, Jung acrescentou:

Naturalmente é uma tolice que eu queira pôr em dúvida sua terminologia clínica, à qual tem tanto direito como qualquer outro. Como Hércules de outrora, o senhor é no entanto um herói humano, um semideus, e suas máximas estão fadadas, infelizmente, a carregar um valor eterno. Todos os fracos que seguirem o senhor terão de adotar necessariamente essa nomenclatura que originalmente se aplicava à um caso determinado. A ‘onipotência’ há de, assim, ser incluída, mais tarde, na sintomatologia da neurose obsessiva. Limite-me a considera-la, porém, uma expressão de autoafirmação sadisticamente colorida por hipercatexia reativa, na mesma linha dos demais sintomas de auto-supervalorização, que sempre têm um efeito tão nocivo sobre todos os que se encontram próximos. Aqui temos também, a meu ver, a razão da ilimitada crença do neurótico obsessivo na veracidade das conclusões a que chega; a validade universal que lhes é conferida ignora por completo a razão da ilimitada crença do neurótico obsessivo na veracidade das conclusões a que chega; a validade universal que lhes é conferida ignora por completo a razão e a probabilidade lógica: ele está certo, sempre certo, e assim tem que continuar. Desse apego irrestrito às próprias convicções fica-se a apenas um passo da superstição, que por sua vez não é mais que um exemplo especial de auto-hipercatexia, ou melhor, de fraqueza na adaptação (uma sempre acompanha a outra). É desse solo que brota a superstição, arma que desde tempos imemoriais o fraco ataca e se defende. Prevalece, em geral, a fé em bruxaria, sobretudo em se tratando de velhas que perderam, de há muito, o poder natural de enfeitiçar (JUNG, 1976, p. 329).

De maneira sutil e após elogiar Freud, chamando-o de “herói humano” e de “semideus”,

ele fez avaliações bastante severas sobre a crença nas próprias verdades, sobre onipotência de ideias e sobre o curto espaço que esse comportamento tinha da superstição. Críticas veladas e não direcionadas nominalmente, portanto, à onipotência de Freud e das crenças em seus próprios pressupostos.

Em sua autobiografia, Jung descreveu o momento em que, mesmo sem perceber muito bem, estava testemunhando a manifestação de fatores religiosos inconscientes de Freud na insistência da sexualidade, como vinha persistindo nas certezas que tinha acerca de mitologia e de Psicanálise nos últimos trechos referidos:

Sem compreender bem, observara nessa época uma irrupção de fatores religiosos inconscientes em Freud. Evidentemente, ele queria recrutar-me para uma defesa comum contra esses conteúdos inconscientes ameaçadores. A impressão causada por essa conversa contribuiu para minha confusão; até então eu jamais considerara a sexualidade uma coisa flutuante, precária, à qual se deve permanecer fiel, com medo de perde-la. Para Freud a sexualidade tinha, aparentemente, mais importância significativa do que para os demais. Era para ele uma coisa a ser observada religiosamente. Numa tal atmosfera, quaisquer interrogações e reflexões impõem em geral reserva e discrição. Dessa forma, a conversa, depois de algumas tentativas balbuciantes de minha parte, foi acabando (JUNG, 2016, p. 158-159).

Verificamos que, no excerto anterior, na carta de Jung enviada a Freud, ele desejava, de algum modo, enquadrar a onipotência de pensamentos em uma forma de neurose obsessiva. Quer dizer, não chamou Freud de neurótico, mas demarcou um comportamento que ele tinha entre características neuróticas, aproximando novamente, mas sem nominar, a crença nas próprias verdades das superstições.

Freud respondeu, em 19 de dezembro de 1909, dizendo que se divertiu com a possibilidade de seus erros serem venerados como relíquias:

Diverti-me muito com a sua hipótese de que meus erros passem a ser venerados como relíquias, depois que eu saia de cena, mas de modo algum posso endossá-la. Creio pelo contrário que os jovens se inclinarão a demolir tudo o que não seja sólido em minha herança. Muito do que ocorre na Psicologia é justamente o oposto do que se espera encontrarem outros domínios. Como o senhor mesmo há de desempenhar nessa liquidação um papel de realce, tentarei confiar à sua guarda algumas de minhas ideias em perigo (FREUD, 1976, p. 330-331).

Freud não concordou com o diagnóstico velado de Jung e estrategicamente o lembrou da responsabilidade assumida com a Psicanálise. Ele afirmou que tentaria confiar a Jung suas ideias que estariam em perigo. Em seguida, trouxe a definição da libido solicitada por Jung, as

primeiras frases contidas em sua Teoria da Sexualidade:

Vejamos de início sua dificuldade em relação à ‘minha’ libido. Nas primeiras frases da Teoria da Sexualidade há uma clara definição na qual acho que nada precisa ser alterado: o análogo da fome, para o qual a língua alemã não tem outra palavra, no contexto sexual, que não seja a ambígua *Lust* (FREUD, 1976, p. 331).

Freud comentou com observações científicas o que Jung escreveu sobre neurose obsessiva, não obstante ele preferisse que isso ocorresse distintamente, rememorando comicadamente os episódios parapsicológicos do início do capítulo: “Passemos então ao proveito extraído de meu trabalho sobre a neurose obsessiva, que eu preferiria discutir com vagar, pessoalmente, em meio a eventuais estalidos na parede e nos móveis” (FREUD, 1976, p. 331).

Em uma terceira oportunidade, Freud reiterou a necessidade de que outras pessoas lidassem com o tema da mitologia na Psicanálise. Freud escreveu, em 19 de dezembro de 1909: “Anseio por mitólogos, linguistas e historiadores da religião; caso não venham em nossa ajuda, teremos de nos arranjar sozinhos” (FREUD, 1976, p. 330). Essa atitude insistente de apontar a premência de outras pessoas para trabalhar com a mitologia na Psicanálise foi alimentando um incômodo em Jung, que se expressou sobre isso em 25 de dezembro de 1909:

Minha tentativa de crítica, embora parecesse um ataque, foi na verdade uma defesa, motivo de eu me pôr tão ostensivamente contra ‘onipotência das ideias’. Naturalmente o termo está de fato correto e não lhe falta uma concisa e concludente elegância: é isso mesmo o que acontece, sobretudo na D. pr., onde novos fundamentos constantemente são revelados por ele. Tudo isso me atingiu muito, sobretudo na fé em minha própria capacidade. Nada, no entanto, me deixou tão consternado quanto a observação de que o senhor anseia por arqueólogos, filólogos, etc. Achei que o que queria dizer com isso era, provavelmente, que não estou qualificado para o trabalho em questão. Por tais assuntos agora nutro, porém, um interesse apaixonado que só encontra precedentes no que consagrei à Dem. pr. Ocorrem-me as visões mais belas, ocorrem-me conexões de longo alcance que, por enquanto, eu me sinto incapaz de reter, pois a empresa é de fato muito grande e detesto a onipotência do trabalho mal feito. Mas quem então deve realiza-lo? Naturalmente tem que ser alguém que conheça a psique e nutra por ela uma paixão autêntica (JUNG, 1976, p. 333).

Anteriormente, Freud declarara não ter compreendido o que Jung dizia acerca da onipotência das ideias, isso posto, Jung tentou dar uma explicação mais acurada e concordou com ele. No trecho acima, podemos reparar que a questão não era uma discussão de termos ou uma incompreensão teórica, mas, sim, uma vontade de Jung de contar sobre o que o atingiu das falas constantes de Freud quanto à necessidade de novos profissionais para dar conta da

mitologia na Psicanálise. Jung mesmo sentenciou que entendeu, com isso, que não estava qualificado para a questão que se mostrava tão apaixonante para ele. Ainda nessa carta que desvelou sua insatisfação, escreveu: “É uma sorte ingrata ter de criar junto ao Criador. Daí meus ataques à ‘terminologia clínica’” (JUNG, 1976, p. 333).

Nessa mesma correspondência, que foi iniciada em 25 de dezembro de 1909 e completada em 31 de dezembro de 1909, Jung revelou não ter entendido o que Freud tinha aclarado acerca da libido e que seria melhor aguardar um encontro pessoal:

Devo observar que minhas dificuldades em relação à libido, bem como ao sadismo, provêm obviamente do fato de eu ainda não ter suficientemente ajustado minha atitude em relação à sua. Até agora não compreendi muito bem o que o senhor me escreveu. O melhor é adiar a coisa até que possamos conversar em paz. Gostaria realmente de o interrogar sobre cada frase de sua carta (JUNG, 1976, p. 334).

Procurando contornar a urgência por outras pessoas que Freud tanto repetiu, ele disse que ficara feliz com os interesses de Jung. Mesmo assim, buscou mostrar que o interesse dele era bem anterior ao do suíço, tendo plena certeza da magnitude disso para a Psicanálise e denotando uma apreensão imanente a esse tema:

O melindre que meu anseio por um exército de colaboradores filosóficos lhe causa é música para meus ouvidos. Fico na realidade feliz em saber que leva esse interesse tão a sério, que o senhor mesmo pretende ser esse exército; nada de melhor eu poderia querer e apenas ignorava que a mitologia e a arqueologia lhe tivessem falado tão a fundo. Mas é provável que o tenha desejado, pois desde outubro meu interesse se desviou desses domínios, não sei por que, já que nem por um momento sequer duvidei da importância que apresentam para os nossos propósitos (FREUD, 1976, p. 336).

Permite-me que eu lhe confie, porém, uma apreensão? Acho que a enfrentar diretamente o problema geral da mitologia antiga seria preferível abordá-lo pouco a pouco numa série de estudos distintos. Mas talvez sua ideia seja justamente essa. Foi apenas o conhecimento material, cuja conquista é para nós tão árdua, mas não de todo impossível, o que valorizei nos especialistas. Reli com a maior atenção suas observações detalhadas; sei que tudo fica mais fácil para a gente quando ninguém nos perturba (FREUD, 1976, p. 336).

Manipular, de algum modo, como seriam encaminhados os estudos mitológicos na Psicanálise era uma das mais altas aspirações de Freud naquele sensível estágio da relação, pois ele gostaria de respeitar certo espaço de autonomia do suíço, bem como sua decisão de mergulhar no tema das mitologias, mas, paralelamente, seu ímpeto de autoridade e de controle e seu complexo de pai agiam intensamente.

Para o mínimo de encorajamento expressado por Freud diante do interesse mitológico de Jung, ele se mostrara muito grato e iniciou uma tendência de manter-se silencioso a respeito dos avanços que realizava em seus estudos e em suas reflexões mitológicas. Embora fosse comum haver alguma atualização sobre o tema, ele realmente incorporou a ideia de dizer menos até que tudo amadurecesse, até que pudesse ultrapassar as inseguranças intelectuais próprias e as provocadas por Freud.

Muito obrigado por sua carta tão encorajadora. A mitologia por certo me falou a fundo e a ela se soma uma boa parcela de interesse arqueológico que me vem do passado. Prefiro não dizer muito por ora e esperar que a coisa amadureça. Ainda não sei no que vai dar. Compartilho no entanto sua opinião de que o assunto deva ser submetido de início a um tratamento monográfico, o que de resto não há de ser tão difícil, pois o que é típico em termos de material surge com extraordinária abundância, ora aqui, ora ali, em variantes. Isso, portanto, não será problema. O grande *impedimentum* é a limitação de meu cabedal, que tento remediar com escrupulosas leituras (JUNG, 1976, p. 339).

Vou ver se também preparo alguma coisa, embora me sinta muito inseguro, com a impressão de que só agora estou começando a aprender. Acho que esse *sentiment d'incomplétude* decorre de meu novo namoro com a mitologia. Mas a “*cour d’amour*” há de sem dúvida pôr minha coragem à prova (JUNG, 1976, p. 339-340).

Jung adotaria, daquele momento em diante, uma atitude engajada consigo próprio, uma vez que, ao almejar metas profissionais, como a especialização nesses assuntos mitológicos e simbólicos, estaria investindo em suas próprias ambições e tomando conta de si, em um cuidado de si, no estabelecimento desse interesse e no investimento de seu tempo e de sua energia intelectual. O suíço abraçou suas inseguranças e sua falta de leitura externamente para seu mestre, ao mesmo tempo em que tomava a decisão de embrenhar-se em seus próprios apetites intelectuais e ter para si, dentro da Psicanálise, sua própria especialidade, sua própria contribuição. Entretanto, internamente, é presumível que ele tivesse alguns encaminhamentos sobre esse interesse nos mitos, nos símbolos e nos eventos parapsicológicos, tal qual os estalidos dos móveis e das paredes de Freud em Viena no ano de 1909.

Em 30 de janeiro de 1910, Jung noticiou a Freud que havia elaborado uma palestra para estudantes tendo o simbolismo como tema. Mais tarde, essa palestra se tornaria o esboço de *Símbolos da Transformação* (2013): “Ao elaborá-la, tentei assentar o ‘simbólico’ numa base psicogenética, ou seja, mostrar que na fantasia individual o *primum movens*, o conflito individual – matéria ou forma, como se prefira – é mítico ou mitologicamente típico” (JUNG, 1976, p. 343). Esse esclarecimento a Freud também serviu para localizarmo-nos tematicamente

a respeito da dita obra, que foi a causa profissional de rompimento do relacionamento entre Jung e Freud.

Freud escreveu opinando acerca da observação do simbolismo de Jung e aproveitou para relembrar momentos de tensão envolvendo Bleuler:

Sua concepção aprofundada do simbolismo merece toda a minha simpatia. Talvez se lembre de como me senti insatisfeito quando, de comum acordo com Bleuler, o senhor se limitou a encarar o simbolismo como uma espécie de ‘pensar pouco nítido’. É verdade que o que agora me escreve é um simples indício, mas sinto-me na mesma linha de minhas próprias pesquisas, qual seja, a da regressão arcaica, que espero dominar através da mitologia e do *desenvolvimento da linguagem*. Seria ótimo se escrevesse sobre o tema para o *Jahrbuch* (FREUD, 1976, p. 345-346).

É intrigante depreender a necessidade de Freud de comprovar um interesse pelos temas simbólicos e mitológicos anterior ao que Jung apresentava no momento da escrita da carta. O austríaco explorou uma variedade de estratégias para tirar de Jung um pouco da totalidade do mérito, que ainda nem havia para ser exibido e lembrando, por exemplo, quando ele concordou com Bleuler, algo que o irritaria, considerando o percurso que a relação de Jung com Bleuler tomou.

4.2 COMPLEXO DE PAI

A relação pai e filho, o exercício da paternidade e o comportamento paternal foram temas constantes nas cartas e na vida de Freud e de Jung. Com os filhos sanguíneos, com discípulos ou entre ambos, eles se inclinaram para o comportamento paternal até mesmo como uma solução, como vimos nas proposições de Jung de 20 de fevereiro de 1908:

A imerecida honra de sua amizade é um dos pontos altos de minha vida que não consigo expressar com palavras. A referência a Fliess – decerto não acidental – e seu relacionamento com ele impelem-me a solicitar que me permita desfrutar de sua amizade noutros termos, não como se fosse uma amizade entre iguais, mas sim entre pai e filho. Essa distância me parece adequada e natural. E já por si a meu ver ela confere um cunho que haveria de prevenir mal-entendidos e capacitar duas pessoas teimosas a existir lado a lado num relacionamento fácil e livre de tensões (JUNG, 1976, p. 166).

A naturalidade que essa distância proporcionaria tornou-se um problema mais tarde. A resolução foi tomada como o objetivo de prevenção a mal-entendidos e terminou por transformar-se, também, em um dos motivos do desentendimento. Ocorre que a relação de pai

e filho é uma relação de sobreposição, a qual foi tolerada por Jung apenas até certo ponto. Diante disso, veremos, aqui, alguns episódios peculiares a esse afeto paterno.

No final do ano de 1908, nasceu Franz Karl Jung, e Jung escreveu a Freud agradecendo o telegrama de felicitação pelo nascimento do filho:

O senhor pode imaginar nossa alegria. O parto foi normal, mãe e filho vão indo bem. Pena é que não mais sejamos camponeses, pois se assim fosse me caberia exclamar: ‘Agora que tenho um filho posso partir em paz’. Muito mais se poderia dizer sobre esse tema de complexos (JUNG, 1976, p. 233).

Nesse ínterim, descobrimos o que povoava o imaginário de Jung: o comportamento dos camponeses, que estavam livres para partir assim que tivessem um filho para dar seguimento aos seus feitos. Semelhantemente funcionava a dinâmica da relação Jung e Freud, pois este último gostaria de formar e de capacitar Jung, a fim de que este desse continuidade aos seus feitos.

Na mesma carta em que falou do nascimento do filho, Jung também abordou o trabalho que escreveu sobre complexo de pai: “Mesmo que não seja uma maravilha, meu ensaio sobre o complexo de pai, acredito, é um trabalho decente. Espero que lhe agrade. A fidelidade dele à causa, seja como for, não deixa nada a desejar” (JUNG, 1976, p. 234). Em 11 de dezembro de 1908, Freud respondeu:

A conjunção — liberação social, nascimento de um filho, ensaio sobre o complexo de pai — sugere-me que o senhor se encontra num ponto-chave de sua vida e que tomou a direção acertada. Meu próprio paternalismo não lhe há de ser um fardo penoso, é pouco o que posso fazer pelo senhor e a dar tudo o que tenho estou acostumado (FREUD, 1976, p. 235).

Um conjunto de acontecimentos eram registrados na vida de Jung em relação à temática paterna, mas Freud também externou seu paternalismo para com Jung, o qual poderia significar iniciar Jung em diferentes situações da profissão de ambos, ou representar Jung, ou que ele ensinava e Jung aprendia. Essa sobreposição e o lugar restrito que Freud deu a Jung – ainda assim privilegiado – não deixariam Jung ultrapassar Freud intelectualmente tanto quanto este último vivesse, e isso foi o principal problema.

Jung concordou que estava em um momento de desenvolvimento individual, no qual compreendia que, de alguma maneira, afastava-se daquela proposição inicial. Ele respondeu a Freud, em 21 de dezembro de 1908: “Sinto que a conjunção de um nascimento de um filho e a racionalização do complexo de pai é uma encruzilhada extremamente importante em minha

vida, inclusive porque agora também me desenredo do relacionamento sócio-paternal” (JUNG, 1976, p. 238).

Mais tarde, porém, após compartilharem da experiência dos estalidos em Viena, em 1909, é perceptível que Jung realmente se sentiu liberto da paternidade de Freud. A razão, alegamos, é ele ter insistido em suas próprias reflexões e hipóteses relativas aos eventos parapsicológicos, mesmo sabendo da falta de crença de Freud e que ele trataria desses assuntos como uma piada, e não com a seriedade que tinha para o suíço. Finalmente, ele colocaria na mesa não tendo como finalidade maior agradar a Freud, mas simplesmente saber a opinião dele sobre coisas que lhe eram caras. Jung escreveu, em 2 de abril de 1909:

A última noite com o senhor, afortunadamente, libertou-me no íntimo da opressiva sensação de autoridade paterna. Meu inconsciente celebrou essa impressão com um grande sonho que me preocupou por alguns dias e cuja análise acabo justamente de concluir. Espero que eu agora esteja livre de todos os empecilhos desnecessários. Sua causa deve e há de prosperar, é o que me dizem minhas fantasias de gravidez que o senhor por sorte pôde apreender afinal (JUNG, 1976, p. 267).

Ironicamente, nesse trecho, Jung parece aliviado por ter se libertado dessa autoridade paterna que ele mesmo propôs em 1908. Inegavelmente, a tendência de manter a autoestima de Freud em dia não ficaria de lado, mesmo vindo com a libertação e sendo este um fator de autonomia. Freud respondeu com estranheza a essa suposta libertação de Jung:

É estranho que, na mesma noite em que formalmente o adotei como primogênito e o sagrei – *in partibus infidelium* – sucessor e príncipe herdeiro, o senhor tenha me despido da dignidade paterna, ato que lhe parece ter dado o mesmo prazer que eu, pelo contrário, extraí da investidura de sua pessoa. Temo que agora recaia no papel de pai com o senhor, se lhe falo como me sinto em relação ao problema do fantasma travesso. Mas é forçoso que o faça, pois minha atitude não corresponde, talvez, ao que lhe ocorre pensar (FREUD, 1976, p. 268-269).

Se contar com a dignidade paterna de Freud significasse impelir o suíço a uma série de comportamentos, de inseguranças e de “empecilhos desnecessários” (JUNG, 1976, p. 267), seria forçoso que Jung se livrasse dela. Freud demonstrou uma insatisfação com tal libertação e jogou, quase chantageando Jung, ao mencionar que o prazer pela liberdade de seu herdeiro era o mesmo que ele sentia ao investir na pessoa de Jung como a mais capaz para dar continuação à sua causa. Interessantemente, a atitude de liberdade agora performada por Jung já havia sido elogiada por Freud anteriormente, em 11 de dezembro de 1908, quatro meses antes

dessa carta em que Jung se despia da autoridade paterna: “A nota de liberdade em suas cartas, desde que se patenteou que o mestre de seu destino há de ser o senhor mesmo, soa como uma resposta a meus desejos mais sinceros. Prescindir de um mestre, como verás, é com efeito uma felicidade rara” (FREUD, 1976, p. 234).

Após essa suposta libertação da autoridade, no entanto, Jung retomou sua posição de inferior a Freud e seu lugar de herdeiro, como foi a no episódio de reaparecimento de Sabina Spielrein, que enviou cartas a Freud e colocou Jung em uma situação constrangedora, haja vista que, no passado, teve relações amorosas com ela. Freud escreveu, em 3 de junho de 1909:

Compreendo perfeitamente seu silêncio e não lhe responderia assim tão rápido se outra carta – que mando junto – não me tivesse chegado ao mesmo tempo que a sua. Que diabo é ela? Uma intrometida, uma faladeira ou uma paranoica? Se o senhor souber alguma coisa da autora da carta, ou tiver uma opinião sobre o assunto, mande-me por favor um telegrama, mas em caso contrário não dê a menor importância. Tomarei seu silêncio por uma indicação de que não sabe de nada (FREUD, 1976, p. 277).

Jung respondeu explicando sucintamente a eventualidade no primeiro trecho; já no segundo, recobrou a questão do complexo de pai e tomou o lugar de filho e de herdeiro que Freud tinha cedido a ele:

Conforme sua vontade, mandei-lhe um telegrama hoje de manhã, dando-lhe a redação mais clara possível. Não sabia então o que mais dizer. A pessoa sobre quem lhe escrevi é Spielrein. Em forma resumida, ela foi publicada em minha palestra de Amsterdam de saudosa memória. É que por assim dizer foi meu caso-teste, razão pela qual guardei por ela um carinho e uma gratidão especiais. Como eu sabia por experiência prévia que sofreria uma recaída imediata, caso lhe retirasse meu apoio, prolonguei o relacionamento por anos e acabei por me sentir na obrigação moral de consagrar-lhe grande parcela de amizade, até notar que as coisas tinham tomado um rumo indesejado, quando enfim rompi com ela. É claro que sistematicamente planejava me seduzir, o que julguei inoportuno. Agora está querendo se vingar (JUNG, 1976, p. 279).

Fui levado a me dizer que eu escreveria neste mesmo espírito caso um amigo ou um colega meu se visse em situação igualmente embaraçosa. Obriguei-me a me dizer isso porque meu complexo de pai teimava em insinuar que sua reação não seria a que foi e que o senhor me passaria um bom pito, disfarçando-o como lhe fosse possível sob o manto do amor fraterno. Seria na realidade uma suprema tolice que eu, logo eu, seu ‘filho e herdeiro’, esbanjasse tão insensatamente sua herança, como se nada soubesse dessas coisas. O que o senhor diz da superestima intelectual é correto sob todos os aspectos, e eu, para rematar, ainda nutro a absurda ideia de algum tipo de obrigação moral. Tudo isso é muito maçante, mas útil (a última palavra em negrito e com tipos spacejados) (JUNG, 1976, p. 283).

O assunto Sabina Spielrein era delicado para Jung. Então, ele recuperou o lugar de filho e de herdeiro para assumir um pouco a dose de culpa que sentia sobre esse assunto, temendo ser julgado por ser insensato, posto que carregava o estandarte de filho mais capaz de Freud. Esse conteúdo, porém, apequenava-o, pois ele tinha consciência de que se envolver afetivamente com uma paciente era um erro para alguém que deveria ser a vitrine da Psicanálise.

Em outra circunstância, ao final de 1909, Freud colocaria Jung no lugar de herdeiro, prescrevendo uma atitude que visaria, de certo modo, disciplinar seus filhos, incluindo os vienenses e Jung:

Sugiro dividirmos entre nós a redação dos comentários, o senhor cuidando de chamar os vienenses às falas e eu da turma de Zurique, tão logo esses de dêem à produção de versões próprias. Tais críticas devem ser a expressão de nossas convicções pessoais; trata-se de uma tentativa de ditadura literária, mas na verdade o pessoal merece pouca confiança e precisa de disciplina. Meus vienenses às vezes me enfurecem tanto que chego a desejar que você/eles* tivessem um só traseiro para que os pudesse espancar com a mesma vara (FREUD, 1976, p. 312).

Na referência com asterisco, na carta, está escrito¹⁰⁸: “Desforro-me de um lapso similar em sua carta (‘para poder inculcar no senhor/neles que a ΨA é um método científico’, etc.)! Será que tem graça?” (FREUD, 1976, p. 312). Na correspondência anterior, Jung escreveu o seguinte: “Sou obrigado a lutar com meus alunos para poder inculcar neles que a ΨA é um método científico e não uma adivinhação intuitiva” (JUNG, 1976, p. 310). Em nota de rodapé, o editor apontou o erro que Jung cometeu, pois, em vez de dizer inculcar neles (*ihnen*, em seus alunos), escreveu inculcar no Senhor (*Ihnen*, em Freud) que a Psicanálise seria um método científico, e não uma adivinhação. Isso pode ter irritado Freud, dado que, para ele, poderia significar uma possível intenção de Jung de insinuar que ele estava agindo religiosamente. Um comportamento comum dos pais no 20º século era agir violentamente com os filhos, castigando fisicamente com varas e com outros objetos que causassem dor. Freud fez uma alusão à disciplina que gostaria de dar em seus discípulos, englobando Jung, batendo com a mesma vara no traseiro de todos. Ao que tudo indica, abarcar Jung no único traseiro para espancar com a mesma vara foi um lapso deliberado.

Esse complexo de pai não deixava de perseguir Jung, justamente por uma atitude paternalista de Freud. Ele tinha a impressão de estar sempre agindo com erros, tal qual ele explanou em 20 de fevereiro de 1910: “A causa de tal resistência é esse complexo de pai, esse

¹⁰⁸ Essa observação com asterisco é do próprio Freud ao final de sua carta.

temor de não corresponder às expectativas (tudo o que você faz, diz-me o diabo, é 'uma droga')” (JUNG, 1976, p. 351). Esse foi um dos desafios de Jung ao aprofundar-se nos temas mitológicos, na medida em que, ao pensar na sobreposição da autoridade de Freud, sentia-se outra vez pequeno e incapaz de produzir algo relevante. Temos, aqui, um lançamento de luz aos motivos que, mais tarde, levaram-no a enfrentar Freud com seu novo comportamento nas cartas e com a publicação de *Símbolos da Transformação* (2013). Enfrentar Freud, para Jung, era, por conseguinte, enfrentar a si mesmo.

4.3 POLÍTICA PSICANALÍTICA

Foi no contexto de preparação para o Congresso de Nuremberg que se iniciaram alguns conflitos que concorreram para o momento mais crítico do tensionamento na relação de Jung e de Freud. O congresso ocorreu em março de 1910, e as trocas preliminares, comuns à antecedência, tal qual o congresso de Salzburgo, nutriam a cotidianidade das cartas. Naquele instante, Jung estava caminhando obstinadamente com sua pesquisa e seu trabalho sobre libido, enquanto Freud se incomodava com algumas faltas percebidas de seu notável discípulo e com a demora tão longa em responder uma carta ao final de 1909:

Por certo não é muito gentil de sua parte manter-me 25 dias à espera de resposta (de 14 de out. a 8 de nov.; fiz as contas por presumir um intervalo à moda Fliess de 23 dias, mas de novo não confere) — como se a presteza e extensão de minha última carta o tivessem assustado um pouco. Não me cabe importuná-lo, se o senhor não experimenta a necessidade de se corresponder a intervalos mais curtos. É, porém, inevitável que eu me submeta ao meu próprio ritmo e, no máximo, posso assumir um compromisso, o de só botar no correio domingo essa carta que escrevo hoje (FREUD, 1976, p. 311).

Jung estava comprometido com Honegger, quem se tornou quase um discípulo seu. Eles desenvolveram uma afinidade para troca de ideias, algo que Jung valorizava muito e acabava fazendo restritamente com Freud ou em encontros intelectuais. Nessa conjuntura, Jung escreveu, com uma referência bíblica e tomando seu papel de filho, em 15 de novembro de 1909:

Pater, peccavi — é realmente um escândalo deixá-lo 25 dias à espera de resposta. A necessidade de abreviar os intervalos ressalta com absoluta clareza no último parágrafo de sua carta: o senhor parece estar muito isolado em Viena. De modo algum a companhia de Eitingon figurará entre os prazeres mais altos. Há algo de enervante no seu insípido intelectualismo. Por estar envolvido com pessoas e obrigações sociais de todo tipo é que me torno um

correspondente, preguiçoso e estéril. Dediquei grande parte de meu tempo ao jovem Honegger, que é muito bem dotado de inteligência e perspicácia. É muito raro haver um dia que não me dê ocasião para uma troca de ideias. Preenchendo assim todos os meus momentos, nem notei a passagem desses 25 dias. Meu comportamento, porém, foi abominável e não há de se repetir (JUNG, 1976, p. 315).

Jung tentava remediar, pedir desculpas e seguir na colaboração com Freud e com os termos que foram sendo instituídos para essa relação desde 1908. Entretanto, vemos que a oportunidade de abrir-se e de entregar-se à possibilidade de investir em outra pessoa – nesse caso, Honegger – poderia indicar que toda a libido de Jung, como gostavam de nomear nas cartas, não estava totalmente priorizada intelectualmente para Freud.

Os novos ares de 1910 traziam consigo a realização de um congresso, o Congresso de Nuremberg, que teve como decisão preeminente a criação da Associação Psicanalítica Internacional. Dessa forma, o aprofundamento da institucionalização e a formalização da Psicanálise trouxeram novos desafios e a necessidade de novo assentamento para os afetos, já que os indivíduos dessa equação passaram a realizar novas funções e a lidar com a expansão do movimento. Toda solicitação de Jung era notada, tendo em conta que a tendência percebida por Freud, desde que o suíço iniciou seus estudos mitológicos, era de autonomia. A precisão pelo encontro, a expectativa, tornava-se, assim, imperiosa na véspera da realização do evento:

Sua carta deu-me um prazer especial nesses belos e tranquilos dias de festa. A leitura dela é gratificante, sob todos os aspectos, e maravilhoso é saber que o senhor experimenta a necessidade de discutir comigo alguns problemas fundamentais [...] não sei que intenções o senhor tem em mente, mas suponho que as possa harmonizar com o Congresso, de modo a que, após o encerramento do mesmo, tenhamos pelo menos um dia absolutamente sozinhos, em Nuremberg ou alhures, para aclararmos nossos problemas e os projetos embrionários (FREUD, 1976, p. 335).

Os problemas e os projetos embrionários aos quais Freud se referiu provavelmente eram atinentes às irresoluções mitológicas e à libido, que permaneceram desentendidas. Em 13 de janeiro de 1910, Freud reiterou a necessidade desse encontro: “Espero que de fato, antes ou depois do Congresso, possamos passar um dia a sós. Se o senhor não tem tempo, não precisa ser em Viena. Temos muito o que conversar” (FREUD, 1976, p. 341).

Eles entendiam que um evento como o que ocorreria em Nuremberg contava com uma face de integração entre os membros: “e além disso é importante haver tempo para contatos pessoais” (FREUD, 1976, p. 335). Ademais, Freud propôs uma prioridade para esse evento, que seria tratar de importâncias básicas, de organização, e pediu a opinião de Jung: “O próximo

Congresso pode, portanto, ser dedicado a outras tarefas, como a discussão e a organização de alguns pontos de importância básica [...] por uma atenção maior a questões práticas que digam respeito ao presente e ao futuro imediato. Que lhe parece?” (FREUD, 1976, p. 336).

Quanto à realização do Congresso de Nuremberg, Freud estava muito aberto à viabilidade de inclinar-se ao que Jung achasse necessário: “estou disposto a fazer tudo o que no seu entender seja necessário. Esteja certo de que em nenhuma hipótese eu lhe criarei dificuldades” (FREUD, 1976, p. 336). Por conhecer as habilidades de organização de Jung, e para tentar sanar qualquer indisposição entre eles, Freud agia intencionando propiciar um bom funcionamento do evento e do relacionamento com o suíço.

Conquanto Jung concordasse com essa tendência de manter o bom relacionamento com Freud, de manter em ordem as diferenças teóricas em direção à concordância, e não ao dissenso, chegou o tempo em que desconfortavelmente a discordância foi tomando espaço. Isso aconteceu, explicitamente, quando Freud sugeriu a adesão a um grupo e Jung ostensivamente rejeitou o ingresso. Em 13 de janeiro de 1910, Freud escreveu:

Pergunto-me, embora a ideia ainda não esteja amadurecida, se nossos partidários não poderiam filiar-se a uma organização maior com um ideal prático de trabalho. Explico-me — para que me dê sua opinião. Há uma Fraternidade Internacional pela Ética e a Cultura que se constitui no momento com esse ideal em vista e cujo grande incentivador é um farmacêutico de Berna, Knapp, que esteve em visita a mim. Não seria oportuno que ingressássemos todos? Com a organização antialcoólica não quero ter nada a ver. Pedi a Knapp que procurasse entrar em contato com o senhor. Um dos expoentes da Fraternidade é Forel (FREUD, 1976, p. 342).

Jung, por sua vez, deu uma resposta inesperada acerca do assunto. Na volúpia de ambiguidades em que ele se encontrava, entre suas próprias concepções, terminou dizendo que precisava fazer a si mesmo “preleções éticas” (JUNG, 1976, p. 348) e que não teria coragem de promover o tema em público, como já havia sido convidado a fazer por essa Fraternidade de Forel. Jung estava munido da compreensão da convivência dos opostos, tão indispensável para seu pensamento, e, tendo isso em vista, escreveu:

Mantenho-me num equilíbrio tão instável entre o dionisíaco e o apolíneo que me pergunto se não valeria a pena reviver algumas burrices culturais do passado, como os mosteiros. Quero dizer que na realidade não sei qual o menor mal. O senhor acredita que essa Fraternidade possa ter uma importância prática? Não será ela uma dessas coalizões de Forel contra a burrice e o mal — mal que devemos amar para nos livrarmos da obsessão com a virtude que nos deixa doentes e proíbe as alegrias da vida? Para que uma coalizão seja eticamente significativa é imprescindível que em vez de ser artificial ela brote

dos instintos profundos da raça. Um pouco como a Christian Science, o islamismo, o budismo. A religião só pode ser substituída por religião. Por acaso há um novo salvador na I.O.? Que novo mito nos é aí proposto para que vivamos por ele? Por pura desfaçatez intelectual só os sábios são éticos, a nós é indispensável a verdade eterna do mito (JUNG, 1976, p. 348).

Dessa torrente de associações há de o senhor inferir que a coisa não me deixou nada apático. O problema ético da liberdade sexual é realmente imenso e digno do suor dos nobres. Mas os 2000 anos de cristianismo só podem ser substituídos por algo equivalente. Uma fraternidade ética que propõe um Nada mítico, absolutamente isento da força impulsiva, arcaico-infantil, é um puro vácuo e jamais despertará no homem um resíduo que seja da primitiva força animal que arrasta pelo mar as aves migradoras e em cuja ausência não pode vir à luz um movimento de massa irresistível. Concebo para a ΨA uma tarefa bem mais ampla e sutil que a aliança com uma fraternidade ética. Creio que precisamos dar-lhe tempo para que em diferentes centros ela se infiltre no povo, para que vivifique nos intelectuais o sentido do mítico e do simbólico, para que lentamente reconverta o Cristo no profético Deus da Vinha que ele foi, e desse modo absorva as forças instintuais extáticas do cristianismo com objetivo único de fazer do culto e do mito sagrado o que eles eram outrora — um ébrio festival de alegria onde ao homem fora dado existir no *ethos* e na santidade animal. Tal o desígnio e a incomparável beleza da religião antiga, que por necessidades biológicas temporárias que só Deus sabe quais são foi transformada numa instituição de misérias. Mas que delícias infindas, que volúpia jaz ainda latente em nossa religião, à espera de um retorno ao verdadeiro destino! Um desenvolvimento ético genuíno e exato não pode abandonar o cristianismo; forçoso é que se articule dentro dele, levando à realização mais perfeita o próprio hino de amor, a agonia e o êxtase quanto ao deus morrente/ressurgente, a força mística da vinha e o tremor antropofágico da Última Ceia — só esse desenvolvimento ético tem condições de servir às forças vitais da religião. Já um sindicato de interesses morre ao fim de 10 anos (JUNG, 1976, p. 348-349).

A ΨA deixa-me “orgulhoso e insatisfeito;” a vinculá-la a Forel, esse penitente João-ninguém, prefiro vê-la associada a tudo o que sempre foi dinâmico e vivo. O melhor portanto é esperar mais um pouco. Para ser prático, penso em submeter ao Congresso de Nuremberg essa questão crucial para a ΨA.

Meu coração não se aguentava e acho que por hoje já fiz uma ab-reação muito longa. Peço-lhe que não leve a mal esse tempestuoso desabafo (JUNG, 1976, p. 349).

O suíço estava diante de descobertas, de leituras consolidadas que lhe propiciaram um novo ponto de vista que foi arrebatador. A incompreensão e a discordância que já fomentava por algumas ideias de Freud foram, de alguma maneira, descarregadas por meio dessa proposição do austríaco de entrar na *Internationaler Orden für Ethik und Kultur*, do incentivador Knapp de Berna.

Ele tinha uma aversão à eventualidade de ser algo contra a burrice ou contra o mal, à semelhança das religiões. Não porque estava diminuindo a religião, é claro, mas porque entendia que era preciso compreendê-la e realizar o movimento rumo à convivência dos

opostos, da contingência que seria aberta com a harmonia entre bem e mal. Logo, ele concebia isso como uma imprescindível chave da compreensão dos indivíduos: era necessário integrar aquele mal que sempre foi negado, sublimado, esquecido, reprimido.

Jung defendia que a pretensão de um grupo com princípios de ética e de cultura não teria nenhuma função prática, senão realizar encontros pouco vívidos, os quais pregavam determinados comportamentos que não seriam bem-vindos para a Psicanálise, que era muito mais potente e viva, não precisava juntar-se a esse tipo de organização para mostrar sua força. Dessa maneira, expôs a Freud, enfaticamente, sua contrariedade a respeito da entrada nesse grupo. Freud respondeu, em 13 de fevereiro de 1910:

Sim, a tempestade ruge no senhor; e chega até mim como um distante trovão. E embora devesse tratá-lo diplomaticamente e acomodar-me com um atraso deliberado na resposta a seu evidente desagrado em escrever, sou incapaz de refrear minhas próprias reações precipitadas. Posso oferecer-lhe apenas, à guisa de desculpa, as necessidades práticas.

Diga por favor a Knapp que por enquanto é impossível submeter ao nosso Congresso a questão da Fraternidade, que ainda somos muito poucos e nem de nos organizar já cuidamos, o que aliás é verdade. O senhor não deve me considerar no entanto o fundador de uma religião, minhas intenções não vão tão longe. Foi por razões de ordem prática, ou talvez diplomática, que fiz essa tentativa (a qual de resto não mais figura em minhas cogitações). Vi em Knapp um homem potencialmente bom, que a ΨA poderia liberar, e então pensei que de nosso ingresso na Fraternidade, ainda *in statu nascendi*, decorresse talvez a conversão dos moralistas à ΨA , nunca a dos psicanalistas à moralidade. Pode ser que a ideia tenha sido por demais diplomática. Abandonemo-la então de bom grado. Deixei-me atrair pelo aspecto prático, a agressividade preventiva do programa, o compromisso de atacar diretamente a autoridade do Estado e da Igreja, sempre que cometam injustiças palpáveis, propenso a recorrer assim, em guarda contra os futuros grandes adversários da ΨA , a um número maior de pessoas e a métodos outros que não os propiciados pelo trabalho científico. Não estou pensando num substituto para a religião; essa necessidade deve ser sublimada. A conversão da Fraternidade numa organização religiosa sempre me pareceu tão remota quanto a de um corpo voluntário de bombeiros! (FREUD, 1976, p. 350).

Freud obviamente ficou irritado pela “tempestade” (FREUD, 1976, p. 350) de Jung. Faria apenas o básico, que era não aceitar o convite para entrar no grupo, mas falou o que deveria fazer, que era tratar Jung diplomaticamente, em uma ameaça de colocá-lo em um espaço pouco privilegiado. Ainda assim, Freud terminou elucidando o que pensou da sugestão de ingresso a esse grupo para a Psicanálise, mesmo que não precisasse fazê-lo, já que até ameaçara o seu mais estimado discípulo a ter tratamento de diplomacia regular.

A irritação do austríaco há de ter sido intensificada pelos elementos religiosos contidos nas cartas de Jung, direcionando-o a compreender uma possível sugestão de que Freud estava

pensando em fundar uma religião ou apenas se aproximar disso. Todavia, em 20 de fevereiro de 1910, Jung escreveu lamentando que Freud tenha sido o alvo de um arrebatamento ao qual ele havia se entregado e acabou atribuindo a um complexo matrimonial a causa maior de suas tribulações:

Na realidade eu não ignorava que com a proposta sobre a I. O. o senhor tinha em mente um objetivo prático. Falei a propósito com diversas pessoas daqui e todos são muito céticos quanto à popularidade da organização. Creio, entretanto, que não haveria mal algum em levar o assunto ao Congresso de Nuremberg. A adesão pessoal de um ou outro talvez produzisse a efervescência necessária. Por acaso o senhor se opõe? Minha última carta foi naturalmente mais um desses arrebatamentos de louca fantasia a que, de quando em quando, me entrego. É lamentável que agora o alvo tenha sido o senhor, mas essa era provavelmente a intenção. Em meu íntimo fervem as coisas mais díspares, em particular a mitologia, ou melhor, é a mitologia que por fim sairá lucrando, pois nada ferve tanto, como evidentemente convém à etapa da vida em que me acho, quanto o complexo matrimonial (JUNG, 1976, p. 351).

Posteriormente a essa data, Jung escreveu uma carta aturdido com algo que Freud redigira em uma correspondência que infelizmente nos falta:

Fiquei aturdido com sua carta — tudo indica que há muitos mal-entendidos no ar. Como poderia o senhor se enganar tanto a meu respeito? Não entendo bem isso. E por ora nada mais posso dizer, pois a palavra escrita é uma coisa traiçoeira e nem sempre a gente consegue o tom exato (JUNG, 1976, p. 353).

Não podemos saber o que Freud expressou para que Jung escrevesse sobre esses mal-entendidos, mas podia ser, ainda, sobre as impressões da carta em que Jung se opôs à entrada do grupo de Knapp. Nessa mesma carta, Jung pediu opinião acerca do que falar em uma palestra que faria na América, sinalizando sua vontade de estar em total harmonia com Freud: “mas gostaria de saber primeiro o que, a seu ver, devo falar na América. Quero me pôr em perfeita sintonia com o senhor” (JUNG, 1976, p. 354). Também nessa carta, Jung escreveu para despedir-se: “deste que não está vacilante, Jung” (JUNG, 1976, p. 355).

O evento de Nuremberg aproximava-se, e, antes dele, Freud mandou uma carta para tranquilizar Jung, mas não durou muito para que ele novamente se levantasse com irritação perante as atitudes de Jung. Antes, porém, pediu que Jung sossegasse sua alma:

Creia que já não há mal-entendidos entre nós e que não o tomo por “vacilante”. Não sou tão esquecido, nem tão melindroso assim, e sei o quanto nos unem a simpatia pessoal e o fato de estarmos os dois no mesmo barco. Apenas de

quando em quando me irrita — permito-me a franqueza — que o senhor não tenha ainda vencido as resistências que emanam de seu complexo de pai, impondo à nossa correspondência, por conseguinte, uma limitação que jamais seria tão drástica se esse não fosse o caso. Tranquelize-se, meu querido filho Alexandre, pois à sua conquista deixo muito mais do que pude, a psiquiatria toda e a aprovação do mundo civilizado, que já se afeiçoou a me considerar um selvagem! Espero que com isso sua alma sossegue (FREUD, 1976, p. 355).

A carta de Freud para que Jung se tranquilizasse foi em 6 de março de 1910; em 8 de março de 1910, Emma Rauschenbach-Jung enviou uma carta em nome de Jung para informar que ele havia partido de emergência para os Estados Unidos para atender um antigo paciente: “Pede-lhe que não se preocupe em absoluto com Nuremberg, pois com toda certeza ele estará lá” (RAUSCHENBACH-JUNG, 1976, p. 356).

Essa viagem sem planos reavivaria a irritação de Freud, pois ele confiava muito ou quase tudo da organização do evento a Jung. Jung, por seu turno, escreveu a Freud, de Paris, em 9 de março de 1910: “Não se zangue com minhas trapalhadas! Estou a caminho da América, como minha mulher já lhe terá informado, mas *ajeitei tudo de modo a voltar a tempo para Nuremberg*¹⁰⁹” (JUNG, 1976, p. 357).

O evento de Nuremberg ocorreu de 30 a 31 de março de 1910, e, além da importante criação da IPA, também foi originada uma publicação mensal chamada *Correspondenzblatt*, da qual Jung e Riklin, eleitos presidente e secretário, deveriam manter todos os associados a par das movimentações, das decisões e das novidades. Outra publicação, chamada *Zentralblatt für Psychoanalyse: Medizinische Monatschrift für Seelenkunde*, foi idealizada, sendo dirigida por Freud e editada por Adler e por Stekel. No tópico tocante a esse Congresso, McGuiarre (1976) escreveu sobre a ansiedade de Freud respectiva à viagem de Jung:

A ansiedade de Freud quanto à presença de Jung na América, imediatamente antes, patenteia-se na carta que em 17/3/10 ele escreveu a Pfister: “Ainda não me conformei com o fato de o senhor não ir a Nuremberg. Bleuler também não vai, e Jung está na América, o que me causa temor em relação à sua volta a tempo. O que acontecerá, se meus zuriquenses me abandonarem?” (MCGUIRRE, 1976, p. 359).

Freud mostra a Pfister, nessa carta citada por McGuiarre, uma fragilidade, uma dependência dos zuriquenses para movimentar e para legitimar o Congresso de Nuremberg e a Psicanálise em geral. Presenciamos, pois, um motivo explícito para que ele pedisse a Jung que sossegasse quanto às tempestades aqui narradas, as quais alimentavam um sentimento de

¹⁰⁹ Destaque do próprio escritor.

insegurança em Jung e uma posição inferior, que, apesar de agradar a Freud quando a comparação era com ele mesmo, não o agradava na externalização da política psicanalítica. “Espero [...] que sua autoconfiança possa corresponder sem demora à nova situação, pois em muitos momentos críticos isso será de grande importância” (FREUD, 1976, p. 361). Inicia-se, aqui, uma série de ensinamentos de conduta, a partir da eleição de Jung como presidente da IPA em Nuremberg.

A realidade no Burghölzli mudou com a saída de Bleuler e com a entrada de Maier na direção. A Psicanálise foi ficando para segundo plano, e a entrada de Jung como presidente da Associação Internacional não foi tão bem recebida como esperavam os dirigentes: “No Burghölzli minha política caiu em desagrado, como polidamente me fez saber meu sucessor Maier. A hesitação entre os dois lados vai se tornando cada vez pior, pois já não contam com ninguém que entenda o que quer que seja de ΨA ” (JUNG, 1976, p. 364).

O fator compensador à pouca receptividade e os desafios que estavam por vir eram neutralizados por Jung com uma atividade que roubava grande parte de sua alegria:

No momento, com um prazer quase autoerótico, dou seguimento aos meus sonhos mitológicos, que só por alto comunico aos amigos. Notei também que meu desejo de publicação está concentrado no *Jahrbuch*, que me parece absorver toda a libido. Deve ser isso mesmo. Não raro me sinto como se estivesse numa terra estranha, vendo coisas maravilhosas que ninguém nunca viu e que ninguém precisa ver. Foi mais ou menos assim que a psicologia da Demência precoce me ocorreu. Só que não sei aonde chegar. Devo deixar-me ir, entregue a Deus, até que por fim aporte num lugar qualquer (JUNG, 1976, p. 364).

As palavras de Jung expunham a Freud a felicidade de realizar essa pesquisa e de escrever esse trabalho. Encontrava-se no horizonte de expectativas, então, um grande projeto. Já ter pensado no local de publicação indicaria que esse momento não estava tão distante. Freud escreveu dizendo estar ansioso por desfrutar do mesmo sentimento de Jung, um “sentimento de florestas e fadas” (FREUD, 1976, p. 366):

Folgo muito em saber que a mitologia novamente lhe confere o “sentimento de florestas e fadas” que brota de uma concepção genuína. Ao prazer autoerótico há de seguir-se a exibição, consequência que aguardo com ansiedade. Ótimo também que o senhor concentre a libido no *Jahrbuch*. Quero escrever para o mesmo, sem demora, uma primeira Contribuição à Psicologia do Amor. Decerto ninguém espera que o senhor participe ativamente da *Zentralblatt*, bastaria que mantivesse algum contato com ela para não dar uma impressão de competição. Os vienenses estão agora trabalhando com ânimo, vê-se que a emancipação dá bons frutos. Tento convencer Deuticke a ficar com a *Zentralblatt*, embora ele se incline por aumentar o *Jahrbuch*. É provável que

o faça. Pessoalmente não me oponho a isso; com uma divisão do trabalho, as cabeças intranquilas daqui teriam como se ocupar e poderiam ser chamadas à responsabilidade (FREUD, 1976, p. 366).

Foi após Nuremberg que as crises entre Jung e Bleuler intensificaram-se, e isso foi sobremodo complicado para o primeiro, que, agora, tinha muitas atribuições, para além de seu trabalho corriqueiro. Ele imputa a essa tribulação com Bleuler os atrasos em suas funções: “Entre nós tudo vai bem, internamente, mas na fronteira persiste a guerra com Bleuler, que até agora se recusa a ingressar em nossa Sociedade. Por isso é que tudo se encontra tão despropositadamente em atraso” (JUNG, 1976, p. 374). Esse problema com Bleuler não era pontual, pois ele levava outras pessoas consigo, então Jung teria que lidar não somente com ele, mas com um grupo de dissidentes. Ele escreveu sobre isso a Freud em 24 de maio de 1910: “Mas a raiva recalçada em mim é tão grande que terei de me vingar de algum modo. Só espero uma oportunidade. Toda essa turma rebelde poderá ser dispensada, desde que sejamos suficientemente fortes” (JUNG, 1976, p. 375).

Freud procurava acalmar os ânimos de Jung, pedia paciência com Bleuler e encontrava paralelos na própria terapia para a situação em que se encontravam na ocasião:

Na própria terapia há um paralelo para nossa situação atual. Depois de um importante passo à frente sempre ocorre uma pausa. É nessa fase que agora se encontra o movimento. Talvez tenhamos nos precipitado e o melhor fora esperar um amadurecimento maior. Mas creio que isso não atrapalhou nada e basta-nos um pouco de calma para aguardar a adesão dos restantes (FREUD, 1976, p. 377).

O passo substancial era, decerto, o nascimento da Sociedade Psicanalítica Internacional e dos 2 novos periódicos. Acreditava, contudo, que brevemente se recuperariam das crises internas e que o movimento psicanalítico prosperaria e se consolidaria ainda mais. Jung, em 17 de junho de 1910, externou a Freud um pouco dos problemas que estava enfrentando na sociedade de Zurique e a solução a que chegaram:

Há porém um senão: propus que eventualmente realizássemos reuniões abertas ao público e convidássemos então o Burghölzli, etc. Mas Binswanger declarou que só aceitaria a presidência se todas as reuniões fossem realizadas em comum com os que não são membros. Pus a coisa em votação e minha proposta foi derrotada. Temos assim uma Sociedade com alguns membros fixos e uma audiência que não pertence aos quadros mas goza de todos os privilégios sem fazer absolutamente nada. A solução me desagrada. Mas que remédio? Sugeri que se recorresse primeiro a seus conselhos paternos, mas não concordaram. É pois uma demonstração claudicante a que em Zurique nós

damos. Sei que o senhor há de ficar insatisfeito. É assim que também me encontro (JUNG, 1976, p. 385).

Verificamos, em 19 de junho de 1910, uma primeira brecha para uma crise de autoridade que floresceria entre Jung e Freud. A conjunção descrita acima foi um dos motivos que fizeram com que Freud repreendesse o encaminhamento dado pelo suíço. Em um primeiro momento, pediu que Jung ocasionalmente ouvisse o velho amigo e seguiu falando da decepção com a falta de firmeza do suíço e de como enxergava os problemas de Zurique:

Não pense que eu tenha “perdido a paciência” com o senhor; sei que é impossível aplicar ao nosso relacionamento essas palavras. Diante de quaisquer dificuldades erguidas contra nosso trabalho é fundamental que permaneçamos unidos e de quando em quando convém que o senhor ouça esse seu velho amigo, mesmo que a tanto não se sinta propenso. Muitos problemas poderiam ter sido evitados, veja bem, se me tivesse consultado a tempo no que se refere a Honegger. Era de se prever que, com sua posição e sua clientela, o senhor viesse a precisar de um assistente. Nesse particular teria sido aconselhável que fosse mais generoso, sem pensar muito nos gastos, sobretudo porque, depois do belo rendimento da viagem à América, o senhor não tinha motivo para se preocupar com isso.

É claro que fiquei muito magoado ao ver que o senhor não demonstrou a necessária firmeza em sua primeira função oficial. Aqui e alhures, como não ignora, todos têm grande ciúme da preferência com que o trato (o mesmo se dá com Ferenczi, ou seja, todos invejam a posição dele junto a mim), e creio não me enganar quando acho que o que dizem contra o senhor também me atinge. [...]

O que está acontecendo em Zurique me parece pura tolice. Estranho que o senhor não tenha sabido usar de autoridade para impedir essa decisão absolutamente insustentável. Tudo se reduz a duas coisas: pagar uma mensalidade de 10 francos e pôr o nome na lista. Não faria sentido que algumas pessoas gozassem de todos os privilégios sem preencher essas exigências. Porque então iriam os outros aceitá-las? Não consigo compreender Binswanger. Que diabo é ele, bitolado ou teimoso? Acha que devo escrevê-lhe pedindo que declare quais as suas intenções? A meu ver, valeria a pena arriscar. Essa situação em Zurique é de fato insustentável (FREUD, 1976, p. 387).

Freud se valeu de sua experiência e da falta de consulta de Jung a ele para colocar a ida do suíço à América em pauta, reduzindo-a a uma prioridade financeira. Argumentou que, se tivesse sido consultado, aconselharia Jung a investir – com o dinheiro que tinha recebido na viagem – na permanência de Honegger para ajudá-lo nos dias agitados que ele estava encarando. Parece que a primeira função social não exitosa de Jung foi ter deixado Nuremberg em segundo plano, posto que tantas coisas seriam novidade a partir desse congresso. Aproveitou para pontuar o privilégio que Jung tinha junto a ele, o que tinha de ser honrado.

Enquanto autoridade, o austríaco criticou incisivamente a postura de Jung diante dos episódios que se impunham e adjetivou como insustentável o que lá se passava: o aceite de membros que não colaboravam de nenhuma forma, nem financeiramente, mas que gozavam de todos os privilégios. O mestre de Jung começou, por consequência, a estipular atividades para Jung, tal qual o encaminhamento desta situação:

Em seu lugar eu não cederia nunca. Se o senhor se dispuser agora a dar à *Korrespondenzblatt* o andamento mais rápido possível, tudo o que tem a fazer é enchê-la com notícias sobre o Congresso de Nuremberg, as novas organizações de Viena e os programas de nossas reuniões, adiando por ora a divulgação da lista de membros, para que os filisteus não se rejubilem com nossas lutas internas. Desde que o boletim esteja circulando, a lógica da obrigação de apoiá-lo tornar-se-á evidente até mesmo para esses suíços cabeçudos que o senhor comanda. Deixe bem claro que os que não aderirem como membros ficarão impedidos de comparecer ao próximo congresso e de tomar parte em qualquer decisão que eventualmente venha à baila! (FREUD, 1976, p. 387-388).

Jung respondeu a Freud que deveria ter resolvido logo o problema de Honegger, não obstante ele já tivesse outros compromissos no local para onde se mudara, e acrescentou: “Estou sempre disposto a ouvir um bom conselho” (JUNG, 1976, p. 394). Ele deu mais detalhes sobre a Sociedade de Zurique e clarificou o complexo exercício de autoridade que se colocava na Suíça, tendo em vista todo o conflito com Bleuler, de longos anos:

No tocante à nossa Sociedade, as coisas entram paulatina e penosamente nos eixos. A verdade é que eu nada podia fazer contra a decisão. Minha autoridade não chega a tanto. À exceção de Riklin, todos queriam que Bleuler e cerca de 9 outros tivessem acesso às reuniões, sustentando que para esse período de transição era preciso criar condições excepcionais. Alimentava-se, ao mesmo tempo, a esperança de que eles acabariam por pensar melhor e ingressar. Não desisti, porém, de meus planos e no momento devido hei de apresentar minhas propostas, caso até lá não o tenham feito. Quanto à autoridade, lembre-se que o presidente sempre foi Bleuler; quando surge uma resistência assim, ele logo se vale dela contra mim. Binswanger sempre tem algo desagradável a me dizer e quer estar bem com todo mundo. Pfister foi também a favor da conciliação. Realmente a situação era tal que eu tinha de ceder (JUNG, 1976, p. 394).

Passado um tempo, em agosto de 1910, Freud concluiu algumas coisas alusivas ao encaminhamento da Psicanálise, à inauguração da Associação Internacional e ao “reinado” (FREUD, 1976, p. 400) de Jung. Ele afirmou que estavam passando por um período delicado no movimento e na história da Psicanálise e chegou até a culpabilizar a si mesmo e a sua ansiedade, ocasionada por sua velhice:

Talvez a culpa me caiba, se bem fosse impossível medir as consequências e, no mais, seja fácil, depois que as coisas acontecem, dar-lhes explicação. Quando encaro a situação creio, no entanto, que fui precipitado. Superestimei a compreensão alheia quanto à importância da ΨA e deveria ter esperado mais um pouco para a fundação da A.I. Minha impaciência por vê-lo no lugar certo e a intolerância ante a pressão de minha própria responsabilidade também entraram em consideração. Talvez fora melhor não ter feito nada. Os primeiros meses de seu reinado, meu querido filho e herdeiro, não se revelam propriamente brilhantes. Tenho às vezes a impressão de que o senhor mesmo não levou suas funções muito a sério nem começou ainda a agir de modo condizente com a nova dignidade de que foi investido. Mas pode ser que tudo isso provenha da impaciência da velhice. Agora devemos fazer uma parada, deixar que os acontecimentos desagradáveis sigam seu curso e prosseguir, entretantes, com nosso próprio trabalho. Faço muita fé no novo órgão e espero que o senhor, em vez de assumir uma atitude hostil, garanta-lha um apoio decidido, quer pessoal, quer de seus colaboradores mais chegados. A arte de conquistar pessoas interessa a todos que almejam o poder e sempre o considerei bem dotado para o exercício dela (FREUD, 1976, p. 399-400).

Conquanto estivessem munidos de ferramentas institucionais com a criação da Associação, estavam enfrentando muitas críticas e com dificuldade para organizar-se internamente, com isso, tanto investimento organizacional terminou desempolgado. Somados os problemas das pequenas sociedades locais ao mínimo que Jung fazia para manter o funcionamento, absorto em sua própria pesquisa mitológica, esse era um ponto de baixa no movimento psicanalítico.

Jung concordou que seu *début* como regente foi desastroso. Ele confessou, em resposta de 11 de agosto de 1910, que se esforçava para agradar às pessoas, mas que oferecia as costas se houvesse demonstrações paranoídes (JUNG, 1976). Consentiu com Freud em alguns detalhes, terminou por compartilhar *flashes* de suas próprias descobertas, detalhes que só podemos apreender conhecendo o final dessa história. Ele mencionou algo que anteriormente já fora motivo de exasperação para Freud, que, ao final, havia uma dose de religião e que não fora Freud o descobridor da Psicanálise, mas, antes, filósofos antigos:

De uma observação circunstancial, é inevitável, muitas vezes parte um raio de luz que se reporta aos rápidos progressos de conhecimento dos quais desfrutamos até agora em silêncio. Cada centelha dessas é, em si mesma, uma ameaça e um insulto. Sabendo disso, prefiro ficar calado, mas de quando em quando “a boca fala do que o coração está cheio”. Concordo inteiramente com sua opinião de que nos precipitamos. Mesmo entre os “simpatizantes em potencial” há muitos que não fazem a menor ideia do que realmente seja a ΨA e da sua significação histórica. Prestando agora atenção ao que dizem nossos adversários, ouço coisas bem curiosas, que podem nos servir para abriremos os olhos. Toda essa grita sobre sectarismo, misticismo, jargão secreto, iniciação, etc. quer dizer algo. A revolta arraigada, a indignação moral não podem senão

visar uma coisa que realmente incomoda e em cujos caprichos, sem dúvida, há uma dose de religião.

A reclusão equivale para ela a um calor úmido. Por muito tempo ainda esse território deve ser, pois, defendido contra as ambições do público. Não me preocupo muito com esse período de depressão; como um belo e tranquilo vale ainda não descoberto por Thos. Cook & Co., ele é em suma uma garantia de prazeres sem mácula. Além do mais a ΨA é uma verdade muito grande para que já seja publicamente reconhecida. Primeiro convém servir à rodo soluções bem diluídas e extratos generosamente adulterados. Falta, por outro lado, a necessária prova de que não foi o senhor quem descobriu a ΨA , mas sim Platão, Tomás de Aquino e Kant, com a ajuda eventual de Kuno Fischer e Wundt (JUNG, 1976, p. 402).

O Jung de 1906, de 1907, de 1908 e de 1909 jamais se comunicaria dessa forma, colocando em perspectiva o fracasso que o movimento psicanalítico brevemente experimentara por falta de compreensão das pessoas. Jung a posicionou no plano de um saber a ser alcançado, e não simplesmente adquirido facilmente, assim, convencia-se a sobre a falta de interesse e de adesão das pessoas, mesmo as simpatizantes e próximas dos círculos psicanalíticos. Ele mostrou uma escuta atenta aos críticos, o que lhe permitiu admitir que havia um pouco de religião na defesa apaixonada que faziam e que isso poderia soar religiosamente para os não iniciados na experiência psicanalítica. Não haveria de se ter tantas preocupações com uma verdade que era sólida, Jung advogava, tanto mais porque suas raízes eram bem mais profundas do que Sigmund Freud.

Este último teve seu humor restabelecido pela acentuada carta de Jung: “Sua carta fez-me sentir envergonhado e restaurou meu bom humor” (FREUD, 1976, p. 404). Logo após também ter um lamento de Jung, ele se ergueu e chamou-o a seguir o trabalho, enaltecendo o que valorizava como seus bons feitos. Escreveu, em 18 de agosto de 1910: “Recebi o *Jahrbuch* e é imperioso que expresse um agradecimento e um louvor. Vejo que enfim, como editor, o senhor tem as rédeas na mão” (FREUD, 1976, p. 405). Esse tipo de reconhecimento fazia parte das estratégias de Freud de estimular as vaidades de seus colaboradores próximos, tanto mais aqueles tão necessários, como Jung era. É perceptível que ele ficava inseguro e vulnerável sem a certeza de ter a quem aconselhar e a quem direcionar e que se agarrava à certeza de que, se mantivessem a colaboração, tudo entraria nos eixos ao fim. Em 24 de setembro de 1910, ele escreveu: “Ao enviar-lhe minhas lembranças, devo expressar a certeza de que nada poderá acontecer à nossa causa enquanto se mantiver imperturbada a compreensão que nos une” (FREUD, 1976, p. 412).

Jung não se sentia confortável com os encargos políticos. Não gostava de utilizar seu tempo para articulações, mas estava mais interessado em suas incursões mitológicas, que já

duravam um ano inteiro. Ele escreveu, em 29 de outubro de 1910: “Não sou político, creio no direito de defesa e no mais quero que nossos adversários se entredovorem” (JUNG, 1976, p. 421). Freud, sabendo do inegável papel da diplomacia, tanto com membros externos quanto com Jung, escreveu em resposta, no dia 31 de outubro de 1910:

Passemos, pois, à política e ao direito de defesa! O senhor na verdade me tirou as palavras da boca. Deixar que os adversários se destruíssem mutuamente seria também minha tática se eu estivesse sozinho. Mas agora nos tornamos um pequeno bando, assumimos responsabilidades em relação aos partidários, temos uma causa a defender em público. Ainda que contrariemos nossa índole, é forçoso que nos adaptemos à realidade e do modo mais inteligente possível façamos o que tem de ser feito. Para o presidente da Associação Internacional e o respectivo mentor (!) o problema já não mais se limita ao direito de defesa; é hora de essas duas feiticeiras, a “diplomacia” e a “política”, aliarem-se ao mutável “compromisso”. Mas basta que a gente fale dessas “nojeiras” um dia para que logo encaremos tudo com bom humor. É claro que tem de haver certos limites. Facilmente surgem casos em que a abordagem diplomática se revela pouco sábia e é então que a própria índole deve seguir um livre curso. De braço dado com o senhor, estou pronto a partir nessa hipótese em desafio do século. Não me tornei medroso nem desonesto: estou apenas tentando ser impessoal (FREUD, 1976, p. 423).

Nitidamente, vemos o modo como Freud gostaria de encaminhar o movimento politicamente e de contar com a “maestria na arte de conquistar pessoas” (FREUD, 1976, p. 423) de Jung para o bom andamento da Psicanálise. Entretanto, Jung se pautava na realização de um funcionamento mínimo, no qual pudesse ter tempo para dedicar-se à sua própria pesquisa. Ele chamava atenção para o compromisso acertado em grupo e para as aparências encenadas em público. Em uma série de episódios, ele alertou Jung para fazer-se presente, pois não faria boa imagem o não comparecimento ou a não participação do presidente, podendo causar a impressão de uma falta de interesse. Foi o caso, por exemplo, do número especial da *Zentralblatt*, organizado por Stekel. Freud escreveu a Jung, em 15 de junho de 1911: “Stekel, que agora se mantém fiel a mim, quer saudar o Congresso com um número especial da *Zentralblatt* e para tanto pede a todos uma pequena colaboração. Causaria má impressão se o presidente não mandasse uma notícia ou um comentário qualquer” (FREUD, 1976, p. 490).

Em algumas circunstâncias, Jung executava certas indicações e deixava claro que se tratava do exercício de sua autoridade escrevendo, já que Freud chamava tanto a atenção para essa performance de superioridade, de presidente: “Queira ter a bondade de informar a seu grupo que (exercendo minha autoridade) eu gostaria que decidissem por votos [...] se Nuremberg convém ou se a preferência recai noutra cidade” (JUNG, 1976, p. 498). Em resposta, Freud colocou em cena a posição de muitos membros em relação à distância, que seria

menos penosa para todos. Freud escreveu, em 25 de março de 1911: “Conclusão: exerça sua autoridade! Sei que o senhor também se preocupa com a situação americana” (FREUD, 1976, p. 468).

A chamada de Freud para a governança de Jung queria colocar a centralidade da atenção dele para as causas psicanalíticas, exercendo as atividades de um modo que lhe era agradável. Nisso, também foi abarcada a atitude de Jung referente ao dinheiro, uma ocupação muito pessoal de gerência dos comportamentos do suíço que não o agradava e que colocava mais combustível às dissensões teóricas que já havia identificado em seus estudos mitológicos, simbólicos e da libido. Em 12 de maio de 1911, Freud escreveu a Jung: “É bom, porém, que não se demore nas colônias tropicais, pois o senhor tem de governar em casa (FREUD, 1976, p. 483). Nesse caso, queria decidir e opor-se às viagens de Jung, na medida em que, assim, não estaria tão atento a tudo o que estava acontecendo no movimento psicanalítico.

Em 21 de julho de 1911, Freud escreveu alertando Jung sobre dinheiro:

Se por um lado sua carta tranquilizou minha irritação, por outro me encheu de preocupações a seu respeito. Peço-lhe que não me tome por modelo e que se arme enquanto é tempo contra o dragão da Prática. Deixe à sua estimada, inteligente e ambiciosa esposa o prazer de salvá-lo da funesta tentação de ganhar dinheiro (FREUD, 1976, p. 498).

É preciso que o senhor se saia melhor que eu e não que simplesmente me copie. Seu fracasso pelo dinheiro já despontara em suas relações com a América e desde então me preocupa. No todo talvez ainda faça um bom negócio, mas para tanto é indispensável que renuncie às ambições costumeiras. Estou certo de que recompensas extraordinárias hão de surgir então em seu caminho (FREUD, 1976, p. 499).

Freud, desempenhando sua dominação, gostaria de gerir até mesmo ambições financeiras de Jung, questão que já havia sido causa de um revés, pois a herança de sua esposa sempre foi o principal esteio financeiro da família. Todo esse ensinamento de conduta provavelmente nutria uma ira interna em Jung. Ele escreveu, em 26 de julho de 1911:

Meu problema com o dinheiro não é assim tão grave, mas devo reconhecer que a razão está do seu lado. O sentimento de inferioridade a que não raro sucumbo, quando me comparo ao senhor, tem de ser compensado por uma crescente emulação. Creio precisar de uma grande prática para aumentar minha experiência, pois a meus próprios olhos o que eu sei não é muito. Tive também de provar a mim mesmo que sou capaz de ganhar dinheiro para livrar-me da idéia de que me falta aptidão para a vida. Tudo isso são tolices, mas só vivenciando-as poderei superá-las. No que tange à minha prática, acho que estou agora no ponto culminante. No semestre de inverno não terei comigo a menor complacência. Essa etapa precisa ser vencida. Como se sabe, passar

pelo sucesso financeiro é uma dura prova. Nunca pensei em ficar nisso. O bem que o trabalho científico me faz é incalculavelmente maior (JUNG, 1976, p. 499-500).

Outra maneira de gerir as atitudes de Jung, naquele momento em que ele era o presidente da IPA, foi insistir na função dos periódicos e na visível falta do presidente nesses veículos. Em 23 de outubro de 1910, por exemplo, Freud falara de uma crítica a Bleuler, que ficaria deslocada na *Korrespondenzblatt*, e aproveitou para calibrar o papel do presidente diante desse periódico e da *Zentralblatt*:

Uma crítica ao “Negativismo” de Bleuler ficaria a meu ver deslocada na *Korrespondenzblatt*, pois as questões científicas são da alçada dos outros dois órgãos. Esse trabalho merece ser comentado pelo senhor. Caso não queira publicar sua crítica na revista da qual ele é diretor (embora não haja nada demais nisso), a *Zentralblatt* está naturalmente, como sempre, a seu dispor. Seu ensaio aliás vai ser publicado no próximo número. Como presidente da Associação Internacional o senhor está qualificado a uma influência sobre esse periódico, a qual não deve deixar de exercer. Espero, por outro lado, que a lembrança dos acontecimentos que precederam sua eleição levem-no a reconhecer os direitos especiais dos vienenses (FREUD, 1976, p. 419).

Jung, bastante sobrecarregado e em meio à crise que se instalara no movimento após o Congresso de Nuremberg, sugeriu a Freud a renúncia à *Korrespondenzblatt*:

Um segundo ponto importante foram as críticas feitas à *Korrespondenzblatt*. Andei mais tarde a refletir sobre o caso e achei melhor sugerir-lhe que renunciemos de vez a esse monstro. Nunca o teríamos trazido à luz se soubéssemos que o pessoal de Viena iria lançar um órgão próprio e divulgar em separado os informes das respectivas reuniões. Com os recursos limitados de que dispõe, a *Korrespondenzblatt* só pode fazer má figura e, além disso, se revela inútil, pois tudo o que contém poderia perfeitamente ser publicado na *Zentralblatt*. Uma significativa redução nas mensalidades tornar-se-ia então viável. Em minhas mãos a *Korrespondenzblatt* jamais se poderá converter numa obra-prima jornalística, porque eu não sou um jornalista e apenas levo a cabo meu trabalho de pesquisa, ou o que como tal considero. Para a proposta acima mencionada conto com o apoio unânime da seção de Zurique, mas não para a *Korrespondenzblatt*. Achei melhor pedir seu conselho antes de abordar o assunto em público (JUNG, 1976, p. 420).

Freud, gerindo a conduta do presidente Jung, escreveu tópicos acerca dos assuntos de Estado mais cruciais para ele e do término da *Korrespondenzblatt*, chamando a atenção de Jung para o que foi pactuado por meio de estatuto em Nuremberg:

a) *Zentralblatt*. Dessa vez fui eu quem lhe mandou o exemplar presidencial, da próxima será a própria editora. Segundo uma decisão já tomada, cada um

de nós (o diretor e os dois editores) tem direito a três exemplares. Assim o senhor não tem por que me agradecer [...] Como o senhor há de influenciar a *Zentralblatt*? Através de declarações diretas como presidente. Caso não se incline a tantos, ponho-me a seu inteiro dispor como intermediário. Posso cumprir suas determinações e sustar o que não lhe convenha, já que todos os números são submetidos a meu crivo de diretor. Com a passagem do tempo meu controle se tornará mais severo; durante a composição do primeiro número eu estava ausente.

b) *Korrespondenzblatt*. Meu conselho aí vai, já que foi pedido: Alto lá! A *Korrespondenzblatt* é prevista no artigo 9 de nossos estatutos. Se o presidente desrespeitar um artigo, não faltará quem desrespeite outros. Só uma decisão do próximo Congresso pode determinar a supressão desse órgão. Atenção à lei! Os padrões pelos quais a julga me parecem muito altos. É impossível compará-la à *Zentralblatt*, não está em causa uma obra-prima literária ou jornalística, mas sim um veículo para transmitir as comunicações do presidente aos sócios, bem como certas notícias de caráter pessoal. Acima de tudo ela não se destina ao público, para o qual os outros dois órgãos estão fundamentalmente voltados. Depois de algumas tentativas e erros ficará patente que tipo de matéria convém à *Korrespondenzblatt*, e sua existência se tornará indispensável. A não ser em ocasiões muito especiais, as circulares, etc. serão então supérfluas. Pouco importa que tenha duas, quatro ou seis páginas; a necessidade o dirá. Desde que ela dê os programas das reuniões (mesmo sem entrar no conteúdo) estará justificada perante os informes mais detalhados da *Zentralblatt*, que se destinam a amigos e inimigos. Reduzir as mensalidades não é necessário nem vantajoso. Como razão “política” para a manutenção da *Korrespondenzblatt*, devo assinalar finalmente que os adversários estão à espreita, prontos a tomar o abandono de uma iniciativa prevista nos estatutos por sinal inequívoco de um “inevitável colapso” (FREUD, 1976, p. 424-425).

Verificamos, assim, a governança de Freud sobre Jung atinente à atuação como presidente. Essa imposição, de certa maneira, atingia o relacionamento pessoal deles, tanto mais naquele cenário de formulação teórica de Jung para *Símbolos da Transformação* (2013), e isso abastecia uma tensão que se tornou premente e imperiosa na relação dos dois, sobretudo após a publicação do primeiro volume da dita obra. Freud informou o recebimento do *Jahrbuch*, em que constava o 1º volume do trabalho de Jung, em 20 de agosto de 1911, mas ainda não tinha lido atentamente o texto:

Hoje recebi, enfim, o *Jahrbuch*, que naturalmente ainda não tive tempo de ler: limitei-me a abrir as páginas e a folheá-lo. Aproveito a ocasião para confessar que o senhor me deixou envaidecido, colocando-me à frente de coisas tão significativas, e para agradecer-lhe a maneira como conduz nossa causa, erguendo a bandeira bem alta e desferindo golpes cruentos nos adversários (com o mastro da bandeira, para ficar na mesma imagem!). Alegro-me com a perspectiva de o rever (FREUD, 1976, p. 500-501).

Isso posto, na véspera do Congresso de Weimar, que ocorreu entre 21 e 22 de setembro de 1911, Freud recebera o primeiro volume do longo estudo de Jung sobre símbolos, mitologia

e libido. Jung sabia que a tensão seria instaurada, mas ainda não seria um golpe fatal, como foi a publicação do segundo volume. As motivações para o rompimento estão para além da publicação dos textos, que são meramente um marco de materialização do desentendimento que foi legitimado por meio dela. A ordenação de condutas e a limitação que Freud prescrevia em atitudes e em expansões teóricas faziam com que cada dia mais Jung alimentasse sua própria autonomia em detrimento de Freud e de todas as responsabilidades políticas que o austríaco lhe delegara.

4.4 CULMINÂNCIA DA TENSÃO

O congresso de Weimar ocorreu entre 21 e 22 de setembro, mas Freud chegou a Zurique em 16 de setembro, hospedando-se na casa de Jung por 4 dias. Nesse evento, o encaminhamento político prevalecente foi a reeleição de Jung e de Riklin para a direção da Associação Psicanalítica, ademais, também foi nesse encontro que optaram pela fusão da *Korrespondenzblatt* e da *Zentralblatt* (MCGUIRRE, 1976).

O encontro pessoal que tiveram no Congresso de Weimar oportunizou a calma dos ânimos no que tange à publicação do primeiro volume de *Símbolos da Transformação* (2013) Após Weimar, Jung foi para o serviço militar, um período em que passaram sem comunicação. Despendido quase um mês da realização do congresso, Freud ainda lembrou dos bons momentos vividos na viagem e escreveu, em 12 de outubro de 1911:

A lembrança dos dias passados em Zurique e Weimar torna-os ainda mais belos. Com a dor de dente e a tensão caídas no esquecimento, a troca de ideias, as esperanças e o contentamento que foram a essência desses dias adquirem um relevo sem mácula (FREUD, 1976, p. 511).

Ao longo do ano de 1910, acompanhamos Freud nutrir um interesse pelas origens da religião, da mitologia e do simbolismo, igual Jung. A aproximação do mestre do tema de fascínio de Jung foi um fator inibidor, e, não tivesse o suíço ignorado um pouco esse interesse do austríaco, ele teria sido refém de suas estratégias. Além da tendência de sustentar sua atração pelo tema como anterior à de Jung, ele também era engenhoso ao dizer-se tão familiarizado com a temática que utilizava o que Jung apresentava unicamente para aclarar suas ideias: “A notícia de que em breve poderei ler um belo trabalho seu deixou-me muito satisfeito. Devo estar bem mais folgado em junho e hei de mergulhar na leitura [...] sobretudo porque espero que suas

formulações possam ser de valia para que eu mesmo aclare algumas ideias minhas” (FREUD, 1976, p. 376).

Em 24 de maio de 1910, Jung escreveu a Freud contando que propusera sobre simbolismo em um encontro de psiquiatras suíços em Herisau e que ele parecia ter aprazido o público com essa abordagem mitológica (JUNG, 1976). Escreveu, então, que enviaria a Freud uma cópia fiel da palestra: “Mandarei fazer uma cópia fiel da palestra e logo hei de enviá-la ao senhor, com todas as imperfeições atuais, para saber sua opinião” (JUNG, 1976, p. 375). Em 19 de junho, tendo lido a cópia, Freud respondeu: “Li seu trabalho no mesmo dia em que chegou – e o fiz com prazer; ando a pensar sobre ele e em breve lhe escreverei com vagar” (FREUD, 1976, p. 388).

Fosse somente o comentário acima, Jung teria simplesmente ficado feliz. Contudo, na mesma carta Freud, seguiu:

Não se espante se reconhecer parte de suas próprias formulações num texto meu que pretendo rever nas primeiras semanas de férias, nem me acuse por isso de plagiário, ainda que a tentação se apresente. O título há de ser: Os Dois Princípios da Ação Psíquica e da Educação. Concebi-o para o *Jahrbuch*, escrevendo-o dois dias antes da chegada de seu “Simbolismo”; mas de há muito, naturalmente, tudo já havia tomado forma em meu pensamento (FREUD, 1976, p. 388).

Jung há de ter ficado indignado com a declaração acima, não poderia nem mesmo acusar Freud de plágio, pois, afinal, ele era o mestre e o pai da Psicanálise, detentor de todas as concepções teóricas. Jung não se pronunciou sobre o assunto, mas certamente tomou nota e pode ter se lembrado do momento anterior ao início de seu relacionamento com Freud, quando já trabalhava com concepções que envolviam recalque e repressão, mas encontrou a teorização disso nos textos de Freud, a quem rendeu todos os créditos, pois entendeu ser o mais honesto a fazer. Freud, porém, apenas notificou Jung de que já havia pensado naquilo e que usaria em seus próprios textos, sem creditar a Jung o que quer que fossem tais reflexões.

Freud fez uma correção detalhada do texto, problematizando conceitos e fazendo-o repensar nos sentidos das palavras. Explanou que apresentara apenas objeções e não teceu pareceres sobre coisas das quais muito gostou, mas completou: “Não sei se com esse procedimento torno-me benquisto a seus olhos. Mas estou certo de que o senhor não me mandou isto para receber aplausos” (FREUD, 1976, p. 391).

Em 10 de agosto, Freud voltou atrás a respeito do plágio que pretendia fazer e escreveu a Jung:

Descobri ainda em Viena que não preciso plagiá-lo, pois posso me remeter a alguns parágrafos na parte Ψ de *A Interpretação de Sonhos*. Recebi aqui alguns trabalhos filosóficos que hei de ler quando estiver me sentindo mais inteligente. Em relação ao simbolismo, tornou-se certa uma suspeita sobre a qual já lhe falei, ou seja, a origem infantil, e portanto genética, que o caracteriza (FREUD, 1976, p. 400).

No final do mesmo ano, Jung, tendo avançado em seus estudos da mitologia, revelou a Freud que a palestra que tinha enviado a ele aumentara consideravelmente e tornara-se a primeira parte de *Símbolos da Transformação* (2013). Ele estava satisfeito com a organização do trabalho, mas tinha em mente que algumas coisas seriam estranhas a Freud:

A palestra que lhe enviei antes foi consideravelmente aumentada. A segunda parte, o assim chamado drama de Chiwantopel, mostrou-se por outro lado tão rica em material arqueológico que ainda não consegui pôr tudo em ordem. Ainda tenho muito o que ler e assim só no número de verão poderei publicar a segunda parte. Parece-me, contudo, que dessa vez atingi o alvo, ou quase, pois o material se concatena de maneira espantosa. Não convém, por enquanto, revelar muito. Mas prepare-se para coisas estranhas, que não têm um só precedente em tudo quanto eu já disse (JUNG, 1976, p. 436).

O suíço cultivava, desse modo, uma expectativa em Freud e em si mesmo quanto ao seu comportamento em relação ao seu trabalho. A intenção era não falar muito e divulgar lentamente suas nocivas novidades. Era preciso manter o mestre a par de seus encaminhamentos, porque esse trabalho demandava tempo, bem como Freud também demandava tempo de Jung como presidente da Associação. Freud escreveu, em 18 de dezembro de 1910: “Suas misteriosas revelações sobre seu trabalho deixam-me muito curioso. O senhor tem razão, não convém revelar muito” (FREUD, 1976, p. 437).

Jung almejava sentir-se seguro com seu trabalho. Por um lado, assim se sentia, ficara orgulhoso, mas, tão logo Freud vinha à sua mente, pensava que seria um fracasso, talvez tendo a influência do complexo de pai. Ele tentava convencer a si mesmo, buscando as mais remotas comprovações, de que teria feito um bom trabalho:

Meu trabalho está agora sendo copiado. Às vezes parece que não vai ter fim. Depois de ter assistido ontem a uma representação do Fausto, com trechos da segunda parte, sinto-me mais confiante no valor dele. Ao notar a coisa viva diante dos meus olhos, fui assaltado pelas ideias mais diversas e deixei-me dominar pela crença de que meu venerando bisavô¹¹⁰ aprovaria meu trabalho, verificando com um sorriso que o bisneto dera continuidade e até mesmo uma

¹¹⁰ Jung estava aludindo, aqui, a Goethe. Não há indícios verídicos de que haja parentesco entre Jung e Goethe, mas existiram boatos entre familiares de Jung e ele gostava de cultivar essa ideia, a julgar pelo espaço de referência e de genialidade que o escritor ocupava no período.

extensão maior a essa linha ancestral de pensamento. De fato é um grande atrevimento que o ovo queira ser mais inteligente que a galinha. Mas o que está no ovo tem de munir-se de coragem para, eventualmente, pular fora. As fantasias a que recorro para me proteger de suas críticas, como o senhor vê, vão assim bem longe (JUNG, 1976, p. 442-443).

Jung se orgulhara do trabalho feito. Afinal, era um de seus grandes trabalhos, ao qual se dedicou por longo tempo. Ele tinha um único motivo negativo sobre si: os pontos de tensionamento com Freud, os quais indubitavelmente viriam à baila. Mais cedo ou mais tarde, o austríaco se posicionaria, já que acompanhava bem de perto os desenvolvimentos teóricos de seus discípulos mais chegados, tanto mais Jung, que por tanto tempo semeou expectativas inerentes a essa obra.

A preparação e a antecipação de Jung aumentavam essa curiosidade, e, mesmo que fosse melhor não fazer, a fim de deixar o conteúdo em silêncio, ele também se sentia invocado a transmitir a Freud seus progressos, uma vez que, se não o fizesse, o impacto seria muito maior e destrutivo. Freud escreveu a Jung, em 22 de janeiro de 1911: “Não sei por que o senhor teme a minha crítica em questões mitológicas. Minha satisfação será enorme quando o senhor cravar nesse domínio a bandeira da repressão e da libido e voltar como um conquistador vitorioso à terra natal da medicina” (FREUD, 1976, p. 446).

Logo após essa última citação, de fevereiro, Freud escreveu a Jung acerca de uma grande síntese em que estaria trabalhando¹¹¹: “Há algumas semanas tenho em gestação uma grande síntese que espero dar à luz no verão; mas para tanto preciso de um quarto onde possa estar sozinho e uma floresta por perto” (FREUD, 1976, p. 449). Mais tarde, em agosto de 1911, Freud mais uma vez tocou nesses interesses próximos ao de Jung:

Como minhas forças intelectuais se reanimaram, já trabalho num campo onde lhe causará espanto encontrar-me. Consegui desentranhar alguns mistérios singulares e quase me sentirei obrigado a não discuti-los com o senhor. Sua perspicácia lhe permitirá descobrir, porém, do que se trata, desde que eu acrescente que a minha curiosidade por ler seu “Transformações e Símbolos da Libido” é enorme (FREUD, 1976, p. 501).

Jung ficou pensativo sobre o que seria a perspicácia à qual Freud estava referindo-se, chegando a pedir o auxílio de esposa para imaginar o que ele estaria escondendo em mistério. Tendo progredido muito do segundo volume para *Símbolos da Transformação* (2013) e

¹¹¹ Em nota, o editor anunciou que seria *Totem e Tabu* (2012) o texto que Freud começaria a escrever naquele verão.

acirrando o temor quanto às reações de Freud, Jung tinha motivos para ficar receoso com a declaração do que Freud estaria guardando em segredo. Ele escreveu, em 29 de agosto de 1911:

Sua carta foi uma grande alegria: sou muito suscetível ao reconhecimento concedido pelo pai. Suas palavras calam mais fundo que o álcere renome granjeado através da malevolência constante de nossos adversários. Mas sua carta também me deixou com a pulga atrás da orelha, a despeito de minha “perspicácia”, não consigo desvendar o enigma que o senhor me propõe. Quebrei a cabeça, junto com minha mulher, e as hipóteses aventadas foram tais que prefiro por ora me abster de contá-las. Resta-me formular a esperança de que o embargo à discussão seja suspenso durante sua estada conosco [...] Se bem não queira dizer muito, atrevo-me a aconselhá-lo (modéstia à parte) a deixar que meu trabalho “Transformações e Símbolos da Libido” desencadeie suas associações e/ou fantasias: tenho certeza de que, se o fizer, dará com coisas muito estranhas (desde, é claro, que a misteriosa alusão em sua carta já não o tenha feito em forma anagramática. Devo admitir que, nessa carta, tudo me parece possível) (JUNG, 1976, p. 501-502).

A essa altura, Jung poderia ter compartilhado o segundo volume com algum contato comum e temia que já houvesse chegado ao conhecimento de Freud a parte derradeira da obra, que ele já sabia que causaria mal-estar. Ele narrou sua “pulga atrás da orelha” concernente à perspicácia mencionada anteriormente por Freud, encarando isso como um enigma. Tendo realmente ficado em dúvida, ele aconselhou que Freud deixasse que a leitura de sua obra desencadeasse suas próprias fantasias.

Dessa maneira foi, pois, o breve percurso de Jung visando preparar Freud para receber o primeiro volume, o que se deu durante o Congresso de Weimar, em de setembro de 1911. Em resposta a Jung, livrando-o da inquietação do enigma e tendo lido o primeiro volume do manuscrito, Freud escreveu, em 1 de setembro de 1911:

É um prazer livrá-lo das trevas, bem como à sua estimada esposa, cuja competência para decifrar enigmas já me é bem conhecida, informando-lhe que, nessas últimas semanas, meu trabalho se concentra no mesmo tema que o seu, a saber, a origem da religião. Foi para não o confundir que eu tomara a decisão de não falar a respeito. Mas como vejo, por uma primeira leitura de seu ensaio no *Jahrbuch* (ainda tenho de o reler; Ferenczi desapareceu com o volume), que minhas conclusões lhe são conhecidas, creio que já não é necessário, para meu grande alívio, guardar segredo. Então o senhor também está ciente de que o complexo de Édipo se encontra na origem do sentimento religioso? Bravo! As evidências que tenho a comunicar podem ser expostas verbalmente em apenas 5 minutos (FREUD, 1976, p. 504).

O enigma eram, como vemos, as pesquisas de Freud sobre o mesmo tema de interesse de Jung. Novamente, ele atribuiu as formulações de Jung às suas conclusões, logo não seria

mais necessário guardar segredo. Para mais, reforçando uma tese que estava no texto de Jung a respeito de Édipo e de sentimentos religiosos, Freud, intencionando transparecer sua eficiência com a temática, escreveu que poderia arguir sobre o tema em apenas cinco minutos. Tal teria sido o alívio de Jung em constatar que o enigma era apenas o trabalho de Freud acerca das incursões mitológicas!

Apesar das afirmações que Freud proferia, podemos inferir que sua curiosidade era quase tão somente uma insistência, simplesmente pelo interesse de Jung na mitologia, já que o tema algum dia o cativou e que agora Jung trilhava esse caminho. Em 17 de dezembro de 1911, Freud falou do andamento de seus estudos mitológicos e confessou já ter posse das verdades que tentava provar:

Não estão indo bem o meu estudo do totemismo e outros trabalhos. Tenho muito pouco tempo e utilizar livros e relatórios não é absolutamente a mesma coisa que contar com a riqueza da própria experiência. Além do mais, o meu interesse diminui com a convicção de que já estou de posse das verdades que estou tentando provar (FREUD, 1976, p. 538).

De fato, ele tinha razão quando garantia já dispor do que tentava provar. Ele iniciou a pesquisa com uma fórmula, com pressupostos enraizados, e tentou colocar os fatores mitológicos na equação, sem modificar o modo de olhar. Desse modo, ele certamente chegaria às mesmas conclusões. Jung, por sua vez, gostaria de chegar a outros lugares, de verificar coisas nunca vistas e com fundamentações diferentes. Jung era jovem e estava afoito por aprender e por descobrir por si mesmo, à proporção que Freud ocupava o lugar da velhice e, não obstante ainda quisesse produzir, não tinha intenção de mudar a base que construiu para a Psicanálise. Essa característica de Freud também fez parte de sua ambição para o movimento psicanalítico, pois, se ele quisesse que ela se dissipasse e se solidificasse no mundo, não poderia modificá-la a todo instante.

Em 1912, Freud lançou um novo periódico, intitulado *Imago*, no qual publicou o seu primeiro ensaio sobre Psicologia dos povos primitivos. Escreveu a Jung, em 10 de janeiro daquele ano:

Estou colaborando com o primeiro de três breves ensaios tratando das analogias entre a psicologia dos povos primitivos e a psicologia dos neuróticos. Esse primeiro intitula-se “O Horror ao Incesto”. Os outros chamar-se-ão “Ambivalência emocional” e “Magia e Onipotência de Pensamentos” (FREUD, 1976, p. 546).

Embora apresentasse lentidão e desânimo alusivo a esses ensaios, Freud lhes deu seguimento, por mais que tivesse em vista as conclusões. Em 21 de março de 1912, escreveu a Jung: “O meu ensaio sobre o tabu está-se desenvolvendo lentamente. A conclusão é há muito conhecida por mim. A fonte do tabu e, portanto, também da consciência, é a ambivalência” (FREUD, 1976, p. 563).

Uma hora as comparações chegariam, e, quando as situações começaram a ficar tensionadas, Freud não seria nem um pouco razoável em colocar-se como superior nessa corrida, como ele escreveu em 12 de novembro de 1911:

Por outro lado, sinto-me satisfeito com os muitos pontos que estão de acordo com coisas que eu já disse ou gostaria de dizer. Uma vez que esse autor é o senhor mesmo, continuarei mais diretamente e admito: para mim é um tormento pensar, quando concebo aqui e ali uma ideia, que possa estar tirando algo do senhor ou apropriando-me de algo que poderia muito bem ter sido adquirido pelo senhor. Quando isso acontece, sinto uma perda; comecei diversas cartas oferecendo-lhe várias ideias e observações para seu próprio uso, mas nunca chego a terminá-las porque isso me parece ainda mais indiscreto e indesejável do que o procedimento contrário. Por que, meu Deus, me permito segui-lo nesse campo? O senhor deve dar-me algumas sugestões. Mas, provavelmente, os meus túneis serão muito mais subterrâneos do que as suas escavações, e não tomaremos conhecimento um do outro, mas cada vez que eu subir à superfície poderei saudá-lo (FREUD, 1976, p. 524).

O tensionamento da relação é bem aparente nesse trecho, que transpira dificuldade para lidar com a situação e arrogância pelo lugar que estava em detrimento de Jung. Ainda que tenha mencionado um temor de tirar algo de Jung, não parou de fazê-lo. Jung respondeu a Freud em 14 de novembro:

Muito agradecido pela amável carta que acabo de receber. No entanto, a perspectiva fica para mim bastante obscura se também o senhor entra pela psicologia da religião. O senhor é um rival perigoso — se é que temos que falar em rivalidade. Ainda assim, penso que tem que ser desta maneira, porque um desenvolvimento natural não pode ser detido, nem ninguém deve tentar detê-lo. Nossas diferenças pessoais tornarão o nosso trabalho diferente. O senhor extrai as pedras preciosas, mas eu possuo o *degree of extension*. Como o senhor sabe, o meu procedimento é sempre do exterior para o interior e da totalidade para a parte. Consideraria por demais desconcertante deixar grandes áreas do conhecimento humano permanecerem negligenciadas. E por causa da diferença de nossos métodos de trabalho devemos, sem dúvida, encontrarmos de vez em quando, em lugares inesperados. Naturalmente o senhor estará à minha frente em certos aspectos, mas isso não importa muito, uma vez que o senhor já antecipou a maior parte. Só no começo é difícil acostumar-se a essa ideia. Depois, chega-se a aceitá-la (JUNG, 1976, p. 525).

Nessa passagem, Jung exterioriza o sentimento de ter Freud como seu oponente direto na seara mitológica. Ele chegou a sinalar uma possível rivalidade, mas acreditava que o caminho natural era cada um praticar o que interessava e estava bastante consolado no tocante às diferenças que porventura poderiam surgir em ambos os trabalhos. Esse consolo era algo que Freud não tinha, resistindo a aceitar divergências que fossem tão amplas, tal qual estavam acontecendo agora em relação à compreensão da libido.

Também nesse último trecho, percebemos o amadurecimento de Jung enquanto intelectual. Ele já não era tão fascinado pelo reconhecimento e por estar em pé de igualdade com Freud, mas, tendo validado seu lugar, fazia um uso potente dele, indo para além do que a Psicanálise possibilitou. Em paralelo, Freud efetuava um trabalho que já sabia aonde chegaria. À semelhança de uma organização que já havia refletido e preceituado suas legislações e seus costumes e fincado suas raízes em um solo fértil, agora, era muito difícil recomeçar o que já estava cristalizado.

Em 30 de novembro de 1911, Freud escreveu a Jung questionando a extensão do conceito de libido, alegando haver um mal-entendido entre eles:

Eu teria muito interesse em saber o que o senhor quer dizer com uma extensão do conceito de libido, para torná-lo aplicável à Dem. pr. Receio que haja um mal-entendido entre nós, o mesmo gênero de coisa que o senhor declarou certa vez num artigo, isto é, que, no meu modo de pensar, a libido é idêntica a qualquer espécie de desejo, quando, na realidade, simplesmente afirmo que existem dois impulsos básicos e que somente a força que está por trás do impulso sexual pode ser denominada libido (FREUD, 1976, p. 535).

Aqui estava colocada a tensão principal, a causa institucional do rompimento do relacionamento. Freud lembrou que a dissonância já havia sido declarada muito tempo antes, em um artigo, ou seja, a desavença teórica era antiga. De fato, não só era como atravessou toda a correspondência, como notamos. Distintamente dos tempos anteriores, agora, Jung tentava explicar até certa medida, mas não recuava em sua compreensão. Pelo contrário, assumiu uma postura de conciliador e de defensor das próprias conclusões científicas. Em resposta, Jung escreveu a Freud, em 11 de dezembro de 1911:

Na medida do possível anotarei as suas objeções ao meu método de tratar da mitologia. Ficaria grato por algumas observações detalhadas, de modo que eu pudesse levar em conta as suas críticas na segunda parte [...] Sou inteiramente favorável a manter a ΨA dentro de seus próprios limites, mas acho bom fazer incursões ocasionais por outros territórios e olhar o nosso objeto através de um par de óculos diferente. [...]

Quanto ao problema da libido, devo confessar que a observação feita pelo senhor na análise de Schreber, p. 98, 3, levantou estrondosas reverberações. Essa observação, ou melhor, a dúvida nela expressa, ressuscitou todas as dificuldades que me acozaram durante anos, na minha tentativa de aplicar a teoria da libido à Dem. praec. A perda da função de realidade na D. pr. não pode ser reduzida à repressão da libido (definida como desejo sexual). Não por mim, de qualquer forma. A sua dúvida demonstra-me que, também a seu ver, o problema não pode ser resolvido dessa maneira. Juntei agora todas as ideias sobre o conceito de libido que me ocorreram ao longo dos anos e dediquei a elas um capítulo na segunda parte do trabalho. Aprofundei-me numa discussão fundamental do problema e cheguei a uma solução que, infelizmente, não posso debater aqui in extenso. O ponto essencial é que tento substituir o conceito descritivo por um conceito genético da libido. Tal conceito abrange não apenas a libido sexual recente, mas todas aquelas formas de libido que há muito se dividiram em atividades organizadas. Um pouquinho de biologia era inevitável aqui. O lema que adotei na primeira parte proteger-me-á. Deve-se, afinal de contas, assumir alguns riscos (JUNG, 1976, p. 537).

Jung era a favor de uma abertura além da possibilidade de liberdade que a Psicanálise gerou. Apuramos, nesse sentido, que Jung era menos conservador do que Freud, que insistia em determinados valores e em determinadas questões e mostrava-se muito resistente sobre incursões de seus discípulos que não pudesse supervisionar. Jung reiterou que algumas dificuldades o perseguiram por muitos anos enquanto tentava aplicar o que Freud teorizou para a libido em relação à Demência precoce. Para esse fantasma da dúvida que o assombrou por tanto tempo, decidiu dar uma atenção especial, até que chegasse a uma conclusão que realmente o satisfizesse. Ele argumentou que estava produzindo uma expansão da libido em seu segundo capítulo, na tentativa de abarcar uma diversidade de incitação libidinal.

Freud, em fevereiro de 1912, queixou-se de um desleixo institucional de Jung, de um abandono de suas incumbências como presidente. Relatou a falta de comunicação entre os grupos, a pouca participação de Jung nos periódicos e a falta de providências para a realização do próximo congresso (FREUD, 1976). Jung justificou sua ausência por ocupação com o *Jahrbuch* e com seu próprio trabalho. Sobre este último, escreveu, em 3 de março daquele ano: “O trabalho que estou fazendo agora exigiu-me tanto tempo e energia porque [...] corresponderá a um livro de mais de 300 páginas [...] parece-me mais importante para o contínuo progresso da nossa causa do que o dispersar-me em artigos curtos” (JUNG, 1976, p. 558).

Entre políticas, problemas institucionais e questões de dissensões teóricas, acumulavam-se ressentimentos. Todo o peso dos desgastes ao longo de todos esses anos vinha à tona e até mesmo causava confusão quanto ao que era mais urgente para externalizar. Em 31 de dezembro de 1911, Freud escreveu a respeito dos possíveis ressentimentos de Jung:

Se o senhor sente realmente qualquer ressentimento contra mim, não há necessidade de usar Frau C— como veículo para torná-lo público. Se ela lhe pedir para informar-me sobre a sua conversa com ela, peço-lhe não deixá-la influenciá-lo ou intimidá-lo; espere apenas a minha próxima ação má e explique-se diretamente comigo. Minha última disputa dessa espécie foi com Ferenczi, que me achou frio e reservado e se queixou amargamente da minha falta de afeição, mas depois admitiu plenamente que estava errado e que a minha conduta havia sido sensata. Não nego que gosto de estar com a razão. Afinal de contas, esse é um triste privilégio, já que é conferido pela idade. O problema de vocês, mais jovens, parece ser uma falta de compreensão ao lidar com os seus complexos paternos (FREUD, 1976, p. 542).

Jung respondeu no mesmo tom, mas se eximindo de razão, a qual era uma prioridade para Freud, dado que ele tinha uma ânsia por ter sempre a última palavra. O suíço ainda aproveitou ainda para colocar em perspectiva o item da falta de afeição em relação a Ferenczi:

O “venerável velho mestre” não precisa temer ressentimento de minha parte, particularmente quando tem razão. Não me sinto de modo algum posto de lado, nem me queixo de falta de afeição, como Ferenczi. Nesse aspecto, o senhor teria mais direito de queixar-se de mim [...] Para mim a regra principal é que o próprio analista deve possuir a liberdade que o paciente tem que adquirir por seu turno; de outro modo o analista terá ou que fingir ignorância ou, como o senhor diz, deixar-se enlouquecer. Acho que a questão se refere mais às nossas diferentes maneiras de viver do que a qualquer desacordo de princípios. Não reivindico qualquer validade geral para as minhas opiniões, não havendo portanto razão para “ressentimento” (JUNG, 1976, p. 545).

Essa negativa de validade geral de opiniões dada por Jung era uma das críticas que ele tinha imanescentes a Freud. O fato de considerar-se sempre detentor de uma verdade geral ou universal não consentia espaço para crescimento, para dúvida ou para a chance de conquista de espaços outros dentro do campo psicanalítico. Para Jung, isso era um contrassenso com a liberdade do inconsciente, que era imensamente rico e dinamicamente cheio de novidades.

Ainda no relativo a essa liberdade prevista pelo inconsciente, cada dia mais Jung a exercia com respaldo nos próprios pressupostos psicanalíticos de Freud. Entre numerosas cobranças diante da postura que Jung assumira como presidente da IPA, ele respondeu, no dia 3 de março de 1912:

Quanto às outras observações da sua carta, devo reconhecer que nunca consegui livrar-me da ideia de que o que eu fiz, e estou ainda fazendo, para promover a difusão da psicanálise deve ter, certamente, muito mais importância para o senhor do que a minha inabilidade e grosseria pessoal. Se alguma vez me tivesse acontecido algo sério, que pudesse colocar em risco o nosso trabalho, não é preciso dizer que eu teria informado o senhor. Planejei o meu trabalho de modo a que se ajustasse à minha própria personalidade, sem querer impingir-lo ao senhor e somá-lo aos seus encargos. Sempre que tive

algo importante a comunicar, jamais deixei de fazê-lo. Não mantive uma correspondência ativa durante estas últimas semanas porque quis, na medida do possível, não escrever cartas de jeito nenhum, simplesmente com a finalidade de ganhar tempo para o meu trabalho e não para dar ao senhor uma demonstração de negligência ostensiva. Ou será que o senhor desconfia de mim? A experiência tem demonstrado como isso não tem fundamento. Certamente que tenho opiniões que não são as suas quanto às verdades básicas da ΨA — embora não haja certeza nem mesmo quanto a isso, pois não se pode debater por carta tudo o que existe no mundo — mas o senhor não irá, acho eu, considerar o fato como uma ofensa. Estou pronto para, a qualquer momento, adaptar as minhas opiniões ao juízo de alguém que sabe mais, e sempre estive. Jamais teria tomado o partido do senhor, em primeiro lugar, se a heresia corresse no meu sangue. Visto que não tenho ambições professorais, posso permitir-me admitir erros. Que Zaratustra fale por mim:

“Paga-se mal a um professor, se se permanece apenas um aluno. E por que, então, não arrancariam vocês os meus galardões? Vocês me respeitam; mas que tal se algum dia o nosso respeito caísse? Tomem cuidado para que uma estátua que cai não atinja as suas cabeças! Vocês não se tinham procurado ainda quando me encontraram. Assim agem todos os crentes. Peço agora que vocês me percam e encontrem a si mesmos; e somente quando todos me tiverem negado voltarei a vocês”

Foi isso que o senhor me ensinou através da ΨA . Como alguém que é verdadeiramente seu seguidor, tenho que ser corajoso, ainda mais em relação ao senhor (JUNG, 1976, p. 558-559).

Reunindo valores como liberdade e coragem, ancorados na própria Psicanálise, Jung encontraria forças e alicerces para seguir em sua trajetória, na qual enfrentaria seu próprio mestre. Evocando Nietzsche, grande referência intelectual e filosófica para o período, como já fizera com Goethe, Jung buscava fortalecer-se e sentir-se autorizado a seguir com a publicação de seu trabalho, bem como a encarar todas as críticas que viessem, mesmo que fossem de seu mentor. É interessante pensar que esse movimento de separação e de superação do mestre/pai que ocorreu com Jung seria teorizado por Freud quando ele tratou do Complexo de Édipo e tornar-se-ia uma de suas mais eminentes conceitualizações.

Freud, em uma atitude de chantagem, respondeu a Jung, em 5 de março de 1912:

O fundamento indestrutível do nosso relacionamento pessoal é o nosso envolvimento com a ΨA ; mas, sobre esse alicerce, parecia tentador construir algo mais aprazível, embora mais instável, uma amizade íntima, recíproca. Não devemos continuar a construí-la?

O senhor fala da necessidade de independência intelectual e cita Nietzsche, em apoio ao seu ponto de vista. Estou de pleno acordo. Mas se uma terceira pessoa lesse esse trecho, perguntar-me-ia quando havia eu tentado tyrannizar o senhor intelectualmente, e eu teria que dizer: não sei. Não acredito que o tenha feito alguma vez. Adler, na verdade, fez queixas semelhantes, mas estou convencido que a sua neurose falou por ele. Ainda assim, se o senhor acha que quer de mim maior liberdade, que posso fazer senão abandonar o meu sentimento de premência quanto à nossa relação, ocupar a minha libido desocupada em qualquer outro objeto e aguardar a minha oportunidade, até

que o senhor descubra que pode tolerar uma intimidade maior. Quando isso acontecer, o senhor me encontrará disposto. Durante a transição para esta atitude de reserva, queixei-me muito baixinho. O senhor teria me achado insincero, se eu não tivesse reagido de algum modo.

Por que, repito, deve o senhor estar tão “pensativo”? O senhor pensa que eu estou procurando alguma outra pessoa capaz de ser ao mesmo tempo meu amigo, meu colaborador e meu herdeiro, ou que espero encontrar outro tão logo? Se não pensa assim, então estamos outra vez de acordo, e o senhor está certo em gastar a sua meditação com o estudo da libido. A minha pergunta acerca do Congresso era apenas remotamente ligada com o tema afetivo desta carta. Obrigado pela sua resposta. Quanto aos novos grupos, concordo com o senhor: devem surgir como resposta a uma necessidade espontânea. Fique certo da minha catexia afetiva e continue a pensar em mim com amizade, mesmo se não me escrever com frequência (FREUD, 1976, p. 560).

A atitude de chantagem está no tom dessa carta pois Freud questionou duas vezes a Jung: “Por que [...] deve o senhor estar tão ‘pensativo’?” (FREUD, 1976, p. 560). No trecho citado, ele indagou se passaria pela cabeça de Jung ser substituído como amigo, colaborador e herdeiro. Essa situação deixaria Jung triste e com a certeza de que esse afastamento era um golpe em sua trajetória intelectual, visto que ele abraçou a causa da Psicanálise e havia dedicado muito trabalho para a disciplina até aquele momento. Além disso, Jung gostava de Freud. Ele era uma figura irradiadora de conhecimento e estimada por Jung como um gênio. Freud fez questão de tirar de si mesmo a mácula de tirano intelectual, conquanto já tivesse recebido as mesmas queixas de Adler.

Em março de 1912, Jung desabafou com Freud que estava cansado do final de sua jornada teórica e que sairia de férias: “Estou exausto” (JUNG, 1976, p. 562). Sabemos, portanto, que, a contar dessa data, quando saísse o novo número do *Jahrbuch*, também sairia o segundo volume de *Símbolos da Transformação* (2013). Em 21 de abril, Freud escreveu a Jung expressando suas expectativas quanto ao segundo volume do trabalho deste último:

Estou esperando ansiosamente o seu segundo artigo sobre a libido, com o seu novo conceito de libido, porque imagino que a “Declaração de Independência” que o senhor anunciou há algum tempo está nele expressa e pode, na verdade, não se referir a qualquer outra coisa. O senhor verá que sou muito capaz de ouvir e de aceitar, ou de esperar até que uma ideia se torne mais clara para mim (FREUD, 1976, p. 568-569).

Veremos que, mais tarde, a promessa de ouvir e de aceitar ficou de lado. Freud se esforçou amplamente para acolher a novidade de Jung, embora não guardasse para si a antipatia que tinha pela inovação. O que desencadeou ainda mais os contrastes entre eles foi o “novo estilo” (JUNG, 1976, p. 595) aderido por Jung, como acompanharemos em seguida. Freud

escreveu, em 23 de maio, reconhecendo as díspares concepções e contando o que seu próprio “princípio do prazer” (FREUD, 1976, p. 576) sentia sobre isso:

Na questão da libido, finalmente, vejo a que ponto a sua concepção difere da minha. (Estou-me referindo, é claro, ao incesto, mas pensando nas suas anunciadas modificações no conceito de libido.) O que não consigo ainda compreender é por que razão o senhor abandonou a concepção mais antiga, e que outra origem e motivação a proibição do incesto pode ter. Naturalmente, não espero que o senhor me explique essa difícil matéria mais plenamente por carta; serei paciente até que o senhor publique as suas ideias sobre o tema [...] Se agora, porém, deixarmos de lado a razão e sintonizarmos o aparelho com o prazer, confesso ter uma forte antipatia pela sua inovação. Essa antipatia tem dois motivos. Primeiro, o caráter regressivo da inovação. Creio que temos sustentado, até agora, que a ansiedade se origina na proibição do incesto; agora o senhor afirma, pelo contrário, que a proibição do incesto origina-se na ansiedade, o que é muito semelhante ao que foi dito antes da era da ΨA . Em segundo lugar, por causa da semelhança desastrosa com um teorema de Adler, embora, naturalmente, eu não condene todas as invenções de Adler. Disse ele: a libido do incesto é “arranjada”; isto é, o neurótico não tem absolutamente desejo por sua mãe, mas quer munir-se de um motivo para afugentar a si próprio da libido; finge para si mesmo, portanto, que sua libido é tão monstruosa que não poupa nem mesmo sua mãe. Isso ainda hoje me surpreende pela fantasia, baseada numa total incompreensão do inconsciente. Pelo que o senhor sugere, não tenho dúvidas de que a sua derivação da libido incestuosa será diferente. Existe, porém, uma certa semelhança. Mas repito: eu reconheço que essas objeções são determinadas pelo princípio de prazer (FREUD, 1976, p. 576).

Esse foi o parecer de Freud sobre finalmente tomar consciência de que Jung, seu discípulo mais capaz e em quem ele mais investia seu tempo e suas expectativas, não concordava com uma de suas teses basilares. Além de pontuar seu contragosto pela inovação de Jung, ele o comparou a Adler, que, naquele momento, ocupava o lugar de um imponente dissidente no movimento, criando seu próprio grupo, que contava até mesmo com publicação regular. Era quase como remeter a Jung o título de traidor, uma “pílula amarga” (JUNG, 1976, p. 578), tal qual ele escreveu em 8 de junho de 1912:

Sobre a questão do incesto, pesa-me ver que poderosos afetos o senhor mobilizou na contra-ofensiva às minhas sugestões. Já que penso ter razões objetivas do meu lado, sou forçado a sustentar a minha interpretação do conceito de incesto, e não vejo saída para o dilema. Não foi por razões frívolas ou preconceitos regressivos que fui levado a essa formulação, como, espero, se tornará claro para o senhor quando ler o minucioso e intrincado exame que faço de todo o problema, na segunda parte do meu ensaio. O paralelo com Adler é uma pílula amarga; engoli-o sem um murmúrio. Evidentemente, é esse o meu destino. Não há nada a fazer quanto a isso, pois as minhas razões são irresistíveis. Principiei com a ideia de corroborar a antiga concepção de

incesto, mas fui obrigado a ver que as coisas são diferentes do que esperava. [...]

O fato de que o senhor não sentiu necessidade de ver-me durante a sua visita a Kreuzlingen deve ser atribuído, suponho, à sua insatisfação quanto ao desenvolvimento que dei à teoria da libido. Espero que possamos chegar, mais tarde, a um entendimento nos pontos controversos. Parece que terei que seguir o meu próprio caminho durante algum tempo. Mas o senhor sabe como nós, os suíços, somos obstinados (JUNG, 1976, p. 578).

Apesar de notar e de sentir os afetos mobilizados por Freud, ele estava suficientemente convencido de que seu trabalho era sólido e importante, logo não colocaria seus próprios afetos à margem. Essa mudança de postura foi bastante relevante, porque, caso Jung não tivesse modificado seu comportamento, o relacionamento se manteria em uma sucessão de agrados externos e de desagradados internos. A segunda parte do trecho mostra uma tristeza do suíço pela “atitude Kreuzelin” (JUNG, 1976, p. 581) de Freud, concluindo que teria que seguir seu próprio caminho. Freud se defendeu dizendo que sua atitude de não ter visto Jung nessa viagem não tinha conexão com o posicionamento do suíço sobre a libido.

A partir da metade de 1912, Jung principiou uma jornada que levava em conta seus próprios pressupostos teóricos, seguindo um trajeto próprio de comunicação de *Símbolos da Transformação* (2013). Em viagem aos Estados Unidos em 1912, ele enunciou a Freud o florescimento da Psicanálise naquele continente e disse ter sido recebido favoravelmente em todos os lugares em que esteve: “Assim, tive um bom terreno para trabalhar e consegui fazer muito pela difusão do movimento” (JUNG, 1976, p. 585). Para a decepção e a preocupação de Freud, Jung também escreveu que emitira opiniões próprias, que se diferiam das concepções existentes até então, em particular sobre a libido (JUNG, 1976, p. 585). Escreveu, em 11 de novembro de 1912: “Achei que minha versão da ΨA conquistou a simpatia de muitas de muitas pessoas que, até o momento, estavam confusas com o problema da sexualidade na neurose” (JUNG, 1976, p. 585).

O fato de Jung viajar e de pronunciar-se em nome da Psicanálise apresentando divergências há de ter elevado em muito a irritação de Freud, tanto mais dizer que, com sua novidade, trouxe novos agregados. Nessa mesma carta, ainda reportou que seus motivos não eram estritamente para causar resistência a Freud, conseqüentemente, não era uma questão pessoal. Todavia, pedia que Freud observasse tais movimentações como um esforço em comum: “Não sinto necessidade de causar-lhe uma decepção, desde que o senhor possa ter uma visão objetiva dos nossos esforços em comum. Lamento muitíssimo se o senhor acha que as modificações foram induzidas unicamente por resistência ao senhor” (JUNG, 1976, p. 585).

No mais, essa viagem de Jung aos Estados Unidos foi um ponto significativo do tensionamento, visto que o tom da resposta de Freud foi um tanto quanto formal. Opostamente ao que costumava ser, tomando por exemplo a saudação inicial, que por muitos anos foi “Caro amigo” (*Lieber Freund*), em resposta à viagem, Freud começou com “Caro Dr. Jung” (*Sehr Geehrter Doktor*). Ele cumprimentou Jung pela viagem, mas não o fez tão afetuosamente como anteriormente:

Cumprimento-o no seu retorno dos Estados Unidos, não mais tão afetuosamente como na última ocasião, em Nuremberg — o senhor conseguiu quebrar-me esse hábito -, mas ainda com considerável simpatia, interesse e satisfação pelo seu êxito pessoal. Muito agradecido pelas notícias quanto à situação nos Estados Unidos. Mas nós sabemos que a batalha não será decidida lá. O senhor reduziu uma boa quantidade de resistência com as suas modificações, mas não o aconselharia a contar isso como crédito, porque, como sabe, quanto mais a gente se afasta do que é novo em ΨA mais certeza se tem do aplauso e menos resistência se encontra.

O senhor pode contar com a minha objetividade e, portanto, com a continuação do nosso relacionamento; ainda acho que as variações pessoais são bastante justificadas e ainda sinto a mesma necessidade de prosseguir com a nossa colaboração. Devo lembrar-lhe que nos tornamos amigos numa época em que o senhor havia voltado à teoria tóxica da Dem. pr. (FREUD, 1976, p. 587).

Além dessa questão de difusão teórica em nome da Psicanálise com pequenas modificações, Jung viajou sem comunicar a Freud e sem confiar a ele ou a qualquer outra pessoa suas obrigações de presidente. Isso mais uma vez suscitou em Freud a tônica do desleixo com as políticas da Psicanálise. A Jung, cabia apenas uma atitude: “Prosseguirei no meu próprio caminho, sem desanimar” (JUNG, 1976, p. 590).

Nessa sequência de acontecimentos, pudemos averiguar a gradação da tensão entre Jung e Freud. Depois dessa viagem aos Estados Unidos, levando em conta o acontecimento institucional – Jung ter deixado um vazio em seu lugar como presidente – e o acontecimento profissional (não obstante para Freud fosse um assunto pessoal) – Jung falar em nome da Psicanálise, mas com divergências –, um limite foi atingido para Freud. Ele não mais criaria expectativas a respeito de seu antigo discípulo mais promissor e, por certo, ainda não sabia bem como proceder quanto a esse vazio. Não sabia em qual lugar alocaria Jung, porquanto ele estava desinvestido de sua responsabilidade primacial. Modificando a função, modificavam-se, também, os afetos.

Jung, por sua vez, sentia muito com esse distanciamento. Um fator que indica isso é a intervenção de sua esposa, Emma Rauschenbach-Jung, que enviou cartas a Freud no intuito de

aplar as aflições do marido atinentes à Freud no contexto da publicação de *Símbolos da Transformação* (2013). Mesmo sentindo muito pelo afastamento e pela perda profissional, Jung realmente gostava de Freud, a quem dedicou um dos subcapítulos de sua autobiografia. Independentemente de nutrir e de externalizar afetos pelo austríaco, ele estava demasiado convencido de que a sua atitude de autonomia e de expansão da reflexão da libido seria profícua para sua trajetória intelectual e para o seu próprio desenvolvimento interior e pessoal, que teve um período intenso e criativo, o qual ele denominou, em sua autobiografia, “Confronto com o Inconsciente”.

4.5 O ROMPIMENTO

A Conferência de Munique ocorreu em novembro de 1912 e tinha o objetivo de estabelecer mudanças nos periódicos. A novidade foi a inauguração do *Zeitschrift*. McGuirre (1976) narrou esse encontro, no qual os personagens tentaram resgatar a relação, abalada pelas dissenções e pelas tensões constantes, como vimos nas últimas cartas:

Na ocasião, durante uma caminhada de duas horas antes do almoço, Freud e Jung discutiram a “atitude de Kreuzlingen”; Jung reconheceu a omissão e pediu desculpas, efetuando-se a reconciliação. Já no final de um bem humorado almoço, Freud começou a criticar os suíços por omitirem o seu nome nas publicações psicanalíticas. De repente, teve um desmaio (MCGUIRRE, 1976, p. 592).

Jung (2016) também dissertou sobre esse episódio em sua autobiografia e registrou suas impressões:

Numa circunstância análoga, Freud teve mais uma síncope diante de mim. Foi durante o congresso psicanalítico de Munique, em 1912. Alguém começara uma conversa sobre Amenofis IV; sublinhava-se o fato de que devido a sua atitude negativa em relação ao pai, ele destruía as vinhetas deste, nas estelas, e que havia um complexo paterno na origem de sua importante criação de uma religião monoteísta. Isso me irritou e procurei mostrar-lhe que Amenofis fora um homem criador e profundamente religioso, cujos atos não podiam ser explicados por meros atos de resistência a seu pai. [...] Nesse momento Freud escorregou, desmaiando na cadeira. Nós o cercamos, sem saber o que fazer. Tomei-o, então, em meus braços, conduzi-o até o quarto do vizinho, estendendo-o no sofá. Enquanto o carregava, vi que ele voltava um pouco a si, me olhando do fundo de sua aflição, com uma expressão que jamais esquecerei. O que quer que tenha contribuído para esse desmaio – a atmosfera era tensa –, esses dois casos têm em comum a fantasia do assassinio do pai (JUNG, 2016, p. 164).

Foi um acontecimento que impactou Jung, considerando que ele dissertou em sua própria biografia. Essa impressão do viés de Freud enquanto Jung o carregava provavelmente foi uma experiência intensa, no sentido de pôr um segundo olhar no rosto do outro e de lembrar de tantos afetos e expectativas que tinham sido investidos durante o período de colaboração e de amizade. Respeitante a essa conjuntura, Freud escreveu, em 29 de novembro de 1912:

Agora, terei prazer em responder às suas perguntas. O meu desmaio em Munique não foi mais sério do que outro, semelhante, que tive no Essighaus, em Bremen; à tardinha o meu estado melhorou e tive um excelente sono noturno. Conforme o meu diagnóstico particular, foi uma enxaqueca (do tipo *M. ophthalm.*), não sem um fator psíquico que, infelizmente, não tive tempo para investigar agora. O salão de jantar do Park Hotel parece conter uma fatalidade para mim. Há seis anos tive lá um ataque do mesmo gênero, e há quatro anos outro. Um pouco de neurose que preciso realmente examinar (FREUD, 1976, p. 594).

Após esse encontro e essa conversa, Jung e Freud apaziguaram por um tempo suas contendas, embora estivessem em conformidade sobre a relação não mais voltar a ser a mesma. A modificação na teoria da libido não encontraria espaço de aceite para Freud, pois ela tocava em uma nervura de sua construção teórica. Jung seguia em sua própria jornada, prometendo não desistir da relação, enquanto Freud também insistia, com resignação. Freud respondeu uma carta com tom de preocupação, em 29 de novembro de 1912:

Creia-me, não foi fácil para mim moderar as exigências em relação ao senhor; mas, uma vez que consegui fazê-lo, o giro na outra direção não foi severo demais e, para mim, o nosso relacionamento conservará sempre um eco da intimidade passada. Creio que teremos que guardar um suprimento adicional de benevolência um para com o outro, porque é fácil ver que haverá controvérsias entre nós, e um sempre achará irritante quando a outra parte insistir em ter uma opinião própria (FREUD, 1976, p. 594).

Aos poucos, começo a entender esse ensaio (o seu, quero dizer) e creio agora que o senhor nos trouxe uma grande revelação, embora não seja a que pretendia. Parece que o senhor resolveu o enigma de todo misticismo, demonstrando que se fundamenta na utilização simbólica de complexos que sobreviveram à sua função (FREUD, 1976, p. 594-595).

Tudo foi agravado com o “novo estilo” (JUNG, 1976, p. 595) que Jung propôs em 3 de dezembro de 1912: “Essa carta é uma tentativa atrevida de acostumá-lo ao meu estilo. Portanto, cuidado!” (JUNG, 1976, p. 595). O caráter medular desse novo estilo foi uma entonação ácida, de certa maneira um acerto de contas relativo a tudo o que tinha reprimido em tantos anos como discípulo de Freud. Ele deixou patentes algumas intuições que sempre teve, como acerca das

neuroses de Freud e do fato de ele julgar todos os seus colaboradores não intelectualmente, mas a partir de suas neuroses. Em 3 de dezembro de 1912, escreveu:

Meus melhores agradecimentos por uma passagem da sua carta, onde o senhor fala de um “pouco de neurose” da qual o senhor não se livrou. Esse “pouco”, na minha opinião, deve ser de fato levado muito a sério, porque, como demonstra a experiência, ele conduziu “*usque as instar voluntariae mortis*”. Sofri com esse pouco nos meus contatos com o senhor, embora o senhor não o tenha percebido, nem tenha me compreendido adequadamente quando tentei tornar clara a minha posição. Se esses antolhos fossem removidos, estou certo de que o senhor veria o meu trabalho de uma maneira muito diferente. Como prova de que o senhor — se posso permitir-me uma expressão tão desrespeitosa — subestima o meu trabalho por margem muito ampla, citarei a sua observação de que, “sem pretendê-lo, resolvi o enigma de todo misticismo, demonstrando que se fundamenta na utilização simbólica de complexos que sobreviveram à sua função”.

Meu caro professor, perdoe-me outra vez, mas essa frase mostra-me que o senhor se priva da possibilidade de compreender o meu trabalho pelo fato de subestimá-lo. O senhor fala desse insight como se fosse alguma espécie de pináculo, enquanto que, na verdade, está bem na base da montanha. Esse insight tem sido, durante anos, evidente para nós. Novamente, desculpe a minha franqueza. É só ocasionalmente que me aflijo com o simples desejo humano de ser compreendido intelectualmente, e não avaliado pela medida da neurose (JUNG, 1976, p. 596).

Estava nessa carta, então, com todas as letras, o sentimento de inferioridade que Jung tinha por ser compreendido não racionalmente, mas por suas neuroses. Jung também apontou as neuroses de Freud, falando-lhe o quanto elas lhe tinham imposto um regime de sofrimento, levando à necessidade de sempre se adaptar ou de apenas se silenciar diante de investidas de Freud, muitas vezes autoritárias. Jung diagnosticou, ademais, que a falta de compreensão de Freud sucedia, em um primeiro momento, porque ele subestimava o que Jung havia feito.

Jung também sinalizou, nessa carta, um ensejo em que ambos analisavam sonhos uns dos outros e no qual teve o ápice da decepção, pois Freud colocou sua própria autoridade à frente da compreensão onírica do sonho. Ele continuou: “A nossa análise [...] chegou ao fim com a observação feita pelo senhor de que ‘não poderia submeter-se a análise sem perder a sua autoridade’. Essas palavras estão gravadas na minha memória como um símbolo de tudo o que acontecer” (JUNG, 1976, p. 596).

Essa análise foi durante a viagem de 1909, que fizeram aos Estados Unidos. Em sua autobiografia, concernente a esse episódio, ele escreveu:

Freud teve um sonho, cujo conteúdo não posso revelar. Interpretei-o mais ou menos, acrescentando o que poderia talvez adiantar algo mais, se ele me desse alguns detalhes suplementares, relativos à sua vida particular. Tal pedido

provocou em Freud um olhar estranho – cheio de desconfiança –, e ele disse: “Não posso arriscar minha autoridade!” Nesse momento, entretanto, ele a perdera! Essa frase ficou gravada em minha memória. Prefigurava já, para mim, o fim iminente de nossas relações. Ele punha sua autoridade pessoal acima da verdade” (JUNG, 2016, p. 165).

De fato, desde então, a relação deles foi modificada. A despeito de Jung tentar sustentar ao máximo as atitudes conciliadoras referentes a ele e após 1909 terem conquistado conjuntamente muito espaço e institucionalização para a Psicanálise, Jung jamais se esqueceu daquele golpe, em que a autoridade de Freud estaria além de sua honestidade psicanalítica. Ainda, em sua carta:

Estou-lhe escrevendo agora como escreveria *a um amigo* — este é o nosso estilo. Espero, portanto, que o senhor não se ofenda com a minha aspereza helvética. Uma coisa eu lhe peço: considere estas afirmações como um esforço para ser honesto e não aplique o depreciativo critério vienense de luta egoísta pelo poder ou Deus sabe que outras insinuações do mundo do complexo paterno (JUNG, 1976, p. 596).

Além de mencionar enfaticamente a matéria dos complexos, Jung falou da ocorrência de polêmicas dentro do próprio movimento psicanalítico e da preocupação com as novas gerações de psicanalistas, que eram conservadoras quanto a novas ideias. Freud respondeu consentindo sobre a imprescindibilidade da liberdade e sobre o caso dos novos analistas:

O senhor não deve temer que eu ache impróprio o seu “novo estilo”. Considero que, nas relações entre analistas, como na própria análise, toda forma de franqueza é permissível. Também eu fui perturbado, durante algum tempo, pelo abuso da ΨA ao qual o senhor se refere, ou seja, em polêmicas, particularmente contra as novas ideias. Não sei se existe algum modo de prevenir isso inteiramente; no momento, posso apenas sugerir um remédio caseiro: que cada um de nós dê mais atenção à sua própria neurose do que à do próximo (FREUD, 1976, p. 599).

Freud deu esse retorno ao novo estilo e não falou mais acerca disso ao longo da carta. Não conferiu ênfase ao assunto, conquanto fosse impossível ignorar o que Jung escrevera no tocante às neuroses e ao jeito demasiado sincero, alheio à insatisfação que Freud porventura poderia sentir ou externalizar. Na carta de 7 de dezembro de 1912, Jung anunciou: “Já que o senhor levou a mal o meu ‘novo estilo’, por ora afinarei a minha lira alguns tons abaixo” (JUNG, 1976, p. 601). Freud, persistindo na relação, mas com pouquíssima paciência com Jung, escreveu, em 9 de dezembro: “Sigo-o com interesse através de todas as variações da lira, que o senhor toca com muito virtuosismo” (FREUD, 1976, p. 603).

Em 16 de dezembro, Freud fez uma provocação a Jung inerente a um lapso que ele cometera no texto da carta anterior, na qual assinalou uma suposta insatisfação de participar do “bando” (JUNG, 1976, p.606) de Adler. Jung, colérico, retorquiu:

Posso dizer-lhe algumas palavras a sério? Admito a ambivalência dos meus sentimentos em relação ao senhor, mas inclino-me a tomar um ponto de vista honesto e absolutamente direto da situação. Se duvida da minha palavra, tanto pior para o senhor. Eu mostraria, contudo, que a sua técnica de tratar os discípulos como pacientes é uma *asneira*. Desse modo o senhor produz ou filhos servis ou fedelhos impudentes (Adler-Stekel e todo o bando insolente que agora muda de rumo em Viena). Sou objetivo o bastante para perceber o seu pequeno truque. O senhor anda por aí farejando todas as ações sintomáticas que ocorrem na sua vizinhança, reduzindo, assim, cada um ao nível de filhos e filhas, que admitem envergonhados a existência de seus erros. Enquanto isso o senhor permanece no alto, como o pai, em situação privilegiada. Por puro servilismo, ninguém se atreve a puxar o profeta pela barba e a perguntar de uma vez o que o senhor diria a um paciente com a tendência a analisar o analista em lugar de si mesmo. Certamente o senhor perguntar-lhe-ia: “*Quem tem a neurose?*”

O senhor vê, meu caro professor, enquanto o senhor transmitir esse tipo de coisa, não dou um vintém pelas minhas ações sintomáticas; elas desaparecem diante do formidável raio de luz no olhar do meu irmão Freud. Não sou de maneira alguma neurótico — bato três vezes na madeira! Submeti-me *lege artis et tout humblement* à análise e saí-me da melhor forma possível. O senhor sabe, é claro, até onde vai um paciente com a auto-análise: *não* para fora da sua neurose — exatamente como o senhor. Se o senhor se livrasse completamente dos seus complexos e parasse de bancar o pai para os seus filhos e, ao invés de visar continuamente os pontos fracos destes, examinasse bem a si próprio, para variar, eu então me corrigiria e erradicaria de um só golpe o vício de hesitar em relação ao senhor. O senhor *ama os neuróticos* o bastante para estar sempre de acordo consigo mesmo? Mas talvez o senhor *odeie* os neuróticos. Nesse caso, como pode o senhor esperar que os seus esforços para tratar os pacientes com brandura e amabilidade *não* sejam acompanhados de sentimentos um tanto confusos? Adler e Stekel foram levados pelos seus pequenos truques e reagiram com insolência pueril. Continuarei apoiando o senhor publicamente, enquanto mantenho as minhas próprias opiniões, mas, em caráter privado, vou começar a dizer-lhe, nas minhas cartas, o que realmente penso do senhor. Considero este procedimento apenas decente.

Não há dúvida que o senhor se sentirá ultrajado por esta peculiar prova de amizade, mas pode fazer-lhe bem assim mesmo (JUNG, 1976, p. 605-606).

Jung deu mais um passo em seu “novo estilo” e, dessa vez, ultrapassou os limites para Freud, dado que a relação que ele edificava com seus discípulos era um pilar estruturante da Psicanálise. Tudo que ele idealizou alusivo ao movimento foi com muitas mãos, sobretudo mãos de discípulos que traçaram com ele um “relacionamento pessoal”. Retomou, mais uma vez, o complexo de pai, tão presente na trajetória dos intelectuais e muito característico da

relação Jung e Freud, haja vista que tal complexo diminuiria seus filhos como incapazes de agir autonomamente.

Jung relatou essa atitude de filiação de Freud apropriadamente, pois ele tinha experiência do sentimento que essa paternidade lhe causara. A vergonha dos próprios erros é uma das emoções destacáveis, na medida em que, por muito tempo, Jung esteve na condição de constrangido por saber pouco, por não dar as respostas imediatamente, por não conseguir produzir tanto quanto Freud, entre outras situações. Em muitas circunstâncias, ele se qualificou pequeno, humilhado e cansado. Em virtude da estima de decência, Jung começaria a dizer, privadamente, o que realmente achava de Freud, enquanto ainda encampava a Psicanálise em público e entendia que a primeira atitude faria bem, pessoalmente, ao antigo mentor.

Freud respondeu essa carta ácida de Jung em 22 de dezembro:

Lamento que a minha referência ao seu lapso o tenha irritado tanto; a reação do senhor parece-me desproporcional à ocasião. Considerando a sua alegação de que, uma vez que faço mau uso da psicanálise para manter os meus alunos num estado de dependência infantil, eu próprio sou responsável pelo comportamento pueril deles, e prefiro não julgar as inferências que o senhor extrai desse argumento, porque é difícil julgar questões que dizem respeito à própria pessoa, e tais juízos não convencem ninguém (FREUD, 1976, p. 608).

Presumivelmente, a asserção de Jung de que Freud tratava seus discípulos de forma infantil, diminuindo-os todos a complexos e tornando-os limitados e pouco independentes, ficou reverberando no austríaco. Para ele, a afirmação de Jung sobre ele tratar seus discípulos como pacientes era um testemunho falso. Tendo em vista que essa questão tão delicada para Freud foi uma grande ofensa pessoal, ele executou derradeiramente a proposição de rompimento, em 3 de janeiro de 1913:

De outra forma a sua carta não pode ser respondida. Ela cria uma situação que será difícil de tratar numa conversa pessoal e totalmente impossível por correspondência. É uma convenção entre nós, analistas, a de que nenhum de nós precisa sentir-se envergonhado por sua própria dose de neurose. Mas alguém que, enquanto se comporta anormalmente, fica gritando que é normal, dá ensejo à suspeita de que lhe falta compreensão da sua doença. Portanto, proponho que abandonemos inteiramente as nossas relações pessoais. Não perderei nada com isso, pois o meu único laço emocional com o senhor tem sido há muito um fio delgado — efeito tardio de decepções passadas — e o senhor tem tudo a ganhar, em vista da observação que fez recentemente em Munique, de que um relacionamento íntimo com um homem inibia a sua liberdade científica. Digo-lhe, portanto: tome a sua plena liberdade e poupe-me das suas supostas “provas de amizade”. Estamos de acordo em que um homem deve subordinar os seus sentimentos pessoais aos interesses gerais do seu ramo de empreendimentos. O senhor jamais terá razão para queixar-se de

qualquer falta de correção da minha parte, no que diz respeito à nossa tarefa comum e à busca de objetivos científicos; posso dizer, não mais razão no futuro do que no passado. Por outro lado, tenho o direito de esperar o mesmo do senhor (FREUD, 1976, p. 610-611).

Essa decisão deve ter sido tomada com extremo pesar por Freud, considerando a trajetória de afeto e de expectativa cultivada quanto a Jung. A escolha não foi fruto da atitude pontual de Jung, que acusou o mestre de tratar seus discípulos como pacientes, mas de uma série de eventualidades e de insatisfações que se amontoaram. Freud tentou insistir, por mais que fosse com resignação, mas não só atingiu o limite, como este foi ultrapassado por Jung.

Jung sabia que a situação estava em um elevado nível de tensão e garantiu que o clima se tornasse insustentável impondo o seu “novo estilo”. Por conseguinte, nada mais teria a fazer, se não simplesmente aceitar a proposição, em 6 de janeiro de 1913: “Acedo ao seu desejo de que abandonemos as nossas relações pessoais, pois eu nunca forcei amizade com ninguém. O senhor mesmo é o melhor juiz daquilo que este momento significa para o senhor. ‘O resto é silêncio’” (JUNG, 1976, p. 612).

Sendo assim, eles romperam, enfim, suas relações pessoais, via correspondências. Jung, somente cedendo ao desejo de Freud, assentiu que essa era uma medida razoável, sem desestimar o que estavam enfrentando a respeito dos sentimentos ambivalentes que cultivavam um pelo outro. Deste modo, vemos que a motivação da ruptura foi ancorada nas questões emocionais, tal qual von Franz (1995) destacou, ao falar da trajetória de Jung: [...] sua infeliz ligação com Sigmund Freud e a ulterior separação deles despertou [...] tanta emoção que as questões objetivas ali envolvidas muitas vezes foram deixadas de lado. Algo muito diferente de meros problemas pessoais esteve na base do conflito.” (VON FRANZ, 1995, p. 13).

CONCLUSÃO

O término das relações pessoais não representava o fim de toda e qualquer relação profissional, até porque Jung continuava sendo o presidente da Associação Psicanalítica Internacional e o editor do *Jahrbuch*. Apesar desse envolvimento institucional, Freud escreveu a Jung somente uma vez após a proposição do rompimento das relações pessoais: “Espero que cheguemos a um entendimento satisfatório, com base nos nossos empreendimentos comuns” (FREUD, 1976, p. 614), carta de 27 de janeiro de 1913.

Jung, por seu turno, tentava manter o humor e a continuidade das relações institucionais, ainda se remetendo ao seu próprio trabalho e às críticas: “Não tenho ilusões sobre a resenha do meu ensaio que está para aparecer. Tem sido mal recebido em toda parte. Gracejos de principiante, evidentemente. A compreensão é uma das tarefas mais difíceis da transferência” (JUNG, 1976, p. 615).

Em 1913, aconteceria o Congresso de Munique, de 7 a 8 de setembro, que dependia das organizações de Jung como presidente. Ele procurava manter-se em contato com Freud sobre as apresentações de trabalhos, o local de reunião e as acomodações. É provável que Freud tenha passado esses detalhes institucionais a Jung, embora não haja registros de respostas por cartas. A comunicação pode ter sido feita por meio de cartas de outros discípulos ou de um telegrama.

McGuire (1976), acerca desse congresso, ilustrou:

O Congresso desenvolveu-se numa atmosfera que Jones descreveu como “desagradável”, e Freud como “cansativa e não edificante”. Quando Jung se candidatou à reeleição como presidente, 22 dos 52 participantes abstiveram-se de votar, para que sua eleição não fosse unânime (MCGUIRE, 1976, p. 623).

Em 27 de outubro de 1913, Jung concluiu que nem mesmo colaborações institucionais seriam mais possíveis entre eles, já que Freud duvidou de sua *bona fides*:

Chegou aos meus ouvidos, através do Dr. Maeder, que o senhor duvida da minha *bona fides*. Seria de esperar que o senhor se comunicasse diretamente comigo numa questão de tanto peso. Já que essa é a mais grave exprobação que se pode dirigir a quem quer que seja, o senhor tornou impossível a colaboração futura. Deixo, portanto, a editoração do *Jahrbuch*, da qual o senhor me incumbiu (JUNG, 1976, p. 624).

Com a saída de Jung, também saiu Bleuler. Freud deu continuidade ao periódico, modificando seu nome para *Jahrbuch der Psychoanalyse*, e publicou nele, logo após a saída de

seus membros suíços, *A História do Movimento Psicanalítico e Sobre o Narcisismo: Uma Introdução*, ambos escritos no início de 1914. A motivação de Freud para escrever um texto alusivo à história da Psicanálise é flagrante da necessidade imperiosa de constituir uma narrativa alocando os personagens que saíram, mas também buscando, no princípio de sua trajetória, a legitimidade indispensável para seguir sem os seus colaboradores suíços.

Jung renunciou ao *Jahrbuch*, mas permaneceu presidente da IPA até 20 de abril de 1914, quando abdicou, por meio de uma circular, aos presidentes das sociedades filiadas:

Os mais recentes acontecimentos convenceram-me que as minhas concepções estão em tão acentuado contraste com as ideias da maioria dos membros de nossa Associação que não posso mais considerar-me uma pessoa adequada para ser presidente. Proponho, portanto, a minha renúncia ao conselho dos presidentes das sociedades filiadas, com agradecimentos pela confiança de que desfrutei até hoje (JUNG, 1976, p. 625).

Temos uma única carta de Jung de 1923, em que remeteu um caso à autoridade médica de Freud. Essa foi, então, a última carta da edição *Freud/Jung: Correspondência Completa*, editada por McGuirre e publicada no Brasil em 1976.

Desse modo, pois, é que se manteve a relação entre Jung e Freud. Não há indícios de que tenham estabelecido qualquer outra interação novamente, com exceção dessa carta de Jung de 1923, que foi uma tentativa sem resposta. É válido lembrar que, contextualmente, após a renúncia de Jung à presidência da IPA, os colaboradores de Freud realizaram um movimento para colocar um discípulo como presidente provisório, mas logo teve início a Grande Guerra Mundial (1914-1918), que deixou em suspenso as atividades e os congressos do movimento psicanalítico.

Von Franz (1995) completa adequadamente nossa reflexão sobre o rompimento:

[...] deve estar bastante claro que Jung não foi um discípulo de Freud que o abandonou, como se costuma erroneamente afirmar, mas que já desenvolvera os componentes básicos da sua própria vida profissional *antes* de encontrar Freud. O que uniu esses dois grandes pioneiros foi o reconhecimento comum do inconsciente como realidade psíquica fundamental, empiricamente demonstrável. A separação foi necessária, em termos amplos, porque Freud concentrava-se no fundamento físico e biológico do inconsciente e na explicação causal das manifestações, ao passo que Jung concebia a psique em termos de polaridade, no sentido de que tanto o impulso (o aspecto biológico) como as restrições (o chamado “aspecto espiritual” ou “cultural”) pertencem à própria natureza do inconsciente e de que a explicação causal de suas manifestações devia ser complementada e completada, por assim dizer, pela explicação final ou teológica. Para Freud, a sexualidade se enraíza, em última análise, num impulso biológico; para Jung, a sexualidade, embora seja de fato uma ocorrência biológica, é também a expressão de um espírito ctônico” que constitui “a outra face de Deus”, o lado sombrio da imagem de Deus [...]. Diante da emoção de Freud ao discutir a sexualidade, Jung suspeitava de que também para Freud a sexualidade fosse

de fato um “deus”, mas um deus que ele era incapaz de aceitar conscientemente. (VON FRANZ, 1995, p. 56).

Por essas e outras inconsistências entre Jung e Freud, é que anos mais tarde, ambos permitiram-se realizar declarações públicas que não tinham por finalidade apenas a comunicação das diferenças teóricas, mas também a externalização de diferenças pessoais. Foi o caso de um texto de Jung intitulado “Sigmund Freud, um fenômeno histórico-cultural” (2013b), publicado em 1932, que falou da genialidade de Freud, mas também de sua atribuição ao cumprir o papel histórico-cultural de superação da sociedade vitoriana, que tinha como característica forte o moralismo e o conservadorismo. Ele não podia se abster da insistência na sexualidade, nem ampliar os horizontes, pois necessitava cumprir limitadamente a função de jogar luz àquele conservadorismo:

Se enforcarmos Freud desse ângulo do passado, isto é, como expoente dos ressentimentos do novo século que se inicia em relação ao século XIX, com suas ilusões, hipocrisias, semi-ignorâncias, sentimentos falsos e exagerados, moral superficial, religiosidade artificial e insossa e seu lamentável gosto, vêmo-lo então, na minha opinião, de modo bem mais certo do que se o cunhássemos como arauto de novos caminhos e verdades. Ele é um grande destruidor que arrebenta as amarras do passado. Ele nos liberta da pressão insalubre de um mundo avelhantado e apodrecido. (JUNG, 2013b, p. 40-41).

Não foi diferente, porém, com Freud, que também assimilou publicamente seus sentimentos ambivalentes em relação a Jung em suas chamadas “Conferências Introdutórias” (2014), entre 1916 e 1917. Freud estava explicando, em sua conferência, sobre a relação dos sintomas neuróticos, atos falhos e sonhos com a vivência dos pacientes:

Contento-me, assim, em dar aos senhores apenas uma amostra a sustentar minha afirmação, remetendo-os, de resto, às comunicações disponíveis na literatura científica: às clássicas interpretações de sintomas no primeiro caso de Breuer (histeria), aos esclarecimentos surpreendentes de sintomas bastante obscuros na chamada *dementia praecox*, de autoria de C. G. Jung, na época em que esse pesquisador era apenas psicanalista e ainda não se pretendia profeta, e a todos os trabalhos que desde então povoam nossas revistas. (FREUD, 2014, p. 360).

A correspondência entre Jung e Freud é um conjunto documental muito importante e capaz de ofertar aos historiadores elevadas possibilidades de análise. Essas cartas contam a história da Psicanálise, da família dos intelectuais, de sua relação com as mulheres e com os sonhos, de suas viagens de férias, dos costumes de escrita e dos documentos oficiais, bem como contam a história do relacionamento debutado por ambos. Cumplicidade, amizade, confiança, raiva, motivação, inspiração, receio, dúvida, discordância, entre outros afetos, foram mobilizados e documentados por meio dessas cartas, que podem ser submetidas a outros

esquemas de pesquisa, pois há inesgotáveis perspectivas, especialmente se puderem ser contrastadas com a ampla documentação existente sobre a Psicanálise e sobre a Psicologia Analítica. É uma urgência historiográfica colocarmo-nos em dia com a atualização emocional dos eventos históricos, e, para essa carência, as cartas são fundamentais.

Uma carta escrita atenciosamente tinha o poder de mudar o ânimo do dia. Podia ser uma inspiração, um motivo de preocupação, isto é, tinha o poder de engajar um dia, um evento, uma nova publicação. O quanto de investimento afetivo se depositava na carta, pressupondo o detalhamento dos assuntos, o pedido de desculpas por atraso e o nível de profundidade, por exemplo, uma vez que todos esses elementos também eram componentes do exercício do cuidado de si e do cuidado e do investimento no outro. De muitas maneiras essas palavras, essas construções narrativas, modificaram o cotidiano, mas também os rumos da Psicanálise e da Psicologia Analítica.

Mediante a elucidação teórica de Michel Foucault peculiar ao cuidado de si, pudemos navegar pelos caminhos subjetivos das cartas, realçando os movimentos subjetivos e os afetos mobilizados em situações que poderiam ser comunicadas, resguardadas ou atravessadas em outras pessoas. A atitude de escrever e de enviar cartas é um exercício subjetivo de cuidado e de recriação do indivíduo que a desempenha. O cuidado de si é a parte estrutural, a paisagem fundante oferecida para que notifiquemos as peças e os personagens e, a partir de então, efetuemos apreciações e inferências a respeito dos personagens em questão.

Tivemos a colaboração dos historiadores das emoções, que abrem um campo frutífero de oportunidades. Em nosso caso, centramo-nos nas “práticas emocionais” (SCHEER, 2012) para alcançarmos uma compreensão cotidiana dos afetos, que leva em conta a prática de escrever cartas e todos os eventos que ocorriam simultaneamente ao redor dos agentes. Nesse mesmo nicho de preocupações, tivemos como um pilar central e que conectou as frentes teóricas apresentadas a precaução com o social. É o social que percebe, que nomeia, que simboliza cartas e atitudes, expectativas e silêncios.

A apresentação, a historicização e a problematização se deram conjuntamente, procurando, em primeiro lugar, ambientar o leitor no universo médico e no entorno social de nossos personagens. A impreterível necessidade foi observar os eventos atrelados indireta e diretamente ao evento de ruptura, conduzindo o leitor ao cume de tensão e ao consequente rompimento. Desse modo, todas as escolhas, os eventos e os marcos foram selecionados com a finalidade de explicar esse caminho feito, até que, de fato, não fossem mais colaboradores próximos.

O trajeto foi, concluímos, ambivalente. Ele foi repleto de demonstrações de afeto, de

retornos, de insistências, de arrependimentos. Ele foi marcado por necessidades incondicionais de liberdade, mas também por vontade de sonhar e de realizar um projeto conjunto. Ele foi caracterizado por complexos ambíguos, por dificuldades paternais e por outros tantos problemas que não puderam ser assimilados, que atingiram um limite pesaroso, dolorido, cansativo. O fato de Jung ter simplesmente acedido à proposta do relacionamento pessoal mostrou o quanto ele também estava farto de tentar manter essa relação em dia diante da não total concordância sobre aspectos elementares de suas práticas. Ambos se esforçaram, mesmo não mais tendo vontade de persistir. Ambos precisavam um do outro.

As sínopes e as vultuosas explosões em defesa de um “novo estilo” revelaram a intensidade que se expressa corporalmente no que concerne à relação instituída. Nem amigos, nem estudante e mestre, nem pai e filho, nem colegas: amantes intelectuais. Eles amaram um ao outro, foram seduzidos pela intelectualidade um do outro, e nada mais prazeroso do que o funcionamento subjetivo de uma troca intelectual, no qual cabiam ideias, projetos e uma ampla ressonância externa. Eles amaram o que um poderia propiciar ao outro. Talvez por isso é que não pôde ser de outra forma, senão o desligamento total do relacionamento.

Assim sendo, destacamos o papel cardeal das emoções no individual, mas notadamente no social. Verificamos as emoções no caminho da ruptura e o quanto tais fatores direcionaram outros significativos, tais como o desenvolvimento político do movimento psicanalítico, seu florescimento internacional, os discípulos que foram indicados por Jung e que terminaram fiéis dirigentes da Psicanálise, entre outras circunstâncias que transformaram para sempre o curso e a história da Psicologia Analítica e da Psicanálise. Mesmo essa diferenciação de psicologias foi fruto de copiosos acontecimentos afetivos, pois Jung não estava interessado no firmamento de uma abordagem psicológica antes da desavença com Freud. Logo, a história desse relacionamento incidiu na progressão dessas disciplinas e na história da Psiquiatria e das reflexões acerca da psique humana em geral.

Uma das alternativas de aprofundamento desse trabalho é presenciar de modo mais próximo as ressonâncias desse rompimento no meio intelectual em que circulavam. Conferir quem comentou sobre a saída de Jung do *Jahrbuch* e da presidência da Associação, avaliando as repercussões que isso teve no meio que frequentavam. Saberiam esses outros personagens que existiam incompreensões e insatisfações teóricas de Jung desde o início de sua correspondência com Freud, em 1906? Quem acompanharia de perto e quem esteve por perto auxiliando Jung a assumir as muitas funções que desempenhava? Quem soube, de fato, da decepção de Freud com Jung nesses momentos em que a tensão se impôs? Quanto a Jung, de que formas o rompimento com Freud incidiu exatamente no seu “Confronto com Inconsciente”?

Essas e outras perguntas podem ser feitas em diálogo com o que produzimos aqui, mas também é possível estudar as obras científicas citadas na correspondência, seus processos e as opiniões editoriais compartilhadas; estudar os sonhos que eles referiram; estudar a relação deles com os filhos e as esposas; estudar especificamente as cartas enviadas por Emma Rauschenbach-Jung, constadas na edição organizada por McGuire (1976); etc.

Em conclusão, alegamos que a observação dos aspectos emocionais é insubstituível para a análise dessas correspondências e que a ruptura sucedeu não por um evento exclusivo, como vimos, mas por um conjunto de fatores emocionais que levou ambos à dedução límpida de que o mais razoável, em face de todas as tentativas empreendidas por eles, era o rompimento da relação. A resolução foi límpida porque não era um fator externo, uma simples recusa de Freud ao trabalho de Jung. Houve expectativas, planos, ansiedades e decepções frustradas que os direcionaram a essa decisão, pois, afetivamente, era insustentável ver aquele que tinha sido projetado como filho e herdeiro sendo o seu próprio opositor.

Finalmente, defendemos a máxima de que os indivíduos cometem feitos porque se emocionam. Somos capazes de desenvolver reflexões, teses e tecnologias porque nos emocionamos, nos envolvemos e somos atraídos por pessoas, por objetos, por fenômenos, por plantas e por animais. Somos impulsionados, inspirados, mas também somos decepcionados por diversas situações, as quais provocam emoções e nos permitem assimilar o benefício ou o malefício dos acontecimentos. Em vista disso, acontecem encontros profícuos e frutíferos, mas também desencontros e ausências, que garantem a possibilidade de uma nova criação, de um novo percurso intelectual, sempre dolorido e promissor.

REFERÊNCIAS

FONTES

FREUD, S. **A interpretação dos sonhos (1900)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FREUD, S. [Cartas]. *In*: MCGUIRRE, W. (org.). **Freud/Jung**: correspondência completa. Tradução de Leonardo Fróes e Eudoro Augusto Maciera de Souza. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, S. **Freud (1901-1905)** – Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, S. **Freud (1906-1909)** – O delírio e os sonhos na Gradiva, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

FREUD, S. **Freud (1909-1910)** – Observações sobre um caso de neurose obsessiva [“O Homem dos Ratos”], Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

FREUD, S. **Freud (1912-1914)** – Totem e tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FREUD, S. **Freud (1916-1917)** – Conferências Introdutórias à Psicanálise. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, S. **Freud (1917-1920)** – História de uma neurose infantil (“O Homem dos Lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. **Freud (1923-1925)** – O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

JUNG, C. G. [Cartas]. *In*: MCGUIRRE, W. (org.). **Freud/Jung**: correspondência completa. Tradução de Leonardo Fróes e Eudoro Augusto Maciera de Souza. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

JUNG, C. G. **Freud e a psicanálise**. Petrópolis: Vozes, 2013a.

JUNG, C. G. **Memórias, sonhos, reflexões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

JUNG, C. G. **O espírito na arte de na ciência**. Petrópolis: Vozes, 2013b.

JUNG, C. G. **O livro vermelho**. Petrópolis: Vozes, 2015.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2014.

JUNG, C. G. **Símbolos da transformação**. Petrópolis: Vozes, 2013c.

MCGUIRRE, W. (org.). **Freud/Jung**: correspondência completa. Tradução de Leonardo Fróes e Eudoro Augusto Maciera de Souza. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

MCGUIRE, W.; SAUERLÄNDER, W. (orgs.). **Sigmund Freud, C.G. Jung**: briefwechsel.

Zurich: Buchclub ex libris, 1974.

MCGUIRE, W.; SAUERLÄNDER, W. (orgs.). **Sigmund Freud/C. G. JUNG** – Briefwechsel. Frankfurt: Fischer Verlag, 1984.

RAUSCHENBACH-JUNG, E. [Cartas]. *In*: MCGUIRRE, W. (org.). **Freud/Jung: correspondência completa**. Tradução de Leonardo Fróes e Eudoro Augusto Maciera de Souza. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **O tecelão dos tempos: novos ensaios de teoria da história**. São Paulo: Intermeios, 2019.

ANDRADE, G. Amizade em mosaico: a correspondência de Oswald a Mário de Andrade. **Teresa Revista De Literatura Brasileira**, São Paulo, n. 8/9, p. 161-188, 2008.

ARFUCH, L. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ARAÚJO, S. F. Wilhelm Wundt e o estudo da experiência interna. *In*: JACÓ-VILELA, A. M.; FERREIRA, A. A. L.; PORTUGAL, F. T. **História da psicologia: rumos e percursos**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2006. p. 93-104.

ARISTÓTELES. **De anima**. São Paulo: Editora 34, 2012.

ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo: Editora 34, 2015.

ARISTÓTELES. **Retórica**. São Paulo: Edipro, 2017.

BAIR, D. **Jung: uma biografia**. Tradução de Helena Londres. São Paulo: Globo, 2006. v. 1.

BANTIGNY, L. Engajar-se: política, eventos, gerações. *In*: CORBIN, A.; COURTINE, J.; VIGARELLO, G. **História das emoções**. Vozes: Petrópolis, 2020. v. 1. p. 188-223.

BESANÇON, A. Psychoanalysis: auxiliary science or historical method? **Journal of Contemporary History**, London, v. 3, n. 2, p. 149-162, apr. 1968.

BINSWANGER, L. **Sigmund Freud: reminiscences a friendship**. New York: Grune & Stratton, 1957.

BJERG, M. Una genealogía de la historia de las emociones. **Quinto Sol**, Argentina, v. 25, n. 1, jan./apr. 2019.

BLOCH, M. Maneiras de sentir e de pensar. *In*: BLOCH, M. **A sociedade feudal**. Lisboa: Edições 70, 1982. p. 91-110.

BORCH-JACOBSEN, M; SHAMDASANI, S. **Os arquivos Freud: uma investigação acerca da história da psicanálise**. São Paulo: UNESP, 2014.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. *In*: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. **Usos e abusos da**

história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1996. p. 183-191.

CABAS, A. G. A transmissão da psicanálise: uma questão de discurso. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 15, p. 87-90, 2011. Número especial.

CORBIN, A.; COURTINE, J.; VIGARELLO, G. **História do corpo:** da renascença às luzes. Vozes: Petrópolis, 2012a. v. 1.

CORBIN, A.; COURTINE, J.; VIGARELLO, G. **História do corpo:** da revolução à Grande Guerra. Vozes: Petrópolis, 2012b. v. 2.

CORBIN, A.; COURTINE, J.; VIGARELLO, G. **História do corpo:** as mutações do olhar: o século XX. Vozes: Petrópolis, 2011. v. 3.

CORBIN, A.; COURTINE, J.; VIGARELLO, G. **História das emoções.** Vozes: Petrópolis, 2020. 3 v.

CORBIN, A.; COURTINE, J.; VIGARELLO, G. **História da virilidade.** Petrópolis: Vozes, 2014. 3 v.

COSTA, J. F. **Razões públicas, emoções privadas.** Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

COX, R. **Arquivos pessoais:** um novo campo profissional: leituras, reflexões e reconsiderações. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs:** capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DIAZ, B. **O gênero epistolar ou o pensamento nômade:** formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX. São Paulo: EDUSP, 2016.

DIDI-HUBERMAN, G. **Que emoção! Que emoção?** São Paulo: Editora 34, 2016.

DONN, L. **Freud e Jung:** anos de amizade, anos de perda. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1991.

EKMAN, P. **A linguagem das emoções.** São Paulo: Leya, 1994.

ELLENBERGER, H. F. **El descubrimiento del inconsciente.** Madrid: Editorial Gredos, 1976.

ELIAS, N. **O processo civilizador 1:** uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

ELIAS, N. **O processo civilizador 2:** formação do Estado e civilização. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

FEBVRE, L. La sensibilité et l'histoire: comment reconstituer la vie affective d'autrefois? **Annales d'histoire Sociale**, v. 3, p. 5-20, 1941.

FERREIRA, A. A. L. O múltiplo surgimento da psicologia. *In:* JACÓ-VILELA, A. M.; FERREIRA, A. A. L.; PORTUGAL, F. T. **História da psicologia:** rumos e percursos. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2006. p. 13-46.

FICHTNER, G. As cartas de Freud como fonte histórica. **Revista Internacional da História**

da **Psicanálise**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 47-73, 1992.

FOUCAULT, M. A escrita de si. *In*: MOTTA, M. B. da (org.). **Ditos e escritos: ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. v. 5, p. 129-160.

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, M. **Doença mental e psicologia**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

FOUCAULT, M. **História da loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

FOUCAULT, M. **Maladie mentale et personnalité**. Paris: Presses Universitaires de France, 1954.

FOUCAULT, M. Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade. *In*: MOTTA, M. (org.). **Ditos e escritos: genealogia da ética, subjetividade e sexualidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. v. 4, p. 251-263.

FREVERT, U. (org.). **Emotional lexicons: continuity and change in the vocabulary of feeling 1700-2000**. Oxford: Oxford University Press, 2014.

GAY, P. **O coração desvelado: a experiência burguesa: da Rainha Vitória à Freud**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. 5 v.

GAY, P. **Freud: uma vida para o nosso tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GAY, P. **Freud para historiadores**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

GOETHE, J. W. **Fausto**. São Paulo: Editora 34, 2020. 2 v.

GOMES, A. C. Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo. *In*: GOMES, A. C. (org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004. p. 7-24.

GONÇALVES, M. de A. A morte e a morte da biografia. *In*: OLIVEIRA, R. P.; SILVA, D. P. (orgs.). **Tempos de crise: ensaios de história política**. Rio de Janeiro: Autografia, 2020. p. 63-92.

HANNAH, B. **Jung: vida e obra – uma memória biográfica**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2003.

HAROCHE-BOUZINAC, G. **Escritas epistolares**. São Paulo: EDUSP, 2016.

HOPCKE, R. H. **Guia para a obra completa de C. G. Jung**. Petrópolis: Vozes, 2012.

HUIZINGA, J. **O Outono da Idade Média**. São Paulo: Cosac & Naify, 2010.

JAFFÉ, A. Prefácio da editora. *In*: JAFFÉ, A. (org.) **Cartas/C. G. Jung**. Petrópolis: Vozes, 2002. v. 1, p. 7-13.

LE BRETON, D. **Antropologia das emoções**. Petrópolis: Vozes, 2019.

- LE BRETON, D. **Antropologia dos sentidos**. Petrópolis: Vozes, 2016.
- MANDROU, R. **Magistrados e feiticeiros na França do século XVII**. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- MCGUIRRE, W. (org.). **Freud/Jung: correspondência completa**. Tradução de Leonardo Fróes e Eudoro Augusto Maciera de Souza. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- MEZAN, R. As cartas de Freud. *In*: GALVÃO, W.; GOTLIB, N. **Prezado senhor, prezada senhora: um estudo sobre cartas**. São Paulo: Cia das Letras, 2000. p. 159-173.
- MIJOLLA, A. Imagens de Freud, através de sua correspondência. **Revista Internacional da História da Psicanálise**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 11-46, 1992.
- ORTEGA, F. **Amizade e estética da existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.
- ORTEGA, F. **Genealogias da amizade**. São Paulo: Iluminuras, 2011.
- ORTEGA, F. **Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- PÉLBART, P. **Rizoma temporal**. São Paulo: ECidade, 2020.
- PLAMPER, J. Historia de las emociones: caminos y retos. **Cuadernos de Historia Contemporánea**, London, v. 36, p. 17-29, 2014.
- PROCHASSON, C. Emoções e política: primeiras aproximações. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 21, n. 34, p. 305-324, 2005.
- REDDY, W. Against constructionism: the historical ethnography of emotions. **Current Anthropology**, v. 38, n. 2, p. 327-351, 1997.
- REDDY, W. **The navigation of feeling: a framework for the history of emotions**. New York: Cambridge University Press, 2001.
- RICHEBÄCHER, S. **Sabina Spielrein: de Jung a Freud**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- ROAZEN, P. **Freud e seus discípulos**. São Paulo: Cultrix, 1974.
- ROSENWEIN, B. **História das emoções: problemas e métodos**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.
- ROSENWEIN, B.; CRISTIANI, R. **What is history of emotions?** Cambridge: Polity Press, 2018.
- ROTH, M. S. **Freud: conflito e cultura**, ensaios sobre sua vida, obra e legado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- ROUDINESCO, E. **História da psicanálise na França: a batalha dos cem anos (1885-1939)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989. v. 1.
- ROUDINESCO, E. **História da psicanálise na França: a batalha dos cem anos (1925-1985)**.

Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988. v. 2.

ROUDINESCO, E. **Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento.** São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.

ROUDINESCO, E. **Sigmund Freud em sua época e em nosso tempo.** Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SALAMON, F. D. **C. G. Jung, religião e história: apropriações e ressignificações do cristianismo a partir de “Memórias, Sonhos, Reflexões” (1957).** 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.

SALAMON, F. D.; OLIVA, A. S. A construção da subjetividade em C. G. Jung em “Memórias, Sonhos, Reflexões (1957)”. **Escritas do Tempo**, Marabá, v. 2, n. 4, p. 302-323, 2020.

SANTOS, N. M. W.; MEIRELES, M. M. O arquivo pessoal da historiadora Sandra Jatahy Pesavento e as sensibilidades enquanto campo teórico e método de análise histórica. **Artelogie**, Paris, v. 14, n. 1-19, 2019.

SANTOS, N. M. W. **Narrativas da Loucura & Histórias de Sensibilidades.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

SARLO, B. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

SCHEER, M. Are emotions a kind of practice (and is that what makes them have a history?) A Bourdieuan approach to understanding emotion. **History and Theory**, Middletown, v. 51, p. 193-220, 2012.

SHAMDASANI, S. C. G. **Jung: uma biografia em livros.** Petrópolis: Vozes, 2014.

SULLOWAY, F. **Freud, biologist of the mind.** Cambridge: Harvard University Press, 1992.

VINCENT-BUFFAULT, A. **Da amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

VON FRANZ, M. L. **C. G. Jung: seu mito em nossa época.** São Paulo: Círculo do Livro, 1995.

VOVELLE, M. **As almas do purgatório ou o trabalho de luto.** São Paulo: Editora Unesp, 2010.